UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

NATALIA AKEMI ELIAS HIROSE

# A DEMOCRACIA EM REVISTA: O PENSAMENTO COMUNISTA NA TRANSIÇÃO (1977-1992)

CAMPINAS
2025

**NATALIA AKEMI ELIAS HIROSE**

# A DEMOCRACIA EM REVISTA: O PENSAMENTO COMUNISTA NA TRANSIÇÃO (1977-1992)

Dissertação/Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Ciência Política.

Orientador(a): Prof.ª Dr.ª Daniela Xavier Haj Mussi

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO/TESE DEFENDIDA PELA ALUNA Natalia AKEMI ELIAS HIROSE, E ORIENTADA PELA PROF.ª DR.ª DANIELA XAVIER HAJ MUSSI.

**CAMPINAS**
**2025**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

H615d
Hirose, Natália Akemi Elias, 1999-
A democracia em revista : o pensamento comunista na transição (1977-1992) / Natália Akemi Elias Hirose. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Daniela Xavier Haj Mussi.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Gramsci, Antonio, 1891-1937. 2. Partido Comunista Brasileiro. 3. Ciência política. 4. Periódicos. 5. Intelectuais. 6. Democracia. I. Mussi, Daniela Xavier Haj, 1983-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações complementares

**Título em outro idioma:** Democracy in review : communist thought in the transition (1977-1992)
**Palavras-chave em inglês:**
Gramsci, Antonio, 1891-1937
Brazilian Communist Party
Political science
Periodicals
Intellectuals
Democracy
**Área de concentração:** Ciência Política
**Titulação:** Mestra em Ciência Política
**Banca examinadora:**
Daniela Xavier Haj Mussi [Orientador]
André Kaysel Velasco e Cruz
Camila Massaro Cruz de Góes
**Data de defesa:** 03-02-2025
**Programa de Pós-Graduação:** Ciência Política

**Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**
Não se aplica

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**
- ORCID do autor: https://orcid.org/0009-0004-7227-7436
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/4423388685723540

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de *Dissertação* de *Mestrado*, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 03/02/2025, considerou a candidata *Natalia Akemi Elias Hirose* aprovada.

Prof(a). Dr(a). Daniela Xavier Haj Mussi
Prof(a). Dr(a). André Kaysel Velasco e Cruz
Prof(a). Dr(a). Camila Massaro Cruz de Góes

*A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*

A minha família,
Maria, Bruna e Mário (*in memorian)*.

## AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo à professora Daniela Mussi, cuja orientação atenta e compreensiva permitiu a escrita deste trabalho, seu olhar atento e rigoroso no manejo das fontes e na escrita do texto, somado à compreensão e à humanidade com que você lida com o ser humano foi o que permitiu a produção desta dissertação, atravessada por inúmeras ansiedades e transformações. Dani, obrigada por ter recebido, ainda em 2018 na USP, uma jovem aluna do segundo ano de graduação, primeiro no Grupo de Estudos Antonio Gramsci, depois como orientanda de Iniciação Científica, com você aprendo todos os dias os meandros da atividade acadêmica, em suas alegrias e frustrações. Obrigada pela paciência e compreensão, por saber e compartilhar tanto.

Aos professores Álvaro Bianchi e André Kaysel pelos comentários e apontamentos realizados no Exame de Qualificação, que hoje permitiram a elaboração deste texto final, completamente transformado por seus comentários. Ao professor André agradeço também por me receber como monitora na disciplina *Tradições do Pensamento Político* (HZ447 B/2022), onde pude aprender cotidianamente com suas aulas, sempre impressionada com tamanha inteligência.

Aproveito para agradecer a cada membro do Laboratório de Pensamento Político (PEPOL), pelas discussões, seminários e pelas intensas trocas. A existência do PEPOL se mostrou fundamental para estruturar laços na relação acadêmica, permitindo trocas que vão além das discussões teóricas. Agradeço também ao professor Bernardo Ricupero e a todos os membros do grupo de Pensamento Político da USP pelas discussões intensas que atravessavam quilômetros, garantindo um respiro de vida universitária durante a pandemia. Um agradecimento especial à Camila Góes, a quem tive a felicidade de conhecer quando ainda estava na Iniciação e que foi fundamental para a realização daquela e desta pesquisa. Obrigada, Camila, pelas revistas e por ser uma referência, cujo trabalho recorri diversas vezes, o que me permitiu captar dimensões ocultas deste nosso objeto de pesquisa.

Agradeço aos membros da Secretaria do Departamento de Ciência Política da UNICAMP, em especial à Camila de Fátima Magalhães e Thaís Dassi Pascoal por todo o suporte e compreensão, reconheço que não foram raros os momentos em que recorri ao Departamento em situações urgentes. Além de um abraço especial a todos os funcionários do IFCH/UNICAMP, pois, apesar do pouco convívio que tive no ambiente universitário,

ocasionado pela distância e pela conjuntura pandêmica, sempre fui acolhida. Sem os trabalhadores, sua força e consciência, nenhuma atividade é possível.

À Raul Mateos Castell e Breno Altman por aceitarem compartilhar comigo, por meio das entrevistas realizadas ao longo deste trabalho, as memórias de um tempo tão difícil, permitindo que eu acessasse, através de suas narrativas, um contexto histórico diferente, com novas percepções e que permitiram o amadurecimento desta pesquisa. Raul e Breno foram solícitos e prestativos desde o primeiro contato, concederam fontes e encaminharam materiais que formaram o corpo documental deste trabalho. Agradeço imensamente, primeiro por sua trajetória de resistência, segundo por compartilhá-las.

Agradeço aos amigos Igor Marquezine, Juliana Alves, Silvana Salles e Maura Cimini que compartilharam do angustiante movimento pendular entre São Paulo e Campinas, sempre marcado por músicas duvidosas tocadas em nossa infindável *playlist*, mas principalmente pelas conversas. Em especial, agradeço ao Igor, com quem compartilho a atividade acadêmica desde a Iniciação, sou muito feliz por nossa parceria, pelas horas de chamada de vídeo discutindo textos e projetos, pelas caronas e pelas recorrentes mensagens. Aos meus amigos da graduação, Luiz Antônio Couto Soares e Guilherme Amorim, pela amizade que perdura anos, nos altos e baixos que marcaram nossa trajetória até aqui. Obrigada pelas sessões de estudo conjunto, pelas horas de movimento estudantil e pelas infinitas conversas acompanhadas de café, vocês tornaram tudo mais leve e possível.

Aos meus amigos de toda a vida, Lorena Alves, Thiago Rodrigues e Jade Gomes agradeço pelas mais sinceras risadas, pelos mais dramáticos choros e por estarem sempre comigo, mesmo que ao som do mais suspeito *indie rock*. Amo infinitamente cada um de vocês.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, Igor Martins e Wagner Pereira. Realizei grande parte dessa Dissertação conciliando a dupla função de pesquisadora e educadora, o que só foi possível pela infinita compreensão e incentivo. Agradeço por terem me ensinado sobre o fazer docente, a que espero sempre carregar em minha trajetória, mas principalmente pela arte de lidar com o ser humano, tarefa difícil e encantadora. Além de um registro mais do que especial para Claudia e Marina de Oliveira Lopes por tudo, sempre afetuosas de enorme bondade, nos momentos difíceis e nas tardes de café e bolo.

E, por fim, o agradecimento mais importante, à minha família. À minha mãe, Maria Aparecida Elias pela coragem de enfrentar a vida com alegria, amor e fé, à minha irmã por compartilhar os sonhos e os medos com tanta honestidade e entrega, além das divertidas piadas internas. E ao meu pai, Mário Hirose, por me permitir sonhar, desde pequena meu pai

sonhava com a formatura da filha na universidade pública, infelizmente, o destino não o permitiu acompanhar esse momento. Certamente ele discordaria do meu interesse pelos comunistas, mas jamais deixaria de apoiar e sonhar junto, obrigada por tudo, sempre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Na primeira noite eles se aproximam*
*e roubam uma flor*
*do nosso jardim.*
*E não dizemos nada.*
*Na Segunda noite, já não se escondem:*
*pisam as flores,*
*matam nosso cão,*
*e não dizemos nada.*
*Até que um dia,*
*o mais frágil deles*
*entra sozinho em nossa casa,*
*rouba-nos a luz, e,*
*conhecendo nosso medo,*
*arranca-nos a voz da garganta.*
*E já não podemos dizer nada.*

Eduardo Alves da Costa

*Apesar de você*
*Amanhã há de ser outro dia*
*Eu pergunto a você onde vai se esconder*
*Da enorme euforia*
*Como vai proibir*
*Quando o galo insistir*
*Em cantar*
*Água nova brotando*
*E a gente se amando sem parar*
*(...)*
*Você que inventou a tristeza*
*Ora, tenha a fineza de desinventar*
*Você vai pagar e é dobrado*
*Cada lágrima rolada nesse meu penar*

Chico Buarque

**RESUMO**

Este trabalho realiza uma reconstrução da trajetória do pensamento democrático comunista brasileiro entre 1977 e 1992, utilizando como fonte empírica os periódicos *Temas de Ciências Humanas, Presença- Revista de Cultura e Política* e o jornal *Voz da Unidade*, ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). O trabalho propõe uma reconstrução de tipo história do pensamento político, a fim de apreender a produção deste grupo de intelectuais enquanto agente coletivo, que defendiam a democracia enquanto programa, frente ao regime autoritário de 1964, e estratégia para a conquista do socialismo. A utilização dos periódicos como meio para o estudo do grupo se justifica pela ativa atuação intelectual de seus autores, tomando-os como locais de sociabilidade corrente, verdadeiros pontos de ebulição de ideais, bem como expressão das sínteses por eles formuladas. Cujo reconhecimento se alarga no campo político progressista e na academia, entendida como um lugar de atuação política e de ativa participação. Desenvolveu-se portanto, um estudo do pensamento político deste grupo, conjecturando-os como refletor da atuação democrática comunista brasileira na transição, em que os periódicos marcam parte importante deste processo, traçando uma trajetória entre as publicações e pensando no jornal *Voz da Unidade* como o local de formação da linha política do grupo. Para tal, realiza-se uma análise documental, a fim de compreender suas particularidades, ocasionadas por suas diferenças de perfil entre as publicações, à que soma-se a análise das fontes empíricas em busca das similitudes e disparidades entre as publicações, bem como a investigação da influência exercida pelos intelectuais dentro e fora do PCB, assumindo a conjuntura de redemocratização enquanto parte central do estudo realizado.

**Palavras-Chave:** Gramsci, Antonio, 1891-1937; Partido Comunista Brasileiro; Ciência política; Periódicos; Intelectuais; Democracia

**ABSTRACT**

This work reconstructs the trajectory of brazilian communist democratic thought between 1977 and 1992, using as empirical sources the periodicals *Temas de Ciências Humanas*, *Presença - Revista de Cultura e Política*, and the newspaper *Voz da Unidade*, linked to the Brazilian Communist Party (PCB). The work proposes a reconstruction in the style of the History of Political Thought in order to understand the production of this group of intellectuals as a collective agent. They defended democracy both as a program in opposition to the authoritarian regime of 1964 and as a strategy for achieving socialism. The use of periodicals as a means to study this group is justified by the active intellectual role of their authors, considering them as spaces of current sociability, real points of ideological ferment, as well as expressions of the syntheses they formulated. Their recognition extended within the progressive political field and academia, understood as a place for political action and active participation. The study therefore explores the political thought of this group, viewing them as a reflection of Brazilian communist democratic activism during the transition, with the periodicals marking an important part of this process. The study traces a trajectory between these publications, considering *Voz da Unidade* as a place where the group "s political line was formed. To achieve this, a documentary analysis is conducted to understand the particularities of each publication, arising from their differing profiles, as well as an examination of empirical sources to identify the similarities and disparities between the publications, alongside an investigation into the influence exercised by the intellectuals both within and outside the PCB, with the process of re-democratization being a central aspect of the study.

**Key words:** Gramsci, Antonio, 1891-1937; Brazilian Communist Party; Political science; Periodicals; Intellectuals; Democracy

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 01 - TRADUÇÕES TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS - POR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES POR AUTOR……....33
TABELA 02 - COMPOSIÇÃO DO CORPO EDITORIAL - REVISTA TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS……..…….50
TABELA 03 - REFERÊNCIAS A ANTONIO GRAMSCI NO VOZ DA UNIDADE (VOL. 01 - VOL. 63).....74
TABELA 04 - RELAÇÃO DOS AUTORES INTEGRANTES DO CORPO DE REDAÇÃO DA PRESENÇA EM COMPARAÇÃO COM OS PERIÓDICOS TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E VOZ DA UNIDADE (VOL. 01-VOL. 67).....95

## SUMÁRIO


AGRADECIMENTOS 5
LISTA DE TABELAS 11
**INTRODUÇÃO 14**
a. A reconstrução a partir dos periódicos 20
b. A apresentação das hipóteses e objetivos 23
c. A estrutura desta dissertação 26
**1. TEORIA EM DISPUTA: A REVISTA TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS (1977-1981) 28**
1.1 A revista Temas de Ciências Humanas 28
a. Traduções 33
b. Artigos 39
c. Documentos 44
1.2. Corpo Diretivo 46
1.3. O projeto político (Os textos de apresentação) 52
1.4. A disputa pela memória 56
**2. UNIDADE NO JORNAL, UNIDADE NO PARTIDO? A TRAJETÓRIA DO JORNAL VOZ DA UNIDADE (1980-1991) 60**
2.1 Introdução 60
2.2 Perfil 65
a. Sindicalismo 65
b. Cultura 69
c. Traduções 72
d. Cartas 76
2.3. Partido e periódico 78
a. As vozes dentro do Voz - O periódico e as disputas entre Partido e Jornal 78
b. O Corpo Diretivo do Voz: Alterações na relação entre jornal e Partido 82
c. Política e o VII Congresso (1982) 84
2.4. A saída do jornal e do partido: O contexto de surgimento da Presença - Revista de Cultura e Política 87
**3. PRESENÇA - REVISTA DE CULTURA E POLÍTICA 91**
3.1 Introdução 91
3.2 Radiografia 93
a. Circulação 94
b. Corpo Editorial 95
c. A linha política e o primeiro volume 99
3.3 A Presença no tempo 102
3.4 O comunismo e a conjuntura: balanço da experiência e trajetórias 120
**CONSIDERAÇÕES FINAIS 124**
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 129**
**ANEXOS 135**
ANEXO 01 - Levantamento Documental - Revista Temas de Ciências Humanas (1977-1992) 135
ANEXO 02 - Entrevista com Breno Altman, realizada em 13 de Outubro de 2021. 141
ANEXO 03 - Entrevista com Raul Mateos Castell, realizada em 19 de julho de 2023. 159

## INTRODUÇÃO

Essa dissertação assume como objeto o pensamento político do "grupo"[1] de intelectuais "renovadores" comunistas que disputam os rumos do Partido Comunista Brasileiro (PCB) nos anos que marcam o fim da Ditadura Militar e a redemocratização, defendendo uma alternativa à linha majoritária do partido ao propor uma saída que centralize a democracia enquanto estratégia para os impasses nacionais, com vistas à construção de um horizonte socialista. O grupo recebeu a alcunha de "renovadores" e "eurocomunistas" no contexto de disputa interna do Partido, motivado pelo viés democrático e a busca por uma renovação das estruturas partidárias e da linha política do partido. Nesse sentido, pode-se destacar duas frentes: a defesa da Frente Ampla Democrática como tática para superação do dilema político imposto pelo Regime Militar, renovando a estratégia frentista adotada pelo Partido no contexto varguista (NAPOLITANO, 2014). E a recepção, tradução e circulação de textos marxistas no ambiente político e na linha cultural do Partido, na tentativa de renovar o campo político e teórico marxista com a inserção de autores fora do eixo soviético, com forte presença de George Lukács e, posteriormente, Antonio Gramsci. Sua forma de intervenção, no entanto, é particular, focalizada na "linha cultural" do partido (COUTINHO, 2010), com o fomento de periódicos e jornais cujo objetivo de incidir na linha político-partidária e na definição da conjuntura nacional, impulsiona as publicações.

Nesse sentido, podem-se destacar três periódicos como representantes do pensamento do grupo, sendo eles as revistas *Temas de Ciências Humanas, Presença- Revista de Cultura e Política* e o jornal *Voz da Unidade*, oficialmente ligado ao PCB. A escolha dos periódicos visa observar o grupo em três distintas operações: a constituição da *Temas* com forte perfil universitário, a intervenção no *Voz da Unidade* enquanto projeto para disputar a linha partidária e a *Presença* como via para o diálogo entre os diferentes setores progressistas, fora do eixo do partido. Em comum, os periódicos carregaram os nomes de seus organizadores[2], a defesa da democracia como pilar fundamental e o objetivo de ampliar o campo teórico no Brasil a partir de uma perspectiva marxista. As iniciativas acabaram, portanto, por acompanhar um país em transformação, marcado pela agonia dos anos ditatoriais, a ansiedade da redemocratização e os desafios de consolidação de um regime democrático. Com isso, a

[1] Sobre o termo grupo para designar estes intelectuais e militantes aplica-se uma leitura crítica: não existe a conformação de um grupo homogêneo, tanto na leitura teórica quanto na atuação prática, por isso, compreende-se que o termo deve ser lido com parcialidade, compreendendo a trajetória acidentada de fusões e dissidências atravessada por seus integrantes.

[2] Ao longo desta trajetória, marcada por 15 anos de intensa atividade intelectual houveram cisões e fusões ao grupo de intelectuais "renovadores", movimento que será destacado no decorrer desta dissertação.

disputa intrapartidária acaba se tornando um elemento central na reconstrução proposta por este trabalho, já que os intelectuais e ativistas envolvidos na elaboração dos periódicos reuniam-se em torno da defesa estratégica da democracia, em contraposição às linhas revolucionaristas e centristas, concentradas nas figuras de Luís Carlos Prestes e Giocondo Dias, respectivamente.

Em uma abordagem que joga luz a essa disputa, Gildo Marçal Brandão reconstrói esta trajetória organizando os grupos que intervieram no PCB entre "civilistas" e "militaristas"[3]. Em sua leitura, o reconto da história do PCB organiza os grupos entre os que enxergavam na institucionalidade democrática uma via de superação da situação política, em contraposição aos que consideravam a saída revolucionária o melhor caminho (BRANDÃO, 1997). Assim, como herdeiros da ala civilista[4], os "renovadores" levantam as divergências com a orientação da Direção Central em busca de uma renovação organizativa e estratégica para o Partido.

O termo, por sua vez, remonta parte da literatura pecebista, reunida, sobretudo, por Raimundo Santos (1979) ao apontar como a trajetória do grupo que defende a "renovação democrática" como parte principal de seu projeto: a democracia torna-se o ponto basilar da atuação comunista, é o programa a ser carregado na conjuntura nacional e a estratégia para a conquista do socialismo, além da tentativa de renovação interna do Partido, com vistas à sua reestruturação organizativa (SEGATTO; SANTOS, 2008, p. 39). Nesse sentido, Raimundo Santos e José Segatto argumentam que as alterações na linha política do PCB, demarcadas após a Declaração de Março de 1958 estruturam a transição do Partido entre um partido revolucionário para um "partido com vocação para a política", o que se intensificou com os anos de Ditadura Militar e resultam na crise e dissolução da organização no início dos anos 1990. Movimento que anda em conjunto com o arejamento do marxismo político no pós 1964, sobretudo pelo papel desenvolvido por Ênio da Silveira e a editora Civilização Brasileira. De modo que:

> Diversamente do PT, o PCB fez seu trânsito -mesmo inconcluso- de partido revolucionário a partido da política seguido por lastros intelectuais que condicionaram, direta ou indiretamente, seu agir [...] Esse movimento aparece como busca de um "caminho democrático ao socialismo", tanto na publicista dos jovens intelectuais que contribuíram, com sua releitura da contemporaneidade brasileira,

[3] Neste caso, Gildo aparece neste trabalho enquanto objeto, por ser integrante da linha "renovadora", editor do *Voz da Unidade* e figura central na construção dos periódicos, e como fonte, a partir de seus estudos acadêmicos.
[4] O livro de Gildo fala do PCB de 1945, relação que organizou o Partido no período Vargas. No entanto, os impactos da separação entre civilistas e militaristas seguiu como marco na história do PCB (BRANDÃO, 1997).

> para maior congruência do pecebismo quanto nas já referidas revoluções do Comitê Central no exílio (SEGATTO; SANTOS, 2008, p. 45).

Assimilando o mesmo momento histórico, Maria Alice Rezende de Carvalho, figura que se tornará central na construção da revista *Presença,* remonta a elaboração de um pensamento "comunista democrático" que se consolida a partir do golpe de 1964, com ênfase nas elaborações do Partido nos anos 1970. Nessa leitura:

> É assim que, em fins da década de 1970, o argumento democrático se desvencilha da sua subordinação à questão nacional, estabelecendo-se a conquista das liberdades democráticas como foco central da luta comunista. Em maio de 1978 se consagra a via eleitoral como "forma superior de luta" e, em novembro daquele mesmo ano, uma nova resolução política do Comitê Central sustentava que, para os comunistas, "a luta pela democracia é parte integrante da luta pelo socialismo", sendo a frente antifascista indiferente aos interesses econômicos das forças que a compunham. Nas palavras de Werneck Vianna, "estava completada a arquitetura da estratégia democrática, emancipando o PCB da hipoteca terceiro-mundista (CARVALHO, 2007, p. 275).

Em sua leitura, os intelectuais e militantes envolvidos na construção de um pensamento "democrático comunista" representam "o caminho da renovação, da construção de um partido democrático de massas, comprometido com a ideia de um futuro democrático e socialista" (CARVALHO, 2007, p. 277).

Grupo que, assumindo Armênio Guedes[5] enquanto referência política, reuniu nomes como David Capistrano Filho, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, Luiz Werneck Vianna, Gildo Marçal Brandão, Marco Aurélio Nogueira, João Guilherme Vargas Netto, Milton Temer, entre outros que, apesar das muitas heterogeneidades, carregavam a defesa da democracia como via alternativa às demais linhas que disputaram o Partido no período. Visão

[5] A figura de Armênio Guedes é central para a localização do grupo de "renovadores" dentro do Partido. Armênio ingressou no PCB ainda em 1935, enfrentando a repressão do governo Vargas sobre o Partido, o balanço provocado pela morte de Stalin e o Relatório Kruschev e, então, a Ditadura Militar (1964-1985). No período abordado, Armênio aparece como uma referência para os comunistas mais novos, assumindo a coordenação dos periódicos e atuando no direcionamento da linha política. Com as disputas internas que marcaram o Partido na redemocratização, Armênio saiu do Partido em 1986, permanecendo um "comunista sem partido e sem carteirinha". Para uma melhor compreensão e conhecimento da biografia de Armênio Guedes recomenda-se o livro "Armênio Guedes: Um comunista singular", escrito por Mauro Malin e publicado em 2018 pela editora Ponteio (MALIN, 2018).

assentada na "Declaração de Março de 1958"[6] enquanto um importante marco para sua atuação política. Derivada do cenário de crise da experiência do comunismo internacional, com a realização do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e o relatório Kruschev, publicado em 1956, a Declaração revisita a estratégia do PCB, relocalizando a democracia como centro da atuação comunista e expressando uma possibilidade pacífica para a revolução através da acumulação de reformas estruturais na economia e nas instituições políticas (FALCÃO, 2016, p. 225). Dessa forma, o documento acaba por balizar um balanço crítico da atuação comunista, assumindo novos horizontes estratégicos que orientam a atuação de setores do Partido, como é o caso da corrente "renovadora". Perspectiva que se fortalece com a realização do VI Congresso, em 1967 em que a linha democrática é reafirmada, como é possível observar em sua "Resolução Tática":

> Na situação actual, nossa principal tarefa táctica consiste em mobilizar, unir e organizar a classe operária e demais forças patrióticas e democráticas para a luta contra o regime ditatorial, pela sua derrota e a conquista das liberdades democráticas. [...] O caráter prioritário da defesa das liberdades democráticas decorre da necessidade de que as amplas massas intervenham na vida política e no processo revolucionário (PCB, 1980, p. 174)[7].

Documentos que acabam por orientar a atuação dos "renovadores" dentro, e fora, do Partido. Nesse sentido, a "Resolução Política do Comitê Estadual da Guanabara do PCB", publicado originalmente em 1970 e republicado no décimo volume da *Temas,* condensa os apontamentos do grupo ao indicar uma via democrática, abandonando o revolucionarismo no combate à ditadura:

> Devemos partir de ações parciais em todos os níveis do movimento de massas ou dos acordos de cúpula, a fim de conseguir que aquele sentimento passivo vá tomando forma, pouco a pouco, até se transformar num grande movimento nacional, em frente única, que englobe os sindicatos, o movimento estudantil, a Igreja Católica, os partidos e os políticos da oposição- um movimento que expresse, em nível superior, a rebeldia brasileira contra o processo de fascistização do país (GUEDES, 1981, p. 86).

O documento de 1970 acaba por apresentar a linha política frente à disputa interna do Partido. Quanto à sua publicação e, de modo geral, a atuação do Comitê Estadual da

[6] O documento, elaborado pela Direção Central do Partido é publicado no jornal *Voz Operária*, ligado à agrupação, em março de 1958 apresentando uma revisão da linha política após o abalo provocado pela publicação soviética do Relatório Kruschev.

[7] A citação refere-se à versão do documento publicada no livro "PCB, vinte anos de política 1958-1979: documentos - Partido Comunista Brasileiro", em coleção organizada por Reynaldo Carneiro Pessoa (*in memorian)* e publicado pela Livraria Editora de Ciências Humanas (LECH) com introdução de Marco Aurélio Nogueira, em um esforço empreendido pelos intelectuais "renovadores" de reafirmação de uma trajetória pecebista.

Guanabara (CEG), Maria Alice Rezende de Carvalho (2007) enfatiza como a leitura do CEG transita para a compreensão do regime enquanto uma "ditadura militar caracteristicamente fascista", diferente da categorização de "ditadura militar reacionária", como propunha a direção do PCB. Em sua leitura, a defesa empreendida pelo CEG se dava em torno da mobilização contra o regime, contraposta à atuação de Prestes, por exemplo, que defendia um avanço direto para o socialismo. Santos e Segatto (2008), por sua vez, atentam para o impacto dos textos gramscianos na formulação da Declaração de 1970 quando o olhar muda para a "estratégia das miudezas", isto é, o acúmulo de forças para o enfrentamento ao regime.

Dessa forma, o "Partidão" via suas fileiras divididas em três grandes grupos: os renovadores, em torno da figura de Armênio Guedes; os centristas reunidos por Giocondo Dias e os revolucionários em torno de Luís Carlos Prestes (NAPOLITANO, 2014). Embate expresso nas movimentações do Partido, marcado por três momentos: (1) A publicação do texto "A Democracia como valor universal" por Carlos Nelson Coutinho, em 1979[8]; (2) A saída de Luís Carlos Prestes do Partido com a publicação da "Carta aos Comunistas" em março de 1980 e (3) A realização do VII Congresso que consolidou a liderança de Giocondo Dias em 1982/84.

O texto de Carlos Nelson Coutinho não apenas é um marco para os escritos democráticos brasileiros, mas também para a recepção das obras de Antonio Gramsci no Brasil, justamente por colocar em debate elementos inovadores para pensar a relação entre socialismo e democracia (SIMIONATTO, 2019, p. 140). No texto, Coutinho demonstra como o vínculo socialismo-democracia é parte integrante do marxismo aproximando-os enquanto parte de um mesmo processo de assimilação: não há socialismo sem a democratização constante de suas instituições, com o processo de socialização dos meios de governo. No caso brasileiro, a renovação democrática seria uma alternativa à "via prussiana", isto é, a tendência elitista da política brasileira que teria levado à dominação de uma oligarquia monopolista que esmaga a população. Coutinho evidencia como a superação da via prussiana só seria possível através da defesa de um regime de liberdades democráticas para as forças populares, seguido da consolidação de um regime democrático que consolide e avance os objetivos finais socialistas. Nesse sentido, a conquista da democracia política é a criação de uma base que deve ser aprofundada, não substituída por meios de dominação não-democráticos. Defendendo, portanto, duas tarefas urgentes: (1) a consolidação de um regime de liberdades fundamentais e (2) a organização de uma democracia de massas para uma posterior conquista

[8] Publicado originalmente na Revista *Encontros com a Civilização Brasileira* e, posteriormente como parte de livro, em 1980, capaz de expressar a orientação democrática do grupo (LUCCA-SILVEIRA, 2017).

socialista (COUTINHO, 1979). Inspiração que advém da discussão iniciada por Enrico Berlinguer e encontra força no texto de Coutinho:

> E, se hoje se generaliza entre os marxistas ocidentais a rejeição do "modelo soviético" como modelo universal de socialismo, isso resulta em grande parte de uma diversa concepção do vínculo socialismo-democracia por parte desses marxistas. Concepção que Enrico Berlinguer sintetizou expressivamente no discurso que pronunciou em Moscou, em 1977, por ocasião do 60° aniversário da Revolução de Outubro: "A democracia é hoje não apenas o terreno no qual o adversário de classe é obrigado a retroceder, mas é também o valor historicamente universal sobre o qual fundar uma original sociedade socialista". Essa universalidade não deve ser concebida apenas num sentido teórico; o valor da democracia não se limita a áreas geográficas (COUTINHO, 1979).

Esta referência à Berlinguer, via Coutinho, também é reconhecida por seus pares: Armênio Guedes e Marco Aurélio Nogueira rastreiam a formulação original de Berlinguer, acrescentando a contribuição de Palmiro Togliatti para a concepção final de Coutinho, a partir da noção de *democracia progressiva* (CASTRO, 2013, p. 181). Por fim, o texto de Coutinho tornou-se um marco das discussões democráticas brasileiras, delineando a defesa da linha democrática na disputa interna do partido. Como exemplo de seu impacto, há a publicação, ainda em 1979, do texto de Adelmo Genro Filho: "A democracia como valor operário e popular" que dialogava diretamente com Coutinho, assim como o livro publicado por Leandro Konder no ano seguinte: "A Democracia e os Comunistas no Brasil" (1980) (PANDOLFI, 1995, p. 216).

Já a saída de Prestes expôs um flanco no Partido, expresso em publicações que dominaram a imprensa da época. Sua "Carta aos Comunistas"[9] denunciava os problemas de democracia interna do partido, mas, sobretudo, apontava a necessidade de caminhar para uma estratégia revolucionária frente ao regime, em contraposição à estratégia nacional e democrática defendida pelo Comitê Central. Nesse sentido, sua leitura aponta como o PCB estaria se tornando um partido reformista, distante de seu caráter revolucionário e papel de vanguarda, domesticado frente aos objetivos do regime ditatorial. A carta é resultado da volta de Prestes do exílio na União Soviética em 1979 às beiras da realização do VII Congresso do Partido, que iniciou em 1982 e foi concluído em 1984. Sua publicação buscava influir nos rumos do Congresso, intervindo por maior democracia nas instâncias internas e a mudança na linha política, o que não se sucedeu. Pelo contrário, foi precedida de seu afastamento do cargo de Secretário, em 1980 (PRESTES, 2022). Nesse ínterim, Giocondo Dias se firma

[9]O lançamento da Carta conflui com a formação do jornal *Voz da Unidade,* responsável por tornar público os debates que marcaram sua publicação e, posteriormente, a saída de Prestes enquanto discussão central no periódico, como se verá no capítulo destinado ao *Voz.*

enquanto liderança partidária, representante da corrente centrista “pragmática”. No entanto, a vitória de Giocondo não significou maior espaço para os “renovadores”, intensificando a crise que os levaria para fora do Partido, em meados dos anos 1980.

O uso de “eurocomunistas”, por sua vez, aparece pela absorção dos autores do marxismo europeu, sobretudo Gramsci e demais autores italianos, como o dirigente comunista Palmiro Togliatti. Como observa-se na contextualização apresentada por Marcos Del Roio:

> A expressão "eurocomunista" tem origem na *publicística* do debate político italiano, referindo-se à estratégia desenvolvida pelo então secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer, conhecida como "compromisso histórico". Simplificadamente, constituía um projeto de aliança entre as massas comunistas e católicas no marco da defesa e aprofundamento da democracia. O respaldo teórico era oferecido por uma certa leitura de Gramsci, que colocava a questão democrática no centro da ação político-cultural dos comunistas. Pretendia ser uma atualização das formulações de Gramsci, mas também um desenvolvimento da tese de Togliatti sobre a "via italiana ao socialismo", algo como uma "via euro-ocidental ao socialismo". (...) O "eurocomunismo" tinha também como pano de fundo uma visão crítica do "socialismo real" e a insistência na particularidade histórica do Ocidente e da transição socialista. Seria uma *terza* via entre o stalinismo e a socialdemocracia. O que se buscava, enfim, era um novo nexo estratégico entre democracia e socialismo (DEL ROIO, 2020 *apud* LIMA, 2010, p. 9).

No contexto brasileiro, no entanto, este termo passou a ser utilizado de forma pejorativa pela direção para designar este grupo de intelectuais e militantes, por isso, opta-se por utilizá-lo com cautela, já que não há consenso na literatura pecebista quanto ao uso “eurocomunista” para designar este grupo de intelectuais. Desse modo, apesar de uma proximidade teórica e prática, a partir do contato direto com os membros do Partido Comunista Italiano (PCI), os intelectuais estudados não utilizam o “eurocomunismo” como forma de descrever sua atuação na política brasileira. Por isso, neste trabalho optou-se por tratar da circulação e inferência destes autores a partir dos periódicos, sem assumir o debate quanto à alcunha do termo para designar o “grupo”.

### *a. A reconstrução a partir dos periódicos*

A fim de recontar essa história, utilizou-se como fonte primária, os periódicos *Temas de Ciências Humanas*, *Voz da Unidade* e *Presença: Revista de Cultura e Política,* formulados pelo grupo de intelectuais e militantes “renovadores”, além de demais figuras que orbitam os comunistas. A primeira iniciativa, *Temas de Ciências Humanas* inicia suas atividades em 1977 a partir do trabalho de Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão, José Chasin e Nelson Werneck Sodré, na construção de um periódico de caráter teórico, responsável por

publicar traduções, artigos e documentos que buscavam ampliar o campo marxista e a luta pela democracia. A revista é uma expressão do grupo em sua fase inicial, em um momento de desestruturação do Partido Comunista quando os caminhos da redemocratização seguiam nublados. Ainda assim, *Temas* torna-se conhecida pela publicação de traduções, com destaque para os artigos "Temas para a questão meridional" de Antonio Gramsci e "Carta sobre o Stalinismo" de Georg Lukács, publicados no primeiro volume, mas capazes de expressar a dicotomia Gramsci-Lukács que marcou a construção da revista e, de forma geral, o desenho assumido pelo "grupo", a partir da trajetória individual de seus personagens.

A revista é publicada ao longo de cinco anos, com 10 volumes em circulação de forma semestral entre abril de 1977 e 1981 na tentativa de inserção e disputa de um ambiente intelectual que, na leitura do "grupo", encontrava-se dominado pelo ecletismo de fundo positivista ou pelo dogmatismo soviético:

> Tudo isso implica, de imediato, uma proposta que rejeita as contrafações e diluições teóricas típicas do ecletismo de fundo positivista que domina- há alguns anos e não por acaso- o cenário intelectual brasileiro; que busca contribuir para a apropriação crítica e criadora das conquistas fundamentais do espírito humano; que pretende, enfim, realizar a análise radical (que vai às raízes), a partir de perspectiva socialmente determinada, da realidade histórica brasileira em seus múltiplos aspectos (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VII).

Marco Aurélio Nogueira, aponta, na *Temas*, o objetivo de criar uma alternativa aos grupos intelectuais "dominantes", que prevaleciam nas ciências sociais e nas universidades brasileiras, agregando intelectuais marxistas que, ao longo de sua trajetória, tiveram certa proximidade com o PCB. A revista serviu como laboratório de escrita e atuação editorial para muitos quadros novos, colocando-os em contato com as gerações anteriores do Partido. A partir de seu estudo, esperou-se compreender a dimensão da intervenção teórica em um momento que antevê a reconstrução do Partido, após a dura repressão sofrida pelo PCB entre 1974 e 1975. Assim, a *Temas* apresenta o primeiro momento de reunião deste grupo intelectual que, mantendo o perfil teórico tenciona política e teoria em um momento ímpar da história brasileira. Nesse sentido, o andar da conjuntura pela redemocratização marca profundamente a revista, neste novo momento da história nacional, com o acirramento das lutas democráticas, "a esquerda ficou mais complexa e as lutas se dispersaram" (NOGUEIRA, 2017b) e a revista viu seu fim.

Assim, com a redemocratização em curso, se organiza um novo momento de reconstrução do Partido, passada a Lei da Anistia de 1979 e o retorno dos quadros dirigentes do exílio, permitindo uma reorganização da direção nacional e, com isso, o acirramento de

disputas internas. Neste contexto, em 1980 é fundado o jornal *Voz da Unidade* enquanto tentativa de intervenção na luta interna do partido e, de forma geral, na conjuntura a partir de sua publicação semanal e o interesse pelos temas cotidianos, sobretudo voltados à pauta sindical, além de uma estreita relação com o Partido, diferente da *Temas*. De início, o jornal é editado por Gildo Marçal Brandão acompanhado de um Conselho Editorial composto por nomes como Armênio Guedes, Lindolfo Silva e Teodoro Mello.

Em seu volume de lançamento, o jornal anuncia suas pretensões:

> *Voz da Unidade* surge para ser expressão e veículo de uma corrente de pensamento cuja linha de ação está orientada para ajudar a classe operária e todas as forças democráticas do país a conseguirem que a solução dos problemas políticos se dê em benefício do povo [...] A diversidade das correntes que lutam atualmente pela democracia não deverá ser obstáculo a essa ampla frente unitária em defesa de um Brasil democrático. Não temos ilusões quanto a esta luta. Preferiremos sempre dizer o que nos parecerá possível e o que nos parecerá aventureiro e utópico (VOZ DA UNIDADE, 1980, p. 1).

A defesa da Frente Democrática aparece de imediato, marcando espaço entre as diferentes posições no Partido, o que se soma à defesa da legalidade do grupo e a necessidade de superação do regime militar pela via democrática.

No *Voz*, o caráter acadêmico da *Temas* se dissolve em uma publicação arejada, vinculada ao PCB com autores de diferentes linhas e tradições atuando no jornal. São 516 volumes publicados entre 1980 e 1991, em que o jornal passa a ser editado sob o nome *Partido Novo*, expressando as disputas que marcaram o Partido à época, em decorrência de seu X Congresso (NOGUEIRA, 2017b; PAULA, 2013; TORRES, 2009). O que compôs um periódico amplo, voltado para pautas sindicais, mas, também, para discussões teóricas e culturais. Os marxistas aparecem em algumas edições, inclusive Antônio Gramsci, que chega a receber páginas inteiras no jornal. No entanto, no intervalo de 11 anos entre o primeiro e último volume, o grupo de "renovadores", que ocupava a Direção Estadual Paulista, se afasta do Partido e, em 1981, a direção do *Voz* passa para o Comitê Central. Com isso, a presença dos "renovadores" encerra-se no volume 67, publicado em 1981, antecipando a saída dos "renovadores" do Partido, por isso, o estudo deteve-se a esse período, referenciando os volumes que se seguem apenas quando necessário.

A saída do grupo "renovador" do *Voz da Unidade* acaba por antecipar a dissidência com o próprio Partido, nas disputas que marcam o VII Congresso e o acirramento entre as linhas que disputaram a direção do Partido. Fora da organização, parte dos intelectuais "renovadores" aposta na construção de uma nova revista, a *Presença - Revista de Cultura e Política*, fundada em 1983, expressando o momento de dissidência do grupo com o reforço de

um compromisso democrático, e o objetivo de intervir na conjuntura política, como lê-se no primeiro editorial:

> **Presença** é iniciativa de pessoas interessadas em pensar e discutir as questões que ocupam hoje o centro de nossa vida social, política e cultural. Nossa intenção e ponto de partida para abordar tais questões que têm como referencial a necessidade de impedir a reprodução do autoritarismo e de trabalhar pela reorganização democrática da sociedade brasileira. E, em íntima relação com isso, mas num plano histórico necessariamente mais amplo, a reflexão indispensável e atual para continuar definindo aquilo que costumamos chamar de nosso caminho para o socialismo (GUEDES, 1983, p. 1).

Já distante do vínculo partidário, *Presença* reafirma a trajetória intelectual, buscando inserir-se enquanto continuidade de iniciativas editoriais como Estudos *Sociais, Revista Brasiliense*, *Movimento Comunista* e *Diretrizes,* com o objetivo de pensar e influir no contexto conjuntural brasileiro, batalhando por uma alternativa democrática.

A revista persistiu por 18 volumes entre 1983 e 1992 dividida entre temas políticos e culturais somados a entrevistas e resenhas. Assim como os demais periódicos, a revista enfrentou mudanças em sua composição editorial, inclusive transitando entre a sede em São Paulo e Rio de Janeiro[10], ainda que mantendo um núcleo em torno de Luiz Werneck Vianna, com a forte aparição de Marco Aurélio Nogueira e a referência política de Armênio Guedes. Nesse sentido, a *Presença* se propunha ao esforço amplo de dialogar com outros campos políticos e fomentar a conformação de uma via democrática sólida no país (LUCCA-SILVEIRA, 2013, 2017), integrando essa pesquisa enquanto esforço de diálogo amplo do "grupo", cuja circulação abrangia o público universitário, mas expandia-se com a comercialização em bancas de jornal e assinaturas.

### *b. A apresentação das hipóteses e objetivos*

Reunidas as experiências editoriais, o estudo combinado dos periódicos buscou reconstruir a trajetória de formação do pensamento democrático comunista brasileiro entre 1977 e 1992. Compreendendo que cada periódico possui um local diferente na produção do "grupo", o que organizou o trabalho em torno de duas hipóteses, conjecturando (1) correlacionar o pensamento político deste grupo de intelectuais enquanto reflexo da expansão e crise do pensamento democrático comunista brasileiro, tarefa realizável por sua trajetória dentro e fora do Partido Comunista. Questionando se o grupo de "renovadores" expressam a

[10] A transição entre Rio e São Paulo será melhor abordada no capítulo destinado à *Presença*, porém, o estudo de Camila Góes (2020), relacionando a *Presença* com o periódico argentino *Pasado y Presente*, apresentado como tese de doutorado na UNICAMP acaba por reconstruir, de forma detalhada, o contexto e as disputas que marcaram este período.

movimentação do Partido de modo geral. Para tal, observou-se a trajetória de disputa interna, no combate com as demais linhas políticas, que culmina na ruptura do grupo em meados dos anos 1980, junto com o andar da transição democrática a fim de compreendê-lo enquanto expressão do pensamento comunista de modo geral. Hipótese que versa sobre a movimentação do grupo e sua relação com as forças e movimentos internos e externos. Já a segunda hipótese olha para o local de formação das ideias do "grupo", tentando encontrar seu polo de formação. Por isso, questionamos se o jornal *Voz da Unidade* conformou-se como um polo de formação política destes intelectuais, ainda que com maior distância da intervenção acadêmica, proposta na *Temas* e na *Presença.* Mas, justamente por sua periodicidade semanal e ligação com o Partido, tornando-se capaz de conferir tempo e empenho nos debates que formularam a visão de democracia que defendiam. Entende-se, ainda, sua criação como um salto entre o trabalho desempenhado na *Temas,* cuja movimentação acadêmica já se mostrava relevante, com a tradução de textos inéditos, visando um espaço de intervenção político e institucional.

Para aferir as hipóteses, buscou-se pela organização dos periódicos a partir de seu perfil e finalidade, articulando a relação entre conjuntura política e trabalho intelectual, assumindo os diferentes formatos propostos pelos periódicos como parte das diferentes tentativas de intervenção na política partidária e nacional. Tomando como objetivo a compreensão e interlocução entre o ambiente intelectual e político do período e a *gestação* das ideias comunistas que circulam nos periódicos. E, de forma geral, nas produções do grupo a fim de reconstruir sua trajetória de formação intelectual, a participação na formação partidária e, futuramente, a dissidência com o Partido e a centralidade assumida pela universidade.

A pesquisa realiza-se a partir da reconstrução documental das fontes, por meio da pesquisa em história do pensamento político. Os periódicos foram analisados enquanto fonte primária, assim compreendidos por sua capacidade de organizar o passado enquanto presente, verdadeiros "produtores do tempo presente", cuja movimentação conforma uma rede de comunicação intelectual capaz de organizar o discurso de seus interlocutores (SARLO, 1992). Nesse sentido, assumem o local de ebulidores do pensamento, onde o desenvolvimento de ideias acontece, em que o grupo se forma enquanto ator coletivo. Na pesquisa, essa dimensão foi explorada a partir da elaboração de um mapeamento da circulação destes intelectuais e periódicos. Conectando, com isso, os autores que colaboraram nas diferentes publicações, bem como quais eram traduzidos e suas referências, investigando se há citações cruzadas entre as publicações e os debates que se repetem. A fim de ampliar o

repertório e a compreensão do processo em curso, o uso de entrevistas, documentos partidários, biografias e demais textos auxiliares foi fundamental para aferir o contexto político. E, ainda que correndo o risco de um recorte fragmentário e anacrônico, acessar as intenções movidas pelos intelectuais em cada iniciativa editorial na relação entre o *presente* aferido pelos periódicos e o *futuro* contemplado pelos documentos e fontes posteriores.

Com isso, a trajetória intelectual iniciada nas páginas acadêmicas da *Temas* se refaz no jornal *Voz da Unidade* com a preocupação de atingir um público amplo, fortemente sindical, expressando as transformações do Partido e sua luta pela legalidade. Conjuntura que, na fundação da *Presença* já se encontra em outro momento, com este grupo de intelectuais fora da estrutura partidária, refletindo sobre a crise da experiência comunista brasileira frente à ascensão de novos atores políticos. A linha "renovadora" perde a disputa política no Partido e deixa suas fileiras, mas persiste disputando os rumos da conjuntura e da transição através da *Presença*. O que atenta para as diferentes dinâmicas empregadas entre os periódicos: a mensagem da defesa democrática se mantinha, mas a expressão variava entre a vertente acadêmica, ampla, progressista ou sindical. A apropriação do marxismo "eurocomunista" também se mantinha, seja na tradução literal das obras com a *Temas*, uma citação direta com a *Presença* ou a apropriação ampla no *Voz*. De forma geral, o projeto proposto não se alterou, ainda que os perfis e linguagens sejam distintos entre as publicações e contemple as dissidências e rupturas que marcaram essa trajetória.

Desse modo, as publicações acabam por reunir os intelectuais em torno de um projeto comum, gerando laços que estruturam o campo, tanto como polo aglutinador de ideias e influência mútua, como de exclusão e delimitação, oriundas das discussões, e ocasionais discordâncias e fusões (SIRINELLI, 1996). Nesse sentido, podemos apontar o próprio caso dos "renovadores" como exemplo, a reunião do grupo de forma intelectual também é expressa na linha política que defendiam dentro e fora do partido. As publicações acabam por reunir os intelectuais e militantes, estruturando o campo em que atuavam e destinando seus rumos. Quando o grupo rompe com o Partido, o impacto também respinga nas publicações com a saída da direção do *Voz da Unidade* e a fundação da *Presença*. O percurso formativo iniciado na *Temas*, atravessado pelo *Voz*, encontra na *Presença* seu suspiro final, antes da dissolução do grupo em diferentes iniciativas políticas e a vida acadêmica, inclusive porque o decurso abarcado pela investigação dos periódicos coincide com o período de crise e esvaziamento enfrentado pelo PCB (CARVALHO, 2007; NAPOLITANO, 2014; NOGUEIRA, 2017a; PAULA, 2013), que leva muitos desses intelectuais ao rompimento com

o partido e à filiação em outras organizações, sobretudo o Partido dos trabalhadores (PT) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

### *c. A estrutura desta dissertação*

Buscando captar esse movimento, o trabalho organiza-se em cinco capítulos que acompanham a formação do pensamento de forma cronológica, atrelada à conjuntura política nacional e seus impactos na reestruturação do Partido Comunista, com o retorno da disputa interna e a localização dos intelectuais estudados como integrantes ativos dessas transformações. Optou-se pela reconstrução em ordem cronológica dos periódicos, a partir dos anos de fundação de cada iniciativa, por isso, esta Introdução é seguida do capítulo a respeito da revista *Temas de Ciências Humanas*, elaborado a partir de uma análise documental do periódico na tentativa de compreender seu perfil e a relação entre uma conjuntura repressiva e a atividade intelectual comunista, ainda que sem a reorganização do Partido. Já o capítulo seguinte acompanha esta transformação a partir do jornal *Voz da Unidade*, fundado em 1980, quando a abertura do regime, sobretudo a partir da Lei da Anistia (1979) permite a reestruturação do PCB no Brasil. Além da ênfase na reconstrução comunista, esperou-se observar no *Voz* a tentativa de intervenção na disputa interna do Partido enquanto defensores da democracia como "valor universal". Em busca de reconstruir o contexto conjuntural e partidário que se desenhou entre 1981 e 1983, com o acirramento das disputas internas e o rompimento dos "renovadores" com o *Voz da Unidade* e, posteriormente, com o próprio Partido. Conjuntura que estrutura a antessala de formação da *Presença - Revista de Cultura e Política*, objeto do terceiro capítulo. Finalizamos este trabalho com as Considerações Finais, buscando traçar paralelos entre as publicações e responder às hipóteses levantadas para a elaboração da pesquisa, recompondo a trajetória de formação deste grupo, a partir dos periódicos.

Por fim, considero importante reforçar que este trabalho conta uma história de resistência frente a um regime ditatorial. Ao longo da leitura, o peso das disputas, rupturas e fusões acabam ocupando espaço central, afinal, são os movimentos que conformam o pensamento enquanto parte do fazer político e que tornam este trabalho possível. No entanto, julgo fundamental acompanhar a leitura considerando a conjuntura de repressão, violência e tensão em que os personagens desta história se encontram, promovidos por um regime ditatorial que perseguiu, exilou, matou e torturou centenas de vidas e famílias. Contada pela perspectiva comunista, sob a ótica das disputas e da atividade intelectual, esta é uma história de resistência e, com ela, esperamos contribuir com o entendimento deste período sombrio na

história brasileira, cuja herança segue em nossa contemporaneidade, em nome de todos aqueles que *caíram* por acreditar em um outro horizonte possível. Ele virá.

# 1. TEORIA EM DISPUTA: A REVISTA *TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS* (1977-1981)

## *1.1 A revista Temas de Ciências Humanas*

> A prática radical e de esquerda no Brasil formou-se em muitos sentidos. O menos lembrado é o mais evidente: a formação política e ideológica realizada por seus aparatos (editoras, livrarias, bibliotecas, escola de quadros, jornais, revistas, livros, aulas, reuniões, comícios, etc) (SECCO; DEAECTO, 2018, p. 23).

Em um contexto de forte repressão ditatorial, ausência de vida partidária e difícil expressão da vida intelectual-acadêmica, considerando os mecanismos de censura por parte do regime, a *Temas de Ciências Humanas* mostra-se enquanto um periódico de combate, apresentando a disputa teórica das ideias e da política em jogo, tanto no campo progressista-comunista como no país de modo geral. De início, a revista é organizada por um conjunto de intelectuais que orbitam o Partido Comunista Brasileiro, em um contexto de desestruturação do Partido frente à repressão do governo militar, alinhado à similaridade no apreço teórico marxista e, de certo modo, o interesse em discussões de política e estratégia no campo democrático. Em sua experiência, a *Temas* foi responsável por publicar importantes textos, sobretudo no campo das traduções, à exemplo da publicação inédita do "Temas para a questão meridional" de Antonio Gramsci, com impacto no campo de circulação de artigos e traduções marxistas, sobretudo com referências de maior amplitude que a orientação soviética[11].

Em um primeiro momento, a revista organiza-se em torno de Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão, José Chasin e Nelson Werneck Sodré, além da circulação de Raul Matteo Castell a partir do contato com a Editorial Grijalbo e, posteriormente, no comando da Livraria Editora de Ciências Humanas Ltda[12]., responsáveis pela publicação da

[11] Um exemplo de periódico de orientação marxista-soviética é a revista *Problemas*, organizada por militantes comunistas entre 1947 e 1956 com referencial de circulação e absorção de textos e referências marxistas-soviéticas, com maior referência na linha política central do PCB, diferente da *Temas.*

[12] Fundada em 1975 por Raul Mateos Castell, a Editora estabeleceu vínculos com a universidade e os partidos, sobretudo a USP e o PCB, e tornou-se responsável pela publicação de livros marxistas relevantes, além de manter, na rua 7 de Abril, no Centro de São Paulo, a Livraria Ciências Humanas (LECH). Para além da Livraria e Editora, Raul manteve-se figura frequente no meio universitário com sua banca, localizada no prédio de Ciências Sociais da FFLCH-USP, ambiente que movimentou estudantes, professores e curiosos até seu fechamento, em 2020. Em entrevista, Raul Matteo Castell reconta esta mudança editorial do periódico a partir de sua ponte com as editorias. Os dois primeiros volumes da *Temas* são publicados pela Grijalbo, quando há a troca da editora para a Livraria Editoria de Ciências Humanas Ltda, a relação entre elas estaria, portanto, na figura de Raul, antes responsável pelos trabalhos da Grijalbo no Brasil e, a partir dos anos 1970, sob o comando da LECH.

*Temas*. Editada semestralmente, salvo exceções, entre 1977 e 1981, a revista foi responsável pela publicação de artigos, documentos e traduções relevantes no cenário intelectual, a partir do debate interseccional entre as discussões acadêmicas e partidárias, no campo das Ciências Sociais e do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Em seus cinco anos de existência, a revista publicou 10 volumes, mantendo um padrão: capas coloridas, uma média de 150-200 páginas por volume e a tentativa de conciliar, em um mesmo número, artigos, documentos e traduções, além de entrevistas pontuais. Em uma leitura geral do periódico, observa-se uma predominância de artigos e traduções, somado à uma preocupação com a publicação de documentos[13]. Além disso, tornou-se recorrente a publicação de obras que, antes ou depois da aparição na revista, tornaram-se projetos editoriais de maior fôlego. Neste caso, os dois principais exemplos são as coletâneas "História do ISEB" (vol. 01, 1977; vol. 02, 1977, vol. 04, 1978) - e "Contribuição à História do PCB" (vol. 08, 1980; vol. 09, 1980; vol. 10, 1981) publicada por Nelson Werneck Sodré e organizadas em três volumes.

Nas edições iniciais, um editorial apresentava o volume e trazia uma breve análise do momento conjuntural e da estrutura de textos, explicitando os objetivos políticos da revista e inserindo-a nos debates intelectuais em curso no período. Em seus 10 volumes, a *Temas* foi marcada pela alteração na editora, entre o Editorial Grijalbo e a Livraria Editora de Ciências Humanas Ltda. (LECH), na tentativa de se inserir em um ambiente intelectual carregado pelo "ecletismo de fundo positivista ou pelo dogmatismo soviético" (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VII). Com isso, a revista visava ampliar o horizonte intelectual brasileiro, com o objetivo de contribuir para esse movimento, estabelecendo-se como uma referência alternativa aos grupos intelectuais "dominantes" nas Ciências Sociais e nas universidades. Nesse contexto, procurava agregar intelectuais marxistas, funcionando como um verdadeiro laboratório de produção, escrita e atuação editorial, especialmente voltado para as novas gerações.

Sob esta perspectiva, a reunião dos intelectuais que compõem a *Temas*, analisados a partir do Corpo Diretivo da revista é composto pelo círculo marxista que se forma em torno do PCB, atentando para o papel do Partido na difusão do marxismo nacional e internacional, com a concentração de intelectuais e militantes em seu entorno. No caso particular da *Temas*, o momento em que o Partido se encontrava é bastante particular e sintomático do período

[13] A sessão de Anexos desta Dissertação contempla a tabulação dos volumes e suas respectivas publicações da revista *Temas de Ciências Humanas*, ver em ANEXO 01.

militar, a partir do impacto da repressão em suas estruturas internas, o que garantiu o esvaziamento das discussões internas e da direção, permitindo o ascenso de novas figuras, como os intelectuais reunidos no "grupo" que organiza a revista. Desse modo, os rachas partidários[14] e a repressão desempenham um papel central na disputa ideológica durante o período ditatorial, especialmente no que diz respeito à estrutura organizacional do Partido. Esses conflitos refletem tanto as consequências das ações repressivas quanto a diversidade de estratégias de sobrevivência adotadas pelos comunistas brasileiros. Dentro desse cenário, destaca-se a "Operação Radar", iniciada em 1973, com o objetivo específico de desarticular o PCB, destruindo suas estruturas e neutralizando suas lideranças a partir de um estudo profundo na organização e suas atividades.

A Operação foi responsável pelo assassinato de mais de 19 membros do Comitê Central[15], além da realização de um estudo detido na composição interna da agrupação. Com a luta armada dizimada[16], a atenção vira o Partido, permitindo aos órgãos de inteligência do governo um estudo detido e aprofundado das estruturas internas da organização, com o levantamento de nomes, codinomes e funções, como aponta o relatório da Comissão Nacional da Verdade:

> O inimigo escolhido como a bola da vez foi o Partido Comunista Brasileiro (PCB), cuja opção contrária à luta armada era notória, inclusive com a reprovação pública de movimentos armados. Havia, no entanto, um conteúdo ideológico nessa escolha que, se fazia correlação com o sentimento anticomunista que marcou a chegada dos militares ao poder, estava também ligado ao crescente movimento de oposição, cada vez mais contundente, representado na política institucional do MDB, onde o PCB tinha influência. Os comunistas se destacavam na oposição à ditadura, tanto na divulgação internacional das graves violações de direitos humanos cometidas pelo

[14] Como principal exemplo dos conflitos e dissidências que marcaram o Partido no contexto do Golpe Militar de 1964 está a disputa estratégica em torno da adesão à luta armada. Em seu sexto Congresso, realizado em 1967, o Partido posiciona-se contrário à adesão à luta armada, inclusive com a expulsão de seus membros que, em seguida, formarão a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), como é o caso Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho.

[15] Como aponta o Relatório da Comissão Nacional da Verdade: Entre março de 1974 e janeiro de 1976, foram mortos pela Operação Radar David Capistrano da Costa; José Roman; Walter de Souza Ribeiro; João Massena Melo; Luís Ignácio Maranhão Filho; Elson Costa; Hiran de Lima Pereira; Jayme Amorim de Miranda; Nestor Vera; Itair José Veloso; Alberto Aleixo; José Ferreira de Almeida; José Maximino de Andrade Netto; Pedro Jerônimo de Souza; José Montenegro de Lima, o Magrão; Orlando da Silva Rosa Bomfim Júnior; Vladimir Herzog; Neide Alves dos Santos; e Manoel Fiel Filho. Dessas vítimas, 11 são desaparecidos políticos, cujos corpos não foram entregues às famílias até hoje. Dezenas de outros dirigentes e militantes integrantes do CC do PCB também foram presos e torturados, embora não tenham sido assassinados (DIAS et al., 2014, p. 642)

[16] Como indica Marcelo Ridenti (2008): "Apesar de uma ou outra operação guerrilheira bem-sucedida, os militares desmantelaram rapidamente as organizações armadas, especialmente entre 1969 e 1971, não hesitando em torturar e assassinar os inimigos, que não conseguiram deflagrar a guerrilha rural. Apenas o PCdoB, crítico das ações urbanas, conseguiu lançar a guerrilha, na região do Araguaia, no sul do Pará. De 1972 a 1974, houve encarniçada luta, que culminou com a derrota dos guerrilheiros, quase todos mortos em combate ou assassinados depois de capturados, sem que se tenha notícia oficial, até hoje, do paradeiro de seus corpos" (RIDENTI, 2008, p. 133).

> Estado brasileiro, quanto no dia a dia da política, nos sindicatos, na imprensa, e também na política partidária, por meio do apoio ao MDB (DIAS et al., 2014, p. 641).

Além da reconstrução detalhada da organização interna, com o mapeamento das lideranças comunistas, a Radar mirava o jornal *Voz Operária* como foco, rastreando e repreendendo sua circulação e estrutura, além de organizar a invasão e fechamento das gráficas e pontos de venda da publicação.

Na mira da repressão, o PCB viu suas lideranças mortas, presas e exiladas, forçando uma necessidade iminente de reconfiguração dos quadros internos e aprofundando a relação entre repressão e reorganização da estrutura intra-partidária, como descrito por Marco Aurélio Nogueira, em entrevista concedida à Marcelo Fontenelle e Silva, em 2021:

> Até 1979, a rigor, não existia direção nacional do partido. Os dirigentes estavam todos no exílio. Os que não conseguiram sair acabaram sendo mortos, assassinados. Então, não havia um Comitê Central do PCB. Havia um grupo na Europa que, de tempos em tempos, mandava o jornal *Voz Operária* clandestinamente para o Brasil e algumas pessoas tinham acesso a ele. Era o que se tinha de orientação nacional (SILVA, 2021a, p. 344).

A descrição de Nogueira apresenta como a relação com o exílio aprofunda a necessidade de reorganização interna, ao passo que, neste cenário particular, permite a ampliação do contato dos militantes brasileiros com a literatura e a prática do comunismo internacional. Nesta dualidade, sob a perspectiva de construção da *Temas de Ciências Humanas*, o exílio ocupa um lugar central de acesso e difusão de temas marxistas estrangeiros. Inclusive com a assimilação da discussão democrática[17] e demais referências acadêmicas e políticas como Antonio Gramsci e Palmiro Togliatti, presentes em diferentes volumes da *Temas,* enfatizando o duplo lugar ocupado pelo exílio na intervenção dentro do Partido.

Movimento que impactou o campo acadêmico-universitário a partir da circulação e recepção de obras de cunho marxista, mas que eram expressão, também dos embates político-partidários do período, fazendo uso da ideia de construir uma "revista de posição" como tradução para o debate político no plano teórico. Sua tentativa estava em formar intelectuais organicamente "armados", buscando contribuir com a clareza ideológica do país, fortemente prejudicada pela repressão e por demais iniciativas teóricas (Temas de Ciências Humanas, 1980, p. XIV). Busca que se posicionou contra a direção do Partido, na relação

[17] No contexto analisado a partir da *Temas*, o nome de Carlos Nelson Coutinho destaca-se. Exilado na Itália a partir de 1976, Carlos Nelson é representante da aproximação das discussões brasileiras com as temáticas europeias, sobretudo no caso italiano com a relação com o Partido Comunista Italiano (PCI).

com o regime político e a relação partidária, mas também à "tradição eclética" das Ciências Sociais brasileiras, a quem os intelectuais da *Temas* criticavam por seu "atraso ideológico". Nesse sentido, o diálogo proposto pela revista assumia os grandes centros de pensamento e as universidades como interlocutores, sobretudo a Universidade de São Paulo (USP), a Escola de Sociologia e Política (ESP) e instituições como o CEDEC[18], além da disputa intrapartidária.

Neste mapa intelectual por onde a revista circulou, a figura de Florestan Fernandes destaca-se enquanto representante *desta* Ciência Social a quem os intelectuais comunistas criticam[19]. Por outro lado, as trajetórias individuais acabam por circular pelo mesmo ambiente que buscaram transformar. No grupo que compõe o Corpo Diretivo da *Temas*, a passagem pela Escola de Sociologia Paulista e pela Faculdade de Filosofia da USP são preponderantes: Marco Aurélio Nogueira conclui seus estudos em Ciências Sociais na ESP em 1972 e segue para o Doutorado na USP; José Chasin forma-se na USP e atua como docente na ESP a partir de 1970[20], assim como Gildo Marçal Brandão que atua como docente entre 1973 e 1982 na ESP e encerra sua trajetória profissional como docente e pesquisador na USP. Nesse sentido, as universidades encontram-se neste local conflitivo de convívio, crítica e disputa de ideias, compondo este mapa intelectual a partir do qual os periódicos entraram em circulação e contato com a intelectualidade do período. É também nesse espaço que alguns editores da

[18] O Centro de Estudos e Cultura Contemporânea (CEDEC) surgiu em 1976 como "resultado do esforço coletivo de intelectuais e pesquisadores engajados em ampliar o arcabouço da reflexão sobre a transição democrática brasileira, em particular aquela pertinente ao lugar das classes populares, sua cultura e formas de organização política" em um movimento de transformação do ambiente intelectual e institucional, com relação à universidade, que permeou o Brasil dos anos 1970 em diante (MUSSI, 2020). Este período foi de grande movimentação político-intelectual, o que pode ser compreendido a partir da análise da filósofa Marilena Chauí, jogando luz às discussões que permeavam o grupo ao redor da absorção de novas referências, oriundos, sobretudo do exterior com foco no debate da "Análise crítica das ideologias", de modo que: "As discussões retomavam as análises de Gramsci sobre hegemonia e sobre a cultura. E começaram a ser feitas as primeiras análises sobre a ideologia da Segurança Nacional, espalhada por todo o continente latino-americano" (CHAUÍ; NOGUEIRA, 2007, p. 185).

[19] A fim de compreender a dimensão intelectual da "batalha" travada contra Florestan Fernandes, a partir de suas ideias, utilizou-se da tese de doutorado defendida por Gustavo Mesquita (2017) em que define-se a participação de Florestan na construção da Escola de Sociologia Paulista e sua circulação na USP, tanto em sua formação discente quanto na atuação docente. Mesquita defende a adesão de Florestan ao estrutural-funcionalismo, com aproximação à Sociologia desenvolvida nos Estados Unidos, além da aproximação com as teorias racionalistas de Max Weber. Um momento emblemático desta trajetória seria o discurso "O significado das Ciências Sociais no mundo moderno", proferido por Florestan aos calouros da Faculdade de Filosofia da USP em 1950. Neste, o sociólogo centraliza a ação e decisão racional dos agentes, a partir da leitura weberiana, como observa-se em: "Quem é capaz de discernir os fins reais de um movimento social, também está moralmente capacitado para uma escolha consciente, em função dos próprios interesses e ideias" (FERNANDES, 1951; MESQUITA, 2017, p. 102).

[20] A fim de compreender o ambiente, disciplinas e a atuação de Chasin na ESP recomenda-se a entrevista "A trajetória de J. Chasin: teoria e prática a serviço da revolução social" realizada com os professores Antonio Rago Filho e Ester Vaisman por Lúcia Ap. Valadares Sartório e Vânia Noeli Ferreira de Assunção para a *Verinotio – Revista on-line de educação e ciências humanas* por trazer um relato das aulas, a partir da perspectiva de Rago e Vaisman, alunos de Chasin à época (SARTÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008).

*Temas* terão contato com textos estrangeiros, como é o caso de Milton Lahuerta[21] e seu primeiro contato com a obra de Antonio Gramsci, a partir do texto "Os intelectuais e a organização da cultura", integrante da ementa da disciplina lecionada por Francisco Weffort e José Álvaro Moisés no curso de Ciências Sociais da USP em 1976.

Assim, a soma da relação partidária, o contato com os intelectuais no exílio e a vivência universitária e acadêmica conformam o perfil assumido pela *Temas* enquanto veículo que se propôs à discussão teórica como parte das batalhas políticas travadas pelos "renovadores" comunistas. Nesta iniciativa, os textos compunham um mesmo projeto editorial, com destaque para as traduções enquanto publicações que ocuparam local central no perfil e orientação assumidos pela revista.

*a. Traduções*

É no campo das traduções onde a *Temas* organiza sua principal intervenção no campo intelectual brasileiro, na tentativa de consolidar uma "nova hegemonia" que se contrapunha à realidade acadêmica nacional. Ao longo dos anos de publicação, observa-se uma predominância dos textos de Georg Lukács e do marxismo clássico, representado pelos escritos de Marx e Engels. Acompanhado de Lenin e os autores do marxismo italiano: Antonio Gramsci e Giovanni Berlinguer[22] e, nos volumes finais da revista, autores de diferentes origens, com menor expressão, como observa-se:

TABELA 01 - TRADUÇÕES TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS - POR NÚMERO DE PUBLICAÇÕES POR AUTOR

| **Traduções *Temas de Ciências Humanas* - Por número de publicações por autor** | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **Autor** | **Número de traduções** | **Título** | **Tradutor** | **Volume** |

[21] Milton Lahuerta é representante de uma geração mais recente entre os intelectuais da *Temas*, tanto que sua incorporação ao periódico acontece apenas no Corpo Diretivo do último volume. Em contrapartida, ele construiu sua trajetória com a participação em outras iniciativas organizadas pelos mesmos intelectuais -salvo ressalvas- e se dedicou ao estudo desta experiência intelectual, tornando-se uma referência no campo.

[22] Nascido em Sardenha (Itália) em 1924, Giovanni Berlinguer construiu sólida carreira acadêmica na área da Saúde pública italiana. No campo político, integrou as fileiras do Partido Comunista Italiano (PCI) por toda a vida, seguindo os passos de seu pai, Mario Berlinguer e o irmão, Enrico Berlinguer, importante secretário do PCI. No Partido foi eleito deputado em três legislaturas (1972, 1976 e 1979) e senador (1983 e 1987), além de Conselheiro do Município de Roma. Por sua participação na política italiana e a relação com o Brasil, a partir dos cargos eletivos e a participação em entidades estudantis e trabalhistas, Giovanni foi reconhecido com o Título de Cidadão Honorífico de Brasília, em 1999, além de participar como convidado de honra na posse de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002. O comunista italiano faleceu em 2015, reconhecido com honras em todo o mundo (GARRAFA; AMARANTE, 2015).

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Georg Lukács (Hungria) | 04 | Carta sobre o Stalinismo | Leandro Konder | 01 (1977) |
| | | As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem | Carlos Nelson Coutinho | 04 (1978) |
| | | Teses de Blum (Extrato) A Ditadura Democrática | Silvia Anette Kneip; Luis Arturo Obojes | 07 (1980) |
| | | Lukács fala sobre sua Vida e sua Obra | Fátima Murad | 09 (1980) |
| Antonio Gramsci (Itália) | 02 | Alguns temas da questão meridional | Marco Aurélio Nogueira | 01 (1977) |
| | | A Situação Italiana e as Tarefas do PCI | José Paulo Netto; Jussara Moraes | 09 (1980) |
| Karl Marx (Alemanha) | 02 | Crítica da Filosofia do Direito de Hegel-Introdução | José Carlos Bruni; Raul Mateos Castell | 02 (1977) |
| | | [Troca, Igualdade, Liberdade] | José Carlos Bruni | 03 (1980) |
| Friedrich Engels (Alemanha) | 02 | Classes Sociais necessárias e supérfluas | Marco Aurélio Nogueira | 03 (1980) |
| | | Esboço de uma crítica da economia política | Maria Filomena Viegas; José Paulo Netto | 05 (1979) |
| Vladimir Ilich Lenin (Rússia) | 02 | Projeto de declaração da redação de *Iskra* e de *Zariá* | Marco Aurélio Nogueira | 05 (1979) |
| | | Teses sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado | Marco Aurélio Nogueira | 07 (1980) |
| Giovanni Berlinguer (Itália) | 01 | Uma semana no Brasil durante a campanha eleitoral | Marco Aurélio Nogueira | 06 (1979) |
| Luciano Gruppi (Itália) | 01 | Sexo e Sociedade | Amélia Coutinho | 06 (1979) |
| Partido Comunista Francês; François | 01 | Dossiê: A Trilateral ou a Contra-Ofensiva do Imperialismo | Ruth Tegon | 08 (1980) |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Blanchart; Jean-Charles Dubart; François Le Flohic; Colette Bernas; Harry Bernas (França) | | | | |
| Nicolai Gauzner (Rússia) | 01 | A Revolução Tecnocientífica e a Estrutura Social da Sociedade Capitalista | Diana Moraes | 08 (1980) |
| Jaime Labastida (México) | 01 | Marx: Ciência e Economia Política | Carlos Eduardo J. Machado | 09 (1980) |
| Fonte: Elaborado pela autora (2025) a partir da coleção da revista *Temas de Ciências Humanas* (1977-1992). | | | | |

A relação de *Temas* com as traduções, a fim de expressar sua localização frente ao marxismo internacional e seu posicionamento, marcam a revista desde o primeiro volume, quando a publicação de Gramsci e Lukács é acompanhada pelo Editorial que evidencia o uso da teoria como forma de fazer político:

> "Não existe ideologia "inocente". A atitude favorável ou contrária à razão decide, ao mesmo tempo, da essência de uma filosofia e de seu papel no desenvolvimento social" (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VIII).

A dupla de autores, que dará o tom das traduções e disputas da *Temas*, aparecem justificados pela postura do "caráter-metodológico" e a discussão da hegemonia, olhada pela perspectiva da direção política e intelectual das classes sociais (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VIII), característico da referência gramsciana. De forma quantitativa, sobretudos nos primeiros volumes, a presença de Lukács é mais frequente, o húngaro aparece em sete momentos do periódico, entre traduções e artigos que articulam suas ideias, como é o caso do texto de José Paulo Netto: "Lukács e a problemática cultural da Era Stalinista" (vol. 06, 1979), que articula os conceitos do húngaro frente à crítica ao stalinismo.

Recorrência que evidencia a postura da revista em acompanhar um movimento de recepção do marxismo europeu que se estabeleceu no Brasil a partir dos anos 1960. Ainda que, de forma geral, as traduções publicadas na revista advenham de outros periódicos, ou traduções, como a publicação do texto "Projeto de declaração da redação de Iskra e de Zariá" de Lenin, publicado no quinto volume e traduzido do castelhano por Marco Aurélio Nogueira

e Gildo Marçal Brandão e a própria publicação de “Carta sobre o Stalinismo” de Georg Lukács, no primeiro volume, antes publicado na *Revista Civilização Brasileira*.

A tradução, nesse sentido, visava impactar um campo que se contrapunha ao marxismo latente à tradição comunista brasileira, que antecede ao golpe de 1964 e as transformações na linha do PCB. Em um momento em que as principais referências de marxismo constavam nos manuais soviéticos de "marxismo-leninismo", em um terreno bastante débil de referências teóricas, na perspectiva do grupo. O golpe de 1964 seria, portanto, o momento de virada na percepção pecebista, acompanhado pelo ascenso de lutas populares e o desenrolar da crise provocada pela divulgação dos bastidores da União Soviética. Sob esse aspecto, a crise do Partido se estendia anos após a realização do XX Congresso do Partido Comunista Soviético (PCUS) em 1956, onde começa a ruir a ortodoxia stalinista a partir de documentos como o relatório Kruschev (BRANDÃO, 1997; LIMA, 2010; SANTOS, 1994), o que catalisa a atenção militante dos comunistas brasileiros e acirram os debates que refletem na “Declaração de Março de 1958”, em que é assentada a estratégia da via democrática para o socialismo, assim como o surgimento de uma burguesia nacional interessada no desenvolvimento econômico e independente do país (PCB, 1958).

Já no contexto dos anos 1960, o ambiente de conturbação no comunismo internacional, permitiu à direção do Partido no Brasil uma maior permeabilidade às diferentes referências teóricas:

> [...] a direção parecia ter compreendido que a renovação do marxismo era o pressuposto necessário para que o PCB continuasse a exercer influência sobre uma esquerda que se expandia, sobretudo entre os intelectuais e os estudantes (COUTINHO, 1998, p. 125).

Momento a partir do qual passam a circular, com maior espaço, traduções de Gramsci, Lukács e demais autores internacionais no campo brasileiro. Ainda que, neste primeiro momento, resultando em uma recepção negativa e restrita dessas obras, o que os levou às estantes de saldão e sustentou um ambiente hostil às recepções de Gramsci e demais autores até 1970.

Quando se abre um segundo momento de recepção das obras marxistas, sobretudo de Gramsci e Lukács, em que insere-se a *Temas*, integrante da segunda onda de circulação destes escritos no Brasil, em uma virada marcada por transformações na conjuntura e na própria percepção da linha política comunista. Quando a repressão já havia enfraquecido a luta armada e enviado os principais nomes da direção partidária para o exílio, abrindo um flanco para que ideias divergentes encontrassem espaço para atuação. Carlos Nelson Coutinho

indica, retrospectivamente, duas causas principais para essa recepção positiva nos anos 1970: (1) a abertura gradual do regime, criando um clima de maior pluralismo na vida cultural e (2) uma reavaliação na esquerda radical de seus métodos, a partir da falência da luta armada e a ausência do PCB no flanco deixado por sua crise (COUTINHO, 1998, p. 131).

O historiador José Antonio Segatto indica, ainda, um contexto maior de difusão das ideias gramscianas na europa entre 1975 e 1976, o que amplia a recepção da *intelligentsia* brasileira à Gramsci, que passa a ganhar adeptos e emplacar conceitos, sobretudo *sociedade civil* e *hegemonia*, entre a intelectualidade brasileira do período (SEGATTO, 1998, p. 180). Movimento que, quando observado pela ótica brasileira, permite compreender o impacto da relação entre os militantes e intelectuais brasileiros e os exilados políticos. Contexto em que os integrantes da *Temas* aparecem com destaque, presentes no primeiro momento de recepção e circulação das ideias "eurocomunistas", os intelectuais que circulavam no Partido foram força motriz da retomada dessas ideias no Brasil. Nessa "operação Gramsci", como descreve Coutinho, os jovens quadros comunistas empenharam-se no esforço de construção e circulação de textos marxistas por diferentes vias, divulgando-os enquanto possíveis alternativas teóricas para os problemas concretos da realidade brasileira. Gramsci, enquanto representante dessa geração, deixava de ser um filósofo das estante de saldão e passava a ocupar o lugar de "maior teórico marxista da política" (COUTINHO, 1998, p. 131) ou o produtor da "melhor sociologia política do nosso tempo", como descrito por Luiz Werneck Vianna na *Presença* (VIANNA, 1987, p. 6).

O movimento dentro da universidade, por sua vez, andaria em conjunto com a formação dos periódicos. Como destacado, os intelectuais envolvidos na construção da *Temas* atuaram nos meios universitários absorvendo e, por vezes, criticando, as ideias e teorias que circulavam. Nesse sentido, a inserção de Gramsci na universidade brasileira integra este contexto intelectual, circulando nos meios políticos-acadêmicos com entrada, inclusive, na ementa das disciplinas, como é o caso da disciplina "O conceito de hegemonia em Ciência Política" apresentado por Oliveiros Ferreira no programa de Pós-Graduação da USP. Além de Oliveiros, Weffort faria uso de Gramsci nos "Seminários de Pós-Graduação" que discutiam, além de Gramsci, autores como Hannah Arendt, Tocqueville e Maquiavel.

Neste contexto, Ivete Simionatto aponta como Gramsci representava a busca por um novo horizonte político e teórico:

> Weffort (1992) aponta para o "mal-estar" que caracterizou este período, quando a simples aceitação dos fatos havia se tornado eticamente insuportável. Assim, "para muitas pessoas, o pensamento de Gramsci remetia a um momento ético-político que

> se contrapunha à interpretação determinista que se fazia de Marx" (SIMIONATTO, 1995, p. 112).

Marco Aurélio Nogueira seria, de acordo com Simionatto, um dos alunos de Weffort, a quem a leitura de Gramsci também informava uma via entre socialismo e liberalismo, por fora de um Gramsci marxista ou marxista-leninista. A FFLCH se conformava, assim, como um centro por onde o pensamento gramsciano circulava, local onde Raul Castell mantinha sua banca de livros como parte das atividades da Livraria Editora de Ciências Humanas. E que, anos a frente, se tornará a casa de grandes nomes do Partido como docentes e pesquisadores, como é o caso de Gildo Marçal Brandão. Já Lukács teria uma passagem ainda mais atravessada pela universidade, com os estigmas do anticomunismo de "esquerda e de direita", o autor permanece escanteado dos centros de pensamento até alguma apariçao nos anos 1980[23], quando Wolfgang Leo Maar dedica duas teses ao filósofo: "O coração e as almas. Introdução à leitura da teoria política em Lukács - 1918-1920" (1980) e "Formação da teoria em História e consciência de classe de Lukács" (1988). Salvo momentos nos anos 1970 a partir de autores como Michael Lowy e o próprio Carlos Nelson Coutinho (FREDERICO, 2010), com quem Lukács trocava correspondências.

Relação do húngaro com os intelectuais e a revista que aponta para uma receptividade concentrada em três eixos principais: (1) a ênfase metodológica, de fundo Lukacsiano, (2) a republicação de textos de importância significativa para a história brasileira, e (3) a análise da realidade concreta, o que conformam seu caráter voltado para a discussão acadêmica, mesmo que de olho na intervenção "real". Utilizando similar análise, pode-se compreender a presença de Gramsci na *Temas* a partir de dois eixos centrais: (1) o significado político de sua aparição, na defesa estratégica da democracia; (2) a recepção e absorção do marxismo internacional na revista. Ainda que, neste caso, a incorporação à *Temas* aconteça de modo gradual com a publicação do sardo no primeiro volume, acompanhado de um hiato que só se encerra no nono volume da revista, apontando para a heterogeneidade da composição da *Temas* e chamando atenção para o movimento realizado pela revista com relação às traduções.

Nesse sentido, há uma alteração nesta relação: até o sétimo volume os autores traduzidos restringiam-se aos clássicos de Marx, Engels e Lenin, com a aparição dos italianos Antonio Gramsci, Giovanni Berlinguer e Luciano Gruppi em menor número e Lukács - que

[23] Quando Wolfgang Leo Maar dedica duas teses ao filósofo: "O coração e as almas. Introdução à leitura da teoria política em Lukács - 1918-1920" (1980) e "Formação da teoria em História e consciência de classe de Lukács" (1988).

destaca-se nos volumes por aparecer em discussões relatadas em artigos, além das traduções de textos próprios-. Já a partir do oitavo volume, acompanhando as alterações gerais do periódico, aparecem autores de diferentes nacionalidades, em um movimento de reação à conjuntura que a revista enfrentou. Ampliação que conversa com os objetivos iniciais da *Temas*, na ânsia pela "ampliação e o enriquecimento de discussões francas e abertas, que ambicionam ser algo mais do que meras trocas de ideias" (Temas de Ciências Humanas, 1979, p. VIII), proporcionando um movimento de ampliação do campo teórico a partir do alargamento das referências intelectuais e internacionais. Dando sentido ao apontado por Burke e Hsia (2007) quando observam as dinâmicas de tradução entre diferentes culturas, compreendendo a tradução enquanto um processo de negociação entre diferentes culturas, em que o "*o que é"* traduzido parte de uma análise dos interesses e debilidades nas culturas alheias, ou seja, traduzimos o que "falta" em nossa cultura (BURKE; HSIA, 2007, p. 46).

Sob essa lógica, os textos ocuparam o lugar da formação democrática, com um perfil alternativo ao "revolucionarismo" pecebista da direção, o que permite compreender a heterogeneidade nas traduções trazidas pela *Temas* como parte da construção de um projeto de intervenção na linha cultural e política do PCB. E, de forma geral, na criação de um campo ampliado que se direcionasse ao espectro progressista, sobretudo no meio intelectual. A *Temas*, enquanto periódico atento à produção acadêmica e à conjuntura política, de forma concomitante, resume essa dinâmica. Esse processo confere uma atualidade à sua produção, estendendo a lógica da tradução em tempo real e tornando-se um mecanismo vivo de análise, sobretudo por seu caráter político de intervenção na conjuntura latente. Nesse contexto, seu dinamismo interno, as disputas que perpassam cada volume, a escolha dos textos traduzidos e, mesmo no caso de artigos nacionais, a opção por articular ou referenciar determinados autores, também importam na construção do periódico e apontam para sua vitalidade.

*b. Artigos*

O que também se observa no levantamento dos artigos, onde a circulação das discussões que permeavam o campo acadêmico-intelectual e, ao mesmo tempo, partidário aparecerem sob a ótica das temáticas utilizadas pelos autores em suas publicações. Em suma, o papel cumprido pelas traduções também aparece nos artigos, sejam eles publicações inéditas ou não. Nesse sentido, a participação predominante de nomes do marxismo brasileiro e internacional revela uma busca pelo diálogo com demais periódicos do período, tanto pelo intercâmbio de autores e textos quanto pela inserção nas pautas que permeavam o meio acadêmico no período. Desse modo, as discussões circulam em torno do debate acerca da

intelectualidade, o totalitarismo, a economia e a cultura, além de uma atenção especial à questão agrária e à democracia.

Neste perfil, o primeiro volume é exemplar em trazer diálogos com demais periódicos e assentar um perfil de debate e circulação na intelectualidade, sobretudo de ênfase marxista. A edição traz a publicação de cinco artigos, com aparição restrita dos autores que compõem o Corpo Diretivo, ou seja, são publicados artigos de Nelson Werneck Sodré, José Chasin, Gildo Marçal Brandão e Marco Aurélio Nogueira. Nos três primeiros casos, publicações que remetiam à sua trajetória: Sodré publica o primeiro volume da "História do ISEB", publicação organizada em três volumes na *Temas*. Chasin publica parte de seu estudo sobre o totalitarismo e Brandão apresenta o artigo "Totalidade e Determinação Econômica" apresentado como parte de um estudo financiado pela FAPESP[24], discutindo a questão econômica. Já Marco Aurélio apresenta um texto inédito articulando os conceitos de "racionalidade" e "burocracia" em Weber, na linha das discussões com a intelectualidade e o ecletismo das Ciências Sociais, central para a *Temas*.

Chama a atenção, ainda no primeiro volume, a publicação do texto "Caio Prado Júnior e a questão agrária no Brasil" de Braz José de Araújo articulando os conceitos de Caio Prado Júnior, em especial sua atuação na *Revista Civilização Brasileira*, reconhecendo Caio Prado como "introdutor da moderna ciência social no Brasil" (Temas de Ciências Humanas, 1977). O destaque à esta publicação aparece não só pela discussão e referência a Caio Prado, na tentativa de localizar a revista no meio acadêmico, sobretudo paulista, por onde circulou, mas também pela introdução à discussão sobre a questão agrária, que aparecerá de forma recorrente no periódico. O texto é apresentado como a introdução de uma série de pesquisas sobre a questão agrária no Brasil, que não aparecem na *Temas*, já que o artigo é *filho único* de Braz José de Araújo na revista, apesar da persistência do tema nos próximos volumes.

A recorrência da temática agrária se confirma nos volumes seguintes, articulada sob a ótica da "via prussiana", reincidente em artigos publicados nos volumes quatro, sete e oito, com destaque para o texto de Ivan Ribeiro: "A importância da exploração familiar camponesa na América Latina" (4º volume, 1978) cuja abordagem do conceito leniniano o consagrou no meio dos estudos agrários e da formação social brasileira, inclusive com relativa importância

[24] O estudo e a experiência de Sodré com e sobre o ISEB serão marcos de sua trajetória (SODRÉ, 2011). Nesse mesmo sentido, o texto publicado por José Chasin está relacionado aos estudos que compuseram sua tese de doutorado, defendida em 1977, com o título "O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio". Quanto a Brandão, seu artigo integra o projeto temático da FAPESP e foi reapresentado anos depois, em: BRANDÃO, Gildo Marçal. Totalidade e determinação econômica. In: COELHO, Simone de Castro Tavares (org.). Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2010.

para o texto publicado na *Temas*[25]. Sobretudo no contexto em que o uso da "via prussiana" como forma de reconstrução da história brasileira e, em casos particulares, como estratégia de superação do capitalismo encontravam espaço no meio intelectual e partidário do período, marcado por publicações como "A Democracia como valor universal", publicado em 1979 por Carlos Nelson Coutinho que, apesar de não aparecer na *Temas* levanta a discussão e reforça o ambiente político e intelectual no qual o periódico se inseriu.

Ainda assim, apesar da relevância assumida pelo texto de Coutinho na conjuntura intelectual, sua participação na *Temas* é pontual, com a publicação dos textos "Kafka: Pressupostos históricos e reposição estética" (vol. 2, 1977), em que o autor apresenta uma relação da obra de Kafka e sua relação com Lukács[26]; a tradução do texto de Lukács "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem" (vol. 4, 1978) e o artigo "Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil", anteriormente apresentado no curso de história do Brasil promovido pela AUPHIB (Associação de Universitários e Pesquisadores de História do Brasil) e referenciado em Gramsci[27]. Chama a atenção, ainda, a tradução de "Sexo e Sociedade" do italiano Luciano Gruppi, apresentado pelo autor no Instituto de Estudos Comunistas Palmiro Togiatti, publicado na *Crítica Marxista* de maio de 1974 e traduzido por Amélia Coutinho, militante também exilada na Europa e companheira de Carlos Nelson Coutinho.

Assim, a participação de Carlos Nelson Coutinho na ponte entre o Brasil e a literatura marxista que circulou na Europa nos anos 1970, sobretudo na Itália, é fundamental, Coutinho vivenciou o exílio na Itália entre 1976 e 1977, trazendo consigo as referências e movimentações do Partido Comunista Italiano (PCI):

---

[25] Ivan é lembrado por seus companheiros como referência, como demonstra o texto de Raimundo Santos, publicado em 2006, em que, além de referenciá-lo, evidencia a relação e relevância do autor com o conceito de "via prussiana": "A propósito disso, recorde-se que, em um de seus artigos publicados no *Jornal da República* em 1979, Leandro Konder chama a atenção para o fato de que, entre os autores que àquela época mobilizam o conceito leniniano de "via prussiana", já estava Ivan Ribeiro, por conta do seu texto chamado "A importância da exploração familiar camponesa na América Latina", publicado na revista de São Paulo, *Temas de Ciências Humanas,* em 1978 (Konder, 1979; 1980)" (SANTOS, 2006).

[26] Coutinho mantinha uma relação pessoal com Lukács, registrada por suas correspondências. Como exemplo dessa relação, há, ainda, o prefácio do livro de Coutinho, "O Estruturalismo e a Miséria da Razão" (1972), em que o autor descreve: "Estimulado por uma carta que Lukács me escreveu em 26 de fevereiro de 1968- na qual dizia explicitamente que o estruturalismo era, naquele momento, "o maior obstáculo a um desenvolvimento do marxismo"- resolvi redigir um texto teórico de combate ao estruturalismo, baseado metodologicamente nas indicações ontológicas que o último Lukács fizera em algumas entrevistas (o livro *Ontologia do ser social* era ainda inédita na época) (COUTINHO, 2010a, p. 5).

[27] O nome da conferência, publicada na *Temas* em forma de artigo, faz referência ao livro de Gramsci: "Os Intelectuais e a Organização da Cultura", publicado no Brasil pela *Civilização Brasileira* com tradução de Carlos Nelson Coutinho.

> Quando chegou exilado à Itália em março de 1976, CNC pôde testemunhar e viver de perto o clima da herética evolução do Partido Comunista Italiano (PCI), que vinha se fazendo aos poucos desde o VIII Congresso (dezembro de 1956), sob os influxos dos efeitos disruptivos do XX Congresso do PCUS (janeiro de 1956), da doutrina canônica do marxismo-leninismo até o chamado eurocomunismo (MENESES, 2013, p. 677).

Evidenciando uma relação entre os textos e as figuras que permite observar uma confluência na publicação de textos do marxismo internacional e os autores no exílio, em contato com as discussões dos partidos comunistas internacionais, principalmente na França e Itália. Relação que, na *Temas*, ocupou lugar central, sobretudo a partir da mediação de Marco Aurélio Nogueira e José Chasin, responsáveis pela conexão entre a revista e os intelectuais do partido na Europa, em contato com Carlos Nelson Coutinho, Mauro Malin, Leandro Konder e Ivan Ribeiro, o que tornou possível essa elaboração do exílio dentro da *Temas*. Desse modo, assim como Ivan Ribeiro e Coutinho, Leandro Konder atua na *Temas* com a publicação de cinco textos, entre eles a tradução de "Carta sobre o Stalinismo" (vol. 1, 1977), o artigo "Rebeldia, Desespero e Revolução no Jovem Lukács" (vol. 2, 1977) e a entrevista "A autocrítica do marxismo" (vol. 4, 1978) concedida pelo húngaro para Konder em 1969. Além disso, Konder publica os artigos "Hegel e a Práxis" no 6º volume e "O PCB no Imediato Pós-Guerra (1945-46)" (vol. 8, 1980).

A partir das publicações de Konder, é possível perceber como, assim como nas traduções, os artigos destacam a importância do pensador húngaro na construção da revista, evidenciando sua influência com a recorrência de seus conceitos e temáticas. Isso é particularmente evidente nos textos de José Paulo Netto, com destaque para o artigo "Lukács e a problemática cultural da Era Stalinista" (vol. 6, 1979) no qual o autor defende uma visão anti-dogmática de Lukács em relação ao Stalinismo, explicitada na nota de rodapé que acompanha o artigo.:

> [...] recuso-me quer a considerar Lukács um sequaz da dogmática, quer a idealiza-lo acima dela- penso que as conexões entre Lukács e as consequências do modelo de socialismo que derivou do fracasso da Revolução concebida "classicamente" (isto é: no Ocidente industrializado e burgûes) são multívoca e particularmente complexos [...] gostaria que a posição evidenciada agora (dezembro de 1978) fosse tomada como meu trânsito de uma "lukacsofilia" sincera para uma apreciação *crítica* do extraordinário pensador (NETTO, 1979, p. 17).

A presença de Lukács nos artigos se mantém recorrente até o sétimo volume, momento a partir do qual a revista ganha discussões conjunturais, como nos artigos de Luiz

Werneck Vianna[28] "Notas sobre a Conjuntura Brasileira"[29] (8º volume, 1980) e "ABC 1980: A Dura Luta pela Conquista da Cidadania Operária" (9º volume, 1980), originalmente publicado no semanário *Voz da Unidade* (São Paulo, nº 5 (de 01 a 07 de maio de 1980) e 7 (de 15 a 21 de maio de 1980). Nos textos, Werneck apresenta uma leitura da conjuntura da transição a partir do movimento operário, realizando um balanço da atuação comunista frente às greves e destacando a relação entre embasamento teórico e leitura conjuntural. O conteúdo e perfil dos textos publicados por Werneck na *Temas* atentam para a transformação da revista, com maior atenção às questões políticas e conjunturais. Diferente do que se desenhou anteriormente, quando a revista optava por textos de perfil teórico, ainda que vinculados às questões políticas.

De forma recorrente, aparecem artigos sobre o Partido Comunista Brasileiro, com destaque para a trilogia da "Contribuição à História do PCB" publicada por Nelson Werneck Sodré. Em contrapartida, a presença de Antonio Gramsci entre os artigos da *Temas* é escassa. Diferentemente de Lukács, Gramsci ganha uma projeção maior no âmbito das traduções e no impacto que sua presença causa no periódico, a partir do qual os intelectuais se movimentam. Assim, recortando os artigos, o autor italiano aparece apenas duas vezes, no artigo de João Agostinho A. Santos, "Gramsci: Ideologia, Intelectuais Orgânicos e Hegemonia" (vol. 9, 1980), e a Conferência "Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil" (vol. 10, 1981) apresentada por Carlos Nelson Coutinho em 1980 à AUPHIB e republicada em forma de artigo na *Temas*. Assim, percebe-se como a absorção de Gramsci na *Temas*, inclusive sob a ótica dos artigos, é reflexo das diferentes fases enfrentadas pela revista. Neste caso, os artigos que fazem referência ao italiano aparecem após o 8º volume, quando há uma alteração na organização editorial do periódico, com transformações no Corpo Diretivo e seu impacto nos textos publicados na revista.

---

[28] A partir da reconstrução da época, sobretudo a partir de entrevistas, compreende-se que Luiz Werneck Vianna não integrou o grupo da *Temas* por divergências ideológicas e políticas, como relembra Lahuerta: "Mas, ele não tinha muita afinidade com o grupo que viria a fazer *Temas*. Isso se devia a um estilo intelectual distinto, com mais atenção à política e à correlação de forças, do que às questões doutrinárias. Werneck sempre tivera muitas reservas a Lukács. Anos mais tarde, perguntado sobre isso, respondeu-me: "Lukács não tem política, aquilo ali é um verdadeiro muro, você olha e não vê nada, só vê um breu. Não dá! Eu sou um cara da política, quero encontrar a passagem. Sou leninista, quero a ação. Não dá para ficar só nessa discussão em torno do método. É claro que para ser marxista é preciso ser metodologicamente bem fundado, mas isso não funciona por si". (SILVA, 2021b, p. 371).

[29] O texto, no entanto, não é de publicação inédita na *Temas*. Seu original encontra-se na revista portuguesa *Raiz e Utopia* e foi republicado na *Temas.*

*c. Documentos*

Transição entre fases que também observa-se nos documentos. Para a *Temas*, a publicação de documentos significava o reforço da historiografia que buscavam evidenciar, sobretudo sob a ótica socialista. Neste mapa das publicações, a *Temas* reforça seu caráter de fusão e disputa entre teoria e prática, como haviam se proposto:

> Propõe-se fundamentalmente a publicar textos voltados para o exame dos objetos pertinentes a esta área do conhecimento. Busca, também, rechaçar a especulação estéril, a atividade teórica fechada em si mesma e, por extensão, aceitar e ser fiel à teoria que procura investigar, por detrás das aparências e manifestações fenomênicas, a estrutural social real, a prática efetiva dos homens; em outros termos, que se empenha em realizar análises concretas de situações concretas, operar colada ao real (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VII).

Em que a tentativa de unir a produção teórica e a prática política aparece com ênfase, expresso na produção de análises da "realidade concreta". Com o rechaço à atividade teórica fechada e restrita em si, isto é, a produção acadêmica que não dialoga para além de suas fronteiras, personificada no "positivismo" de fundo "eclético" presente nas Ciências Sociais Brasileiras. Contra quem a *Temas* buscou se posicionar apresentando um periódico que prestasse serviço à comunidade universitária em nível "didático-pedagógico" (Temas de Ciências Humanas, 1977, p. VIII). Ao longo da trajetória da revista são publicados poucos documentos, em um demonstrativo de que a preocupação inicial de republicação documental, tão reforçada nos primeiros editoriais, acaba se perdendo com o andamento da publicação. Entre os 10 volumes, *Temas* publica apenas quatro documentos enquanto, em um comparativo, são publicadas cerca de 60 artigos e 20 traduções.

No primeiro volume é publicado o "Manifesto da Associação Industrial (1881)" (vol. 1, 1977), justificado por carregar a "essência" dos elementos que compõem a industrialização brasileira. Nos volumes 02 e 04 aparecem, respectivamente, o "Manifesto do Partido Socialista Brasileiro (1902)" (vol. 2, 1977) e o "Parecer sobre a criação da Inspeção de Algodão em Pernambuco (Recife, 10 de junho de 1867)" (vol. 4, 1978). O documento que chama a atenção, no entanto, é a republicação da "Resolução Política do CE da Guanabara do PCB (Março de 1970)" (vol. 10, 1981), acompanhado de uma apresentação redigida por Armênio Guedes no 10º volume da *Temas*. No texto, Armênio crítica a adesão à luta armada:

> Muitos- pessoas e organizações-, levados pelo desespero e pela falta de perspectiva, se deixaram arrastar, com base numa análise falsa, para as posições da luta armada e

> do uso indiscriminado da violência, como formas únicas e exclusivas de ação política no combate para liquidar a ditadura (GUEDES, 1981, p. 71).

Além de defender uma saída democrática ao regime, impondo sua derrota e intensificando a formação de *frentes* em oposição à ditadura:

> Devemos partir de ações parciais em todos os níveis do movimento de massas ou dos acordos de cúpula, a fim de conseguir que aquele sentimento passivo vá tomando forma, pouco a pouco, até se transformar num grande movimento nacional, em frente única, que englobe os sindicatos, o movimento estudantil, a Igreja Católica, os partidos e os políticos da oposição- um movimento que expresse, em nível superior, a rebeldia brasileira contra o processo de fascistização do país (GUEDES, 1981, p. 86).

O texto é a única aparição de Armênio Guedes na revista, apesar de seu papel de referência política para a geração que compõe a *Temas*[30]. O documento reforça a predileção da revista por uma linha que discute a política sob a perspectiva de uma "democracia que se abre ao socialismo", contrária às alternativas guerrilheiras. Esse posicionamento dialoga diretamente com o momento conjuntural em que *Temas* se inseriu, dentro de seu contexto político e intelectual, no qual a discussão estratégica se centrava nas alternativas para alcançar a democracia.

Na *Temas*, a republicação do documento de Armênio rememora a publicação de 1970 reafirmando o valor de uma tradição e linha política, inclusive fazendo frente à "Resolução de 1978"[31], reforçando sua posição na disputa interna do partido e, de modo geral, no contexto de disputa por novos centros hegemônicos dentro do marxismo nacional, a partir da absorção e centralidade de novas referências, somado ao contexto histórico e político em questão.

---

[30] Esta relação é descrita por muitos dos intelectuais e militantes do partido que conviveram com Armênio, como exemplo, a entrevista concedida por Milton Lahuerta destaca a relação de referência político-intelectual ocupada por Armênio: "Ou seja, o que eu quero dizer é que, dentro do ambiente da renovação, havia posições muito diferentes. Sem dúvida, a figura mais emblemática era o Armênio Guedes. [...] Era o Armênio que articulava esse pessoal. E, num certo plano, para a minha geração, ele era uma espécie de patrono. Ele sempre foi uma figura sensacional. Morreu com quase 100 anos. Encontrar o Armênio era um deleite. Sempre foi uma pessoa extremamente afável. Quando o conheci, eu devia ter 26 anos, se tanto, ele tinha 60. E a gente conversava como dois amigos da mesma idade" (SILVA, 2021b, p. 392).

[31] Trata-se da "Resolução Política de 1978", publicada em novembro de 1978 no jornal *Voz Operária*. Na resolução, a necessidade pela linha democrática é reforçada, além da defesa de construção de um Partido Comunista para as massas, como observa-se em: "Justamente por isso (*o desgaste do regime militar)* nossa atividade deve estar voltada para a ampliação e o fortalecimento da unidade de todas as forças que se opõem ao regime, para a organização destas forças, na luta pelas liberdades democráticas. Assim, nossa principal tarefa é lutar pela mobilização, organização e participação permanente da classe operária e demais setores populares no processo político em curso" (PCB, 1980, p. 293). O documento foi republicado em 1980 no livro "PCB: vinte anos de política - Documentos (1958-1979)", organizado pelos "renovadores" com introdução de Marco Aurélio Nogueira, o excerto acima foi extraído desta publicação.

A revista explorou qual deveria ser a estratégia a ser seguida na luta pela democracia e pelo socialismo no Brasil, abordando o Partido em suas diferentes vertentes, com forte influência da produção comunista do exílio, como aponta Raimundo Santos:

> Esse pecebismo vai reaparecer mais perfilado como pensamento oficial na chamada elaboração do exílio (1976-1979). Esse era um momento em que o PCB recebe novas influências, até mesmo do temário eurocomunista daqueles PCs com os quais se relacionara a parte da direção pecebista que migraram para a Europa após as prisões e desaparecimentos de 1975- influxos que se fazem presentes nas resoluções que o Comitê Central então adota, procurando consubstanciar a estratégia democrática contra o regime de 1964 (SEGATTO; SANTOS, 2008, p. 37).

Assim, evidencia-se como a revista é expressão do duplo movimento que marcou a conjuntura nacional no momento de sua criação. Por um lado, o impacto da repressão sob os comunistas, que obrigou uma reordenação nas estruturas partidárias e abriu espaço para novas direções e contextos intelectuais. Por outro, a adesão às estratégias que centralizavam a democracia como forma de superação para o regime militar em discussões que ganharam espaço dentro e fora do Partido[32].

### *1.2. Corpo Diretivo*

Dessa forma, considerando a intensa relação de debates internos na revista, torna-se fundamental dar rosto às figuras que compuseram esta iniciativa editorial a partir de uma reconstrução do Corpo Diretivo e suas variações. A *Temas* inicia concentrada em quatro nomes: Marco Aurélio Nogueira; Gildo Marçal Brandão; José Chasin e Nelson Werneck Sodré. Composição que se altera a partir do oitavo volume da revista e passa a incorporar diferentes nomes e vertentes de pensamento, assim como um desalinhamento com antigos nomes, como José Chasin, que deixa o Corpo Diretivo no décimo, e último, volume. Mudanças que indicam processos de rupturas e fusões capazes de expressar um movimento na linha editorial como consequência dos debates políticos movimentados pelos intelectuais que atuaram com o grupo, somado às transformações conjunturais, o que resultou nas transformações do Corpo Diretivo da revista. De início, a revista é fundada com quatro nomes: Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão, José Chasin e Nelson Werneck Sodré e publicada pela Editorial Grijalbo Ltda., já sob responsabilidade de Raul Mateos

[32] Como expresso em documentos como a "Resolução de 1978", publicado pelo Comitê Central do Partido no *Voz Operária,* sem citação na *Temas*, reforçando a animação com a explosão sindical do final da década, o enfraquecimento do regime movido pela situação operária e econômica, a conjuntura internacional, a união de forças de oposição ("Resolução Política", 1978) e a própria Lei da Anistia, de 1979 que, a partir da volta dos presos políticos, resulta em uma reestruturação interna, com o retorno dos quadros dirigentes do exílio.

Castell, que anos a frente assume a Livraria Editora de Ciências Humanas, responsável pela publicação da *Temas* a partir de seu terceiro volume, de 1978.

A formação deste grupo inicial é marcada por uma afinidade teórica e união de diferentes gerações e momentos de vida, como sugere Gildo Marçal Brandão:

> Nós éramos mais marxistas do que comunistas e nós, pra ter uma ideia, nós convidamos pra fazer parte do comitê editorial da revista duas figuras modelares na época. Uma era o Nelson Werneck Sodré, que era mais distante da gente, e outra era Caio Prado Júnior. Nós convidamos os dois pra balizar "eis de onde nós somos, de onde nós viemos". Era pra dizer, sem dizer, nós éramos dessa tradição. O que tinha na época era o que? O Cebrap, Cedec... O Caio Prado não aceita. O Nelson Werneck aceita. Então, a revista foi feita por mim, pelo Marco, que foi quase que um secretário editorial, o Raul que era o dono da editora e fazia parte também, embora não aparecia o nome, mas, era o dono da editora". (BRANDÃO, 2010).

Reforçando a ativa participação de Sodré, mesmo que de forma catedrática, na construção do periódico:

> Recordo-me das cartas que trocamos e das inúmeras reuniões da Comissão de Redação da revista *Temas de Ciências Humanas*, que com ele integrei na segunda metade dos anos 70. O «general» não se cansava de defender o diálogo com os jovens estudantes e pesquisadores (NOGUEIRA, 1999).

Sodré levou para a *Temas* seus anos de tradição, reforçando seu papel simbólico *de peso* na construção de um periódico que acabara de nascer, tornando-se o autor mais recorrente na *Temas*, presente em oito volumes da publicação. A característica definidora de seus artigos, no entanto, demonstram seu distanciamento do cotidiano da publicação. Em grande medida, são textos que vieram de livros e coletâneas do autor, à exemplo dos artigos sobre a História do ISEB, presentes nos três volumes iniciais de *Temas* e anteriormente publicado no livro "A verdade sobre o ISEB", de 1978 e os textos "Contribuição à História do PCB", também publicados em livro. Com isso, sua presença ocupa um referencial teórico importante para a consolidação e reconhecimento da *Temas* no meio acadêmico, mesmo que, nas diferentes narrativas posteriores, esteja acompanhado de um afastamento na relação com as questões diárias e editoriais da revista, Sodré acompanhou a *Temas* até seu fim, em 1981.

Outra figura de longa trajetória no Corpo Editorial da *Temas* é José Chasin. Central na construção da revista, Chasin carregava em seu histórico a publicação de Georg Lukács no Brasil, com "Existencialismo ou Marxismo" (1967), publicado pela Editora Senzala[33], além

[33] Chasin foi o fundador responsável pela Editora Senzala nos anos 1960 (SARTÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008, p. 239). Há, ainda, uma troca de cartas entre Chasin e Lukács em 1966 solicitando a liberação de "História e Consciência de Classe" para tradução e publicação no Brasil, pedido negado pelo húngaro que solicitou tempo à

de uma articulação com o grupo de Caio Prado Jr. na *Revista Brasiliense,* ainda nos anos 1960[34]. A aproximação com Nelson Werneck Sodré, Marco Aurélio e Gildo Marçal Brandão se dá na Escola de Sociologia e Política, local em que defende sua tese de doutoramento em 1977. Na *Temas,* integra o Corpo Editorial por 9 volumes, além da publicação de quatro artigos, que o coloca como o segundo autor mais presente no periódico. Dentre suas contribuições, destacam-se: "Sobre o conceito de Totalitarismo" (vol. 1, 1977) e "Conquistar a democracia pela base" (vol. 6, 1979).

Ainda no Corpo Diretivo da *Temas*, restam as participações de Marco Aurélio Nogueira e Gildo Marçal Brandão, que acompanham toda a trajetória do periódico, acompanhando suas diferentes alterações. Brandão e Nogueira se aproximavam geracionalmente na construção da revista, sobretudo em comparação aos nomes de Nelson Werneck Sodré e José Chasin. Além de compartilhar, entre si, o cruzamento de iniciativas partidárias, a relação com a universidade e a visão sobre a revista, de caráter teórico político:

> (Gildo) Quanto ao outro lado da questão, não é verdade que desde o início TEMAS não tenha publicado textos voltados para o exame das questões imediatas. Ao contrário, não só em todos os números há artigos dedicados a esse exame como, se vocês lerem bem, verão que a polêmica política está embutida em todos os ensaios publicados, inclusive naqueles que se situam em um elevado nível de abstração (Temas de Ciências Humanas, 1980).

Brandão enxergava o papel político da *Temas* a partir da inserção da revista em um Brasil que via avançar a classe trabalhadora, mesmo que a passos lentos, o que justifica a opção por uma revista "radicalmente democrática". Assim, o autor destaca-se entre os intelectuais comunistas por sua trajetória partidária focada na linha editorial, além da vida universitária, em que firmou-se enquanto nome de referência acadêmica, sobretudo nos estudos comunistas[35].

De origem alagoana, Gildo M. Brandão ingressou no Partido nos idos dos anos 1970, permanecendo até meados dos anos 1980, no movimento de saída dos quadros intelectuais que marcou o Partido no período. Em sua trajetória, destaca-se a atividade editorial, sobretudo no jornal *Voz da Unidade* e, posteriormente, o trabalho na Universidade. Assim como Nogueira, Brandão acompanha a *Temas* em toda a sua trajetória, com maior aparição na

---

Chasin, pois estava no processo das reflexões que levaram à escrita do "Prefácio" publicado em 1967 em que Lukács apresenta uma autocrítica à sua própria obra (COTRIM; FILHO, 1999; REPA, 2023).

[34] Nesse sentido, o artigo de Bernardo Ricupero "A aventura brasileira do marxista Caio Prado Jr", publicado na *Revista de Sociologia e Política*, em 1997, clarifica a relação entre Caio Prado e Chasin, inclusive a partir da publicação de artigos de Chasin na *Revista Civilização Brasileira* (RICUPERO, 1997, p. 62).

[35] Anos depois, Brandão se dedicará a um estudo da esquerda brasileira e à própria relação do PCB e suas estratégias e táticas políticas, ver em (BRANDÃO, 1995, 1997, 2005).

editoração do periódico, em contrapartida à participação em textos e traduções, ainda assim, é responsável pelo artigo "Totalidade e Determinação Econômica" (vol. 1, 1977), a tradução de "Projeto de declaração da redação de Iskra e de Zariá"[36] (vol. 5, 1979), de Lenin, traduzido em conjunto com Marco Aurélio e a entrevista concedida à AUPHIB no oitavo volume.

Por fim, nas trajetórias individuais, Marco Aurélio Nogueira encerra o Corpo Diretivo inicial da *Temas*. Sua biografia é marcada pela Escola de Sociologia e Política, local em que cursa a graduação em Ciências Políticas e Sociais entre 1969 e 1972, e pela Universidade de São Paulo, onde concluiu o doutorado em 1983 com a tese "Joaquim Nabuco: a Monarquia e a República", além da relevância fundamental da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), onde atua como docente. Sua trajetória político-partidária no PCB é relativamente curta, com início em 1979 e fim em 1983, e destaque para a participação na "linha cultural do partido", auxiliando na editoração do *Voz da Unidade*, entre 1980 e 1981, ao lado de Brandão e Davi Capistrano Filho. Para além do Partido, Marco Aurélio é responsável pela editoração da *Temas* e, anos depois, da *Presença- Revista de Cultura e Política* (1983-1992), além do auxílio em inúmeras traduções, sobretudo de Antonio Gramsci. Na *Temas*, é o autor com o maior número de traduções, com destaque para o "Alguns temas da questão meridional" (vol. 1, 1977) de Antonio Gramsci e "Teses sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado" (vol. 7, 1980) de Lenin. De autoria própria, Marco Aurélio publica dois artigos: "Max Weber: a Burocracia e as Armadilhas da Razão" (vol. 1, 1977) e "Anotações preliminares para uma história crítica da Sociologia" (vol. 3, 1978), além da entrevista concedida à AUPHIB no oitavo volume. Textos que "eram carregados de "paixão metodológica" e inseridos por inteiro no clima da revista" (NOGUEIRA, 2017b).

Chama a atenção o texto "Anotações preliminares para uma história crítica da Sociologia" (vol. 3, 1978) em que a discussão circunda a Sociologia brasileira em uma briga contra o ecletismo, eleito como *inimigo* da *Temas,* como descreve Marco Aurélio Nogueira:

> O "ecletismo" à brasileira – uma mistura, comandada pela sociologia, de "ética de esquerda com epistemologia de direita", como falávamos seguindo o léxico de Lukács – se nos afigurava como um obstáculo a ser transposto, um passo obrigatório na batalha ideológica que se travava na esquerda brasileira (NOGUEIRA, 2017b).

[36] Chama a atenção o perfil de texto traduzido por Brandão, rememorando a participação e a importância da editoração para o movimento comunista soviético na figura das editoras Iskra e Zariá. No contexto comunista brasileiro dos anos 1980, Brandão tornou-se uma referência editorial, atuante em diversos periódicos, com destaque para o *Voz da Unidade*. A tradução do texto de Lenin, nesse sentido, serve como um exemplo do perfil organizativo em formação dentro da *Temas*, refletindo a maneira como Brandão contribuiu para a estruturação e disseminação do pensamento político nesse período.

Enquanto experiência formativa, foi na *Temas* em que Nogueira vivenciou, pela primeira vez, o papel de "agitador cultural", ocupando um espaço importante em sua trajetória intelectual:

> Vivi *Temas* intensamente. A revista durou até 1981, depois de ter passado por algumas crises. Nela, me testei como cientista social e comecei a atuar como tradutor. Aprofundei e consolidei a relação com Gildo Marçal Brandão e Raul Mateos Castell. Através dela, pude estabelecer contato com pessoas que se tornariam decisivas em minha trajetória intelectual: Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques, Nelson Werneck Sodré e José Paulo Netto. Mantive com eles (que estavam no exterior, no Rio de Janeiro ou em Juiz de Fora) uma correspondência caudalosa, sistemática, repleta de reflexões teóricas e políticas, carregadas de afeto e de recíproca disposição para trabalhar pelo reencontro dos comunistas brasileiros (NOGUEIRA, 2017b).

No periódico, Marco Aurélio atuou como editor, tradutor e autor.

A partir desses nomes, a *Temas* consolida seu Corpo Direito de forma sólida nos oito primeiros volumes, ainda que heterogêneo nos posicionamentos. Com a intensa participação de Brandão e Nogueira, além da atuação de José Chasin e a figura emblemática de Nelson Werneck Sodré. Há, no entanto, uma virada nesta composição a partir do oitavo volume, de 1980, em que o Corpo Diretivo distribui-se entre "Editores" e "Conselho Consultivo" com o acréscimo de nove nomes: Antonio Pinheiro Machado Neto, Carlos Nelson Coutinho, David Capistrano Filho, Denis Bernardes, João Batista de Andrade, José Paulo Netto, Leandro Konder, Paulo Cavalcanti e Raul Mateos Castell.

Transformação que pode ser observada no quadro abaixo:

TABELA 02 - COMPOSIÇÃO DO CORPO EDITORIAL - REVISTA *TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS*

| **Composição do Corpo Editorial - Revista *Temas de Ciências Humanas*** | |
|---|---|
| **Volume** | **Organizadores** |
| 1 | N/C |
| 2-7 | Marco Aurélio Nogueira; Gildo Marçal Brandão; José Chasin; Nelson Werneck Sodré |
| 8 | Editores: **Marco Aurélio Nogueira, Nelson Werneck Sodré.** Conselho Consultivo: Antonio Pinheiro Machado Neto, Carlos Nelson Coutinho, David Capistrano Filho, Denis Bernardes, **Gildo Marçal Brandão**, João Batista de Andrade, **José Chasin**, José Paulo Netto, Leandro Konder, **Marco Aurélio** |

| | |
|---|---|
| | **Nogueira, Nelson Werneck Sodré**, Paulo Cavalcanti, Raul Mateos Castell |
| 9 | Diretores**: Marco Aurélio Nogueira, Nelson Werneck Sodré**; Conselho Consultivo: Antonio Pinheiro Machado Neto; Carlos Nelson Coutinho. David Capistrano Filho; Denis Bernardes; **Gildo Marçal Brandão**; Jaime Labastida (México); João Batista de Andrade; **José Chasin**; José Paulo Netto; Leandro Konder; **Marco Aurélio Nogueira; Nelson Werneck Sodré;** Paulo Cavalcanti; Raul Mateos Castell |
| 10 | Diretores: **Marco Aurélio Nogueira, Nelson Werneck Sodré**; Comissão de redação: Antonio Carlos R. Moraes, Carlos Eduardo J. Machado, Celso Frederico, José Paulo Netto, Milton Lahuerta, Raul Mateos Castell, Wanderley Messias da Costa. Conselho Consultivo: Antonio Pinheiro Machado, Braz José de Araujo, Carlos Nelson Coutinho, Denis Bernardes, Edgard de Assis Carvalho, Edgard Carone, Edgar Luis de Barros, **Gildo Marçal Brandão**, Gilvan P. Ribeiro, Jaime Labastide (Méximo), João Agostinho A. Santos (Portugal), João Batista de Andrade, José Antonio Segatto, José Carlos Estevão, Leandro Konder, Martin Cesar Feijó, Michel Zaidan Filho, Reginaldo Forti, Sergio de la Peña (México) |
| Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da coleção da revista *Temas de Ciências Humanas* (1977-1992). | |

E descrita por Marco Aurélio, já de forma retroativa, como a mudança de "fase" no periódico, com a transformação política da revista. Nesta leitura, a *Temas* se organiza em um primeiro momento "fortemente metodológico" e uma segunda fase "política" de expansão do impacto da revista na luta democrática (NOGUEIRA, 2017b). O movimento coincide com a conjuntura nacional de Anistia, promulgada no ano anterior, e o evidente enfraquecimento da ditadura militar, além da recomposição das estruturas partidárias, o ânimo com as movimentações sindicais e as discussões de regime, forma de governo e democracia ocupando o centro das preocupações de militantes, ativistas e intelectuais.

Nesta reconstrução narrativa, realizada por Nogueira, a primeira fase referenciou-se, principalmente, em Lukács, na valorização de um certo "marxismo ortodoxo"[37]. Já a segunda fase, marcada pela definição de Marco Aurélio Nogueira e Nelson Werneck Sodré como

[37] A existência de um "marxismo ortodoxo" que contemple Lukács como representante requer maiores estudos, a fim de compreender quais as categorias o localizam nesta ortodoxia. No entanto, há um reforço entre os intelectuais que participam da experiência da *Temas* em associar o "marxismo ortodoxo" à uma relação com o método e não ao dogmatismo, comumente vinculado à tradição marxista soviética.

editores e a expansão do Conselho Consultivo, volta-se para o crescimento do programa de trabalho da revista, a fim de confluir para a luta democrática. Mas, para além da reconstrução póstuma de sua experiência, as alterações no Corpo Diretivo também são acompanhadas por alterações em seu perfil de publicação: os volumes perdem a "Apresentação" que acompanhou todos os volumes anteriores -no oitavo, há a publicação de uma entrevista de balanço concedida por Nogueira e Brandão à AUPHIB-, além de um olhar mais imediato à conjuntura e o posicionamento do periódico, destacando-se o artigo de Luiz Werneck Vianna "Notas sobre a Conjuntura Brasileira" (vol. 08, 1980), a conferência "Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil" de Carlos Nelson Coutinho (vol. 10, 1981) e a aparição do documento: "Resolução Política do CE da Guanabara do PCB (Março de 1970)-Apresentação" (vol. 10, 1981), acompanhado de uma apresentação redigida por Armênio Guedes. Observa-se, ainda, uma distinção entre as traduções após a alteração na estrutura interna do periódico. De modo geral, a *Temas* abre-se para autores de origens variadas, com a presença assídua de autores marxistas clássicos, sobretudo Marx e Lênin, dando lugar a uma variedade maior de autores estrangeiros, agora contemplando nomes franceses, mexicanos e britânicos como nos textos "Marx: Ciência e Economia Política" (vol. 9, 1980) de Jaime Labastida e o dossiê "A Trilateral ou a Contra-Ofensiva do Imperialismo" (vol. 8,, 1980) organizado pelo Comitê Central do Partido Comunista Francês e publicado originalmente no periódico *Economie et Politique*, de agosto de 1979.

### *1.3. O projeto político (Os textos de apresentação)*

Assim, analisada a revista, resta compreender as *intencionalidades* dos autores, a partir da expressão nos Editoriais, sobretudo em um ambiente de disputa pelos rumos do regime político do país que marcou o surgimento da *Temas*. Lógica a partir da qual sua existência ocupa o local da disputa por um marxismo alternativo à orientação soviética, com o objetivo de intervenção na linha cultural e política do Partido e, de modo geral, do comunismo no Brasil que, de todo modo, pode ser lido como a construção de um campo em nossa cultura, a partir da disputa pelas traduções e o posicionamento do editorial. Atuação, no entanto, que não ocorreu de forma espontânea para a *Temas* e os intelectuais presentes em sua iniciativa. Por outro lado, desde o princípio, esta intervenção esteve no eixo motivador do periódico. O agir no presente da conjuntura política pré redemocratização com a finalidade de impactar esta mesma conjuntura fez da *Temas* um periódico atualizado em seu tempo, permitindo emprestar a noção de Beatriz Sarlo que assume os periódicos como "bancos de prova" do presente, justamente por sua capacidade de condensar o tempo em sua produção:

são produzidos no presente para o presente, o que faz com que a relação com o público seja direta, tornando-se um espaço de alinhamento e conflito (SARLO, 1992). Nesta perspectiva, a *Temas* enfrentou severas mudanças em seus anos de existência, tanto no contexto a seu redor quanto na estrutura e organização interna do periódico que, ao longo de seus volumes, foram apresentados nos editoriais. Nos oito primeiros volumes, a revista traz um texto de apresentação ao volume, com uma breve descrição da coletânea organizada na edição e um posicionamento frente às suas escolhas. Neste sentido, o primeiro volume possui a relevância de apresentar o periódico ao público. No "Editorial", assinado "pelos editores", a revista reforça o rechaço à "atividade teórica fechada em si mesmo", com críticas ao ecletismo acadêmico das Ciências Sociais brasileiras e reforçando a preocupação em valorizar *certa* trajetória nacional, observado na republicação de textos relevantes e no convite à figuras de peso no ambiente acadêmico, como Caio Prado e Nelson Werneck Sodré.

Quanto ao público, o objetivo é o de atingir, de forma ampla, os que se interessam pelas ciências humanas, deferindo a relação do periódico com a universidade e o círculo em torno do PCB na construção de um periódico ideologicamente orientado. Assim, a *Temas* vêm ao mundo com a tradução de "Carta sobre o Stalinismo" de Lukács, o "Alguns temas da questão meridional" de Antonio Gramsci além do primeiro volume de "História do ISEB", publicada por Nelson Werneck Sodré e textos de José Chasin, Gildo Marçal Brandão, Marco Aurélio Nogueira e Braz José de Araújo.

O segundo e o terceiro volumes acompanham o gás inicial e são publicados respeitando a semestralidade da revista com um esforço Editorial de esclarecer que a uniformidade da *Temas* dá-se pelo método. A partir da preocupação com o rigor científico e a preocupação de tratar "dialeticamente o real", para além de uma uniformidade temática, o que justificaria a composição editorial tão diversa, compondo um verdadeiro "painel" das questões de Ciências Humanas. Quanto à organização dos textos, o esquema inicial segue entre artigos, concentrados nos autores que já participam do Corpo Diretivo; traduções do marxismo internacional, com destaque para a escassez de traduções do original e um protagonismo para textos que já circulavam em periódicos internacionais; e documentos.

O balanço desta experiência, no entanto, não é satisfatório entre os volumes 4 (out/ 1978) e 5 (mar/1979) em que aponta-se para uma falência no objetivo da revista em elaborar um tratamento analítico de seus tópicos. Ainda assim, destaca-se para a singularidade da revista no cenário editorial e cultural nacional, justamente por se recusar aos ecletismos, unindo a "abertura ao real" à tentativa de obter "relativa unidade de posição":

> Recusando no essencial quaisquer ecletismos, TEMAS demonstrou ser possível e, no estágio atual da luta ideológica no Brasil, necessário aliar a abertura ao real, o nível e o rigor teóricos à preocupação de obter uma relativa unidade de posição. Como convém, aliás, a uma publicação que se propõe a formar uma linha de pensamento, a contribuir para a elaboração de um projeto social homogêneo. Nesse sentido, espera ter prenunciado a urgente negação da negação- isto é, iniciado o resgate e a renovação da boa tradição progressista desse país, obscurecida nos últimos anos- da produção teórica e ideológica que ainda domina o cenário intelectual brasileiro (Temas de Ciências Humanas, 1978, p. VII).

Contra esse ecletismo, os volumes da *Temas* acumulam críticas aos diversos autores das Ciências Sociais, entre eles Florestan Fernandes e Max Weber, reforçando sua adesão ao marxismo e em disputa com o ortodoxismo da direção partidária.

O quinto número da publicação apresenta uma extensa reflexão sobre os rumos passados e futuros da revista, indicando uma mudança na conjuntura nacional. Os editores apontam para uma renovação nos ares nacionais, com a intervenção no movimento operário organizado que, em 1978, abriu um novo ciclo na história recente. Momento em que seria necessário pensar em uma teoria capaz de orientar a própria transição, fornecendo os pressupostos de construção de uma nova hegemonia na tentativa de "inserir-se ativamente na realidade concreta do país, formar uma linha de pensamento, tentar criar uma espécie de "intelectual coletivo"" (Temas de Ciências Humanas, 1979, p. VIII).

O objetivo da revista teria de ser, portanto, o de tentar criar um "intelectual coletivo" para a cultura brasileira, servindo como um estímulo para todos. Agora, ao invés de formar um "amplo painel das questões das Ciências Sociais" é necessário juntar forças para intervir e formar uma nova hegemonia, com a construção de um periódico que gere um estímulo para todos, em referência a Gramsci. No Editorial do quinto volume aparece a união entre o método rigorosamente científico de análise da realidade brasileira com a construção de uma nova hegemonia voltada para a democracia, com o caráter "nacional-popular". Ao contrário da primeira aparição da revista, em seu primeiro volume de 1977, os termos e referenciais desta virada são gramscianos. Os volumes seguintes seguem sem os textos de "Apresentação" que antecedem as introduções individuais de cada artigo publicado, mantendo o formato do periódico com destaque para artigos e traduções. E, já neste caso, uma ampliação nas referências teóricas com a maior aparição de autores do marxismo europeu, como é o caso de Luciano Gruppi, presente no sexto volume.

Esse movimento abre campo para as alterações sofridas e anunciadas no 8º volume, representante da virada de chave do periódico para sua fase "mais política" (NOGUEIRA, 2017b). Além de todas as mudanças já discutidas, com impacto no Corpo Editorial e na própria composição da *Temas*, o oitavo volume substitui o tradicional texto de Apresentação

por uma entrevista concedida por Gildo e Marco Aurélio ao boletim da Associação dos Universitários para Pesquisa em História do Brasil (AUPHIB). Na entrevista, Brandão resume a *Temas* à uma "revista científico-política" ao passo que Nogueira a compreende enquanto "revista teórica, voltada para a publicação de textos teóricos de ciências humanas e filosofia" (Temas de Ciências Humanas, 1980). Assim, a revista seria capaz de refletir as forças e fraquezas do marxismo brasileiro na acidentada conjuntura em que se formou e se manteve.

O objetivo era criar uma "revista de posição", em contraste com as publicações de "frente" existentes, fundamentada no "materialismo histórico", com base na realidade concreta do país, e, por isso, oposta ao ecletismo intelectual. Na entrevista (vol. 8, 1980), o objetivo de contribuir para a formação de uma intelectualidade orgânica, capaz de gerar quadros para as classes subalternas, é novamente destacado. Ao final, Nogueira resume:

> (M.A) E, se hoje podemos consolidar um projeto como o de TEMAS, é porque levamos em conta esse relativo avanço das forças democráticas- somos produto dele- que, a duras penas, conquistou um pequeno, mas real, espaço político. Esse avanço, como não poderia deixar de ser, reflete-se também no plano cultural (Temas de Ciências Humanas, 1980).

A marca do sucesso defendido na entrevista, no entanto, não mostrou-se capaz de garantir a continuidade da *Temas*. A revista segue apenas por dois volumes, também sem textos de apresentação, mas com mudanças consideráveis em seu Corpo Diretivo e estrutura, como já vimos anteriormente. Neste ínterim, em uma conjuntura dinâmica e flexível, a *Temas* vê seu fim no décimo volume, de 1981. Sem texto de despedida, com alteração no Corpo Diretivo e nenhum anúncio de fechamento, a revista encerra suas atividades permitindo ao leitor a compreensão da causalidade com que seu término se deu, frente a dificuldade de manter o projeto na nova conjuntura que se desenhou:

> A pretendida ampliação da revista se misturou com o avanço da luta política no país. Outros projetos apareceram (como o jornal *Voz da Unidade*, que surgiu em 1981), a agenda da esquerda ficou mais complexa e as energias se dispersaram. *Temas* terminou por ser ultrapassada pelos fatos e não teve oxigênio para seguir em frente. Seu programa de trabalho, porém, não deixou de produzir frutos (NOGUEIRA, 2017b).

*Temas* têm seu fim em um país diferente de quando iniciou. Em 1981, com o andar da abertura política, a Lei da Anistia de 1979, o enfraquecimento do regime e as novas tensões do sindicalismo, o PCB se reestrutura e se estabelece como uma força central no campo

progressista, ocupando espaço e tempo dos nomes envolvidos na *Temas*[38]. Além disso, a própria universidade e a via acadêmica haviam se transformado e passado por alterações, com a ampliação na circulação de ideias, a partir de um amadurecimento das Universidades e da flexibilização do regime, movimento que fez a *Temas* perder força frente a outras iniciativas e projetos.

### *1.4. A disputa pela memória*

Este cenário de mudança conjuntural somado às divergências internas, sobretudo na absorção de referências, também organiza a disputa pela memória da revista, anos após o término de sua experiência. Tônica que se organiza em dois pólos: quem reivindique o perfil gramscista, ou gramsciano, da revista, a partir da incorporação de autores italianos e quem reforce a batalha interna contra esta absorção, críticos deste "tipo de marxismo". Os protagonistas dessa disputa são, também, os protagonistas da revista, integrantes de seu Corpo Diretivo e principais membros: José Chasin e Marco Aurélio Nogueira, além da participação de Milton Lahuerta como representante da nova geração que acompanha os anos finais da revista.

"Partidários" do grupo de Chasin, Antonio Rago Filho e Ester Vaisman jogam luz à trajetória do autor na *Temas,* dando centralidade à sua participação nos processos decisórios do periódico: "Toda a concepção inicial da revista foi de responsabilidade de Chasin, ou seja, não apenas a concepção da capa da *Temas*, mudando de cor a cada número, mas a própria concepção inicial da revista, tanto em termos teóricos quanto ideológicos" (SARTÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008, p. 270). Sua passagem, no entanto, seria marcada pela "luta contra o *italianismo"*, contrapondo-se à incorporação de autores do marxismo italiano na *Temas*, como é o caso de Gramsci e do próprio Berlinguer:

> Havia uma grande ambigüidade de nossa parte. No caso da *Temas,* por exemplo, nós tentamos impedir o Sr. Raul e Marco Aurélio Nogueira de *italianizarem* a *Temas*, ou seja, de abraçarem o eurocomunismo, impedir que a *Temas* se transformasse em uma espécie de moeda de troca de interesse pessoal... Chasin, eu tenho toda essa correspondência, enviou inúmeras cartas para Raul, para Gildo [Marçal Brandão], para Nelson Werneck Sodré... "Por favor, não deixem que a *Temas* vire moeda de troca para o italianismo...". Porque, o pessoal que voltava, voltava sob influência do eurocomunismo [...] E o que acontece aqui com a Revista que ele criou: a *Temas*. Chasin perde a *Temas* a partir do número 8... [...] E quando a gente sabia que aqui

[38] Como indica Marco Aurélio Nogueira em entrevista: "Mas em 79, eu e o Gildo começamos a sair da revista *Temas* porque a gente estava muito envolvido no partido. Eu já estava na direção do partido e porque no momento subsequente, nós vamos começar a preparar a *Voz da Unidade*, né? Então em 1980 tem a *Voz da Unidade* que é uma coisa completamente diferente da Temas e assim como a *Presença*, não tem uma relação de continuidade" (CASTRO, 2013b, p. 155).

> vigorava essa linha democratista, a teoria da democracia como valor universal... Daí em diante, até sua falência, editando poucos números depois da saída de Chasin, a *Temas* envereda para o eurocomunismo… (SARTÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008, p. 270).

Nesta interpretação, a *Temas* teria sofrido uma mudança na linha político-intelectual a partir do oitavo volume, abrindo-se à maior absorção da linha "democratista", representada no "valor universal" da democracia, defendida por Carlos Nelson Coutinho e o "grupo" de "renovadores". Seria esse, inclusive, o motivador da falência da *Temas*: sua tendência ao eurocomunismo. Com a saída da *Temas*, Chasin migra para a produção da *Nova Escrita/Ensaio*[39], publicada a partir de janeiro de 1981, como uma remodelação da antiga *Escrita/Ensaio*, em que publica um primeiro volume fortemente lukacsiano, com a aparição do húngaro em diversos momentos da edição, em um indicativo do impacto das discussões que envolveram a *Temas*.

De forma consensual, a transição sofrida pela revista entre os primeiros volumes e o oitavo número é marcante, tomando a forma de alteração no Corpo Diretivo enquanto expressão da mudança política e, sobretudo, intelectual da revista. Linha fortemente reforçada por Milton Lahuerta, que observa a transição descrita por Chasin enquanto parte de uma disputa ideológica entre pólos dentro do periódico. Um movimento que reforça a centralidade de Gramsci e Lukács na composição da *Temas*, sobretudo em sua disputa:

> Não obstante essa dimensão positivamente civilizatória, nessa experiência editorial houve também muito conflito. A princípio, o lukacsianismo e a preocupação de elaborar um marxismo metodologicamente bem fundado uniram um vasto espectro intelectual. Afinal, o Chasin, o Carlos Nelson, o Leandro, o Marco Aurélio, o Gildo, eram todos *lukacsianos*, mas com o passar do tempo foi ficando claro que havia diferenças entre eles, especialmente com o Chasin, que em nome da ortodoxia, alia-se mais adiante com Prestes. O ponto de inflexão vai ser a incorporação de Gramsci de modo cada vez mais explícito, por praticamente todos, que passam a ser vistos pelos "ortodoxos" como reformistas (SILVA, 2021b, p. 374).

Visão que reforça a tardia absorção de Gramsci, já em um cenário de disputa interna no periódico em um ambiente de contraponto e, em certa medida, superação das ideias de

[39] A revista *Nova Escrita/Ensaio* chama a atenção na trajetória de Chasin. Antes sob o controle de Wladyr Nader, Chasin assume o Editorial a partir dos anos 1980, defendendo uma revista mais voltada ao marxismo. O que destaca-se, no entanto, é o movimento intelectual gerado em torno dela, descrito por Antonio Rago como a "Ensaio - Movimento de Idéias" que defendesse: "a produção de um pensamento de rigor centrado na ontologia histórica de Marx, recusando a sua assimilação deformada engendrada pelo marxismo vulgar, e na crítica permanente do capital em suas objetivações materiais e espirituais; a disseminação desse conhecimento da forma mais abrangente possível e, numa orientação metapolítica, projetava a recomposição de um movimento prático no sentido da emancipação humana" (COTRIM; FILHO, 1999, p. 176). Durante a produção desta pesquisa não foram encontrados estudos recentes sobre o periódico, o que mostra-se um flanco nos estudos marxistas brasileiros, sobretudo quanto à recepção e circulação da obra de Lukács.

Lukács, ao menos, de forma predominante. Chama a atenção, ainda, o uso do termo "ortodoxo" em referência ao marxismo prestista, alinhado à orientação soviética, sobretudo considerando seu uso para descrever o marxismo lukacsiano, como em: "Na primeira, a revista foi fortemente metodológica, caracterizou-se por buscar um espaço para fazer a crítica teórica e valorizar o marxismo "ortodoxo", referenciado básicamente pelo filósofo húngaro Georg Lukács" (NOGUEIRA, 2017b), apresentado por Marco Aurélio Nogueira. Nesta reconstrução, a união da *Temas* dá-se pela busca por referenciais teóricos-metodológicos dentro do marxismo, que encontra corpo em Lukács, mas que mostra-se frágil frente aos demais debates e à absorção de novas referências, como é o caso de Gramsci.

Em uma reconstrução posterior ao fim da revista, há um momento inicial de união, desta vez sem o protagonismo de uma figura específica, como ocorreu na reconstrução de Chasin para o mesmo período. Esse momento é encerrado pelas discordâncias de linha político-intelectual no campo da absorção do marxismo internacional em que parte do corpo da revista se mostra favorável à incorporação de Gramsci, o que, no entanto, é criticado por defensores da "ortodoxia", que o rotulam de "reformista". Neste resumo, observa-se a centralidade ocupada pelas referências internacionais na trajetória da *Temas*, tanto em sua construção cotidiana quanto na própria disputa por sua narrativa.

Já na perspectiva de Marco Aurélio, tanto Gramsci quanto Lukács ocupam o local de "patronos intelectuais" da revista, ainda que reforce a reconstrução da *Temas* em duas fases: a primeira de cunho metodológico, a segunda de cunho político, além de uma abertura maior à recepção de autores internacionais. O que realmente acontece a partir do sexto volume do periódico, com a publicação de Luciano Gruppi, Palmiro Togliatti, Antonio Gramsci e Giovanni Berlinguer e, em seguida, com autores de outras origens, como é o caso do poeta mexicano Jaime Labastida, em um processo de expansão das referências teóricas da revista, com ênfase para autores europeus, sobretudo italianos e franceses.

Assim, enquanto fruto de integrantes com diferentes afinidades intelectuais, vinculados diretamente ou não ao Partido Comunista, a principal característica da *Temas* estaria em seu perfil de intervenção intelectual, sem perder de vista o uso da teoria em uma análise da realidade, concebendo a própria produção intelectual como parte das disputas travadas nas "situações concretas". Ao final de 5 anos de existência, com a publicação de seu 10º volume, *Temas* encerra sua trajetória sem editorial de despedida, mas com a leitura de que a conjuntura fez seu papel na produção do periódico, assim como a revista seu papel na conjuntura.

# 2. UNIDADE NO JORNAL, UNIDADE NO PARTIDO? A TRAJETÓRIA DO JORNAL *VOZ DA UNIDADE* (1980-1991)

## *2.1 Introdução*

A virada de década entre os anos 1970 e 1980 é marcada pelo enfraquecimento do Regime Militar em um contexto de tensão que transita entre as políticas para uma "Abertura Lenta, Gradual e Segura", promovidas pelo Governo Geisel e exemplificadas pelo "Pacote de Abril (1977)"[40] e a pressão contrária, pela condução do processo de abertura política, sobretudo na luta pela Anistia. Neste contexto de conflito entre os grupos sociais e políticos que compunham as Forças Armadas, somados à pressão dos grupos de resistência e as mobilizações institucionais, a Anistia é aprovada em 1979 e, com ela, avança o processo de democratização nacional (RESENDE, 2014), além de um agravamento das contradições do regime. Sob a ótica do Partido Comunista, este momento é fundamental para sua reestruturação, quando a volta dos quadros comunistas do exílio permite uma reformulação da política e da Direção Central do grupo, sobretudo após as duras repressões sofridas nas décadas anteriores (NAPOLITANO, 2014). Neste caso, o exílio e, no caso particular do *Voz da Unidade*, o retorno dos exilados políticos, ocupa um espaço central em seu surgimento e organização a partir do contexto em que a publicação se inseriu. Em um comparativo, se a *Temas* tornou-se possível a partir do flanco deixado no Brasil, no campo teórico e organizacional, com a repressão sob os quadros militantes, o *Voz* também se viabiliza nessa chave: a necessidade tornou-se intervir na conjuntura a partir do Partido, que se reestruturou, quando a volta do exílio e a libertação dos presos políticos permite a retomada da vida partidária.

Para os intelectuais envolvidos na experiência da *Temas*, sobretudo em sua fase final, o *Voz* marca essa reestruturação partidária, tornando-se um espaço em que a atuação intelectual encontrou a prática política, a partir dos meandros da atuação no jornal, como relembra Marco Aurélio Nogueira em entrevista retrospectiva:

> As revistas não eram iniciativa do partido. Mas o jornal *Voz da Unidade* era órgão do partido. Então ali eu não podia só fazer militância intelectual, digamos assim. Eu tinha que entrar em confronto, em diálogo, com os dirigentes do partido. A ideia de renovação intelectual, cultural, se combinou com a ideia de renovação política. A

[40] O "Pacote de Abril" consistiu em uma série de alterações propostas pelo general Ernesto Geisel a fim de garantir a sobrevivência do regime militar, propondo alterações nas regras legislativas, garantindo maior poder ao Arena, partido situacionista (PAGANINE, 2017).

> gente acreditava que era possível organizar um partido comunista que não fosse pesado, dogmático, duro. Queríamos pegar a política e a organização do *partidão* e colocá-las em outro invólucro, de um partido mais arejado, mais atento, mais dinâmico, menos "religioso" e ideológico (SILVA, 2021a, p. 344).

Com esse objetivo, o *Voz* surge do agitado contexto que marcou o final dos anos 1970, tanto para a conjuntura nacional quanto para os comunistas. Na primeira composição de seu Conselho Editorial, o jornal contou com Henrique Cordeiro (Diretor responsável), Armênio Guedes, Lindolfo Silva, Teodoro Mello e Gildo Marçal Brandão (Editor-Chefe), além de uma gama diversa de autores, entre eles Marco Aurélio Nogueira, Ivan Ribeiro e Carlos Nelson Coutinho.

Organização que permitiu à publicação onze anos de duração, entre 1980 e 1991, ainda que marcado por fases e diferentes grupos em sua composição editorial, resultando em 516 volumes. Em um primeiro momento, chama a atenção sua forma: no curto jornal que soma 16 páginas, aparecem sessões de política, resenhas de livros e filmes, aportes ao movimento sindical- intervenções a partir das falas nos Sindicato dos Metalúrgicos e da figura de Lula- entre outros textos, incluindo comentários esportivos. Há, ainda, um chamado para a festa de Lançamento da *Voz*, organizada no Circo dos Bancários em São Paulo. Seu caráter amplo, no entanto, não desvia da discussão comunista empregada pelo PCB e apresentada já na folha de rosto do jornal com a declaração de lideranças políticas do período, como Leonel Brizola, em defesa da legalização do Partido. Assim como registros de participações de Luiz Carlos Prestes e Gregório Bezerra e debates com suas linhas político-partidárias.

Com um perfil amplo, os volumes 2 e 3 publicados no início de abril de 1980 narram a festa de Lançamento do *Voz,* descrita como a ida do jornal para as ruas, em um evento que reuniu cerca de 8 mil pessoas e contou com a participação de líderes comunistas como Gregório Bezerra e Giocondo Dias, além de jogos, discussões políticas e futebolísticas. No evento de São Paulo, Marco Aurélio Nogueira representou o periódico na fala de apresentação do evento, salientando a defesa do socialismo, que seria possível apenas com a consolidação de um regime verdadeiramente democrático (VOZ DA UNIDADE, v. 2 1980, p. 9). No Rio de Janeiro, o evento de lançamento do *Voz* reuniu cerca de 2 mil pessoas, alinhando a política editorial na fala de David Capistrano Filho enquanto representante do jornal, destacando a necessária unidade dos comunistas, sobretudo em defesa da legalidade do Partido:

> Na atual fase da vida brasileira, em que o país penetra na modernidade, o conjunto

> dos democratas tem que fazer sua a luta pela eliminação dos preconceitos contra a atuação legal e organizada dos comunistas. Ou será que podemos imaginar a construção de um sólido regime democrático no Brasil sem a participação livre e democrática do PCB? (VOZ DA UNIDADE, v. 3, p. 15).

Neste contexto, o *Voz da Unidade* aparece como expressão dos movimentos internos do partido, com a participação das diferentes correntes partidárias em sua composição. Com ênfase para os "renovadores" e os "centristas", mas, também, como veículo de luta pela democracia a partir da ótica comunista, defendendo abertamente a legalização do "Partidão" e vinculando-se à organização.

No caso do *Voz,* a preocupação estava em expressar um compromisso com a reorganização política das forças democráticas e, sobretudo, uma reorganização do comunismo no Brasil. Ainda que, em suas páginas, o jornal apresente matérias culturais, entrevistas com artistas e pautas amplas, com propostas temáticas que variam de política internacional à questão de gênero. Este perfil teria como inspiração o jornal italiano *Rinascita*[41]. Referência expressa por Lahuerta em entrevista retrospectiva:

> Na *Voz da Unidade*, são publicados textos e entrevistas de intelectuais e artistas que não tinham vínculos com o PCB, como o Caetano Veloso. Por influência do semanário do PCI, *Rinascita*, abre-se espaço para debater temas emergentes aos quais a cultura comunista tradicional dava pouca atenção, como feminismo, a homossexualidade, relações étnico-raciais, juventude, uso de drogas, etc. Ou seja, o jornal expressou nos seus dois primeiros anos um compromisso com o *aggiornamento político*, inclusive em termos temáticos (SILVA, 2021b, p. 379).

E por Gildo Marçal Brandão, primeiro Editor-Chefe do jornal, também em entrevista retrospectiva, indicando o *Rinascita* enquanto referência estética, além do impacto da linha política do comunismo italiano:

> Peguei o jornal *Rinascita*, jornal dos italianos, jornal cultural do Partido Comunista Italiano e disse: "Gaspar, precisamos montar um boneco que seja o mais próximo possível disso". Mais próximo.. o Rinascita era papel bíblia, papel acetinado, era uma maravilha, uma riqueza! Evidentemente não era isso... Mas, eu sabia que tinha que ser isso. Então eu fiz o editorial, montei toda a diagramação (...) (BRANDÃO, 2010).

As falas de Gildo e Lahuerta retomam as discussões finais da *Temas*, sobretudo na dissensão apontada entre José Chasin e o grupo que segue para o *Voz,* destacados nas figuras de Marco Aurélio Nogueira e Gildo Marçal Brandão quanto à absorção do léxico e, sobretudo, das

[41] Editado pelo Partido Comunista Italiano (PCI) entre 1944 e 1991, responsável, em grande medida, pela circulação das *Lettere dal carcere* de Antonio Gramsci, com destaque para o papel do dirigente italiano Palmiro Togliatti nesse processo.

pautas políticas do comunismo italiano e sua defesa da democracia.

Perfil de publicação inspirado pelo modelo de "jornalismo integral" proposto por Antonio Gramsci, isto é, um trabalho de mão dupla entre satisfazer e criar as necessidades de seu público, ampliando sua influência. Ao menos, esta é a resposta encontrada por Nogueira e apresentada no 6º volume da publicação, de Maio de 1980:

> O que mais chama a atenção na Voz é a sua intenção de representar uma corrente de opinião profundamente enraizada na vida política e cultural do país, comprometida com todas as lutas democráticas e populares e discriminada com violência. É inegável que no Brasil dos últimos tempos isso representa uma novidade e cria uma certa confusão: trata-se, então, de um jornal apenas de comunistas, feito exclusivamente para os comunistas? [...] (VOZ DA UNIDADE, v. 6, 1980, p. 3).

A questão estaria, portanto, em criar um jornal enraizado na vida política e cultural do país, comprometido com todas as lutas democráticas e populares (VOZ DA UNIDADE, v. 6, 1980, p. 3).

Para isso, sua circulação buscava o maior número de vias e possibilidades, com a venda em bancas e assinaturas, além da atividade militante entre os membros do partido[42]. Sob esse aspecto, o *Voz* circula entre os meios partidários, com a venda direta entre os militantes, nas bancas de jornal e, a partir do décimo primeiro volume, por assinatura. São criadas diferentes categorias de assinaturas (semestral, anual, com e sem o valor extra para apoiar o jornal e o envio para o exterior) que variam de Cr$3000,00 a Cr$750,00, além da opção de envio internacional anual (US$60,00) com o incentivo, ao longo da publicação, pelo aumento no número de assinaturas. Em junho de 1980 realiza-se o Encontro Nacional do *Voz* que discute sua circulação e anuncia o programa de assinaturas com meta inicial de 1000 novos assinantes até 31 de agosto[43].

---

[42] Neste ponto, chama a atenção a cômica história da primeira tiragem do jornal, contada por Brandão. Na ocasião, a antiga direção do Partido imprimiu uma tiragem de 60 mil exemplares, com base no volume vendido pelo jornal *Novos Rumos*, em seu último volume pré-golpe, em 1964. 20 anos depois, o *Voz da Unidade* queimou os exemplares excedentes e passou a operar com uma vendagem média de 5 mil exemplares por mês, inclusive devido aos ataques em bancas promovidos pelos defensores do regime militar no período (BRANDÃO, 2010; VIANNA, 2008).

[43] Meta não atingida, apesar das incansáveis cobranças publicadas no jornal. Ao término da data proposta, o jornal atinge apenas 534 assinaturas, como anunciado no volume 22 do jornal (SÃO PAULO, DE 29 DE AGOSTO a 04 DE SETEMBRO DE 1980): "Somente nesta semana chegaram à nossa redação 112 pedidos de assinaturas. Se tivéssemos conseguido esse ritmo desde o início da campanha, teríamos tranqüilamente atingido nossa meta de 1.000 assinaturas até o fim de agosto. Nosso total de assinantes chega hoje a 534, sempre com a liderança de São Paulo, com 316 assinaturas. Pernambuco assume o segundo posto com 62, Rio de Janeiro com 50; Minas Gerais, 37; Bahia, 20; Paraná, 17 e demais Estados com 30. No Exterior continuamos com apenas 2. Pedimos aos amigos da Voz que continuem tentando sustentar esse ritmo na vendagem das assinaturas, pois os problemas de distribuição continuam grandes" (VOZ DA UNIDADE, 1980d).

De início, o periódico anuncia o objetivo de dialogar com diferentes forças e *unir* o campo comunista em torno de um diálogo democrático:

> Voz da Unidade surge para ser expressão e veículo de uma corrente de pensamento cuja linha de ação está orientada para ajudar a classe operária e todas as forças democráticas do país a conseguirem que a solução dos problemas políticos se dê em benefício do povo [...] E buscará contribuir para que esta classe operária, e com ela a maioria do povo brasileiro, amadureça para a compreensão de que só o socialismo é capaz de oferecer soluções definitivas para seus problemas fundamentais (VOZ DA UNIDADE, v. 1, 1980, p. 1).

Não se tratava, portanto, de um jornal de *comunistas para comunistas*, mas uma iniciativa preocupada em dialogar com todas as forças democráticas aflitas com os problemas da classe trabalhadora, visando o socialismo como resolução final de sua problemática.

Ainda no registro do Encontro Nacional, publicado no 12º volume, apresenta-se a leitura do *Voz* enquanto "jornal de análise e opinião política, com perfil bem definido, mas aberto ao diálogo com as correntes democráticas e populares do país" (VOZ DA UNIDADE, 1980a). Sob essa perspectiva, percebe-se que, apesar do clamor pela unidade, o *Voz* apresenta-se enquanto um periódico que representa, ao menos em sua fase inicial, a expressão de uma linha de pensamento em que predomina a postura dos intelectuais "renovadores", tanto no controle editorial quanto nas publicações.

Neste processo, Gildo Marçal Brandão[44] delineia, de forma retrospectiva, o contorno político do *Voz*, compreendendo a publicação enquanto a primeira tentativa de reorganização do Partido após o Golpe de 1964 em que o horizonte a ser seguido acompanhava o Partido Comunista Italiano, justamente por sua defesa democrática e pela inserção dos intelectuais na vida partidária.

> Qual era o modelo? O PCI, o Partido Comunista Italiano. Não porque nós fossemos homens do Partido Comunista Italiano, mas porque era o único Partido no ocidente que tinha base de massa, uma vida intelectual com um fervor enorme, ultra rica, com dirigentes cultos, que era outra coisa que nos fascinava. Dirigentes que eram intelectuais, pô! [...] O que nos interessava era a Itália, era um pouco o eurocomunismo... (BRANDÃO, 2010).

O *Voz* torna-se, com isso, o espaço de realização deste projeto, sobretudo em defesa da unidade em torno da frente democrática. O espaço aberto às demais correntes do Partido

[44] A Voz *da Unidade* cumpre um papel fundamental na trajetória individual de Gildo, responsável pela editoração do jornal em seus anos iniciais, de modo que a trajetória do jornal confunde-se com sua própria biografia, a exemplo do episódio de sua demissão do jornal *Folha de São Paulo* ao assumir-se comunista. A fim de reconstruir essa trajetória, ver Brandão (2010); Coutinho (2010b) e Marquezine (2020).

aparece em textos como o de Giocondo Dias, publicado no 3º volume de abril de 1980, em que existe a defesa do jornal enquanto espaço de unificação:

> A VOZ procurará reforçar a unidade das forças oposicionistas, através do esclarecimento e da informação de amplas massas, a fim de que suas lutas pelas liberdades democráticas tenham êxito e o progresso social seja o mais amplo e profundo (VOZ DA UNIDADE, v. 3, 1980, p. 3).

Perfil discutido ao longo da publicação e expressão das crises e conflitos enfrentados pelo Partido, tanto pelo perfil de publicar textos com diferentes posições quanto pela intenção de se enraizar na vida política e cultural do país. Principalmente no contexto de ascensão do movimento sindical e a reestruturação do país frente à abertura política, ainda que, como se vê, a linha editorial do jornal estivesse em confluência com os debates internos do Partido.

### *2.2 Perfil*

A *Voz da Unidade* organizou-se em torno de temas conjunturais, políticos e culturais, adotando o perfil desenhado por Brandão na edição geral e o grupo "defensor da democracia como valor universal" à frente da direção do jornal nos anos iniciais. Tensionando e dimensionando o espaço assumido pela luta interna e a relação com o Comitê Central nas páginas da publicação, o grupo esteve no comando da *Voz* entre sua fundação, em abril de 1980, e o volume 63 publicado em julho de 1981 com o comando à "mão de ferro" de Gildo (BRANDÃO, 2010). Neste período, o jornal manteve um padrão: Editorial na capa, seção de cartas e recados dos leitores e a publicação de matérias, artigos, entrevistas e demais textos organizados em seções temáticas, como "Política", "Sindicalismo", "Economia" e "Cultura". Ao longo de seus anos de publicação, o jornal empenhou-se no acompanhamento das questões conjunturais da vida brasileira, com uma publicação semanal que permitiu esse movimento de forma acentuada, garantindo ao jornal um acompanhamento cotidiano dos acontecimentos, assim como dos debates em xeque.

#### *a. Sindicalismo*

Nesse sentido, a relação com a vida sindical tornou-se marca do *Voz* desde o primeiro volume, quando é publicado o texto "A força dos metalúrgicos" sobre as greves metalúrgicas do ABC Paulista, iniciadas em 1978[45]. Na ocasião, o jornal defende: "É dever dos

[45] As greves do ABC Paulista, ocorridas entre 1978 e 1980, são um marco representativo para os comunistas, no contexto da redemocratização brasileira, como se observa pelas publicações no *Voz da Unidade* e nos materiais posteriores, como na revista *Presença*. Como forma de reconstituir o cenário das greves, utilizou-se o texto "Classe trabalhadora, confronto político e democracia: O ciclo de greves do ABC Paulista e os desafios do sindicalismo atual" (SANTANA, 2018).

trabalhadores conscientes, da UNIDADE SINDICAL, de todos os democratas e patriotas apoiar e garantir a luta de um dos destacamentos mais avançados da classe operária brasileira!" (VOZ DA UNIDADE, 1980c). No período analisado, entre os volumes 01 e 67, as greves metalúrgicas ganham espaço e força no jornal a partir da leitura que seu fortalecimento, e possível vitória, significam avanços para a democratização do país, não apenas uma conquista material. O tema segue sendo abordado de forma expressiva no periódico, com matérias e reportagens que ocupam os volumes seguintes, partindo em defesa do fortalecimento das greves. Neste tema, chama a atenção o texto "A greve do ABC e a cidadania operária" publicado por Luiz Werneck Vianna no 5º volume do *Voz*, de maio de 1980, quando autor realiza uma análise da formação das greves operárias do ABC colocando ao centro sua organização e a relação das pautas econômicas e os atores sociais, além disso, Werneck defende:

> A saga do ABC em certo sentido já está incorporada à história do Brasil moderno. Sem qualquer reverência ao obreirismo, pode-se dizer que a classe operária, com São Bernardo à frente, tem sido a força dinâmica a pressionar pela democratização das nossas instituições políticas. [...] Para que a cidadania operária seja conquistada por inteiro é preciso que haja correspondência entre a modernidade do seu ser social a sua atividade pública e sindical (VIANNA, 1980, p. 5).

Além dos artigos e reportagens dos contribuintes do jornal, o *Voz* realizou entrevistas com as lideranças sindicais envolvidas, contando, ainda, com a participação do Sindicato nos eventos de lançamento do *Voz*, que ocorreram no início dos anos 1980. Na ocasião da prisão de Lula[46] e demais líderes sindicais, o *Voz* se posiciona de forma aberta e propositiva, trazendo a luta pela liberdade dos sindicalistas como "pauta do dia" a qual todos os trabalhadores deveriam adotar e defender.

Em Maio de 1980, com o fim da greve após mais de um mês de mobilização, o *Voz* publica seu 7º volume com a foto de Lula e Marisa Letícia na capa do jornal acompanhado do Editorial "Greve impõe reflexão". No texto, a greve é defendida apesar de não ter conquistado a vitória imediata das pautas defendidas -o reconhecimento dos líderes sindicais, pautas salariais e o aumento da estabilidade empregatícia- como parte do processo de maturação da consciência de classe dos trabalhadores, além de defender uma unidade ampla de movimentação que aliasse sociedade civil e movimento operário:

[46] Ocorrida em 19 de abril de 1980 sob a acusação de "subversão da ordem político-social" (conforme os artigos 32 e 33 do decreto-lei 314 de 1967), enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Lula permaneceu 31 dias no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/SP), como se vê em Vannuchi (2020).

> Os diversos episódios da greve só fortaleceram sua consciência de classe e amadureceram sua compreensão de que a guerra não se decide numa só batalha. Mais ainda: serviram para mostrar claramente que o movimento operário só poderá avançar, conquistar e consolidar sua autonomia na luta diária pelo fortalecimento da democracia, quando se articula aos demais setores da sociedade civil empenhados nessa batalha (VOZ DA UNIDADE, 1980c).

Ainda na ocasião do término da greve e a publicação do jornal, o *Voz* organiza um debate em sua redação, com a presença de Cláudio Lembo, ex deputado pelo Arena e membro da executiva do Partido Popular; Eduardo Suplicy, deputado pelo PT; Almir Pazzianotto Pinto, deputado estadual e advogado do Sindicato dos trabalhadores metalúrgicos além de Hércules Corrêa dos Reis, membro do Comitê Central do PCB. O debate, mediado por Marco Moro e Marco Aurélio Nogueira tinha como objetivo central discutir as greves do ABC a partir das "oposições", organizando o debate em torno de dois eixos centrais: a atuação dos líderes sindicais e a relação da greve com as pautas políticas nacionais.

Tentativa de compreensão do movimento grevista que segue nos demais volumes, expresso nas publicações do jornal, mas, também, pela movimentação dos intelectuais que compunham o *Voz* em outros espaços. Nesse sentido, o volume 8, também de maio de 1980, relata o evento organizado por Luiz Werneck Vianna no IUPERJ com a presença de Francisco Weffort, Maria Hermínia Tavares e Celso Soares. No mesmo perfil, desta vez em evento organizado pelo próprio *Voz*, a partir dos Comitês de Apoio e Difusão da *Voz*, as greves foram discutidas por Luiz Werneck, Frei Chico, Marcelo Gato, deputado cassado em 1976 e o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, André Lázaro Maciel. Pautando, principalmente, a caracterização das greves enquanto movimento derrotado e dividindo opiniões entre os que compartilham desta leitura, a partir das reivindicações frustradas da greve e, em contrapartida, a visão de que o movimento fortalece a luta pela democratização.

A visão sobre as greves do ABC também partilha espaço nas discussões editoriais em que o *Voz* se inseriu, como descrito nos artigos de David Capistrano Filho publicados em debate com o semanário *Movimento*, representando na figura de Raimundo Rodrigues Pereira. Nos textos, Capistrano abre um debate com Raimundo sobre o balanço da greve e a atuação dos comunistas frente ao movimento operário do ABC. A publicação na *Movimento* acusaria os comunistas de serem contrários às greves, além de pressionar pela leitura de que o movimento foi derrotado, por não ter conquistado as reivindicações. A posição do *Voz*, no entanto, era o inverso: apesar de não ter conquistado as demandas grevistas, os trabalhadores do ABC retornaram vitoriosos aos postos de trabalho, com um grande avanço para a construção da consciência de classe, além de defender a atuação dos comunistas na greve.

Com o acompanhamento massivo das paralisações do ABC, além da atenção aos demais movimentos sindicais e grevistas do país, o *Voz* também delineia seu perfil de jornal de massas, com foco nas movimentações da classe trabalhadora, dos comunistas e, de forma ampla, do campo progressista nacional, assumindo posturas enfáticas em seus editoriais. Nesse sentido, o dinamismo das publicações e a variedade de assuntos e reportagens que compõem o jornal impressiona, resultado de um trabalho à muitas mãos, com representantes do jornal em diversos estados, ainda que com a linha política desenhada pelos comunistas paulistas. Conjectura que permitiu que o jornal acompanhasse movimentos sindicais e grevistas em diversas partes do país, como os médicos paulistas, professores e educadores em diversos estados, os trabalhadores das zonas canaviais em Pernambuco, petroleiros, entre outras categorias. Com isso, a questão sindical mostrou-se uma das principais pautas do jornal, veiculadas enquanto mecanismos de fortalecimento do processo de democratização em curso.

Além da preocupação central com o sindicalismo das greves, os comunistas do *Voz* também observam e influem na formação de um campo democrático progressista amplo, que culmina na formação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980. A postura do *Voz* frente ao surgimento do novo partido é bastante interessante por expressar a avaliação dos comunistas com a ascensão de um novo partido operário, mas, também, pelo movimento realizado pelos intelectuais e militantes comunistas que passam a integrar o PT quando o enfraquecimento do PCB torna-se iminente. Movimento de quadros que se destaca nas figuras de Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Milton Temer e David Capistrano Filho com a migração para o novo partido. No *Voz*, a fundação do PT é saudada com diversos textos e editoriais que acompanham as greves do ABC, a prisão de Lula e, enfim, a fundação do Partido. Em texto editorial publicado na capa do décimo volume do *Voz da Unidade*, a fundação do PT é saudada com bastante incerteza pelos comunistas, que reconheciam um louvável esforço de concentração de classe em uma experiência partidária, ainda que à direita do PC, por não incorporar elementos socialistas, mas reforçando pontos programáticos a serem adotados no programa do novo partido, como a defesa da luta pela Constituinte e a Legalização do PCB.

### *b. Cultura*

O perfil cultural do *Voz* chama bastante atenção, sobretudo quando pensamos na construção de uma "linha cultural" para o Partido, tanto no perfil das publicações quanto na atividade militante realizada na construção do *Voz*, como conta Marco Aurélio Nogueira:

> Foi impossível resistir àqueles apelos. E entre 1979 e 1982, como integrante da direção do PCB que então lutava para emergir na vida pública, tornei-me um "homem de partido", uma espécie de "comissário cultural", encarregado de contatar intelectuais, redigir manifestos, textos e documentos, participar de eventos vários (NOGUEIRA, 2017a).

Esse papel de "comissário cultural" exercido por Marco Aurélio e seus companheiros na construção do jornal trouxeram o perfil dinâmico e cosmopolita que a publicação assumiu, sobretudo na linha cultural em que o jornal realiza este movimento de conexão entre as questões sindicais e "materiais" com a publicação de resenhas, discussões teóricas e traduções com a aparição de livros, filmes, artes plásticas, entre outros.

Sob esse aspecto, em todas as edições do período analisado (vol. 01-67) há o espaço reservado para a sessão de "Cultura" do jornal, comumente nas páginas finais, preenchido, sobretudo, com resenhas e reportagens que acompanham a vida cultural da esquerda brasileira, principalmente de viés comunista. Aparecem, ainda, artigos que discutem modelos de cultura e seus propósitos, como o artigo "Por uma cultura crítica e democrática" (vol. 01, 1980) publicado por Fernando Peixoto no primeiro volume do *Voz.* No artigo, Peixoto apresenta um diálogo com a declaração de Oduvaldo Vianna Filho em defesa de uma cultura que discuta a questão democrática no país a partir de uma arte que reconfigure seu estado para um novo país pós 1964, mas que seja capaz de se enraizar de forma "permanentemente crítica, a partir de uma perspectiva nacional-popular" (PEIXOTO, 1980a). Relação entre cultura, democracia e fortalecimento da consciência operária, visando o fortalecimento democrático, que reaparece ao longo da publicação retificando a leitura de Cultura apresentada pelos intelectuais e militantes envolvidos na experiência do *Voz*. Nesse sentido, a presença das discussões culturais são fundamentais na construção do jornal enquanto parte integrante de seu projeto político de ampliação da vanguarda comunista, e simpatizantes, no país. Visão que reflete a absorção da leitura gramsciana por parte dos intelectuais do grupo de "renovadores", que estiveram no comando do jornal em seus anos iniciais, e movimentaram o projeto de recuperação da obra e legado gramsciano na construção de iniciativas editoriais, como descreve Luiz Werneck Vianna, em entrevista retrospectiva:

> Foi fundamentalmente uma nova concepção de estratégia de luta, de resistência; centrada na dimensão da cultura, no problema da hegemonia, na valorização das instituições democráticas. Um grande marco dessa relação foi o artigo do Carlos Nelson, "A democracia como valor universal", de 1978/1979, que representa bem a nossa plataforma de pensamento na época. É claro que esse se espelha fortemente, ou fomos inspirados, em comunistas italianos da época (CASTRO, 2013a, p. 164).

Orientados para esta construção, o *Voz* parte para a defesa de uma cultura "necessariamente nacional, democrática e popular" (LAHUERTA, 1980) a partir do objetivo de inserção na vida cultural e política do país a partir das opiniões que publica.

Assim como na *Temas*, a discussão joga luz à um marxismo distante da tradição soviética, defendida pela velha guarda do Partido, ligada à III Internacional. No *Voz,* os autores dialogam com a produção de Jean-Paul Sartre, José Carlos Mariátegui, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Nesse caso, o texto que dialoga com a produção de Drummond é bastante emblemático ao discutir as ideias do poeta frente a visão dos comunistas, prática comum do jornal, no texto intitulado "O poeta e os comunistas", publicado no 6º volume, Leandro Konder escreve como, ao longo de sua história, os comunistas apresentaram visões "golpistas" com relação aos artistas, fazendo uso de sua produção a fim de obter vantagens propagandistas. A escrita de Konder, por outro lado, busca qualificar a relação de Drummond com os comunistas abrindo espaço para defender uma revisão da postura dos comunistas frente a atividade intelectual, compreendendo que

> Hoje há muito mais consciência entre os comunistas da importância de uma política cultural baseada no reconhecimento de que nós precisamos dos intelectuais como tais (independentemente do grau de engajamento político de cada um); precisamos do espírito de independência crítica e do espírito de liberdade de criação que animam os grandes escritores, os grandes artistas (KONDER, 1980b).

Nesta leitura, o local dos intelectuais é posicionado longe da atitude de propaganda e/ou de utilização de suas obras para mera expressão das posições políticas, como crítica Konder em referência à postura do PCB, e dos comunistas em geral, nos anos anteriores. Pelo contrário, existe a defesa de seu trabalho e contribuição para o avanço da luta, sobretudo na perspectiva democrática, justamente por sua posição e postura independente e livre. A posição da intelectualidade frente a conjuntura ocupa espaço nas colunas de Konder com o objetivo de defender uma dupla atividade revolucionária, tanto no campo da "revolução cultural" quanto nas batalhas cotidianas, como a luta contra a Lei de Segurança Nacional (LSN), a defesa da Assembléia Constituinte e as pautas sindicais (KONDER, 1980b). Ao longo do *Voz*, a presença dos "intelectuais", enquanto categoria, é comumente referenciada, tanto por sua presença em eventos quanto nos posicionamentos frente às questões da vida pública, como na assinatura do manifesto de lançamento do "Comitê pelas Liberdades Democráticas", organizado em junho de 1980 por entidades da sociedade civil, em defesa das liberdades democráticas, da legalização do PCB e contrário à LSN. Além disso, o papel da intelectualidade e, sobretudo, da relação dos comunistas com esta "categoria" aparece em

outros textos do jornal, ainda que não ocupe grande espaço, diferente da relação que a *Temas*, por exemplo, apresenta com a temática.

No campo das resenhas, o *Voz* mantém um padrão: a obra é apresentada junto de uma discussão quanto à seu conteúdo, tanto nos aspectos positivos, em que existe concordância entre os autores, quanto nas discordâncias, tornando o jornal um espaço de reflexão crítica sobre a produção cultural do período, mas com o desenho claro de qual o posicionamento político dos envolvidos. Assim, a predileção pela construção de um jornal comunista passa pela escolha das matérias e do enfoque destinado aos livros abordados, como na divulgação dos livros sobre o PCB. Como exemplo estão os lançamentos de "O PCB no Quadro Atual da Política Brasileira" obra publicada por Pedro del Picchia que reúne entrevistas com Armênio Guedes, Salomão Malina, Hércules Corrêa, Luiz Tenório de Lima, Lindolfo Silva e Zuleika Alambert, nomes que também colaboraram na construção do *Voz*, unificando a posição por um regime democrático a partir da participação popular. E que compartilham, assim como Carlos Nelson Coutinho, autor da reportagem no jornal, a perspectiva de conquista do socialismo a partir das massas, assumindo a luta democrática como melhor terreno a ser trilhado nesta batalha (COUTINHO, 1980). No mesmo sentido, o lançamento do livro "PCB: Vinte Anos de Política" é celebrado no 2º volume da publicação, com o texto da David Capistrano Filho, acompanhado da mesma perspectiva de reunir documento importantes que traçam a história do Partido a partir de 1958, com a publicação da Declaração, o que o torna "indispensável para a apreciação de seu papel nas lutas nacionalistas e democráticas e nas batalhas populares pelo socialismo" (FILHO, 1980). Quanto ao perfil dos livros, evidencia-se a orientação política da publicação, não se trata apenas de lançamentos, mas obras de viés comunista democrático, "renovador". Por outro lado, sob a perspectiva da cultura, o *Voz* acompanha iniciativas de um espectro político maior, com relato e aparição de nomes como Caetano Veloso, Gal Costa e Chico Buarque.

Quanto a aparição de Chico Buarque, um texto chama a atenção. No 6º volume do jornal é publicado o texto "CALABAR, ontem e hoje" que apresenta a peça escrita por Chico Buarque e Ruy Guerra e dirigida por Fernando Peixoto, autor do texto e contribuinte do *Voz*, acompanhado de um excerto de Marcus Vinicius, responsável pela direção musical da obra. No texto, Peixoto apresenta o contraste entre a peça censurada em 1973 e sua produção atual, indicando que "a encenação atual é um triunfo das forças populares e democráticas contra o autoritarismo e a cegueira dos que, assumindo o controle do país pela força e pela violência, se auto nomearam tutores da memória do país, de sua cultura viva, nacional e popular, realista e crítica" (PEIXOTO, 1980b). A peça permite compreender, a partir da colaboração

entre Buarque, Guerra e Peixoto como os contribuintes do *Voz* também eram personagens ativos na vida cultural do país, indicando os caminhos em que o próprio jornal circulou enquanto veículo de distribuição e ampliação da cultura comunista e, de forma mais ampla, de "esquerda" no país.

### *c. Traduções*

Também neste sentido, ao longo de sua publicação, o *Voz* traz traduções e publicações de textos presentes em outros periódicos, além da aparição de autores internacionais no decorrer das publicações, sobretudo nas referências marxistas. Com a recorrente aparição de Karl Marx enquanto referência teórica dos autores, além das referências soviéticas, concentradas na figura de Lenin. Em contraste com a *Temas*, o *Voz* traz poucas traduções, sobretudo de textos teóricos, concentrando a aparição dos autores internacionais no diálogo formulado dentro dos artigos e reportagens produzidos para o jornal.

Ainda assim, no campo das traduções, o 6º volume do *Voz* publica o texto "El Salvador, entre a falta de reformas e a guerra civil" de Marco Calamai, traduzido do 14º volume da *Rinascita*, publicado em abril de 1980 com uma reconstituição da situação política de El Salvador, frente ao golpe de estado sofrido em 1979, abrindo um paralelo com a situação nicaraguense. Também com fonte da *Rinascita*, aparece a principal tradução publicada no período: dois textos inéditos de Lenin publicados na *Kommunist*, revista teórica do Partido Comunista da União Soviética na ocasião do 110º aniversário de Lênin e traduzidos no periódico italiano, utilizado como base para a tradução brasileira. Os textos aparecem na íntegra no *Voz*, ainda que não conste quem as traduziu, e referem-se a uma Carta de Lenin, enviada a V. M. Smirnov e escrita na Suíça em 1903, junto de um artigo curto publicado no *Pravda* em 1913, antes assinado por "N." e atribuído a Lenin na ocasião de seu aniversário. Junto com a publicação dos originais, é publicado o texto "A revolução e a luta pela democracia" de Adriano Guerra, cuja aparição reconstrói uma aparição que "justifica", ao público brasileiro, sua presença no jornal:

> Os dois documentos são, por mais de uma razão, de notável interesse. A importância maior da carta a Smirnov está com toda a evidência lá onde o autor fala da relação entre a luta pelas liberdades democrático-burguesas e os "fins socialistas" próprios do partido revolucionário [...] É necessário — escreve Lenin — enfrentar a questão "do ponto de vista do marxismo", sustentando explicitamente a luta pelas liberdades democráticas sem se identificar jamais com a burguesia e sem esconder "os próprios fins socialistas" (GUERRA, 1980).

Diferente da experiência da *Temas*, em que a ótica da tradução ocupou lugar central na produção do periódico, o *Voz* se insere neste ambiente de ampliação e circulação de textos marxistas internacionais no Brasil, apesar de as traduções não serem o foco principal de publicação no *Voz*. Por outro lado, os intelectuais e militantes envolvidos nesta experiência acabam por reproduzir, em seus artigos e, de modo geral, no próprio *modus operandi* da publicação, essa experiência de tradução.

Como expressão desse movimento das traduções que pairam no jornal, o texto "As novidades na literatura marxista" (vol. 43, 1981) de Leandro Konder, publicado no 43º volume do *Voz* é cirúrgico ao descrever um aumento quantitativo e qualitativo das traduções no Brasil pós redemocratização. No texto, Konder apresenta um balanço da entrada de Marx no Brasil a partir da recepção das obras de forma difusa e tardia, abrindo espaço para interpretações enviesadas e dificilmente contestáveis. Seu foco, no entanto, não centraliza a obra marxiana, mas as leituras posteriores que enfrentaram um mundo diferente, utilizando as lentes de Marx para novas leituras da realidade social. Neste campo, entram as traduções de Lukács e Gramsci, ainda pouco trabalhadas, assim como livros soviéticos e alemães que acabam longe do público brasileiro. Cenário que, em sua leitura, estava em transformação no Brasil da abertura política, com a entrada de novas traduções e um aumento qualitativo em sua produção, jogando luz às novas traduções de Marx, mas também, um campo longo para os estudos italianos, representados nas figuras de Palmiro Togliatti, Luciano Gruppi e, evidentemente, Antonio Gramsci. Konder também recomenda as traduções de Rosa Luxemburgo, Louis Althusser e Eric Hobsbawm que surgiram no cenário nacional, defendendo a perspectiva que:

> Qualquer coisa que se faça pela difusão dos escritos de Marx no nosso país, portanto, deve ser considerada não apenas um serviço prestado à causa do socialismo e às lutas dos trabalhadores, mas também uma contribuição benemérita ao combate à ignorância (KONDER, 1980a).

Em contrapartida, é curioso observar como o círculo de livros referenciados por Konder também é perpassado pelos autores que contribuíram para o *Voz*, sobretudo os que se identificaram com a "renovação" comunista. Nesse sentido, Konder faz referência à tradução de Marco Aurélio Nogueira para o livro "Lições sobre o Fascismo" (1978, ed. Ciências Humanas) e a organização do livro "Socialismo e Democracia" (1980, ed. Muro) por Carlos Nelson Coutinho, ambos do dirigente comunista italiano, Palmiro Togliatti. Além disso,

destaca a apresentação realizada por Luiz Werneck Vianna para o livro “O Conceito de Hegemonia em Gramsci” (1980, ed. Graal) de Luciano Gruppi.

Nesta seara de traduções do italiano, Konder aponta:

> Não é casual que nós tenhamos tantas traduções de marxistas italianos nestes últimos anos: os marxistas brasileiros dão mostras de que se reconhecem em algumas preocupações dos *compagni*, percebem afinidades, descobrem que aquilo que os italianos dizem nos interessa. Durante muitas décadas, prevaleceram as traduções dos autores soviéticos e franceses no Brasil; agora, seria ruim se o marxismo italiano viesse a se tornar fonte exclusiva de traduções. Felizmente, isso não tem acontecido e uma certa diversidade tem sido mantida (KONDER, 1980b, p. 15).

Ainda assim, observa-se que para o *Voz*, os interlocutores italianos ocupam um espaço central de fundamentação teórica e política que guia os caminhos do jornal, sobretudo em sua linha política.

Já quanto ao binômio que marca a experiência da *Temas*, concentrado entre Lukács e Gramsci, o *Voz* confirma a virada observada nos anos finais da revista, com a maior predominância dos textos gramscianos. E, de forma geral, a orientação italiana que rege a construção do jornal, tanto na inspiração estilística da *Rinascita* quanto na própria aparição e citação de textos e autores italianos. No caso de Antonio Gramsci, são 13 aparições nominais no período destacado (vol.01-vol. 67) concentradas em citações de artigos, sem traduções diretas publicadas neste período, como observa-se em:

TABELA 03 - REFERÊNCIAS A ANTONIO GRAMSCI NO VOZ DA UNIDADE (VOL. 01 - VOL. 63)

| **Referências a Antonio Gramsci no *Voz da Unidade* (vol. 01 - vol. 63)** | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **Volume** | **Data** | **Autor** | **Título** | **Sessão** | **Formato** |
| 4 | 24/04 a 30/04 de 1980 | Milton Lahuerta | As metamorfoses da consciência operária | Cultura | Artigo |
| 10 | 05/06 a 12/06 de 1980 | Claudio Guerra | Onde está o caráter laico do partido? | Cultura | Artigo |
| 12 | 19/06 a 25/06 de 1980 | Luiz Sérgio N. Henriques | A questão é superar o dogmatismo | Cultura | Artigo |
| 13 | 26/06 a 04/07 de 1980 | A.R.N. (SP) | Marxismo ou doutrinarismo? | Cartas do Leitor | Carta |
| 16 | 18/07 a 24/07 dè | N/A | A democracia não é | SBPC | Reporta |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | | expediente tático | | gem |
| 26 | 26/09 a 02/10 de 1980 | Carlos Nelson Coutinho | A renovação leninista do marxismo italiano | Cultura | Artigo |
| 30 | 24/10 a 30/10 de 1980 | Mário Patti | Longo, um comunista | Internacional | Artigo |
| 42 | 23/01 a 29/01 de 1981 | Carlos Eduardo Machado | Rigor teórico e pluralismo, base da revista "Temas" | Cultura | Artigo |
| 43 | 30/01 a 05/02 de 1981 | Leandro Konder | As novidades na literatura marxista | Cultura | Artigo |
| 49 | 20/03 a 26/03 dc 1981 | Leandro Konder | Cultura e liberdade na política dos comunistas | Cultura | Artigo |
| 52 | 10/04 a 23/04 de 1981 | Luiz Claudio Campos e Eduardo Diniz | Um fato isolado? | Cartas do Leitor | Carta |
| 59 | 05/06 a 12/06 de 1981 | Luiz Sérgio N. Henriques | Na Itália, comunistas constróem alternativa democrática à DC | Internacional | Artigo |
| 66 | 24/07 a 31/07 de 1981 | Eduardo Maffei | Um homem que desmentiu Brecht: Elias Chaves Neto | Cultura | Artigo |
| Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Acervo do jornal *Voz da Unidade*, entre os volumes 01 (1980) e 67 (1981). | | | | | |

Quanto à Lukács, presença marcante na *Temas*, a aparição é rara. No período analisado, são apenas dois momentos em que o autor é citado de forma nominal: o artigo de Luiz Sérgio N. Henriques publicado no volume 12 e o texto de Rubens Prado “Para conhecer o marxismo de Lukács”, publicado no volume 45 do *Voz*. Já quanto à *Temas,* a publicação de seu 9º volume é celebrado no 42º número do *Voz* com o artigo de Carlos Eduardo Machado que coroa o perfil teórico de intervenção da revista, reforçando:

> É de se observar um esforço de *Temas*, principalmente, em seus últimos números, em conjugar rigor teórico e perspectiva pluralista, como uma publicação que pretende intervir na complexa batalha das idéias travada no país. Ora, isto só é possível na medida em que se delimita, em um primeiro momento, o lugar da reflexão teórica no interior da práxis social, ou seja, na medida em que são levadas em conta as mediações entre reflexão teórica e práxis política (MACHADO, 1981).

Sob essa perspectiva, o *Voz* mantém seu perfil de difusão das ideias comunistas, ideologicamente orientado a partir da editoração com a propagação da produção externa de seus contribuintes e o fortalecimento de uma linha de pensamento definida.

*d. Cartas*

O contraste no *Voz*, de seu perfil de "expressão de uma corrente de pensamento" claramente definido, tanto nas pautas políticas quanto nas pautas culturais, é contraposto com a sessão de "Cartas", publicadas nas primeiras páginas do jornal. Nela, a "mão de ferro" da edição cai por terra e aparecem as contradições, críticas e discussões em curso a partir das publicações do *Voz*. Trazendo comentários que abordam as temáticas internas do partido, assim como os contrapontos aos textos do jornal, além de comentários sobre os demais assuntos da conjuntura. Nesse sentido, a sessão é interessante, justamente por trazer um ponto de divergência à edição rigidamente orientada da publicação, onde é possível aferir como a circulação do jornal caminhava, atentando para a forma como seus textos eram lidos. Nesse movimento, as contradições internas do partido também apareciam em um espaço de exposição do pensamento do leitor, como evidencia Gildo Marçal Brandão: "A parte de "Cartas do leitor" era uma coisa difícil de se ver na imprensa comunista porque nada era censurado. Então apareciam as coisas e, evidentemente, as coisas internas também. Então era uma inteira liberdade" (BRANDÃO, 2010).

Nos primeiros volumes, as cartas concentram-se em saudações e felicitações à fundação do jornal, além de pedidos de envio dos volumes passados, como na correspondência enviada por Magda Abicht de Brasília, publicada no quinto volume:

> Foi muito bom sair do filme "Z" e encontrar na melhor livraria desta cidade o segundo número da VOZ DA UNIDADE. Ao mesmo tempo que dou o meu integral apoio ao jornal, quero solicitar-lhe o envio, se possível, do número um para orgulho meu e do meu democrático arquivo (ABICHT, 1980).

E a Carta de Antônio Augusto Cardoso Costas vinda de Belo Horizonte, presente no 8º volume:

> Fiquei conhecendo o jornal VOZ DA UNIDADE no seu exemplar número 5. Gostei muito do trabalho que vocês estão fazendo, um trabalho duradouro, pois conquistar todo o povo dopado pela propaganda ianque é um trabalho, acima de tudo, perigoso, mas humano e heróico. Gostaria que vocês, se possível, me mandassem pelo reembolso os exemplares 1, 2, 5 e 4. Contem com minha participação (COSTAS, 1980).

Que demonstram os locais de circulação de *Voz*, com cartas vindas do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Ceará, Brasília, entre outros estados, além da recepção positiva em um público ampliado que acompanhava a vida cultural e política de esquerda no país, ainda que não estivesse organizado em partidos e coletivos.

Com o avançar das publicações, as Cartas ganham contornos de maior tensão, abrindo divergências com os textos publicados e, em casos pontuais, com a própria linha política do jornal, como aparece na carta de Helena Santoro (SP), presente no 7º volume, em que discorda-se do formato do jornal: “Há artigos muito complicados na sua redação, prolixos demais. Além do mais o jornal é frio [...] A impressão que alguns artigos causam é de quem assiste aos acontecimentos, sem contudo deles participar" (SANTORO, 1980), mas também da linha política da publicação, sugerindo que o jornal deva se atentar aos temas soviéticos, com referência às suas lideranças:

> Pedimos, também, que se fale do campo socialista, da União Soviética; que se faça paralelos. As pessoas precisam ser informadas quanto à vida numa sociedade humana e racional, "Achamos que no número 4, o artigo sobre Sartre deveria ter tido o espaço destinado à homenagem a Lênin, cabendo, aí sim, o título: "Lenin, com quem todos devemos aprender" (SANTORO, 1980).

A carta de Santoro encontra consonância nos leitores, observado com a publicação da carta de Cézar Luna, também de São Paulo, publicada no décimo volume, onde o clamor pela publicação de textos referentes à União Soviética reaparece (LUNA, 1980). Seguindo este formato, o volume 12 afirma este perfil amplo assumido pelas Cartas do Leitor. Na publicação, aparecem duas cartas: a de Mauro Malin, reconhecido comunista e contribuinte do *Voz*, em que há o clamor por olhar “para fora” dos grupos comunistas, a fim de consolidar um “balanço globalmente positivo” do jornal em outros ambientes:

> O “balanço globalmente positivo" não deve nos contentar, porque seu referencial é sobretudo a comunidade dos comunistas, e o desafio está em chegar a um "balanço globalmente positivo" diante de faixas muito mais amplas de leitores. Neste sentido, penso que estamos caminhando muito lentamente e usando apenas um trunfo (embora seja este o principal): uma orientação política que nenhum outro órgão da imprensa brasileira pode oferecer (MALIN, 1980).

Em contrapartida, a carta de Malin é sucedida pela escrita de Sylvia Moretzsohn (RJ) em resposta e crítica ao *Voz* por sua atuação frente à greve do ABC, apontando como houveram contradições na leitura e no posicionamento dos comunistas do *Voz* frente a greve. E questionando: “Se os comunistas da VOZ acham que esta conquista só resultará da luta de toda a sociedade, por que não colocaram claramente essa posição desde o início?” (MORETZSOHN, 1980).

A discussão acerca do modelo dos textos: jornalísticos e “acadêmicos”, longos ou curtos, de linguagem acessível ou rebuscada e de seu conteúdo político: notícias da União Soviética, postura frente à expulsão de Prestes e os posicionamentos do Partido, opiniões

sobre os movimentos grevistas seguem na sessão dentro dos volumes analisados. O que chama a atenção, ainda, é a discussão estabelecida entre leitores, tanto para concordar como para discordar dos posicionamentos apresentados, permitindo uma comunidade de diálogo e debate, mesmo em um formato impresso e "tradicional".

### *2.3. Partido e periódico*

#### *a. As vozes dentro do Voz - O periódico e as disputas entre Partido e Jornal*

Neste sentido, o partido em que o *Voz da Unidade* se insere é bastante diferente daquele em que se construiu e vivenciou a experiência da *Temas de Ciências Humanas*, por exemplo. No caso do *Voz*, a abertura política e seus impactos já haviam causado grande impacto na organização interna do Partido, inclusive na imprensa comunista com o *Voz da Unidade* ocupando o espaço antes preenchido pelo *Voz Operária*, o "órgão oficial" do PCB, responsável por publicar textos alinhados aos posicionamentos da Direção Central, sobretudo a corrente prestista. O que, evidentemente, criou contratempos com o grupo que chefiou o *Voz* em seus anos iniciais, como indica Pandolfi (1995): "Para os militantes vinculados a Prestes e que ainda detinham o controle do jornal clandestino *Voz Operária*, o órgão oficial do PCB, o semanário *Voz da Unidade* era uma excrescência" (PANDOLFI, 1995, p. 216–217), justamente por representar uma linha política alternativa, como defendida por Gildo Marçal Brandão sobre o *Voz*, tanto em entrevistas quanto nos textos presentes no jornal. Nesse sentido cabe destacar o artigo "Precisamos de uma VOZ política, não doutrinária" presente no 13º volume, de 1980 quando Brandão critica a noção de "tribuna de debates" imputada ao *Voz*:

> Mas será que por ser um órgão unitário a **Voz** é obrigada a espelhar em suas páginas uma somatória de opiniões divergentes? Ora, sendo um jornal que não esconde seus objetivos assume abertamente uma determinada e unitária orientação política (precisamente aquela que vem sendo desde 1958 e cujo ponto de inflexão principal foi a elaboração coletiva ocorrida em 1967), a **Voz** não se pode transformar numa tribuna de debates que coloque em xeque tal orientação, mesmo porque a realidade- acreditamos nós- a vem confirmando (VOZ DA UNIDADE, v. 13, 1980, p. 9)[47].

O texto é bastante expressivo do jornal que desejava construir sob sua gestão. Nele, o caminho da construção do periódico passava pela formação da *vanguarda* política do país, isto é, dos grupos organizados em prol da derrocada do regime e o retorno das liberdades

[47] As políticas de 1958 e 1967 fazem referência, respectivamente, à "Declaração de Março" e às "Resoluções do VI Congresso" em que a linha democrática é reafirmada.

democráticas. Neste perfil, seria necessário construir um jornal "de fazer política", isto é, nem *populista*, como seria o *Hora do Povo* nem doutrinário como o semanário *Movimento*, tornando-se um jornal "partidarista" capaz de representar "o programa político da classe que é a mais conseqüente e radical na luta pela democracia" (BRANDÃO, 1980, p. 9). Anos depois, em entrevista concedida por Brandão para Ricardo Carvalho, do Instituto Vladimir Herzog, o autor retifica a linha e o perfil do *Voz* enquanto um jornal nacional, ainda que produzido em São Paulo e com a orientação do "grupo que era partidário da democracia como "valor universal"" (BRANDÃO, 2010). O contexto de reorganização partidária, no entanto, forçava que os militantes envolvidos na experiência do *Voz* dialogassem com as demais correntes, sobretudo representantes do Comitê Central, atendendo à necessidade financeira de viabilização do jornal, mas, também à luta interna que se agravou com o retorno do exílio. Neste cenário, reforça-se o texto de Giocondo Dias, "A democracia para os comunistas" (vol. 03, 1980), em que anuncia o surgimento do *Voz da Unidade* como consequência da luta pela unidade das forças antiditatoriais, atuando através do "esclarecimento" e informação ampla das massas. A unidade estava, portanto, para dentro e fora da questão comunista, era preciso unidade entre os comunistas, mas, também, no alargado espectro dos que defendiam a democracia, de forma ampla.

E justamente sobre o posicionamento dos comunistas frente à conjuntura nacional e os rumos do Partido, encontra-se a principal divergência apresentada e discutida nos anos iniciais do *Voz*, em que esteve sob o comando de Gildo e o grupo de "renovadores": a saída de Luís Carlos Prestes do Partido, com a publicação da "Carta aos Comunistas" em 30 de março de 1980. O episódio estaria marcado pela volta da Direção do exílio, em que Giocondo Dias assumiu a representação do "Coletivo de Dirigentes Comunistas" no lugar do antigo Comitê Central, adotando posições reprováveis aos olhos de Prestes. No jornal, são publicados trechos da Carta de Prestes em que a questão da unidade também aparece, dessa vez como crítica, como é possível observar no excerto:

> Na verdade, a justa preocupação da maioria dos comunistas com a unidade do PCB vem sendo utilizada pela atual direção como um biombo para tentar ocultar a falta de princípios reinante nessa direção, o apego aos cargos e postos, o oportunismo dos que mudam de posição política para atender a interesses pessoais, a tradicional conciliação em torno de fórmulas genéricas que nada definem e que visam apenas a manutenção do *status quo,* deixando, ao mesmo tempo, as mãos livres para que cada dirigente faça o que bem entenda (VOZ DA UNIDADE, v. 2, 1980 p. 4).

No texto, a defesa da unidade restringe-se aos que "se propõem a lutar efetivamente por uma perspectiva socialista para o Brasil" (VOZ DA UNIDADE, v. 2, 1980, p. 4), acompanhado de

duras críticas aos que se ligam aos setores burgueses, diferente daquela proposta pelos "renovadores" e, em certo sentido, pelo próprio Giocondo Dias, a frente do Partido no momento.

Acompanhando a *Carta*, o *Voz* publica a "Declaração dos Dirigentes Comunistas Brasileiros" defendendo as posições da direção partidária. A Declaração, elaborada por Giocondo Dias, Salomão Malina, Teodoro Mello, Hércules Correia e Armênio Guedes, aponta como a Carta de Prestes teria sido escrita na ocasião da festa de lançamento do *Voz da Unidade*. Além de responder às críticas levantadas por Prestes, com especial ênfase na questão da Direção do Partido, sob este tema, o documento acusa o antigo Secretário de conclamar um *golpe* contra o Partido, ao propor sua dissolução. Além disso, o documento é signatário do VI Congresso, realizado em 1967, enquanto referência organizacional e política para o Partido justamente por ter sido aprovada a linha democrática, reforçando os princípios da "Declaração de Março de 1958", o que, na visão de Prestes levou o partido ao reboquismo e à passividade. A Carta de Prestes é duramente criticada neste contexto, tanto de liquidacionismo quanto de anti-democratismo, tanto nas opiniões como na forma de expressá-las.

A discussão, que ocupa o centro do Partido e marca a presença no 2º volume do jornal segue nas edições seguintes, com textos e citações pontuais, como no artigo de David Capistrano Filho publicado no 3º volume em que, ao apresentar o lançamento do livro "PCB: Vinte Anos de Política" (FILHO, 1980) rememora as disputas que aconteciam no Partido, sobretudo quanto à manutenção da linha do VI Congresso e as discussões estratégicas que rondavam a defesa da democracia:

> Todos sabem que hoje se desenrola, no interior do PCB, um vigoroso e complexo debate, muito aclarado nesta última semana,- com a publicação pela imprensa da "Carta aos Comunistas", de Luís Carlos Prestes, e da resposta a ela dada por cinco expressivos dirigentes do PCB. Examinando-se o debate em curso, é fácil constatar que ele se organiza em torno de posições que, no fundamental, remetem-se, afirmativamente ou não, à orientação política que os comunistas vêm seguindo desde pelo menos 1967, ano de realização de seu último congresso (FILHO, 1980, p. 15).

Além disso, aparece a defesa da legalidade do Partido e a realização do VII Congresso como pauta que unifica as discussões apresentadas nos textos, ainda que com divergências sobre seu caráter. Prestes evidencia como a realização do Congresso em um contexto de clandestinidade do Partido significa uma atividade antidemocrática do grupo, uma "farsa", por outro lado, o Coletivo de Dirigentes defende sua realização como mecanismo de

organização do Partido. A saída de Prestes, e suas discordâncias, voltam ao aparecer no periódico no 8º volume, de Maio de 1980, quando Giocondo Dias é celebrado como novo Secretário Geral do Partido, após o cargo de Prestes ser considerado vago pelos dirigentes comunistas nacionais a partir da publicação de dois documentos, que expressam a nova linha geral do Partido. Os artigos "Sobre a situação política atual" e "Sobre a Carta aos Comunistas do companheiro Luís Carlos Prestes", publicadas na íntegra no *Voz,* discutem, pontualmente, as críticas levantadas por Prestes, sobretudo na defesa das posições adotadas pelo Comitê Central ao longo do período ditatorial. Ambos referenciados na política do VI Congresso (1967), a realização do VII Congresso e a defesa da unidade em torno da democracia como principal mote da atuação política dos comunistas:

> O Coletivo de Dirigentes Comunistas não nega sua responsabilidade nos erros que cometeu do VI Congresso para cá. Irá prestar contas globais no VII Congresso. Temos realizado esforços para não chegar ao Congresso com a nossa orientação política estraçalhada e vilipendiada, assim como fazemos esforços para defender o nosso Partido e ajudá-lo chegar ao seu órgão máximo: o Congresso. Em sua carta, Prestes nega o PCB, ataca sua orientação política, tenta a desmoralização de sua direção central e apela para a cisão. Prestes sabe que todos os que violaram a unidade partidária e se puseram a trabalhar pela cisão fracassaram mais cedo ou mais tarde (COLETIVO DE DIRIGENTES COMUNISTAS, 1980, p. 15).

Neste processo, o *Voz,* enquanto jornal semanal do Partido, acaba por documentar a luta política que marcou a saída de Prestes e a liderança de Giocondo de forma recorrente em suas páginas, tanto com a publicação dos documentos quanto nos demais artigos e entrevistas que centralizam a discussão. Como exemplo, destaca-se a entrevista concedida por Giocondo ao *Voz*, publicada no 9º volume em que é reforçada a defesa da frente democrática de composição ampla para enfrentar o regime, diferente do projeto apresentado por Prestes. Além disso, aparecem posições de mediação, como na entrevista realizada com Paulo Cavalcanti, representante da direção estadual do PCB em Recife em que, ainda que defenda-se a formação da frente democrática de caráter amplo, existe a defesa de Preste e seu legado na história do Partido: “Não compreendo o PCB sem Prestes. Mas também não posso conceber o camarada Prestes fora do Partido, ou à margem de sua direção. Temos de fazer tudo para evitar que essa crise se aprofunde, criando fossos entre as grandes lideranças do Partido” (VOZ DA UNIDADE, 1980b).

Fora do Partido, Prestes se ocupa na reconstrução do *Voz Operária*, em um novo movimento que incomoda os autores que produzem o *Voz da Unidade*, criticando como o projeto apresentado pelo antigo Secretário não atende às demandas da realidade nacional, além da crítica estratégica quanto ao papel da democracia e, evidentemente, aos métodos

utilizados na exposição de divergências e na saída da agrupação. Discussão que perdura ao longo dos volumes seguintes, ainda que restrita às divergências apresentadas pelos leitores na seção *Cartas* e textos pontuais de debate com as posições prestistas ou novas movimentações do ex-secretário, como no caso do jornal *Voz Operária*.

As disputas no *Voz*, no entanto, não se encerram com a saída de Prestes, por outro lado, se agravam ainda mais no decorrer dos anos entre as posições do novo Comitê Central, personificado na figura de Giocondo Dias e o grupo de militantes e intelectuais "renovadores", representado no *Voz* pela chefia de Gildo Marçal Brandão na edição do jornal. De início, os "renovadores" ocupavam espaço na direção do *Voz*, inclusive com Gildo Marçal Brandão na posição de Diretor-Chefe e Armênio Guedes no Conselho Editorial, representante da corrente no Comitê Central, período em que as páginas do periódico recheavam-se de textos do grupo, com a participação ativa de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. O objetivo era o de construir um jornal democrático, voltado para as pautas conjunturais, amplo e que discutisse com a sociedade, circulando para além dos ciclos comunistas. Defensores de um "fazer político" que se traduz no frentismo, marcado pela construção de alianças com os setores que se opunham ao regime militar, apostando, com isso em uma "saída democrática pela qual a classe operária e as forças democráticas devem estar dispostas a pagar qualquer preço" (VOZ DA UNIDADE, 1980, v. 14, p. 1). Posição que rachou o Partido e foi diretamente acompanhada pelo *Voz* nos idos de realização do VII Congresso, em 1982, com impacto nas alterações editoriais que marcaram o próprio periódico.

### *b. O Corpo Diretivo do Voz: Alterações na relação entre jornal e Partido*

Como apresentado anteriormente, a formação inicial do *Voz* era composta por Henrique Cordeiro como Diretor Responsável, Gildo Marçal Brandão como Editor-Chefe e um Conselho Editorial composto por Armênio Guedes, Lindolfo Silva, Teodoro Mello e Gildo Marçal Brandão. Expressão da união entre as alas "renovadoras" e "centristas", organizadas, sobretudo, pelas figuras de Armênio Guedes e Giocondo Dias (PRESTES, 2021) e que se manteve com pequenas alterações por 67 volumes, até agosto de 1981. Edição em que o *Voz* lança o texto "O que se passa com a Voz", datado de 1 a 7 de agosto de 1981, anunciando a saída de Gildo da publicação, acompanhado por um grupo de colaboradores do Rio de Janeiro e dois companheiros em São Paulo. No texto, eles justificaram a decisão

mencionando as dificuldades encontradas para implementar o projeto inicial proposto pelo jornal. A demissão teria acontecido no 63º volume quando há a transição entre Gildo e Henrique Cordeiro na direção do jornal.

Cruzando as publicações antes e depois da saída anunciada de Gildo, chegamos aos nomes de saída, ainda que de forma imprecisa: em São Paulo, os escritos de Marco Aurélio Nogueira e David Capistrano desaparecem da publicação, enquanto no Rio, a presença de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Werneck Vianna e Leandro Konder deixa de ser recorrente. Brandão relembra este momento como parte de um movimento de "expurgar" os militantes "de São Paulo", isto é, aqueles vinculados à tese da democracia como valor universal (BRANDÃO, 2010). Além de representar, na leitura de Marco Aurélio Nogueira, o fechamento das oportunidades frente à uma reinvenção do comunismo, sua cultura e linguagem, ainda que a saída do grupo tenha representado a derrota em "uma batalha, não em toda a guerra" (NOGUEIRA, 2010).

Nesse sentido, a saída do *Voz* representou um movimento de saída do jornal que andou junto ao rompimento com o Partido, como descreve Luiz Werneck Vianna em sua leitura sobre a repressão sofrida pelo *Voz da Unidade* por parte do regime militar e, também, do processo que colidiu na saída do grupo da publicação:

> É quando a direção do PCB volta para o Brasil. E na medida em que nós não conseguíamos vender o jornal em bancas, porque seus donos se sentiam ameaçados, nós nos fragilizamos e passamos de uma posição de autonomia em relação ao Partido, a uma relação de dependência, porque não tínhamos recursos para continuar a publicá-lo [...] Isso foi uma morte. A partir daí, o Partido intensifica sua pressão sobre a direção do jornal e nós acabamos saindo. Saímos, primeiro, do jornal, e depois do Partido (VIANNA, 2008, p. 249).

O jornal sofre uma mudança drástica de linha nos anos que se seguem, como é o exemplo de julho de 1988, já organizado em torno de outros grupos dirigentes, representados por Luiz Carlos Azedo, João Aveline e Noé Gertel na direção do jornal, inclusive com a publicação de um suplemento sindical, o *Voz Sindical*. O jornal, assumido pelo Comitê Central desde 1981 passou a olhar com atenção para os acontecimentos soviéticos, relatando as movimentações nas páginas dos jornais, inclusive enviando representantes para acompanhar a XIX Conferência do PCUS. Além da orientação política, o jornal passa por transformações estruturais: os Editoriais são retirados da capa[48] e a publicação assume um perfil de "boletim oficial" (BRANDÃO, 2010).

[48] A alteração estética da capa do jornal acontece no volume 44, quando o Editorial deixa de ocupar um espaço na capa e passa para as folhas 2-3, após a publicação das Cartas dos leitores.

Quanto aos temas, a questão nacional ainda ocupa local central no periódico, sobretudo com a Campanha de Filiação, promovida pelo PCB, mas sob outra perspectiva estratégica, como evidenciado no volume 401, publicado em julho de 1988 descreve:

> Nossa tática eleitoral, definida a partir da proposta para a construção de "um novo bloco para mais democracia e justiça social", objetiva aliança preferencial com as forças democráticas e progressistas que caminham no sentido do novo bloco ou possam vir a integrá-lo", assinala a nota (assinada pela Comissão Executiva Nacional do PCB e publicada nos volumes anteriores do Voz) [...] E a nota conclui: "nas eleições de novembro, para favorecer a construção de um novo bloco democrático e progressista comprometido com a renovação política e o desenvolvimento com justiça social, os objetivos centrais do PCB serão a vitória de coligações que fortaleçam e democratizem o poder local; a eleição de vereadores comunistas; a organização e o fortalecimento do Partidos através da campanha de filiações, e a mobilização dos trabalhadores e do povo em busca de soluções para os seus problemas" (VOZ DA UNIDADE, jul de 1988, v. 401, p. 2).

Para os "renovadores", a alternativa fora do PCB foi a construção de iniciativas paralelas, tanto no campo editorial quanto na atuação político-partidária.

### *c. Política e o VII Congresso (1982)*

A linha editorial do jornal, organizada pela orientação política da "democracia como valor universal" assume posição declarada na reconstrução da experiência do jornal, como descreve Brandão na entrevista ao IVH:

> A direção política… editorial… do jornal: primeiro, nós lutamos a favor de uma frente democrática, quer dizer, nós recusamos qualquer tentativa de luta armada, qualquer coisa desse tipo [...] Assumimos luta eleitoral, assumimos luta de massas, somos favoráveis a participar de todas as instituições, somos favoráveis a participar do MDB, a oposição real é essa. Nós lutamos dentro do processo de abertura, nós disputamos dentro do processo de abertura -por que a esquerda não queria, dizia que isso era burguês [...] Dizíamos: nós não vamos fazer revolução nenhuma, nós vamos lutar por uma aliança com os liberais para derrotar o regime militar. Essa é a nossa política e essa política é o fundamental. E dentro disso você luta pela ampla liberdade de associação e de pensamento, incluindo a legalidade do Partido Comunista, ele poder disputar eleição com seu nome próprio (BRANDÃO, 2010).

A partir desse marco, o jornal se organiza na defesa da frente ampla democrática, reforçando a participação e inclusão dos liberais a fim de garantir maior espaço e participação dos setores democráticos. Linha que, evidentemente, gerou discordâncias dentro da publicação e, sobretudo, na relação com o Partido. Ainda que, com a saída de Prestes e o enfraquecimento da linha revolucionária, os "centristas" e "renovadores" partilharam certa tranquilidade na

disputa, unificados pela validação da linha do Congresso de 1967 e o posicionamento frente à questão democrática (ROIO, 2023).

Assim, o *Voz* acaba publicando textos escritos pelos militantes e intelectuais "centristas", concentrado na figura e produção de Giocondo Dias como expressão clara dessa linha de pensamento, como expresso no texto "Porque defendemos aliança com liberais" (vol. 23, 1980), em que caracteriza-se que a disputa em curso orbitava entre "facismo" e "democracia", não entre "capitalismo" e "socialismo". Por isso, seria necessário encontrar caminhos para fortalecer a unidade, de modo que a grande tarefa torna-se a unidade de todas as forças democráticas, para conquistar a liberdade política, realizando um balanço da atuação comunista na construção desta frente com os liberais (DIAS, 1980). Na realidade, a presença de Giocondo é bastante expressiva no *Voz*, desde a sua participação celebrada na festa de lançamento até o destaque concedido para seus textos, com chamados na capa da publicação e a validação de sua figura enquanto representante comunista. Quando assume o posto de Secretário Geral do Partido, o *Voz* realiza uma extensa entrevista com Giocondo, publicada no 9º volume, em que o comunista assenta a defesa das resoluções do VI Congresso:

> É do VI Congresso, levando em conta as resoluções aprovadas pelo Comitê Central nos últimos 12 anos, o elemento central da estratégia do VI Congresso continua válido e aplicável. Nossa tática impõe como tarefa a luta pelas liberdades democráticas, pela revogação da Lei de Segurança Nacional e da lei antigreve, pela legalidade do PCB, pela instalação de uma Assembléia Nacional Constituinte, garantindo-se eleições livres para sua formação, com a participação de todas as forças políticas. Estrategicamente, a linha não mudou; a luta é contra o latifúndio e o monopólio, particularmente os estrangeiros (DIAS, 1980, p. 8).

Tom de tranquilidade que perdura até os preparativos para o VII Congresso, cuja resolução final marca a guinada democrática da estratégia pecebista com a publicação do documento "Uma Alternativa Democrática para a crise brasileira" em 1984 pelo Comitê Central. O que torna a realização do Congresso nublada, no entanto, são os eventos que o acompanham: com chamado para 1982, a polícia acaba invadindo o encontro e prendendo os delegados reunidos[49] que só voltarão a se reunir em 1984.

O Congresso iniciou sua realização em 13 de dezembro de 1982, na sede do *Voz da*

[49] Marco Aurélio relata esse momento: "Na verdade, o VII Congresso não ocorreu na data em que foi convocado, dezembro de 1982. Os delegados se reuniram mas, quando estava começando a discussão, a polícia entrou e prendeu todo mundo. Eu te dou até a data certa: 13 de dezembro de 1982 – dia do meu aniversário. Eu era um dos delegados ao congresso. Então eu carrego no peito essa medalha de ter sido preso no dia do meu aniversário (risos). Então o congresso não aconteceu. Ele foi acontecer algum tempo depois, creio que em 1984" (SILVA, 2021a, p. 349).

*Unidade*, no centro de São Paulo. Em 16 de dezembro, o *Voz* lança seu 134º volume com o editorial: "A Voz da Unidade não se intimida" (vol. 134, 1982) criticando duramente a ação da Polícia Federal na repressão ao seminário sobre a "A Questão Comunista no Brasil" organizada pelo *Voz* na sede de sua editora no Centro de São Paulo. Na ocasião, o seminário foi interrompido sob jugo da Lei de Segurança Nacional, com a deterioração da sede, apreensão de arquivos e a prisão dos participantes[50]. Ação que gerou um movimento de apoio ao *Voz,* que fez uso da situação para expor, ainda mais, as contradições do regime que, nos idos de 1982, agonizava em suas horas finais.

Ainda nesse volume, o *Voz* publica um documento assinado pelo Coletivo Nacional de Dirigentes Comunistas que anuncia a centralidade na defesa da democracia, colocando como central a defesa pela legalidade do PCB e destacando como, desde 1979, os comunistas orientam suas ações em dois eixos: (1) a luta pela legalidade de existência do Partido e (2) o cuidado em evitar confrontos políticos que sejam prejudiciais às forças democráticas no período (VOZ DA UNIDADE, 1982, p. 4). O Congresso acaba consolidando a crise final do Partido, com a saída do grupo "renovador", primeiro do jornal, depois do Partido. No campo editorial, a ruptura implica na reorganização de um campo editorial, com a construção dos periódicos *Presença - Revista de Cultura e Política*, em 1983, organizada pelos "renovadores"; *A Esquerda*, organizada por David Capistrano Filho e a própria elaboração da *Nova Escrita/Ensaio* por José Chasin, a partir de 1982.

### *2.4. A saída do jornal e do partido: O contexto de surgimento da Presença - Revista de Cultura e Política*

O movimento de saída do *Voz* aparece como o primeiro momento do processo que resultará na saída dos intelectuais "renovadores" do Partido, em 1983. Dando os sinais e o indicativo final da crise entre os "renovadores" e "centristas" que assumiram a direção do Partido na saída de Prestes, com a nomeação de Giocondo Dias para o cargo de Secretário Geral, apoiado no Comitê de Dirigentes Comunistas, conformado neste momento. Sob essa perspectiva, o *Voz* cumpre o papel fundamental de assentar a aliança entre os grupos, reunidos

[50] O jornal relata que durante a invasão, os Policiais teriam anunciado: "É a Polícia Federal! Não se preocupe! Conosco não haverá subterrâneos!", em referência às torturas e assassinatos do período militar. A invasão resultou em mais de 90 presos e a deterioração da sede do Jornal. No volume de 16 de dezembro, anuncia-se que foram presos e continuam incomunicáveis: Giocondo Dias, Salomão Malina, Régis Frati e Almir Neves, além de João Guilherme Vargas Neto (membro da Comissão Paulista pela Legalidade do PCB), cujas casas foram revistas e as famílias ameaçadas (VOZ DA UNIDADE, 1982).

sob a égide do processo de democratização com as táticas de aliança e centralizando a democracia enquanto programa e estratégia a ser seguido.

Assim, o curto período entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980 foi marcado pela atuação conjunta das forças, ainda que mantendo suas singularidades, além das diferenças geográficas entre a posição dos grupos de São Paulo e Rio de Janeiro[51]. Nesse sentido, a conformação da luta interna organizada em três correntes, que vigorou no Partido desde meados dos anos 1950, e se estruturou entre os (1) "renovadores", (2) "conservadores" e o (3) "centrismo"/"centro pragmático" (SEGATTO, 1995) precisou se reposicionar no cenário de saída de Prestes, com a publicação da "Carta aos Comunistas" em oposição e crítica direta às táticas e estratégias defendidas. Porém, após o término das relações com Prestes, o curto período que marcou a aproximação das correntes "renovadoras" e "centristas" é encerrado nos idos de organização para o VII Congresso, realizado em 1982/84. Nesse movimento, os "renovadores" paulistas acabaram se organizando em torno do *Voz da Unidade*, assumindo como horizonte o texto de Coutinho "A Democracia como valor universal", publicado em 1979 e encontrando força na consolidação do Coletivo Estadual de Dirigentes Comunistas de São Paulo (CEDC/SP), apresentado no *Voz* enquanto representante de reorganização comunista em São Paulo, nos idos dos anos 1970 com a problemática do exílio e a desestruturação dos quadros e da estrutura interna.

Assim, a defesa da reorganização interna do PCB e sua "renovação" que mirasse a defesa da democracia e, principalmente, uma revisão dos métodos e da própria organização partidária tornou-se a marca do grupo. Porém, passado o momento de unidade que consolidou a saída de Prestes, a aliança entre "centristas" e "renovadores" é revisitada, com a direção do Partido. De modo que, "após a derrota das posições da esquerda prestista na luta interna, a "corrente renovadora" é que passou a representar um risco ao projeto de recuperação do controle partidário e, portanto, uma ameaça a combater" (MOURA, 2005, p. 81). Movimento que acontece com a luta política que destitui os renovadores comunistas do *Voz*, em 1981 e,

[51] Essa relação entre São Paulo e Rio de Janeiro tornou-se chave na expansão do *Voz*, com a criação da sucursal do Rio e, posteriormente, na composição da *Presença*. Sobre as diferenças entre o perfil de militância e atuação política entre os estados, Marco Aurélio Nogueira reconta: "Creio que a grande diferença é que os intelectuais de São Paulo estavam mais preocupados em ligar o trabalho de ideias com o trabalho associativo, com o ativismo político, se envolver em associações, sindicatos, na universidade. No Rio de Janeiro havia um grupo que fazia isso, onde estava o Werneck, e um grupo que não fazia –ou fazia sem muito empenho, vamos dizer assim. Talvez seja essa a grande diferença. Não acho que existissem, no que se refere a intelectuais, muitas diferenças em termos de formulação. A grande diferença era entre mais ativismo ou menos ativismo. É como se eu dissesse assim: todos eram renovadores, mas alguns eram mais ativistas políticos do que outros" (SILVA, 2021a, p. 355).

em seguida, a saída dos "renovadores" do Coletivo Estadual de Dirigentes Comunistas de São Paulo, em 1983.

A situação de saída do *Voz* é descrita por Brandão como parte do acirramento da relação com o Comitê Central. Na ocasião, o Comitê havia oferecido a Brandão uma viagem para Moscou, para integrar a comitiva brasileira chefiada por outro militante. No entanto, ele recusou o convite, acompanhado do anúncio de sua saída do jornal. Em sua leitura, a viagem aparece como tentativa de cooptação do Comitê Central, já expressão da pressão a que o grupo "renovador" paulista foi submetido nos idos de preparação para o VII Congresso (BRANDÃO, 2010). Ainda neste contexto, Marco Aurélio reconstrói este momento de desgaste da relação com o Partido:

> Foi uma luta interna específica, algo diferente dos processos que afetam todas as organizações partidárias. Ali se misturaram diferenças de orientação, de geração e, sobretudo, de entendimento de como se poderia construir um partido que vivera longas décadas na clandestinidade e que, ao se reencontrar, não saberia administrar bem as pretensões dos que haviam ficado no país e dos que viveram no exílio. O Comitê Central, todo composto de exilados que retornavam, iria entrar em conflito com o Comitê Estadual de São Paulo e com outros núcleos comunistas que tentavam a reorganização a partir de dentro. Foi um momento difícil, potencializado pelas mudanças que se verificavam na vida nacional, na estrutura de classes, nas predisposições do operariado, na busca que se fazia por novos caminhos, de que o PT seria a prova maior. O velho partido não conseguiria gerenciar tudo aquilo (NOGUEIRA, 2017a).

Como expressão da mudança de tempos e das discordâncias dos "renovadores" com o Partido, é lançado o documento "Chegou a hora da verdade" (vol. 169, 1983) em que o Comitê Estadual questiona a posição do Comitê Central. O documento é publicado no volume 169 do *Voz*, de setembro de 1983 com duras críticas à direção do Partido, acusada de se distanciar das bases dos movimentos e reforçando o clamor pela unidade de ação:

> Não reconhecemos a legitimidade das manobras da direção residual dos comunistas e constatamos que sua orientação conduz a um distanciamento do nosso movimento em relação aos trabalhadores, aos intelectuais, à ação política cotidiana [...] Não queremos que uma direção residual que não soube se reproduzir no curso das lutas reais nos conduza a uma situação também residual na sociedade. Recusamo-nos a ser um ornamento. Queremos construir um instrumento vivo de mudanças, de democracia, de ação unitária efetiva e de luta pela paz e pelo socialismo (COLETIVO ESTADUAL DE DIRIGENTES COMUNISTAS DE SÃO PAULO, 1983).

A publicação do documento no *Voz* é curiosa, o lançamento do texto elaborado pelo Coletivo Estadual de Dirigentes Comunistas de São Paulo (CEDC/SP) é precedido pelo documento

elaborado pelo Coletivo Nacional de Dirigentes Comunistas (CNDC) e acompanhado de críticas à postura dos comunistas paulistas, inclusive sobre sua atuação no *Voz*:

> Por fim, a última proposição: o documento apela à "unidade da ação com nossas questões específicas e pela retomada do processo de renovação". Seguramente, a "retomada do processo de renovação" é a retomada das práticas e concepções que os companheiros desenvolveram todos este anos em São Paulo, ligadas ao oportunismo, aquele que instauraram e tentaram manter na *Voz da Unidade* [...] No momento mesmo em que a situação política contém vários indícios que demonstram a possibilidade de uma solução positiva para o país e para a vida dos comunistas; no momento em que avançamos na implementação das nossas propostas políticas, na direção da nossa legalidade jurídica e na conclusão do processo de discussão; no momento em que multiplicam-se as adesões às nossas idéias e a *Voz da Unidade* aumenta sensivelmente a sua tiragem, esgotando regularmente suas edições — neste momento, tenta-se provocar uma crise em nosso meio (COLETIVO NACIONAL DE DIRIGENTES COMUNISTAS, 1983).

No *Voz* também são publicados textos de apoiadores e demais coletivos que reforçam as críticas estabelecidas pelo CNDC ao Coletivo paulista, acusando-os de liquidacionismo. A publicação desses documentos demarca o terreno da luta política empreendida no PCB no início dos anos 1980.

Nos episódios seguintes, a relação entre o Comitê paulista e, sobretudo, a postura “renovadora” se acirra com o “centrismo” com a publicação de outros documentos que reforçam as posições democráticas de aliança e fortalecimento da frente democrática com a preponderância do MDB, além das críticas à condução da direção partidária. Neste sentido, acontece a publicação do documento “Para renovar a política dos comunistas”, publicado em 1983 pelos “renovadores” e assinado por nomes como Armênio Guedes, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. A publicação reunia documentos críticos à postura do Coletivo Nacional (CNDC), além do reforço programático aliancista democrático. Dessa forma, o VII Congresso consolida a predominância do "centrismo" e, aliado ao intensificado confronto interno, o grupo dos "renovadores" acaba rompendo com o Partido. A fratura aberta pela saída do grupo do Partido incorre em diferentes trajetórias militantes e intelectuais, abraçando um último suspiro de organização intelectual e militante conjunta na construção dos periódicos.

# 3. PRESENÇA - REVISTA DE CULTURA E POLÍTICA

## *3.1 Introdução*

Neste contexto de reorganização após a saída do Partido, com a crise que acompanhou o VII Congresso em 1982/84 e a saída dos "renovadores", surge a *Presença: Revista de Cultura e Política*. Fundada em Novembro de 1983 a partir dos esforços de Armênio Guedes, David Capistrano Filho, Luiz Werneck Vianna, Marco Aurélio Nogueira e Milton Lahuerta enquanto expressão desse contexto político, com vistas de intervir na disputa pelos rumos da transição a partir de um novo projeto editorial, anunciada no texto "Apresentação" elaborado por Armênio Guedes para o primeiro volume do periódico:

> **Presença** não se vincula organicamente a qualquer partido ou formação política, ainda que, num plano mais elevado, deseje firmemente engajar-se no amplo e criativo universo constituído por pessoas, organizações e movimentos que aspiram um futuro democrático e socialista para o nosso povo. Infere-se daí que o seu objetivo não é apenas, e nem principalmente, o de divulgar, propagar ou enriquecer idéias, orientações e teses já aprovadas por grupos, movimentos ou partidos (GUEDES, 1983, p. 8).

O editorial aparece enquanto expressão da posição de seus autores frente a crise estabelecida dentro do Partido, assim como os caminhos vislumbrados para sua superação, fora da organização. Posição que aparece nas disputas políticas, mas, também, na batalha editorial travada desde o *Voz,* o que faz com a *Presença* também se posicione de forma contrária ao dogmatismo e os jargões. Buscando uma prática que amplie a produção intelectual comunista para novos campos, a partir da linha política e teórica adotada e defendida:

> **Presença** não se pretende outra originalidade- é o que pensam e aspiram seus organizadores- a não ser a da tolerância e generosidade democráticas, qualidades quase sempre ausentes, em nosso país, nas publicações patrocinadas por organizações, movimentos ou grupos socialistas. Invertendo uma prática ortodoxa, desejamos e precisamos de tolerância, sem que isto signifique perda de identidade ideológica e filosófica (GUEDES, 1983, p. 7).

Neste sentido, a própria linha adotada pelo *Voz da Unidade* após a saída dos "renovadores" passa a ser alvo das críticas exercidas pela *Presença*, quando o jornal transforma-se em uma expressão da linha política do Comitê Central, olhando com mais positividade para as questões e orientações soviéticas. Ainda que, a partir do mapeamento da trajetória trilhada pelos intelectuais "renovadores", a busca por construir periódicos que dialoguem novas formas de pensar e exercer a política comunista estejam no cerne do grupo, aparente tanto na

*Temas* como no *Voz* e, pós rompimento partidário, na *Presença*.

Neste movimento, a revista se propôs ao esforço amplo de dialogar com outros campos políticos e fomentar a conformação de uma via democrática sólida no país (LUCCA-SILVEIRA, 2017), assumindo como referência outros periódicos como a *Estudos Sociais, Revista Brasiliense*, *Movimento Comunista, Diretrizes,* entre outros. Reunidos com o objetivo de pensar e influir no contexto conjuntural brasileiro, intervindo no debate público "de forma mais livre" sem vínculo com o PCB (GÓES, 2020, p. 20), mas batalhando por uma alternativa democrática. Assim, a *Presença* anuncia o objetivo de intervir na conjuntura a partir de uma defesa democrática, apoiados sob uma tradição marxista brasileira que se manteve como porta-voz dos movimentos operários, registrado nas revistas referenciadas para a elaboração da *Presença*. Neste aspecto, compreendemos que a revista significa um "suspiro final" da atuação dos "renovadores" de forma conjunta e coletiva. Ao passo que sua elaboração demonstra uma maturação das teses formuladas a partir da concepção da democracia como "valor universal", consolidando uma atuação movida pela estratégia democrática. Por outro lado, a *Presença* também significa o momento final de produção coletiva do grupo e acaba por registrar o agravamento da crise organizacional e política enfrentada pelo comunismo brasileiro nos anos 1980.

Ainda nesta linha, o trabalho apresentado por Marcos Paulo de Lucca-Silveira (2017), sugere que a *Presença* significou o "ponto máximo" da elaboração democrático-comunista no Brasil, assumindo que o periódico reuniria o núcleo de maior importância teórica-ideológica para o tema da democracia enquanto uma revolução de nossos tempos (LUCCA-SILVEIRA, 2013). Tornando-se, portanto, um referencial político e conceitual para a consolidação desta via democrática enquanto caminho para o socialismo. Perspectiva com a qual traçamos um contraponto, ao compreender a *Presença* enquanto expressão da maturidade do grupo, ainda que sua conformação editorial mostra-se enquanto um *laboratório de ideias*, onde há o debate e o espaço para a inserção de pontos de vista e perspectivas diferentes, expresso nas entrevistas e, na segunda fase da revista, após a mudança para o Rio de Janeiro, nos artigos. Assim, sua experiência representa o momento de maior maturidade intelectual entre os projetos estudados, ainda que sua formulação aconteça em um período de crise e declínio da experiência comunista no Brasil e no mundo.

Adotando este perfil, a revista abre inúmeros paralelos e dissidências com o jornal *Voz da Unidade*, representante de uma experiência imediatamente anterior de produção editorial. Organizada pelos intelectuais do "núcleo-duro" da defesa da democracia enquanto caminho

tático e programático para o Brasil, sob a perspectiva socialista, ainda que as publicações distanciam-se em seu perfil e formato.

### *3.2 Radiografia*

A *Presença* organiza-se no formato de revista, publicada entre Novembro de 1983 e Junho de 1992 com a circulação de 18 volumes com cerca de 200 páginas, capas coloridas e um miolo reunindo artigos teóricos e de opinião, além de entrevistas, charges, resenhas e editoriais focados nas discussões conjunturais. Firmando-se como um espaço de reflexão crítica e análise política sobre o momento histórico vivido pelo Brasil, especialmente durante o processo de democratização que se consolidou nos anos 1980. O foco das publicações era não apenas o debate teórico, mas também uma interpretação dos eventos políticos, sociais e econômicos que configuram a realidade brasileira pós-regime militar. Nesse sentido, os autores que mais publicam na *Presença* são nomes integrantes ou correlatos dos "renovadores" comunistas, sendo eles: Luiz Werneck Vianna, com 17 artigos publicados, Leandro Konder com 13 e Maria Alice Rezende de Carvalho com 12 artigos.

A relação da Presença com as experiências editoriais anteriores, isto é, a *Temas* e o *Voz da Unidade*, demonstram o compromisso com uma agenda política voltada para a construção de um novo pensamento crítico, alinhado ao processo de redemocratização. Dos nomes que protagonizam as experiências passadas destacam-se: Marco Aurélio Nogueira responsável por 7 textos publicados, além de integrar o Conselho de Redação da revista desde o seu primeiro volume e Carlos Nelson Coutinho, que integra o Conselho Editorial e publica 6 volumes. Armênio Guedes, por sua vez, apresenta intervenções pontuais na revista, mas mantém-se no Conselho de Redação e é o jornalista responsável pelo periódico em grande parte de sua publicação. Por outro lado, Gildo Marçal Brandão não está presente na *Presença*, tanto em publicações quanto nos órgãos editoriais do periódico.

Quanto ao perfil dos textos, a revista prioriza artigos que pautem a conjuntura nacional, com atenção para as agendas econômicas, políticas e culturais. Atentando-se às movimentações partidárias, sindicais e abrindo espaço para jogar luz aos movimentos culturais, com a resenha de livros, comentários cinematográficos, discussões sobre a intelectualidade, entre outros. Assim como a *Temas*, a *Presença* traz charges e ilustrações, tanto na capa quanto no miolo, sempre relacionados aos textos publicados. Além dos artigos, a revista publica entrevistas e traduções organizados a partir da valorização da democracia como fio condutor. Sob esse aspecto, concordamos com a análise de Marco Silveira ao apontar que o principal traço da fisionomia político intelectual da revista é "a valorização da

democracia a partir de uma linguagem marxista" (LUCCA-SILVEIRA, 2013, p. 127) garantindo a organização dos textos sob os eixos: democracia e marxismo.

A absorção dos autores italianos, que marcaram a trajetória deste "grupo" intelectual é reforçada na *Presença*. Desde o primeiro volume, são feitas referências aos autores do marxismo italiano, sobretudo Antonio Gramsci, o que se intensifica na publicação dos periódicos e ganha corpo com o 17º volume, em que Gramsci estampa a capa da revista e grande parte dos textos publicados são em sua referência[52].

*a. Circulação*

No âmbito da circulação, a revista promovia um sistema de assinaturas anuais, com o envio de quatro volumes. Em seu primeiro ano de edição, a revista conta com 1200 assinantes, sendo 700 de pessoas que se comprometeram com a revista antes mesmo de seu lançamento. Com esses números, a revista apresenta um balanço positivo de sua atuação, acreditando "estar cumprindo seu compromisso maior: pensar e repensar o Brasil - sua modernidade, seu futuro- de uma perspectiva pluralista, autônoma e renovadora" ("Aos assinantes", 1984). Em seus 4 primeiros anos, entre 1983 e 1987, a revista se mantém com a venda e assinatura dos exemplares, quando passa a receber o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ser publicada pelo Centro de Pesquisas e Difusão Cultural até o volume 17, que antecede seu fim na edição 18. Para o anúncio da colaboração entre *Presença* e CNPq, a revista publica uma Nota do Editor em que lê-se:

> **Presença** foi criada a partir de uma necessidade concreta de pensar e discutir as questões políticas e culturais que movem a sociedade brasileira hoje, participando do esforço de construção de um pensamento renovado e renovador que possa enriquecer as iniciativas de pessoas, organizações e movimentos que visam a construção de um futuro democrático e socialista em nosso país [...] Uma iniciativa dessa natureza merece viver [...] Foi com essa esperança que os interessados na reprodução dessa iniciativa levaram adiante a ideia de constituição de uma sociedade civil que dê suporte institucional ao projeto intelectual e político em que nos jogamos. A partir desse número, **Presença** passa a ser uma publicação do Centro de Pesquisas e Difusão Cultural (CARVALHO, 1987, p. 5).

A composição da revista, por sua vez, aceitava envio de colaboradores externos, com a ressalva de que os artigos publicados passariam pelo crivo do Conselho Editorial, comprometido com a renovação e a defesa democrática. Os artigos devem restringir-se a 15

[52] Retornaremos a essa reconstrução da presença gramsciana e, sobretudo, ao volume 17 nas páginas a seguir.

laudas, enquanto as resenhas apenas à 3 páginas datilografadas, respeitando as normas técnicas de citação e referência. Assim, os volumes eram compostos pelos textos de seus colaboradores principais, também atuantes nos conselhos editoriais, mas também garantia a circulação de textos externos, de autores que, não necessariamente, integravam o grupo político e intelectual de que vinham seus autores principais, que podiam ser encaminhadas para publicação.

*b. Corpo Editorial*

Em seus anos iniciais, a revista se organizou em uma ampla comitiva editorial, composta pelo Conselho Editorial, o Conselho de Redação e o grupo de Arte. Reunindo cerca de 70 pessoas em sua realização com uma publicação semestral, modelo que também passa por reformulações ao longo dos volumes da revista. Olhando com maior atenção para o Conselho de Redação do primeiro volume e abrindo um paralelo entre as publicações anteriores organizadas pelo "grupo", observa-se uma correlação entre a participação dos integrantes nas publicações:

TABELA 04 - RELAÇÃO DOS AUTORES INTEGRANTES DO CORPO DE REDAÇÃO DA *PRESENÇA* EM COMPARAÇÃO COM OS PERIÓDICOS *TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS* E *VOZ DA UNIDADE* (VOL. 01-VOL. 67)

| **Relação dos autores integrantes do Corpo de Redação da *Presença* em comparação com os periódicos *Temas de Ciências Humanas* e *Voz da Unidade* (vol. 01-vol. 67)** | | |
|---|---|---|
| **Autor** | **Participa da *Temas*** | **Participa do *Voz da Unidade*** |
| Acácio Werneck | - | - |
| Alberto Castiel | - | - |
| Armênio Guedes | Faz a Introdução da republicação do Documento do Comitê Estadual da Guanabara (1970). | Figura central na construção do jornal enquanto representante dos "renovadores" e referência política, além de compor o Comitê Central do Partido. |
| Cláudio Guedes | - | - |
| David Capistrano Filho | Integra o Corpo Editorial a partir do | Figura central na elaboração do *Voz da Unidade*, |

| | | |
|---|---|---|
| | 8º volume | responsável pela fala de apresentação do jornal na Festa de Lançamento do jornal. |
| Ivan Ribeiro | Publica artigos na revista, mas não integra o Corpo Diretivo | Publica artigos no jornal, mas não integra o Conselho Editorial |
| João Batista de Andrade | Integra o Corpo Editorial a partir do 8º volume | - |
| João Quartim de Moraes | - | - |
| Luiz Werneck Vianna | Integra o Corpo Editorial a partir do 8º volume | Publica artigos na revista, mas não integra o Conselho Editorial |
| Marco Aurélio Nogueira | Figura central na elaboração da *Temas*, tornando-se um dos principais colaboradores. | Figura central na elaboração do *Voz da Unidade*, tornando-se um dos principais colaboradores. |
| Milton Lahuerta | Integra o Corpo Editorial a partir do 10º volume | Figura central na elaboração do *Voz da Unidade*, tornando-se um dos principais colaboradores. |
| Orlando Miranda | - | - |
| Ricardo Carneiro | - | - |
| Ruth Tegon | Publica artigos na revista, mas não integra o Corpo Diretivo | - |
| Sérgio Gomes | - | - |
| Fonte: Elaborado pela autora (2024) a partir do acervo documental dos periódicos *Presença - Revista de Cultura e Política, Temas de Ciências Humanas* e *Voz da Unidade* (vol.01 - vol. 67). | | |

Quadro comparativo que permite aferir a intensa participação do grupo “renovador” que rompeu com o Partido nos idos de 1983, mas, também, como houve uma continuidade entre os quadros comunistas que compuseram as experiências editoriais analisadas. Além do Conselho de Redação, o Conselho Editorial foi composto por nomes como Alberto Aggio,

Fernando Henrique Cardoso, Bolívar Lamounier, Carlos Nelson Coutinho, entre outros que, no decorrer dos anos de publicação, aparecem publicados na revista. A partir do quinto volume, são identificados os editores responsáveis com um revezamento entre Maria Alice Rezende de Carvalho, Marco Aurélio Nogueira e Milton Lahuerta. Nesse sentido, é possível observar uma mudança para um perfil de intelectuais universitários, diferente do jornal *Voz da Unidade*, por exemplo. No caso da *Presença*, as relações estabelecidas entre a universidade e os centros de estudo, como o IUPERJ, acabam predominando entre os membros de sua direção.

No entanto, ainda nos primeiros volumes o grupo enfrenta sua primeira cisão. David Capistrano Filho e um grupo, expresso na figura de João Guilherme Vargas Neto, migram para a construção do periódico *A Esquerda*, revista que opera no mesmo prédio em que a *Presença* era produzida, com o objetivo de construir uma publicação mais ligada à questão sindical[53]. Anos mais tarde, Milton Lahuerta descreveria esta cisão como:

> No mesmo espaço que tinha sido a sede do comitê estadual, na avenida Rebouças, em um prédio que já foi demolido, nós passamos a fazer a revista *Presença* e eles passaram a fazer um jornal chamado *A Esquerda*. Esse jornal era expressão do grupo do David, que radicaliza numa postura maximizadora, com menos veleidades intelectuais, mais inserção no movimento sindical e com uma pegada de combate. Como Prestes já está derrotado, eles vão disputar, já fora do partido, com o Comitê Central, para afirmar uma posição mais à esquerda, que consideravam necessária à sociedade brasileira. Para eles, o Comitê Central não era visto como um "centro pragmático", mas sim como um pântano. Essa leitura *ad hoc* – de um centro pragmático que mantém o partido contra as concepções desviantes à esquerda e à direita – acaba sendo muito arrumadinha, muito organizada (SILVA, 2021, p. 381).

Este trecho, concedido em entrevista para Marcelo Fontenelle e Silva, já em 2021, permite compreender como o episódio de ruptura manteve o diálogo entre os grupos que produziam os periódicos, mas, também, acaba por enfatizar as diferenças políticas que permeavam os intelectuais e militantes envolvidos nesta experiência. David Capistrano Filho deixa a *Presença* em seu sexto volume, de outubro de 1985.

---

[53] Em entrevista (ANEXO 02), Breno Altman, comunista representante de uma nova geração e figura central na construção do periódico *A Esquerda* rememora como a atuação de David foi central para a estruturação dos periódicos *Presença* e *Esquerda*. Em sua reconstrução, David teria organizado o grupo de "renovadores" entre os eurocomunistas e os leninistas, garantindo a *Presença* para o primeiro grupo, na figura de Marco Aurélio Nogueira e *A Esquerda* para os leninistas, na figura de Altman. Como se lê: "Na verdade, o Davi, para poder garantir a harmonia do nosso pessoal, propõe que a edição da Presença fosse de alguém terrivelmente eurocomunista, acho que foi o Marco Aurélio Nogueira que assumiu essa função. E a edição de A esquerda... Ele (David Capistrano Filho) era o diretor de redação das duas, mas queria que o editor da Esquerda fosse alguém terrivelmente leninista, e aí indicou a mim. As coisas não eram formuladas desse jeito, mas a minha compreensão pós-fato é essa, de que ele fez uma arbitragem entre as duas alas da nossa patota" (ALTMAN, 2021)

Com isso, a *Presença* passa a ser protagonizada por uma geração mais nova de intelectuais que, apesar da chancela e participação de Armênio Guedes, era organizada, em um primeiro momento, por Marco Aurélio Nogueira, o próprio Lahuerta, Ricardo Carneiro, entre outros. Além do destaque que Luiz Werneck Vianna adquire no processo de construção da revista, sobretudo quando a *Presença* migra para o Rio de Janeiro. Processo descrito por Lahuerta, em entrevista retrospectiva:

> Mas, o grande dínamo político da revista é o Werneck, fazendo a articulação entre São Paulo e Rio de Janeiro, e outras partes do país, militando incansavelmente na promoção da publicação. Entre todos nós, o Werneck é quem vai conceber de modo mais político, mais maquiavélico, a importância e o sentido de uma revista como aquela. Ele não é o único que se dedica à revista, mas sem dúvida é quem mais se empenha em manter o empreendimento vivo. Tanto que em 1987, quando entro em uma crise pessoal e o grupo de São Paulo se desagrega, a revista vai para o Rio de Janeiro e a Maria Alice Rezende de Carvalho passa a editá-la (SILVA, 2021, p. 383).

A alteração de cidade-sede aconteceu em 1986, com a publicação do 8º volume da revista e a transferência entre a Editora Caetés e o Centro de Pesquisas e Difusão Cultural, a partir do financiamento do CNPq para sua produção. No Rio, a revista assumiu um perfil mais acadêmico, com forte proximidade do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e o papel de destaque assumido por Luiz Werneck Vianna. Nos diferentes volumes que marcam a transição entre São Paulo e Rio, não aparecem explicações diretas sobre a alteração de local, o que abre um campo de interpretações e reconstrução de tal mudança. Nesse sentido, Góes (2020) apresenta a hipótese de que a absorção do núcleo concentrado em David Capistrano Filho ocorreu de forma mais avançada pelo PT e pela nova esquerda, o que não se efetivou no Rio de Janeiro. Além disso, segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, o Rio teria uma "moeda acadêmica" mais fraca, o que permitiria a melhor circulação de uma "revista de opinião", alinhado ao perfil da *Presença*.

Além disso, a revista enfrentou uma desestruturação no corpo editorial paulista, com a ida de Marco Aurélio Nogueira para a Itália em 1984, para se dedicar ao doutorado. Entre os colaboradores que se mantêm, pesa a pouca experiência editorial, além do enfraquecimento do grupo em São Paulo, o que, somado aos fatores enunciados, permite a mudança para o Rio de Janeiro na oitava *Presença*, além do auxílio do CNPq e a continuidade da revista até o 18º volume.

*c. A linha política e o primeiro volume*

Desse modo, a *Presença* se organiza a partir de sua defesa política e estratégica da democracia enquanto norte, o que aparece com bastante veemência no primeiro volume do periódico, tanto pelo editorial assinado por Armênio Guedes quanto pelos textos que acompanham a publicação. Assim, a composição do primeiro volume serve, também, para apresentar o desenho da revista em sua concepção inicial, produzindo, a partir deste primeiro contato entre publicação e público, um desenho das pretensões da revista, destacando a necessidade de uma atenção especial à sua publicação. Nesse sentido, o Editorial elaborado por Armênio Guedes atua como porta-voz dos objetivos políticos e editoriais da publicação que nascia. Compreendida enquanto uma iniciativa que buscou pensar e discutir as questões centrais da vida social, política e cultural do país. Assumindo a perspectiva democrática e, em um "plano histórico necessariamente mais amplo", batalhar pela construção do socialismo no país. A força motriz de produção da revista, no entanto, está na leitura de que a conjuntura passava por um momento decisivo com enorme potencialidade de fazer avançar a democracia. Ao passo que, as possibilidades de o país ser conduzido à um enorme retrocesso político também estão no páreo, por isso, as preocupações da revista estão na conjuntura, nacional e internacional, além de uma grande atenção ao movimento operário (GUEDES, 1983).

Assim, acompanhando a leitura de que o primeiro volume expressa o perfil assumido pela publicação, os demais textos também acabam atuando enquanto *editoriais* que apresentam a revista para seu público. Enquanto o texto de Armênio se propõe à uma apresentação editorial da *Presença*, o artigo elaborado por David Capistrano Filho cumpre o papel de apresentação política da revista. No texto, "Doze teses sobre a conjuntura política" (vol. 01, 1983), Capistrano apresenta uma leitura conjuntural que contempla a atuação do campo democrático, centralizando a atuação do MDB e do movimento sindical enquanto pilares da frente democrática, que se fortalecia. De modo que "a hipótese democrática mais avançada é a conquista das eleições diretas para presidente, que levaria, a seguir à Assembléia Constituinte, ao fim do regime" (FILHO, 1983, p. 17). Ainda assim, os ares esperançosos que rodearam o país tomam corpo no texto de Capistrano, em que "atolados na mais grave crise de nossa história" as perspectivas eram positivas ou, como escreve "a situação está péssima, excelente para o avanço da democracia" (FILHO, 1983, p. 18)[54].

[54] Em referência à frase de Roberto Schwarz no editorial que abre o primeiro número da *Novos Estudos CEBRAP,* em dezembro de 1981: "A situação é péssima, excelente para fazer uma revista" (SCHWARZ, 1981).

O mesmo perfil aparece publicado no texto "Comunistas, Comunismo: O desafio da renovação" (vol. 01, 1983) de Marco Aurélio Nogueira, também publicado no primeiro volume da *Presença* em que a crise do PCB é avaliada frente à conjuntura de avanço e necessidade de luta democrática. No artigo, Marco Aurélio apresenta uma crítica à postura do Partido de não trabalhar o espaço ideológico e partidário, aberto aos comunistas, concluindo como

> por força de suas próprias fraquezas, divisões e incompreensões, da implacável perseguição e das armadilhas pregadas pela modernização conservadora do país, os comunistas ficaram relativamente despreparados para se inserir com plenitude na nova sociedade que emergia, na qual se tornou muito mais complexa a luta pela democracia e pelo socialismo (NOGUEIRA, 1983, p. 91).

Por isso, o caminho é o do aprofundamento da luta pela renovação radical do comunismo brasileiro, em seu pensamento e ação, aglutinando os ativistas e intelectuais. Comprometidos com um "projeto democrático de partido revolucionário e de socialismo" a partir de cinco premissas: o valor da democracia e a centralidade operária na construção do socialismo. O repúdio às fórmulas universais e dogmáticas, a política como via de resolução dos problemas, construída junto às massas em um amplo bloco de forças e classes, aliado à conquista de uma nova hegemonia que servisse de base para a afirmação de uma vocação nacional e, por fim, a autonomia em relação aos movimentos internacionais como condição para uma postura séria no plano mundial. Objetivando a construção de um "partido que seja a expressão viva da unidade na diversidade, aberto a todos os comunistas e revolucionários, enraizado nas massas e no conjunto da vida social", visando a renovação do comunismo brasileiro, que só será possível quando atrelada à atividade política de massas com vistas à construção da democracia no país (NOGUEIRA, 1983).

Jogando luz à perspectiva dos intelectuais, o texto de Luiz Werneck Vianna "Problemas de política e de organização dos intelectuais"[55] (vol. 01, 1983) apresenta uma crítica à visão comunista sobre os intelectuais. Enquadrados na relação binária de "doutrinarismo" e "dogmatismo" e propõe um avanço que supere a visão "fetichizada" da relação orgânica entre base e o papel dos intelectuais. A fim de construir formas de integração da intelectualidade com as lutas da classe operária e do movimento socialista. Em sua leitura, após uma reconstrução histórica do papel dos intelectuais frente à construção e consolidação dos partidos comunistas, não se pode desconsiderar que a conjuntura de

[55] Texto que depois integrará o livro "Travessia: da Abertura à Constituinte" de Werneck, publicado em 1986 pela editora Taurus. Ver em: Vianna, Luiz Werneck. Problemas de política e de organização dos intelectuais. Travessia: da Abertura à Constituinte 86. Rio de Janeiro, Taurus, 1986.

monopólio dos partidos comunistas era inexistente. Também nesse sentido, o marxismo passou a ser adotado por diferentes correntes de pensamento, alguns contrários e hostis aos partidos comunistas. Assim

> A questão dos intelectuais transcende a práxis política em seu sentido corrente, pois comporta esse momento de debate teórico sem o quê o movimento socialista não avança, alienando-se a prática da teoria. A luta pelo socialismo passa também pelas lutas das ideias, e não há como se organizar a concepção do mundo do movimento operário sem os intelectuais e sem uma forma superior de elaboração para o problema da cultura (VIANNA, 1983, p. 145).

Assim, na perspectiva brasileira, a transição para um modo de produção capitalista teria favorecido a questão dos intelectuais e da cultura, permitindo certa disponibilidade frente às instituições. Quanto aos intelectuais comunistas, Werneck observa um marco na *Declaração de Março de 1958* como momento de virada de uma orientação revolucionária para um alinhamento com relação à democracia política. Posicionamento que, na realidade, se consolidaria com o suicídio de Getúlio Vergas (1954) e a campanha eleitorial para a eleição de Juscelino Kubistcheck (JK), além do reflexo do XX Congresso do PCUS, em 1956. Os anos seguintes seriam marcados pela construção de iniciativas culturais, como o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), mas, também, por um aumento da sindicalização dos intelectuais, a partir da entrada em empresas. Assim, Werneck conclui que sem ajustar a questão dos intelectuais e da cultura, não é possível construir um partido comunista de massas, compreendendo que “a constituição de um partido influente na sociedade está associada, estreitamente, à sua política para os intelectuais” (VIANNA, 1983, p. 151).

O primeiro volume contempla, ainda, preocupações teóricas, expressas no artigo de Carlos Nelson Coutinho, “ "O Capital " e a filosofia” (vol. 01, 1983) em que apresenta-se uma correlação entre a obra marxiana em busca de compreender como a obra de Marx foi recebida no interior do movimento que se inspira em seu pensamento, apresentando como essa recepção contribuiu para a construção de uma filosofia marxista. O que soma-se ao texto “O "curriculum mortis " e a reabilitação da autocrítica” (vol. 01, 1983) de Leandro Konder em que há um paralelo entre a filosofia de Hegel e a construção do capitalismo e do mercado de trabalho. Além disso, chama a atenção a publicação dos textos “A questão agrária e a democracia” (vol. 01, 1983) de Ivan Ribeiro, rememorando a questão agrária que era central para a *Temas*, acompanhados do texto “PMDB, ou o teste da oposição no governo” de

Fernando Henrique Cardoso e as entrevistas com Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo[56] e a filósofa Marilena Chauí.

Desse modo, o primeiro volume acaba por assentar o perfil da *Presença*: um periódico atento à conjuntura, pensado enquanto tentativa de intervenção no movimento democrático que se conformava. Tensionado entre os pólos da cultura e da política, com textos que discutem as diferentes posições. Seu formato, por sua vez, acaba por assentar um perfil de intervenção na conjuntura, com artigos e textos que dialogam com os acontecimentos cotidianos. Distanciando-se da *Temas,* com seu perfil voltado às discussões teóricas e do *Voz da Unidade*, centrado nas pautas sindicais e partidárias, com publicação semanal e visando um público amplo.

### *3.3 A Presença no tempo*[57]

A revista, diferente da *Temas,* assume um caráter amplo, cujo objetivo é o diálogo entre diferentes forças progressistas comprometidas em impedir a reprodução do autoritarismo. Empenhados na reconstrução da democracia, a partir de um caminho que permita refletir a construção do "nosso caminho para o socialismo" (GUEDES, 1983), com a busca de se consolidar tanto no campo da cultura quanto no campo da política. Conectando-se, também, aos movimentos sociais emergentes no país, sensíveis aos problemas de organização do movimento operário e camponês que emergem.

Diferente do primeiro volume, a segunda *Presença* não carrega um texto de apresentação editorial, por outro lado, o texto que abre a publicação de fevereiro de 1984 é marcado por uma análise conjuntural assinada por Ivan Ribeiro e Marco Aurélio Nogueira sobre as Diretas. Na leitura dos autores, estava claro que a saída de Figueiredo representava a conclusão do processo de transição, mesmo com as tentativas do regime de encontrar meios de sobrevida. Por isso, seria urgente a defesa de um programa de "consenso", baseado no empenho e luta, na explicitação das diferenças e firmeza de posições, excluindo o sectarismo, tornando-se um meio de estruturar a participação popular e a democracia ampliada. Nessa leitura, seria preciso romper a ligação entre consenso e eleições indiretas, passo que seria

---

[56] Belluzzo é apresentado como professor da UNICAMP, membro do Conselho Consultivo da Fiesp e diretor do Conselho Editorial da revista *Senhor*. A entrevista é conduzida por Ricardo Carneiro aborda as questões econômicas do período, sobretudo a relação com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

[57] Para a reconstrução dos volumes seguintes da *Presença* optou-se por uma atenção especial à seus editoriais, no entanto, como a publicação traz editoriais em apenas alguns volumes, optou-se por incluir a análise dos textos de Luiz Werneck Vianna, Marco Aurélio Nogueira e, por vezes, dos editores como parte da reconstrução proposta neste capítulo, os autores foram escolhidos por sua inserção na direção do periódico. A inclusão permite uma maior percepção das ideias defendidas pela publicação, a partir da compreensão de seus principais articuladores, dando corpo à compreensão geral do periódico.

dado pela compreensão de que a luta pelas Diretas incorpora a luta por um programa consensual que permita superar a crise nacional. Assim, a defesa de um programa de consenso, significava se empenhar na defesa das Diretas, na tentativa de entranhar-lá na vida cotidiana nacional, tornando-a irresistível ao movimento de massas.

O volume é organizado entre as sessões de *Política* e *Cultura* e as discussões presentes acompanham as preocupações de Ivan Ribeiro e Marco Aurélio, preocupados com as Diretas e o retorno à democracia. Assim, os textos da seção de *Política* acabam por reunir pautas sindicais e partidárias, sobretudo focadas no PT com o texto "O PT e a cruzada infantil" (vol. 02, 1984) de Acácio Werneck. No texto, apresenta-se uma dura crítica ao partido, realizando um balanço do desempenho pífio da sigla nas eleições de 1982 e a necessidade de revisitar sua organização e base teórica em busca de garantir que seu fim não esteja fadado:

> O PT flutua hoje no ecletismo filosófico, ideológico e político. Acaba por não possuir teoria revolucionária embora queira fazer uma revolução, que como sabemos é um movimento "não espontâneo", consciente, coerente, consistente-racional. [...] Pode passar por momentos de euforia mas, se não superada, inevitavelmente chegará à derrota. Pior, porém, poderá ser o destino das massas atraídas pela argumentação petista, que talvez acabem por desviar da conduta política autônoma para o desespero ou então para a condição de mera massa de manobra de algum facismo caboclo (WERNECK, 1984, p. 54).

A crítica e a preocupação com o PT reaparecem nos volumes seguintes da *Presença* acompanhando o andar da conjuntura e a centralização do partido no cenário nacional frente ao enfraquecimento do PCB e as transformações em sua linha política.

Sob esse tópico, Luiz Werneck Vianna publica o texto "O operário e o popular na história recente do PCB" (vol. 02, 1983) a partir de uma reconstrução histórica da atuação do Partido Comunista Brasileiro a partir das décadas de 1940 e 1950, centralizando a defesa democrática e o ajuste de linha orientado pela *Declaração de Março de 1958* que assentou a estratégia democrática a ser seguida pelo Partido:

> A imensa e profunda riqueza política e humana contida na experiência histórica do PCB se fragmenta e dispersa, presente na coexistência de muitos comunistas individualmente, mas sem encontrar expressão política e orgânica que submeta o passado ao novo, o trabalho tradicional ao moderno, a fé mecânica -necessária, como observa Gramsci, para suportar a vontade dos militantes e das massas na hora em que a reação triunfa e reprime o movimento popular -às convicções resultantes do debate democrático no interior de um partido laico, de massas e fundamentalmente orientado para a ação política transformadora (VIANNA, 1984, p. 54).

Nesta perspectiva, Vianna reforça a necessidade de elaboração democrática para o combate à ditadura militar sob a perspectiva comunista, com um caminho que permita a construção da "frente democrática" e o encontro dos comunistas brasileiros com uma estratégia que não se limita à arena política oficial, mas expande-se na "vida social" (sindicatos, cultura, escolas, fábricas e no campo).

No mesmo volume, a *Presença* publica a entrevista concedida por Maria da Conceição Tavares em que a economista traz uma visão distinta da apresentada por Werneck. Defendendo que a linha adotada pelo PCB a partir de 1956, na realidade, seria "obsoleta", uma expressão da aderência ao projeto "isebiano cepalino" de desenvolvimento nacional que já estaria absorvida pelas elites e ideologias dominantes:

> O que o Partido Comunista fez, a partir de 1956, foi aderir a um projeto ideológico de desenvolvimento da burguesia nacional, que era o projeto isebiano cepalino [...] Não foi por acaso que a crise do Partido Comunista começou em 60. É claro que teve crise do XX Congresso, de natureza ideológica, que vocês todos passaram, mas a questão da democracia **versus** a não-democracia ainda é a questão que anima o debate. Hoje, o grande debate ainda é o debate gramsciano. Ora, mas essa não é a questão do Brasil (TAVARES, 1984, p. 30).

No entanto, é importante distinguir como a opinião elaborada por Conceição Tavares não é significativa da linha política adotada pela *Presença*, ao passo que, na visão de seus colaboradores, a defesa da democracia é valor central na linha política a ser adotada. Por outro lado, sua referência é relevante para a compreensão do cenário de debates do período.

A referência a Gramsci, no entanto, acaba por unir os dois artigos. Por sua recorrência, observa-se como a aparição do italiano é constante na *Presença* e, de forma geral, como ocupou espaço no léxico das discussões democráticas do período. De forma sistemática, os autores publicados na *Presença* fazem uso dos termos gramscianos, sobretudo atrelados à discussão da intelectualidade, com destaque para os termos "intelectuais orgânicos e tradicionais" e "*intelligentsia".* Terminologia que recai na seção de "Cultura" da revista, com a publicação do texto "Do pré-leninismo ao pós-gramcismo: Cinco teses em estado embrionário" (vol. 02, 1983), publicado por Renato Pompeu[58] em que são reunidas teses bastante concisas com apontamentos críticos para a situação da esquerda, sobretudo de orientação comunista e marxista, no mundo. De forma resumida, as teses defendem que (1) um partido dos trabalhadores não precisa ser, necessariamente, leninista, ainda que (2) possa ser pós-leninista, ou seja, elaborar uma contribuição para as novas realidades que emergem.

[58] Renato Pompeu é jornalista, escritor e fundador do *Jornal da Tarde* (1966), com uma carreira que se consolidou no jornalismo. Na *Presença,* Pompeu integra o Conselho Editorial da revista.

Em contrapartida, um partido não poderia ser "pré-leninista", o que seria o caso do PT. (3) O mesmo estaria válido para as teses de Gramsci, efetivas para a realidade em que o sardo viveu, porém com necessidade de adaptação às novas realidades, o que seria um papel dos próprios partidos. Nesse sentido, (4) apesar de os partidos se definirem enquanto leninistas ou gramscianos, todos seriam "pós-leninistas" e "pós-gramscianos". (5) A democracia, por sua vez, seria uma questão "material" e não "ideológica", assim, seria necessário "deduzir da situação material as possibilidades de uma socialização democrática dos meios de produção" (POMPEU, 1984a, p. 124).

Preocupações que transitam do movimento social à intelectualidade e a emergência de pautas democráticas com atenção à movimentação partidária que segue ocupando protagonismo na *Presença.* O editorial que abre o 3º volume, elaborado por Marco Aurélio Nogueira, discute os debates em curso no Brasil, a partir da rejeição à emenda Dante de Oliveira, que propunha o voto direto para presidente no país, negada em 25 de abril de 1984. A leitura da publicação, por sua vez, caminha para longe do institucionalismo dos cálculos políticos que rejeitaram a emenda, apontando para uma crise de sociabilidade da sociedade brasileira, que precisa reaprender a conviver com a ideia de "povo-nação". É nesse esforço que *Presença* procura inserir-se:

> Compreende-se então porque ficaram tão decisivas a discussão e a análise crítica das condições brasileiras e dos rumos da transição democrática no Brasil. PRESENÇA quer desse esforço participar. Dando sequência à preocupação que nos move desde o primeiro número, os artigos publicados nas páginas seguintes concentram-se em temas que, para além do imediatismo das conjunturas (mas sem desprezá-lo), deitam raízes na formação mesma do Brasil moderno, vêm juntos com a crítica do golpe de 1964 e da sociedade por ele fomentada, e estão cravados no coração de qualquer reflexão voltada para o futuro (NOGUEIRA, 1984, p. 7).

Ao final do editorial, abre-se um convite para analistas de diferentes filiações teóricas que queiram discutir o Brasil, ajudando no exame do caráter e promessas da democratização em curso, além de suas relações com a história brasileira, com as classes sociais, o regime autoritário e o Estado. O editorial visa localizar a *Presença* nesse ínterim deixado pela rejeição à emenda Dante de Oliveira, nesse país criado pela frustração de uma tentativa democrática abandonada em seu embrião. O novo contexto, de rejeição ao voto direto, alterou todas as previsões, o governo viu um "patético desgoverno" se desagregando irremediavelmente. Enquanto as oposições viram-se numa situação inédita, pressionadas pelas ruas e pelo ímpeto de negociar uma solução para a crise que tinha como fundo um problema maior: a crise de sociabilidade brasileira, a falta do "povo-nação" (NOGUEIRA,

1984, p. 6).

O texto de Marco Aurélio abre um dossiê destinado à transição democrática, composto pelos textos “Completar a transição” (vol. 03, 1984) de Bolívar Lamounier, “Alternativas da transição” (vol. 03, 1984) de Carlos Nelson Coutinho, “O problema da ruptura” (vol. 03, 1984) de Luiz Werneck Vianna, “Democracia ou "conciliação ”” (vol. 03, 1984) de Michel Debrun, “Autoritarismo e ditadura” (vol. 03, 1984) de João Quartim de Moraes e “A lógica da negociação pura” (vol. 03, 1984) de César Guimarães. Além do Dossiê, o volume traz novos textos de contribuição e debate com a teoria marxista e duas entrevistas, dessa vez com José Arthur Giannotti, na sessão de política. Na entrevista, os autores refletem a crise do capitalismo a partir da percepção de que o Brasil é um “privilegiado observatório” para o desenvolvimento mundial, em defesa do fortalecimento de um “pacto popular” que seja capaz de responder à crise, profundamente grave, que se constrói. Por outro lado, existe uma grande preocupação com a conformação de quadros intelectuais capazes de responder à crise na altura de sua necessidade, no que opera a constituição de um arcabouço teórico que passa pela renovação do marxismo. Sob esse aspecto, Giannotti retoma a absorção de Gramsci, bem sucedida pelo caráter fragmentário de suas obras, que conversam com o perfil da intelectualidade brasileira: disperso e fragmentado. Os entrevistadores da *Presença*, em contrapartida, reforçam a importância da absorção do pensamento gramsciano como um passo no “arejamento do pensamento marxista brasileiro”, sobretudo enquanto uma nova tentativa de “acertar as contas com um leninismo estreito, de pensar questões novas” (GIANNOTTI, 1984). Para esta perspectiva, Giannotti concorda com a utilidade do pensamento de Gramsci no Brasil, mas segue reforçando seu caráter e, também nesse sentido, o distanciamento das questões filosóficas, abandonadas frente às questões concretas da política. A incidência do pensamento gramsciano e a preocupação desenhada pelos colaboradores da revista ao longo de seus volumes, com atenção para a preocupação destinada ao tema nas entrevistas que a revista publica, demonstram o fortalecimento do pensamento do sardo entre o grupo responsável pela publicação.

Além da preocupação com o pensamento de Gramsci, o terceiro volume também reforça o impasse que definiu a relação da *Presença*, e seus autores, com o PT. Enquanto expressão desse debate, é publicado o texto “A cruzada anti-PT do professor Acácio” (vol. 03, 1984), elaborado por Marco Aurélio Garcia que responde ao texto de Acácio Werneck, publicado no volume anterior. No artigo, Garcia desconstrói, minuciosamente, a argumentação apresentada por Werneck, favorecendo o papel do PT na sociedade brasileira

enquanto agente protagonista:

> Só a história poderá responder sobre o alcance da contribuição do PT para a história das lutas dos trabalhadores no Brasil. Seja qual for o veredicto, êxito ou fracasso: o PT não foi o resultado da elucubração de um grupo qualquer movido por ideias generosas ou estapafúrdias, mas a expressão da emergência de movimentos de trabalhadores na política, em um momento de crise do regime autoritário implantado em 1964 e quando a estratégia revolucionária instituída em 1917 dava mostras evidentes de estar completando seu ciclo (GARCIA, 1984, p. 74).

A conjuntura, no entanto, é implacável com a *Presença*, tanto nas certezas e críticas que aparecem nos artigos, cujas análises tornam-se obsoletas frente aos acontecimentos, como nas dúvidas e questionamentos de atores incertos. Como no caso da relação da revista com o PT, que transita entre críticas e a visão de sua estabilidade enquanto representante de uma nova conexão com a classe trabalhadora. Nesse sentido, a *Presença* acaba sendo transformada pelas variações na conjuntura nacional a cada volume, transformando a conjuntura em um ator protagonista do processo de construção da revista. Tensão que é descrita no próprio periódico, como no texto "Os partidos e a crise" (vol. 03, 1984) de Carlos Américo Pacheco[59] em que são ponderados os textos contidos no Dossiê do volume anterior sob o risco de carregar análises errôneas, ou precipitadas, ou, "como dizem certos políticos, quem conhece o dia de amanhã está mal informado" (PACHECO, 1984, p. 63).

Assim, enquanto o volume 3, publicado em Maio de 1984, destaca a rejeição às *Diretas Já* pela emenda Dante de Oliveira, o volume 04, de Outubro de 1984, pauta a candidatura de Tancredo Neves, defendida por Werneck Vianna enquanto um representante da "conciliação nacional" a ser defendido, porém, pressionado por um movimento de massas. Assim, "a existência do candidato Tancredo Neves, o caminho para sua afirmação e vitória é e será campo de duríssima batalha política que não poderá prescindir do suporte de massas" (VIANNA, 1984, p. 10).

Neste cenário, *Presença* também se ocupa com o debate dos rumos da esquerda brasileira, com a publicação de três textos que respondem à pergunta "E a esquerda, como é que fica?" (vol. 04, 1984) acompanhado das respostas de Ivan Ribeiro, Carlos Américo Pacheco e Renato Pompeu. Assentando como a busca de renovação moveu a esquerda brasileira no cenário de reestruturação do PCB, o surgimento do PT e os movimentos católicos confluindo no cenário internacional de enfraquecimento dos Partidos Comunistas ao

[59] Professor de Economia na UNESP, Carlos Américo foi secretário executivo do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e presidente do Conselho de Administração da Finep (1999-2002). Foi subsecretário da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo (2007), reitor do ITA (2011-2015), e diretor geral do CNPEM (2015-2016). Ver em: (FAPESP, [s.d.]); https://fapesp.br/10325/carlos-americo-pacheco. Acesso em 27 de novembro de 2024).

redor do mundo e a crise da concepção stalinista de política, que se enfraquece com o XX Congresso do PCUS. Entre os textos, o de Renato Pompeu chama a atenção por construir uma análise dos partidos, comparando as agrupações leninistas e gramscianas. Em sua leitura, os partidos gramscianos seriam "todos os que procuraram consolidar a democracia capitalista e, dentro dela, a hegemonia ideológica do proletariado" (POMPEU, 1984a), o que vale para os partidos comunistas da Itália, França, Espanha, Japão e Chile. O Brasil, por sua vez, representado tanto pelo PCB quanto pelo PT, se enquadram nessa concepção com ressalvas, o PCB não estaria "vinculado na massa" e o PT não seria "claramente vinculado à tradição estabelecida por Marx". De todo modo, esse modelo estaria em ruínas com o avanço da crise capitalista em escala global o que gera uma cenário em que "no mundo capitalista de modo geral, tendem a se esgotar as possibilidades do partido gramcista". Já no Brasil, a tarefa seria a de "criar mecanismos de centralização, se não institucional, pelo menos prática, dos partidos operários"(POMPEU, 1984b, p. 76). Desse modo, se desenham as preocupações latentes da *Presença*, que acompanham a revista ao longo dos anos: (1) o avanço e fortalecimento da democracia, (2) os caminhos para o socialismo e, de forma bastante predominante, (3) o local ocupado pelos partidos políticos e suas diferentes configurações para a esquerda brasileira, acompanhando as discussões a partir das tensões da conjuntura.

Nesse meio, a *Presença* se defronta, em seu quinto volume, de Janeiro de 1985, com a vitória de Tancredo, compreendida enquanto a expressão de um "novo país que vem à tona, porém sem o hábito da política e sem a prática da representação" (VECHIO; LAHUERTA, 1985), o que coloca desafios inéditos à imaginação e ação das forças democráticas. Nesse momento, sob os ruídos do embate entre as forças democráticas vitoriosas, duas questões se estruturam: "o que fazer para que a transição não se amesquinhe em mera reconversão liberal do regime?" e "Como combinar a reorganização institucional que se avizinha com um tratamento não convencional da dramática crise em que está imersa a sociedade brasileira?" (VECHIO; LAHUERTA, 1985, p. 11).

A quinta *Presença*, por sua vez, traz um editorial bastante conjuntural, focado nas disputas de posse protagonizadas por Tancredo Neves e os jogos de bastidor que o cercam. Ao final, defende-se enquanto programa:

> Num quadro desses, o discurso otimista sobre a recuperação e a defesa retórica da Assembléia Nacional Constituinte precisam ser urgentemente superados por uma perspectiva que aponte para e concretize a consubstancialidade existente na luta pela democracia entre reorganização institucional, reformas estruturais e reconhecimento de novos direitos. Sob pena de, se isso não for feito, o regime passar à história como tendo realizado, com maneirismos, a modernização do país

(Presença- Revista de Cultura e Política, 1985, p. 11).

Pelo editorial, a preocupação com a modernização fica evidente, o que também aparece no artigo publicado por Luiz Werneck Vianna, também no quinto volume da *Presença*. No artigo, Vianna desenvolve uma análise histórica da modernidade na trajetória brasileira, indicando seu desenvolvimento precoce nos tempos da república oligárquica. Com destaque para o papel do Estado Novo, Vianna indica como ele acaba por consolidar os avanços trabalhistas, tornando-se hegemônico na organização da sociedade civil enquanto "Estado ampliado". Em referência direta ao sardo: "conforme a definição gramsciana" (VIANNA, 1985, p. 40), articulando o conceito de "modernização pelo alto" ao apontar como o Estado corporativo e autoritário não se opõe à modernidade, mas, pelo contrário, utiliza-se dela como forma de legitimação, gerando a ideia de que o Estado é mais moderno que a sociedade.

O uso do conceito de "modernização pelo alto", conduzida a fim de explicar a ação do Estado que, de forma autoritária, traz a novidade tecnológica remete ao movimento realizado por Vianna em sua tese de doutorado "Liberalismo e Sindicato no Brasil", de 1976. No texto, o termo "revolução  "pelo alto ""  aparece aludindo à modernização econômica através da intervenção política com a "conservação" do sistema (VIANNA, 1978, p. 140). Neste momento, o autor associa a "revolução pelo alto" à "revolução passiva", mesmo que indique a diferença entre ambas, já que na primeira não existe o espaço para a "degola das classes trabalhadoras pelas classes dominantes":

> Ressalvado esse aspecto, qual seja o de que uma "revolução sem revolução" não se identifica necessariamente com a fórmula "pelo alto" da modernização, essa categoria produz uma sugestiva abertura do campo analítico (VIANNA, 1978 (1976), p. 141).

É nesse sentido que diferentes palavras aparecem em seus textos como expressão da modernização da sociedade a partir das elites agrárias, variações em que se destacam: *via prussiana*, *modernização conservadora*, *revolução pelo alto* e *revolução passiva* (BIANCHI, 2020). Na *Presença* repetem-se os volumes em que o conceito de "modernização conservadora" é utilizado para este fim.

De volta aos editoriais, o sétimo volume da *Presença,* de Março de 1986, traz dois editoriais. O primeiro, de cunho econômico, trata da Lei nº2.283 (fev/1986) que institui o Plano Cruzado, o Seguro-Desemprego e demais providências e, na leitura do editorial, permitiu à população despertar com a expectativa da estabilidade de preços após um longo processo de inflação desalentadora. Retomada da esperança que veio junto de uma

recomposição do tecido político que se engajou na mobilização popular em apoio à Nova República. Havia a aposta, no entanto, de que o fim da inflação permitiria ao Estado recuar no papel de anteparo das contradições entre capital e trabalho, o que estimula a organização da classe operária e da estrutura sindical.

O otimismo no Plano Cruzado encanta:

> O país amanheceu no dia 28 de fevereiro [de 1986] vivendo uma nova realidade. E esta política não é apenas econômica, mas essencialmente política: o povo e cada cidadão foram erguidos à condição de sujeitos da história", o que faz da economia "expressão concentrada" da política, a partir de uma política que visava pôr "o capitalismo brasileiro sob bases "saudáveis", valorizando o capital produtivo em detrimento do especulativo, eliminando, com isso, fortes traços de "asiatismo (Presença- Revista de Cultura e Política, 1986, p. 8).

O segundo editorial tratava da censura imposta ao filme "Je vous salue, Marie" de Jean-Luc Godard, proibido de exibição por conter cenas de nudez. No texto, os autores ressaltam a importância da liberdade de expressão para a construção da democracia, mesmo se enfrentando com setores da Igreja que protagonizaram a censura ao filme. O texto cita Rosa Luxemburgo e Rousseau, no primeiro caso, Rosa é apresentada como "a melhor tradição marxista" ao propor que a "liberdade é sempre a liberdade do outro". Já Rousseau encerra o texto na defesa da liberdade de expressão enquanto parte fundamental da democracia, mesmo que com certo tumulto, já que este é parte basilar do amadurecimento da consciência, o que faz andar o passo democrático.

O oitavo volume da *Presença* publicado em setembro de 1986 não apresenta um editorial, por outro lado, carrega dois importantes textos de Luiz Werneck Vianna e Marco Aurélio Nogueira, ambos membros do Conselho de Redação: "Um processo à Procura de um Ator" (vol. 08, 1986) e "O Espírito da Coisa" (vol. 08, 1986) abrindo, respectivamente, a publicação e expressando a leitura dos autores para os acontecimentos conjunturais. Na publicação, Vianna aponta como a transição opera em dois planos, em um processo dialético: a perda de efeito das antigas instituições e a emergência de uma sociedade civil renovada, já que a lógica da transição não se resume a processos, mas também a atores, sendo, portanto, processo e construção. Nesse sentido, a conquista da democracia política deve ser a estratégia defendida por que é a única capaz de destravar um complexo de transformações institucionais e econômico-sociais que impõe a via da ruptura democrática e a progressiva democratização da vida social e do Estado.

Por outro lado, o papel das elites estaria, justamente, em rebaixar a transição em uma auto-reforma do antigo regime, na tentativa de construir um novo padrão hegemônico burguês à "americana", longe do corporativismo dos anos 1930. O Brasil teria perdido a "vantagem do atraso", como Trotsky explica, condensando o duplo caráter da transição na estrutura partidária. Por isso, a trama da conjuntura se elucidaria na análise dos partidos políticos. Nesse sentido, Werneck apresenta como as principais forças políticas estão fora do Estado: a Igreja e as Forças Armadas, ocupando o campo da Sociedade Civil. Werneck defende, então, os partidos como os grandes encabeçadores da transição, mesmo que ainda em processo de gestação: é um processo à procura de um ator (VIANNA, 1986).

Marco Aurélio, por sua vez, traz uma leitura bastante próxima de Vianna ao apostar suas fichas no sistema partidário. Esse seria o "espírito da coisa" quando se tratava da transição: era preciso reformar as instituições, tarefa reservada aos partidos e parlamentos que, no entanto, eram as instituições em crise. A questão, portanto, tornava-se: eles conseguirão se auto reformar e ganhar propulsão para redesenhar institucionalmente o país? Como se comportarão politicamente as forças e lideranças mais radicalmente posicionadas em favor de uma democracia avançada no Brasil? Leitura que não considerava a transição como um processo já comprometido, em que a redemocratização *sui generis* conseguiria alternativas para prosseguir e requalificar a sociedade civil.

Nesse sentido, Marco Aurélio aponta cinco aspectos centrais para a resolução da crise: (1) a formação de um bloco democrático; (2) a importância desse bloco democrático não se reduzir à uma frente democrática; (3) a importância dos partidos reconhecerem que a crise do PMDB é uma crise do sistema partidário de conjunto**;** (4) a importância de um PMDB forte, combativo e renovado; (5) a necessidade democrática dos partidos e da sociedade civil sob a máxima: "Ruim se os partidos puderem tudo, pior se não conseguirem fazer nada" e (6) a importância de não opor o social ao político-institucional, tentando construir consenso (NOGUEIRA, 1986, p. 23).

Nesse mesmo volume é publicado o texto "As Categorias de Gramsci e a Realidade Brasileira" (vol. 08, 1986) de Carlos Nelson Coutinho, apresentado originalmente no seminário intitulado "Le trasformazioni politiche dell "America Latina: la presenza di Gramsci nella cultura latino-americana" organizado pelo Instituto Gramsci em Ferrara na Itália em 1985 e publicado em italiano na *Crítica Marxista*.

Já a *Presença* seguinte (vol. 09, 1987), traz uma Nota do Editor apresentando o financiamento do Centro de Pesquisas e Difusão Cultural, enquanto parte do suporte institucional do projeto intelectual e político do grupo. Na nota, apresenta-se a criação da

revista como uma:

> Necessidade concreta de pensar e discutir as questões políticas e culturais que movem a sociedade brasileira hoje, participando do esforço de construção de um pensamento renovado e renovador que possa enriquecer as iniciativas de pessoas, organizações e movimentos que visam a construção de um futuro democrático e socialista em nosso país (Presença- Revista de Cultura e Política, 1987, p. 5).

No texto, evidencia-se que o balanço, após três anos de existência, é positivo. Compreende-se que a iniciativa soube incorporar a contribuição de diferentes tradições intelectuais e aplicar na formulação de uma política "que tem na democracia uma conquista estratégica". Dupla atuação que localizaria a revista como ponto de passagem fundamental para os que buscam intervir no campo da política e da cultura.

É interessante notar a imbricação entre política-cultura e pensamento-política no editorial, em que aparece o objetivo de construir um campo de pensamento que impulsione as pessoas, organizações e movimentos na construção de um futuro democrático e socialista. Nesse sentido, a *Presença* localiza-se como parte de uma atuação intencional dos intelectuais de intervir na conjuntura, a partir do fomento teórico para a atuação prática de construção do socialismo. Há, ainda, uma divisão interessante entre Política e Cultura, que marca os anos de publicação da *Presença*, reforçado pelo editorial que revela a intencionalidade de intervir em ambos os campos.

A intervenção de Luiz Werneck Vianna nesse volume também carrega conceitos importantes para a recepção e tradução "eurocomunista" no Brasil, com a utilização do termo "modernização". O texto "A Esquerda do PMDB e a Solução Democrática da Transição" (vol. 09, 1987) de Vianna, aqui compreendido como representante político da linha editorial da revista, aponta como cada passo dado pela transição serve para indicar mais seu recuo do que um avanço em sua concretização. Nesse sentido, a ausência de uma política definida para a transição impediria o governo de colher os frutos do processo social da transição, o que permitiria às elites o contato com um futuro enquanto a sociedade chega com atraso às transformações que sofre.

A modernização, por sua vez, recria a sociedade e recompõe as elites políticas a cada vez, assim, os novos seres são contidos pelo corporativismo e pelas instituições. A modernização, ao criar um mercado nacional e transformar o sistema produtivo, está na raiz da construção de novas identidades autônomas. Por isso, o projeto da transição, ao pressupor a derrota da modernização autoritária e a elevação da sociedade a um estatuto de sujeito, indica a necessidade e a dificuldade de se realizar. O caminho para sua superação estaria,

então, nos atores da sociedade civil, tendo em vista os partidos, sobretudo o PMDB. Representante do presente e das tarefas necessárias para sua época, o PMDB seria o único capaz de superar o sectarismo da esquerda e levar a transição para o caminho da democracia. A moderna esquerda brasileira só se tornará possível a partir do movimento desencadeado pelo partido-frente PMDB como dinamizador da transição, incorporando as massas ao processo político e redefinindo o campo para toda a esquerda no contexto de debates que reafirmam uma estratégia radicalmente democrática. “No mais, como se dizia antigamente, o caminho se faz andando” (VIANNA, 1987).

A forma como Vianna faz uso dos conceitos e elaborações gramscianas na *Presença*, ou em momentos anteriores de sua produção, contrastada à tradução direta de textos de Antonio Gramsci e da própria literatura italiana, sobretudo através da *Rinascita*, presente na *Temas* e no *Voz da Unidade*, evidencia o anunciado por Bianchi (2020) ao referir-se às produções dos autores na década de 1970:

> A maneira como Vianna e Coutinho expunham seus argumentos chama a atenção. Embora demonstrassem conhecer bem o conteúdo da fórmula da revolução passiva, nenhum texto de Gramsci era citado por esses autores para sustentar seu uso. Prevalecia uma utilização quase acidental, muitas vezes frouxa, da fórmula da revolução passiva (BIANCHI, 2020).

No caso da *Presença*, este uso amplia-se para os demais autores. Como observou-se, os termos e categorias gramscianas aparecem com frequência entre os autores que compõem a *Presença*, principalmente enquanto preocupação de pensar a realidade nacional e a relação entre partidos políticos e o papel da intelectualidade. De todo modo, *Presença* mantém seu uso espontâneo das referências ao sardo, com menos rigor que a *Temas*, preocupada com a publicação de traduções originais. Mas, também, na tentativa de se consolidar enquanto uma referência em torno do pensamento gramsciano que não aparece no *Voz da Unidade*, por seu perfil panfletário e fortemente impactado pelas disputas internas do Partido.

Sob esse aspecto, a *Presença* também se ocupa em discutir os rumos adotados pelo PCB, apesar de o grupo de “renovadores” estar fora do Partido. Assim, é publicada uma entrevista com Armênio Guedes no 9º volume, cuja preocupação central está no papel do PMDB na construção de uma “institucionalidade democrática”. Em uma leitura menos crítica à atuação dos partidos à esquerda, como o PT e o PDT[60], Guedes também defende o PMDB

[60] É importante ressaltar como, assim como na *Presença*, a relação do PT e do PDT com a conjuntura nacional varia geograficamente. Em São Paulo, o PT ocupava o centro dos debates dos rumos da esquerda brasileira, a partir da atuação nas greves do ABC e da figura de Luiz Inácio Lula da Silva. O PDT, por sua vez, assumia o protagonismo da esquerda no Rio de Janeiro, principalmente a partir da atuação de Leonel Brizola.

como elemento ativo da transição. Mas fala em defesa de uma "hegemonia que deve ser conquistada numa luta apoiada num movimento social", sem a dicotomia entre governo e PMDB. Na defesa da atuação do PT e PDT, Guedes aponta como seria positivo para o processo democrático uma "força que não concorda com a linha da história, mas que instigam a linha da história a procurar seu equilíbrio", o que obrigaria o PMDB a disputar "quem é quem" no movimento social e contribui para o desenvolvimento de uma institucionalidade democrática e estável (GUEDES, 1987).

Fechando o volume 9 da *Presença*, a seção "Ensaios/Contemporaneidade" traz, ainda, uma tradução do artigo de Marshall Berman publicado na New Left Review dialogando com Perry Anderson, acrescentados a apresentação e a sugestão bibliográfica de Wanderley Guilherme dos Santos e o texto "A Cultura Ocidental e a Perda de Confiança em Si Mesma" de Jurgen Habermas, traduzido da revista espanhola *Revista de las Cortes Generales* de 1984. Observar a seção de traduções permite compreender qual a rede de periódicos a que os intelectuais tinham acesso, reconstruindo o mapa de referências que conforma os editoriais.

O volume 10, assim como os seguintes, não apresenta editorial. Por isso, serão utilizados textos publicados na revista como forma de compreender a linha editorial, o que soma-se às demais contribuições contidas no volume. No volume 10, o texto de Werneck, "A ruptura está na Constituinte" abre o volume, apostando na conquista da democracia política como um divisor de águas entre o longo período que transpassa a história brasileira, de modernização conservadora, e a nova articulação política e social que se desenharia. A necessidade conjuntural era, portanto, se vincular aos movimentos sociais enquanto parte do programa transicional, ainda em disputa.

No entanto, além da interessante contribuição de Vianna, o décimo volume da *Presença* aparece com um Suplemento de nome "Problemas da Democracia e do Socialismo: a *Glasnost de Gorbachev*"[61], originalmente publicada na *Rinascita* entre 8 de novembro e 6 de dezembro de 1986, nos volumes 43, 44, 45, 46 e 47, com tradução de Luiz Sérgio Henriques. Publicados após uma longa análise do plano de ação Gorbachev e, sobretudo, com a finalidade de estimular o "surgimento de um pensamento socialista original e renovador", já que "de um modo ou de outro, as questões da democracia e do socialismo sempre tiveram acolhida generosa entre os intelectuais brasileiros" (HENRIQUES, 1987). Interessa, ainda, a forma como o suplemento é apresentado: "Por tudo isso, a publicação em **Presença** deste

[61] O suplemento é composto por seis textos, além da Apresentação: *A URSS de Gorbachev, segundo* ***Zdenek Miynár;*** *A encruzilhada de Reforma Política; Emerge o Mosaico Social Soviético; O Obstáculo do Partido-Estado; Quanto Poder Contar o Indivíduo; Além dos Sovietes.*

conjunto de artigos não tem nada de arbitrário ou casual" (HENRIQUES, 1987, p. 161). Mais uma vez, o grupo mostra clareza em publicar traduções, alocadas nos periódicos com finalidade e objetivo definidos: intervir no processo democrático e na disputa dos rumos e da linha política da esquerda brasileira, além de intervir e redefinir os termos em que a disputa se consolida.

No volume seguinte, o tema segue preocupando o corpo editorial, desta vez expresso pelo texto de Luiz Sérgio Henriques de nome "Gorbachev: *Além do Stalinismo?",* localizado na seção *Socialismo/Democracia* da revista. Preocupação que também aparece na volume 11 da *Presença*, em que os caminhos da conjuntura se definiam junto com a ansiedade quanto ao projeto constituinte. O volume apresenta uma virada no uso de Gramsci dentro do periódico[62], com aparição em diversos artigos, o autor italiano torna-se um ponto de referência. Esse longo processo de aceitação das ideias de Gramsci e Lukács é descrito por Ivete Simionatto como reflexo da relação entre a conjuntura política e a circulação de ideias. Os autores do marxismo europeu eram vistos como "expressão de uma tendência conservadora e anacrônica" concomitante à ascensão dos métodos armados e revolucionários. A defesa da "filosofia da práxis", a "guerra de posição" em nome da "guerra de movimento" e a "reforma intelectual e moral" defendida por Gramsci fez com que suas ideias e obras tivessem uma circulação restrita nesse momento. O que muda quando, na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, a crise dos regimes autoritários abre espaço para a recepção de suas ideias de modo ordenado (SIMIONATTO, 2019, p. 92).

Assim, o final dos anos 1980 já permite um cenário aplainado pela recepção gramsciana, com o grupo assumindo o sardo como referência[63]. Nos meses que antecederam a publicação do décimo volume da *Presença*, de julho de 1987, o *Voz da Unidade* lança uma página inteira do jornal dedicada ao sardo, ressaltando-o como "um dos mais conhecidos e importantes teóricos do movimento revolucionário", cujas "formulações provocam acesas polêmicas, inspiram respeito, despertam paixões e ódio" (VOZ DA UNIDADE, v. 342, 1987). Além da publicação do texto de José Antonio Segatto que traz uma lista das obras de Gramsci publicadas no Brasil, em que constam: "Concepção Dialética de História" por Carlos Nelson Coutinho, "Maquiavel, a Política e o Estado Moderno" por Luiz Mário Gazzaneo, "Os intelectuais e a Organização da Cultura" por Carlos Nelson Coutinho, "Cartas

[62] Como demonstrativo deste aumento, observa-se que, em número de citações, o italiano aparece referenciado 9 vezes durante o volume 10, enquanto no volume 11, as aparições saltam para 50.

[63] É possível levantar como hipótese de trabalho uma transformação das revistas brasileiras no final da década de 1980, possivelmente motivada pelo andar da transição democrática. Não apenas a *Presença* traz uma virada conceitual em suas páginas, como a *Lua Nova*, boletim do CEDEC traz, em 1987, uma reestruturação total de sua editoração.

do Cárcere" por Noênio Spínola e "Alguns Temas da Questão Meridional" por Marco Aurélio Nogueira na *Temas*. Aparece, ainda, uma lista de obras *sobre* Gramsci a que podem-se destacar o livro de Luciano Gruppi sobre o "Conceito de Hegemonia em Gramsci" e "As Antinomias de Gramsci" publicado por Perry Anderson e traduzido por Juarez Guimarães e Felix Sanches.

Nesse sentido, a recorrência de Gramsci no *Voz*, mesmo após a saída dos intelectuais "renovadores" são um indicativo de sua circulação dentro do Partido, além do posicionamento da *Presença*, já marcada pela afeição gramsciana. Entre os periódicos que compartilham preocupações democráticas, destaca-se o volume 353 da Voz, de julho de 1987, que enfatiza a importância de o partido apoiar a criação de uma Constituição Democrática. O periódico propõe uma mobilização que assegure a convocação da Assembleia Constituinte de maneira democrática. Preocupação que também aparece na volume 11 da *Presença*, em que os caminhos da conjuntura se definiam junto com a ansiedade quanto ao projeto constituinte. No texto de Werneck Vianna, enquanto expressão das preocupações amplas do corpo editorial em janeiro de 1988, são os "Problemas modernos na construção da hegemonia" que inquietam, abordando os grupos e correntes que disputavam o projeto constituinte por dentro. Vianna faz referência a uma série de autores como Lênin, Rousseau, Foucault, Habermas, Keynes, Mario Vargas Llosa, referenciando Gramsci por renovar o conceito de sociedade civil, deslocando-o da infraestrutura para a superestrutura, apresentando a visão de Estado Ampliado e produzindo a "melhor sociologia política do nosso tempo" (Presença- Revista de Cultura e Política, 1988, p. 6).

O texto apresenta, ainda, uma leitura incerta sobre os anos que se seguem, sem afirmar a transição enquanto ponto final no projeto militar, o necessário seria lutar pela conquista da hegemonia com base nos movimentos sociais, rompendo com a concepção política do Estado e deslocando seu eixo para a sociedade civil. Nesse ínterim, no interior da Constituinte, três correntes disputavam a hegemonia: (1) a tradição republicana, centralista, corporativa e autocrática; (2) a da renovação republicana, orientada para a democratização e (3) a dos neoliberais, com o objetivo de recriar instituições que fossem a imagem e semelhança da ordem burguesa emergente no último período.

Nesse mesmo volume, também são traduzidos artigos da revista italiana *Rinascita*. Neste caso, o artigo "O Demônio Anti-Sistemático", originalmente publicado em agosto de 1987 na Itália, com tradução de Alberto Aggio e José Luis B. Beired, apresenta uma leitura do texto gramsciano, resumido em 4 teses que apresentam uma discussão focada nos conceitos gramscianos e sua interpretação, passando, também, pela filologia.

No campo da tradução, o volume 12 da *Presença* traz um ensaio sobre Ernst Bloch, traduzido por Carlos Eduardo Jordão Machado. Diferente dos demais volumes, a *Presença 12* traz o texto de Luiz Werneck Vianna por último, na seção *Ensaios*, precedido da aparição de Leandro Konder e Wanderley Guilherme dos Santos. No texto de nome "Vantagens do moderno, vantagens do atraso", Werneck faz referência a uma sequência de autores clássicos, de Marx à Rousseau, passando por Lenin e Trotsky para discutir a dualidade moderno-atraso na realidade nacional. Vianna aponta como as "vantagens do moderno" e as "vantagens do atraso" se alteram nos países subdesenvolvidos em que não ocorreram revoluções burguesas, tanto na via inglesa quanto prussiana. Desse modo, o domínio das oligarquias não foi interrompido por processos revolucionários, pelo contrário, seu domínio foi refeito sob a forma burguesa, tornando-os incapaz de incorporar as novas camadas existentes (VIANNA, 1988). Nesse sentido, a lógica corporativa assume com o triplo objetivo de (1) promover no Estado um compromisso entre as diferentes frações burguesas, (2) depreciar e suprimir as instituições da democracia representativa e (3) administrar a cidadania das classes subalternas por meio do sindicalismo tutelado. Sua crítica, no entanto, volta-se à ação da esquerda que perde a "vantagem do atraso" ao eliminar a possibilidade de desencadear "por baixo" uma aliança operário-camponesa, mas também a "vantagem do moderno" ao incluir o sindicalismo em uma coalização nacionalista burguesa, privilegiando a questão nacional (VIANNA, 1988).

A aparição de conceitos do léxico gramsciano, como "revolução-restauração burguesa", permite demonstrar uma apropriação do campo pelos renovadores brasileiros. Sem citação direta, Vianna evolui da fórmula da modernização conservadora para "revolução-restauração burguesa" no que seria o preâmbulo de sua compreensão do conceito de "revolução passiva". A forma como os termos e autores são trabalhados no artigo também constroem a identidade da *Presença*: carregado de referências teóricas, o autor não faz referência direta ou citações recorrentes, os textos trazem poucas referências bibliográficas explícitas, além de uma linguagem distante do rigor acadêmico encontrado na *Temas*. Por outro lado, o formato ensaio, a divisão de seções, o cumprimento e forma de construção textual também o distanciam do *Voz da Unidade*.

De volta à *Presença*, o volume 13, publicado em Maio de 1989, traz o texto de Luiz Werneck Vianna "6 Teses sobre a Conjuntura da Transição" (vol. 13, 1989) criticando a postura do PCB, a quem o grupo já havia deixado, inclusive com a ausência no *Voz da Unidade* desde 1981:

> Os comunistas do PCB, na hora decisiva e criadora da transição, com o bresnevismo tardio e grotesco praticado por sua direção, golpeiam as forças da sua renovação e fecham as portas para o movimento operário emergente, ao se manterem simploriamente aderidos à estrutura corporativa sindical e à mentalidade nela dominante. Para a sua direção, a transição longe de trazer o novo, uma nova práxis e uma mudança radical no seu alinhamento, deveria lhes devolver intacto o seu mundo e as ilusões perdidas em 64 (VIANNA, 1989, p. 10).

Os comunistas "fora do PCB" defendiam, na *Presença*, a união entre mobilização sindical e cultura clássica do proletariado, apostando na sucessão presidencial, com a candidatura de Roberto Freire uma "oportunidade para a retomada da questão comunista a partir de uma perspectiva democrática" (VIANNA, 1989, p. 13), uma possibilidade de renovação comunista, à época dispersa em diferentes partidos e na intelectualidade. Nesse volume também são traduzidos textos da *Rinascita* italiana, dessa vez representado pelo "Discurso sobre a Moral e o Direito" de Umberto Cerroni, traduzido por Alberto Aggio e Marina Consolmagno, com revisão de Marco Aurélio Nogueira.

O volume 14 aparece em Novembro de 1989 com um editorial publicado por Maria Alice Rezende de Carvalho, editora do periódico, que assinala os cem anos de República se questionando: "O que há para comemorar, revistos os cem anos da nossa experiência republicana?" ou então "*quem* comemora *o quê*"? (CARVALHO, 1987). Já que o crescimento econômico e a relativa paz social teriam sido depositados na conta de 60 milhões de miseráveis. A questão brasileira residiria no fato de que, aqui, instaurou-se uma República tributária da corporação militar, expurgando o "social". Assim, "astúcia e interesse" teriam constituído as duas faces da "moeda colonial" brasileira. Maria Alice aponta ainda para o "americanismo" da Carta de 1891, o que ressalta as duas marcas principais da sociedade brasileira: fragmentação e corporativização excessivas.

Assim como o uso acidentado e amplo de "americanismo" por Maria Alice Rezende, chama a atenção o texto de Luiz Werneck Vianna no volume, de nome "A esquerda, a cultura política jacobina e os neoliberais" (vol. 14, 1989) o texto traz um balanço da esquerda brasileira com relação à conquista de poder, apontando na cultura do moderno e da sociedade industrial um desafio à política, ao invés de uma reestabilização. No texto, Vianna faz uso de diversos termos do léxico gramsciano: *hegemonia, nacional-popular, classes subalternas* e *jacobinismo* ao defender a reforma como via "moderna e democrática" de transição ao socialismo:

> O movimento pelos direitos, assim, não é tudo. Se a **reforma** consiste na via moderna e democrática de transição ao socialismo, sua possibilidade depende de uma política concreta que se oriente para a conquista da hegemonia e do poder [...]

> Interesse, radicalização de conflitos de interesse, qualquer sociedade burguesa moderna tem. Projeto de constituição de uma vontade geral que transcenda o particularismo privatista de corporações e a estreiteza do maquiavelismo jacobino, manifestando uma alternativa de hegemonia que nasça dos modernos seres das classes subalternas, nem toda (VIANNA, 1989, p. 13).

O uso permite questionar se o léxico gramsciano e dos demais autores traduzidos no período, fazia parte do vocabulário da época, quando olhado sob a ótica desse grupo intelectual. Desse modo, os termos acima aferidos integrariam o contexto linguístico da transição sob a ótica "renovadora" comunista. Com dedicada atenção às "classes subalternas", os intelectuais buscavam dialogar para além dos muros da universidade e dos partidos, onde localiza-se a *Presença.*

O periódico segue quando, no volume 16, anuncia uma reestruturação, com o fim do financiamento do CNPq, o que obriga à uma nova formulação. Os editores se questionam: com a definição de um sistema pluripartidário que secciona o pensamento pluralista, especializando o pensamento, a revista teria esbarrado nos limites de seu projeto inicial? Lidando com essa questão de fundo, somado ao fim do financiamento do CNPq, a *Presença* propõe uma revisão de sua forma a partir da constituição de comitês regionais permanentes para a elaboração dos volumes. Por isso, a partir do volume 16, estão extintos os Conselhos Editorial e de Redação. Organização instável até o 18º volume, quando se organiza um "Conselho Provisório de Redação" com segmentação entre Rio de Janeiro, São Paulo, Juíz de Fora, Belo Horizonte, Vitória, Salvador e Nordeste. Todos os estados e regiões com nomes que representam a revista em sua região, mas que não se mantém, já que este seria o último volume do periódico, que encerrou suas atividades em junho de 1992, após 18 volumes.

Antes disso, no volume 17, a publicação é toda dedicada a Antonio Gramsci, em razão do centenário de seu nascimento. Volume dedicado à renovar o apreço da publicação pelo autor italiano, a *Presença* que "nasceu gramsciana", prestava uma homenagem ao sardo, colocando-o como autor que suscitou na *intelligentsia* brasileira, o sentido de "uma verdadeira fundamentação da política de principalidade democrática, que então defendia como base uma ampla frente contra o regime autoritário" (CARVALHO, 1992a). O volume traz duas matérias: a tradução dos artigos dedicados à memória de Gramsci, publicados no *L "Unità* em janeiro de 1991, com abertura de Luiz Sérgio Henriques; e o suplemento de Paulo Eduardo Arantes: "Uma Reforma Intelectual e Moral: Gramsci e as origens do idealismo alemão".

As publicações diferenciam- se do padrão anterior da *Presença*, com um caráter acadêmico, os textos apresentam referências bibliográficas, linguagem formal e apresentam a

edição de Valentino Gerratana como fonte dos escritos gramscianos utilizados para consulta. No mesmo volume, são traduzidos textos de Norberto Bobbio discutindo a questão da democracia nos *Cadernos* gramscianos, assim como um texto do próprio Valentino Gerratana discutindo a "Reforma gramsciana na política". As citações acidentadas dos volumes anteriores, e mesmo da trajetória individual de alguns dos autores (BIANCHI, 2020), são substituídas por um rigor nas citações e o uso da edição Gerratana dos escritos gramscianos.

Meses depois, o 18º volume dá fim ao periódico. No editorial, o tom saudosista assume ao anunciar a reestruturação do corpo editorial, com a segmentação por estados e a formação de um Conselho de Redação Provisório. O editorial anuncia:

> Uma publicação como **PRESENÇA** talvez deva continuar. Talvez não. Sobre isto, estamos abertos ao debate, convencidos de que cumprimos, afinal, da melhor forma possível, o duplo papel de alargar o campo intelectual da esquerda brasileira e intervir no processo de transição à democracia no país (CARVALHO, 1992b).

Na nova composição, os nomes tão presentes nas edições anteriores, como Luiz Werneck Vianna e Marco Aurélio Nogueira, não publicam, mesmo que ainda estejam presentes no Conselho Provisório de Redação.

### *3.4 O comunismo e a conjuntura: balanço da experiência e trajetórias*

E, na incerteza da continuidade da revista, *Presença* publica seu último volume em junho de 1992, em um país completamente diferente daquele que motivou sua abertura. O Brasil de 1983 via a consolidação da transição democrática acontecendo, com a aprovação da Anistia e os recuos do governo, nos meses que se seguiram à formação dos primeiros volumes da *Presença* o país foi marcado pelas manifestações pedindo as "Diretas Já!" e, em contrapartida, sua reprovação e consequente eleição de Tancredo Neves. 9 anos à frente, o volume 18 já é marcado pela crise enfrentada pelo governo de Fernando Collor, carregando em sua bagagem as eleições diretas, o governo de José Sarney (1985-1990) e a democracia em consolidação. Ainda que, em todos os anos de publicação, a *Presença* tenha mantido seu caráter democrático como pilar de sustentação e união, ainda que a conjuntura seja adversa, o periódico seguiu apostando na defesa da democracia. Sobre o momento final da revista, Carvalho discute:

> Assim, a ideia de constituição de uma vontade popular autônoma, de uma nova intelligentsia, de um novo sistema de valores, de uma cultura da "sociedade civil" contra a velha cultura estatista brasileira, que compôs o quadro de referência do

> Partido dos Trabalhadores em seu nascimento, cancelou o espaço de intervenção dos comunistas reunidos em torno da revista *Presença*, voltados à reinterpretação da tradição brasileira, de modo a torná-la lastro de uma política hegemônica em prol da democracia e do socialismo no Brasil. Em outras palavras, a nova cultura de esquerda preconizava um país radicalmente diferente, quando a perspectiva de *Presença* era a da refundação democrática da história brasileira, a partir do seu momento mais plural e agudo, como foi o da derrota do regime militar (CARVALHO, 2007, p. 279).

Ainda nesse contexto conjuntural, a relação entre militância e atividade intelectual assumiu novos contornos. Enquanto Temas refletiu um momento "pré-partido" vivido pelo grupo, em que o PCB estava fragmentado devido aos efeitos da repressão, Voz representou uma conexão direta entre militância e atividade intelectual, com a produção de um jornal do partido que organizava sua base política em torno da linha editorial democrática que defendia. Já Presença reflete um outro momento dessa trajetória. Seu início é marcado pela saída do grupo de “renovadores” do PCB, já consolidada a vitória de Giocondo Dias no VII Congresso (1982/1984) e a derrota das teses renovadoras democráticas. Assim, a *Presença* surge em busca de disputar os rumos da transição com um diálogo aberto com novos atores sociais que emergiram, transitando entre a universidade, os partidos e os grupos que circulavam em seu entorno.

Há de se considerar, ainda, o papel da conjuntura internacional na crise que marca o fim da *Presença,* sobretudo o fim do Partido Comunista Italiano (PCI) em 1991. Processo acompanhado pela revista que viu a desestruturação que marcou o partido italiano após a queda do muro de Berlim e o enfraquecimento da União Soviética, além da dificuldade de construção de um horizonte socialista na Europa, como evidência Camila Góes:

> Apesar dos esforços em redefinir a identidade comunista, na afirmação do caminho democrático para o socialismo, o PCI não conseguiu resistir à mudança de época efetuada com a queda do muro de Berlim. Modificava-se a estrutura do mundo, não havia mais a luta pela democracia e o socialismo no quadro de dois sistemas contrapostos [...] Assim como o PCI, ainda que *Presença* tivesse nascido como crítica da tradição comunista, buscando reinventá-la, a queda do muro de Berlim e a conclusão do cenário geográfico, sociocultural e ideológico do que se imaginava cristalizado desde o fim da Segunda Guerra, colocaria obstáculos muito grandes a sua continuidade (GÓES, 2020, p. 234).

Assim, *Presença* também integra esse movimento de reinvenção crítica da tradição comunista, expresso na relação com o PCB e a orientação soviética. A revista reserva um espaço considerável para discutir a conjuntura italiana, com textos de Luis Sérgio Henriques

e Marcos Del Roio, além da publicação dos textos de Gramsci, traduzidos da *L "Unita* e publicados no 17º volume da *Presença.*

Por outro lado, a *Presença* buscou construir um movimento que interviesse na "sociedade civil", ao que surge a candidatura à parlamentar constituinte encabeçada por Luiz Werneck Vianna, enquanto expressão do desejo de intervir na conjuntura, partindo de uma organização intelectual:

> A *Presença* antecede a Constituição. E, desde o início, estava claro que ela teria que ser um projeto artesanal, para o que, inclusive, as minhas múltiplas ligações universitárias muito contribuíam, porque eu viajava bastante, nessa época, e saía montando grupos políticos em torno da revista. A rede que montamos chegou a ser impressionante: Juiz de Fora, Campinas, Vitória, no Espírito Santo, Araraquara, Salvador, Campina Grande, na Paraíba, e por aí afora… [...] Minha candidatura foi uma tentativa de fazer com que essa identidade tivesse projeção no mundo da política. Parecia que ia ser fácil encontrar esse caminho de afirmação pública dos intelectuais da renovação da esquerda. Os primeiros atos da minha candidatura reuniram centenas de pessoas. Mas logo em seguida houve uma animação entre os intelectuais para se tornarem candidatos também. Avançaram multidões. Aí foi fragmentando, minguando, minguando... Foi uma votação pouco expressiva, tive 4.500 votos em um pleito em que necessitava de 19, 20 mil votos para me eleger. Fez-se uma campanha, mas disso não ficou fruto, não ficou nada. Acho que esse foi um dos últimos momentos em que essa combinação entre política, universidade e ciência social andaram tão juntas (VIANNA, 2008, p. 250).

A fala de Vianna, registrada em uma entrevista concedida pelo autor à Ângela Paiva, Maria Alice Rezende de Carvalho e Marcelo Burgos em 2008, expressa essa dupla relação da *Presença*, tanto com o objetivo de consolidar uma vertente política que se estrutura a partir dos valores e nomes reunidos no periódico, mas, também, os caminhos que se seguem entre política e universidade, com o maior distanciamento entre atividade universitária e militância político-partidária. Nesse sentido, a própria revista tornou-se refém desse movimento de especialização que assumiu a vida acadêmica e intelectual no Brasil. Enquanto editora, Maria Alice de Carvalho apontou como a institucionalidade estaria se organizando em torno de um sistema multipartidário que acaba por forçar a especialização na intervenção pública (Carvalho, 1991, p. 5), restringindo os espaços para um projeto de "opinião", como é o caso da *Presença*. Ao passo que, no Brasil, o próprio movimento comunista encontrava-se em profunda crise, o que resultou na dissolução do PCB em 1992 e a fundação do Partido Popular Socialista (PPS), um processo "carregado de sofrimento, tensão e discórdia, que encerrou uma etapa da luta política no Brasil" (NOGUEIRA, 2017). Transcurso que se deu a partir de intensos debates internos, marcados pela construção e realização do IX Congresso do Partido em que, novamente, as teses de renovação foram sufocadas e o partido aprovou seu fim.

Do grupo que permaneceu na *Presença*, as trajetórias são múltiplas[64]. Luiz Werneck Vianna e Marco Aurélio Nogueira tornam-se intelectuais universitários, a que Marco Aurélio descreve como "comunista democrático e sem partido" (NOGUEIRA, 2017) e Werneck como sua virada para as Ciências Sociais (VIANNA, 2008, p. 250), já Carlos Nelson Coutinho mantém a atuação partidária, primeiro no PT, depois no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)[65]. Da nova geração, Milton Lahuerta também envereda pelo caminho da universidade e torna-se professor universitário na UNESP e Maria Alice Rezende de Carvalho conclui o doutorado em 1997 e segue entre a PUC/RJ e a atuação no IUPERJ[66]. Assim, marcado pelas mudanças no ambiente político-intelectual, o aumento da institucionalização e um Brasil que se reorganizou no contexto político e social, *Presença* chega a seu fim "convencidos de que cumprimos, afinal, da melhor forma possível, o duplo papel de alargar o campo intelectual da esquerda brasileira e intervir no processo de transição à democracia no país" (CARVALHO, 1992a).

---

[64] Sob esse aspecto, a entrevista com Altman (ANEXO 02) ajuda a compreender os movimentos realizados pelo grupo em seu distanciamento e, ainda que trate-se de uma visão externa, Altman acompanhou os acontecimentos de forma ativa, o que permitiu uma compreensão do tema. Nesse sentido, ele indica como a ruptura dos "eurocomunistas" se organiza, em sua fase final, entre o "grupo" de Luiz Werneck Vianna com maior defesa da participação no MDB e a aliança com os neoliberais. E o "grupo" de Carlos Nelson Coutinho. De modo que: "Então, tem uma ruptura entre os eurocomunistas, entre esses dois grupos. Se você quiser citar referências entre o grupo do Luiz Werneck Vianna, se bem que falar de grupo do Luiz Werneck Vianna, é um exagero… Mas, como referência intelectual, entre a linha defendida pelo Werneck, não era só o Werneck, mas é o mais notório, e a linha defendida por Carlos Nelson e Leandro Konder. Carlos Nelson e Leandro Konder vão ver no PT, durante anos, a possibilidade de um partido de esquerda, de massas. Que fosse capaz de executar aquilo que o Carlos Nelson começaria a chamar, na última etapa da sua vida, de reformismo revolucionário. Carlos Nelson e Leandro Konder, na verdade, fizeram uma inflexão à esquerda nos anos 90. E isso, provavelmente, é o que desestabiliza a *Presença*. A divisão entre esses dois ramos do eurocomunismo, em que um ramo vira à direita e o outro vira à esquerda" (ALTMAN, 2021).

[65] Coutinho se refere à sua mudança partidária com uma frase que acabou tornando-se sua marca: "eu não me desloquei à esquerda, sigo sendo o mesmo. Os demais é que caminharam para a direita"… (KOHAN, 2012). A atuação de Coutinho, primeiro no PT e depois no PSOL foi acompanhada por Milton Temer e Leandro Konder.

[66] Em sua apresentação contida no *site* da Sociedade Brasileira de Sociologia, chama a atenção o trecho que contempla sua atuação na *Presença* e a relação com o grupo que a coordenava: "Sua tese de doutorado foi finalizada em 1997, sob orientação de José Murilo de Carvalho, e emergiu em um ambiente formado por diversos pesquisadores interessados nas tensões entre americanismo e iberismo na formação brasileira, no qual participavam nomes como Luiz Werneck Vianna, Rubem Barboza Filho, Lúcia Lippi Oliveira e Beatriz Jaguaribe, além do próprio Murilo de Carvalho. Sua marca particular nesse grupo era a combinação entre o repertório conceitual de Antonio Gramsci – adquirido ao longo da década de 1980 na sua socialização no comunismo- democrático de *Presença* -, o treino historiográfico e o gosto por uma sociologia intelectual de longa duração que enquadrava seus objetos empíricos a partir do grande problema da modernização periférica (MAIA, [s.d.]).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho assumiu como objeto o pensamento político dos intelectuais "renovadores" comunistas que disputaram o Partido no contexto de redemocratização do país, entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1990. Neste cenário, este grupo interveio a partir da atividade intelectual a fim de disputar pela "linha cultural do partido", como denominado por Carlos Nelson Coutinho, um espaço em que a democracia, concebida como "valor universal" se estruturasse como linha hegemônica. Nessa tentativa, a principal forma de organização e intervenção se deu pelas iniciativas intelectuais responsáveis pelas revistas *Temas de Ciências Humanas* e *Presença - Revista de Cultura e Política* e o jornal *Voz da Unidade*.

O grupo recebe a alcunha de "renovador" pela estratégia política adotada, que busca pela renovação das estruturas internas do Partido e uma revisão estratégica que centralize a democracia. E "eurocomunista" pela apropriação do marxismo europeu, sobretudo em referência ao autor italiano Antonio Gramsci, que os caracteriza. Denominações que visaram destacar uma preocupação específica, dentro da pesquisa, para entender esse duplo movimento como parte de um mesmo processo de formação do pensamento e da atuação política, no qual se une a prática e a estratégia socialista à defesa intransigente da democracia. A intervenção a partir de aparelhos culturais é um ponto interessante, compreendido como parte da política do grupo em um contexto de crise do Partido e fortalecimento das universidades enquanto centro da atividade intelectual (REIS, 2016).

O período abordado pela pesquisa, entre 1977 e 1992, une-se ao período de crise do Partido, inclusive com a dissidência de muitos membros nos anos 1990, migrando para outros partidos- sobretudo o Partido do Trabalhadores (PT), Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB)-, mas, também, "para a universidade", como enuncia Luiz Werneck Vianna (2008)**.** Trata-se, então, de um duplo processo empreendido pelo grupo: (1) a translação entre a linguagem partidária e acadêmico-intelectual, em um momento de tensionamento dessa experiência, com a crise do Partido e o fortalecimento dos programas de Pós-Graduação nas Universidades. E (2) a tentativa de criação de um campo intelectual e político que fizesse frente à ortodoxia stalinista que, na visão do grupo, imperava sob o PC. De modo que, para o cumprimento deste segundo objetivo, a estratégia adotada fosse de tradução dos autores, ideias e práticas renovadas, oriundas dos autores marxistas fora do eixo soviético.

A fim de aprofundar no primeiro movimento, retoma-se a discussão contida em Gramsci quanto aos intelectuais, distinguindo-os entre orgânicos e tradicionais e relacionando-os à seu lugar na esfera da produção. Assim, todo grupo que possui função na produção acaba por produzir, também, seus intelectuais, o que, no entanto, não inibe a disputa pelos intelectuais "tradicionais" das demais categorias sociais. A disputa pela intelectualidade se torna, portanto, a disputa pela hegemonia política, de modo que o partido político assume, para alguns grupos sociais, o papel de produtor de seus intelectuais orgânicos. Realizando o papel exercido pelo Estado de soldagem entre os intelectuais orgânicos e tradicionais, tornando-se, assim, o produtor de intelectuais enquanto quadros organizativos da sociedade. Sob esta perspectiva, a intelectualidade é entendida a partir das relações que estabelece, e não de sua atividade (GRAMSCI, 2004). O partido assume, com isso, papel central na produção da intelectualidade, disputando com a universidade a camada "tradicional" capaz de se organizar no Partido. O que acaba por evidenciar, também, os diferentes contextos linguísticos e sociais entre universidade e partido.

Neste ângulo encontra-se a revista *Temas*, articulando a linguagem universitária às demandas da *práxis* marxista, buscando disputar no ambiente acadêmico-universitário as ideias que hegemonizaram o campo, na tentativa de subvertê-lo para outra chave interpretativa. Este sentido é evidenciado por um dos membros do corpo editorial, o professor Marco Aurélio Nogueira retrospectivamente:

> A polêmica era importante, também, para facilitar o reposicionamento relativo das várias partes da esquerda na frente democrática e para favorecer o reaparecimento público dos comunistas. A revista queria, em suma, ser o veículo com o qual se criasse uma alternativa teórica aos grupos intelectuais "dominantes", isto é, os grupos que prevaleciam na universidade e nas ciências sociais no País (NOGUEIRA, 2017).

Nesse sentido, surge o objetivo de reposicionar os comunistas publicamente, utilizando como meio a intervenção na universidade, por meio da disputa das ideias e dos grupos intelectuais "dominantes". Tensionamento que aparece na Apresentação do 4º volume da revista (1978):

> TEMAS já se singulariza no panorama editorial e cultural brasileiro. As razões são claras. Recusando no essencial quaisquer ecletismos, TEMAS demonstrou ser possível, e no estágio atual da luta ideológica no Brasil, necessário aliar a abertura ao real, o nível e o rigor teóricos à preocupação de obter uma relativa unidade de posição. Como convém, aliás, a uma publicação que se propõe a formar uma linha de pensamento, a contribuir para a elaboração de um projeto social homogêneo. Nesse sentido, espera ter prenunciado a urgente negação da negação- isto é, iniciado o resgate e a renovação da boa tradição progressista desse país, obscurecida nos últimos anos- da produção teórica e ideológica que

> ainda domina o cenário intelectual brasileiro (Temas de Ciências Humanas, 1978, p. 7).

Em que percebe-se o esforço de atuar na universidade relacionando as disputas hegemônicas que também se davam no partido e na conjuntura política, intervindo por meio da revista para a conformação de um campo marxistas capaz de afluir à *práxis*. A composição dos volumes da revista também caminhava neste sentido, com diversos editoriais, artigos e traduções que reforçam os ideais democráticos e argumentam por uma estratégia de luta alternativa.

Movimento semelhante ocorre no jornal *Voz da Unidade*, diretamente ligado ao Partido, enquanto expressão dos dilemas enfrentados pelo grupo e capaz de reforçar a relação entre pensamento e ação política, a que este trabalho tangencia ao acompanhar a conformação de uma corrente de pensamento com o objetivo de atuar na conjuntura. Entende-se que o movimento de intervenção empreendido neste momento está, portanto, na força das ideias que atuam na prática. Com o movimento de um grupo de intelectuais que dialogam com a tradição universitária e o trabalho partidário a fim de intervir na luta de classes, o que só se completa a partir da dinâmica da circulação: o *Voz da Unidade* objetivava atingir amplos públicos, com a circulação em bancas de jornais, fábricas, entre outros (TORRES, 2009).

Ao circularem, traduziam a linguagem partidária para outros ambientes, mobilizando a linguagem acadêmica para o campo político-partidário e intervindo, também, na conformação deste outro campo progressista amplo. Ao traduzir autores do marxismo europeu, sobretudo Gramsci e Lukács, traziam a realidade européia, de países de capitalismo em desenvolvimento, perpassada por guerras e contextos de acirramento político para a conjuntura brasileira, adotaram os conceitos e categorias destes autores como forma de interpretar os problemas próprios do nosso país[67].

Nesse sentido, estudá-los deu acesso a uma infinidade de nomes, questões, conceitos e discussões que comprimiam-se no tempo, permitindo compreender os meandros da relação entre pensamento e política. Pólos que se distanciam no campo dos estudos de pensamento, tidos como atuações diferentes de uma mesma política. Intervir no partido e intervir na intelectualidade; participar das ativistas partidárias e fomentar periódicos; escrever documentos, disputar a direção partidária e traduzir textos de outros autores marxistas: assim descritos, esta dualidade parece se acirrar. Nosso objeto, no entanto, atua na tangente desses ambientes com o estudo dos periódicos, além da reunião de diversos livros que reúnem

[67] Nesse sentido, um dos usos mais destacados é o de Luiz Werneck Vianna para o conceito de revolução passiva, ver em (GÓES; RICUPERO, 2014; VIANNA, 1996).

artigos e documentos com o objetivo de expandir e travar uma disputa das narrativas em curso na redemocratização.

Quanto às hipóteses aventadas para a elaboração do projeto, observa-se que os comunistas "renovadores" acabam por acompanhar o movimento de expansão e crise do pensamento democratico comunista no Brasil. O que acaba por antecipar as discussões que darão fim ao Partido em 1992, anos depois de sua saída, entre 1983 e 1986. Sob esse sentido, buscou-se evidenciar como a atuação dos "renovadores" no cenário que antecede a reestruturação do PCB. Estabelecido pela conformação da *Temas*, em suas discussões teóricas, acabam por jogar luz às disputas que tomariam corpo no *Voz da Unidade*, já pressionado pela conjuntura política em transformação, com a ascensão das lutas sindicais e a reestruturação do Partido e finalizam na *Presença*, com um laboratório de pensamento capaz de expressar um momento de maturidade dos integrantes do grupo, já distantes da atuação partidária. Neste movimento pendular, observamos as diferentes fases dos periódicos como reflexo da própria movimentação político-partidária em curso: a *Temas* é formulada em um país com pouca mobilização política, resultado da repressão dos "anos de chumbo" e a caçada ao PCB, como demonstrado por ações como a "Operação Radar". Sua trajetória, no entanto, revela-se quando a revista passa por uma transição política a partir do 8º volume, em que a reestruturação do Partido passa a operar e as tensões internas se acirram. O *Voz da Unidade*, por sua vez, assume o caráter político-partidário, tanto no conteúdo de seus textos quanto no formato da publicação, em uma produção intimamente ligada ao contexto de reorganização partidária e nacional, com a redemocratização em curso. Já a *Presença* mostra-se como uma expressão da crise que assolou os "renovadores" dentro do PCB, quando a crítica estratégica defendida frente às demais linhas de intervenção no Partido acaba sendo derrotada, com a saída de seus membros entre 1983 e 1986. Sob a perspectiva do grupo, a *Presença* mostra-se como um "último suspiro" de produção que tangencia partido e universidade.

Por outro lado, a hipótese proposta que buscou compreender o jornal *Voz da Unidade* enquanto pólo de formação política dos intelectuais "renovadores" mostra-se inválida frente aos documentos estudados. Como observou-se, o *Voz* atua como um espaço de disputa entre as linhas políticas do Partido, com tensões que marcam suas publicações e edição, inclusive com a derrocada dos "renovadores" a partir do 67º volume. Nesse sentido, compreende-se que o espaço de formação política capaz de conformar a visão de democracia a ser defendida não acontece nas instâncias do jornal, ainda que suas páginas tornem públicas as diferentes visões estratégicas a serem adotadas no contexto. Assim, o *Voz* passa a ser compreendido

enquanto “palco das disputas” e não seus bastidores. Em contrapartida, a pesquisa evidenciou a necessidade de avançar na aproximação teórica entre atividade intelectual e prática política. A *Temas*, aliada à seu perfil teórico, mostrou-se capaz de carregar a disputa política tanto quanto o *Voz da Unidade*, apesar dos diferentes perfis, tal qual a *Presença* em uma experiência posterior à organização partidária.

Assim, traçando paralelos e descontinuidades nas trajetórias apontadas, surge a necessidade de evidenciar a heterogeneidade das iniciativas estudadas, tanto em seu perfil quanto no conteúdo. Nos três periódicos, o conflito é o elemento central, capaz de estruturar o campo em que os debates se inserem, delineando quem serão seus protagonistas. Sob esta leitura, o binômio Gramsci-Lukács, expresso na *Temas, aparece* como um primeiro momento de ruptura entre as iniciativas estudadas, quando um grupo organizado em torno de José Chasin rompe com a acusação de “italianização” da revista. No *Voz da Unidade*, a marca da disputa política intrapartidária é o que dá o tom da publicação, sob a égide da *unidade*, o jornal é marcado pelas tensões que permearam o Partido Comunista. Resultando na ruptura que permite a formação da *Presença*, um periódico de debate, tanto com a experiência frustrada com o PCB quanto com as novas formas de organização, junto à necessidade de disputar a conjuntura pós redemocratização.

Assim, ainda que sob a sombra do conflito e da disputa, a defesa incondicional da democracia se mostra como pilar da atuação dos “renovadores” no período estudado, assumindo-a como “nosso caminho para o socialismo” (GUEDES, 1983).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JORNAL VOZ DA UNIDADE. S. Paulo: JURUÁ LTDA., 1980-1991. Semanal.

PRESENÇA- REVISTA DE CULTURA E POLÍTICA. São Paulo. EDITORA CAETÉS. 1983-1992. Semestral.

TEMAS CIÊNCIAS HUMANAS. São Paulo, 1977- 1981. Semestral.

ABICHT, M. Cartas. **Voz da Unidade**, p. 2, 1 maio 1980.

BRANDÃO, G. M. Nós precisamos de uma Voz política, não doutrinária. **Voz da Unidade**, p. 8–9, 06 a 04/07 de 1980.

BRANDÃO, G. M. O partido comunista como "esquerda positiva". **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 35, p. 183–201, 1995.

BRANDÃO, G. M. **A esquerda positiva: as duas almas do partido comunista (1920-1964)**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, G. M. Linhagens do pensamento político brasileiro. **Dados- Revista de Ciências Sociais**, v. 48, n. 2, p. 231–269, 2005.

BRANDÃO, G. M. **Entrevista sobre o papel da esquerda no Brasil**., 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/videos/gildo-marcal-brandao-entrevista-sobre-o-papel-da-esquerda-no-brasil>

BURKE, P.; HSIA, R. P. (EDS.). **Cultural Translation in Early Modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CARVALHO, M. A. R. DE. Breve história do "comunismo democrático" no Brasil. Em: REIS, D. A.; FERREIRA, J. (Eds.). **As esquerdas no Brasil: Revolução e Democracia (1964-)**. As esquerdas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3p. 261–283.

CASTRO, M. C. DE. Os renovadores "gramscianos": o diálogo com Antonio Gramsci para a compreensão da realidade brasileira, a batalha das ideias no partido e a formação da revista Presença. 28 fev. 2013a.

CASTRO, M. C. D. **OS RENOVADORES "GRAMSCIANOS" DO PCB: O DIÁLOGO COM ANTONIO GRAMSCI PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE BRASILEIRA, A BATALHA DAS IDEIAS NO PARTIDO E A FORMAÇÃO DA REVISTA PRESENÇA**. GUARULHOS: UNIFESP, 2013b.

CHAUÍ, M.; NOGUEIRA, M. A. O pensamento político e a redemocratização do Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 173–228, 2007.

COLETIVO DE DIRIGENTES COMUNISTAS. Resposta coletiva é dura e rigorosa. **Voz da Unidade**, p. 11–15, 05 a 28/05 de 1980.

COLETIVO ESTADUAL DE DIRIGENTES COMUNISTAS DE SÃO PAULO. Chegou a hora da verdade. **Voz da Unidade**, p. 6, 31 ago. 1983.

COLETIVO NACIONAL DE DIRIGENTES COMUNISTAS. Sempre é tempo da verdade. **Voz da Unidade**, p. 3–5, 9 set. 1983.

COSTAS, A. A. C. Cartas. **Voz da Unidade**, p. 2–3, 22 maio 1980.

COTRIM, L. C. DE A.; FILHO, A. R. Em memória de José Chasin: luta pela autenticidade humana. **Crítica Marxista**, v. 8, p. 173–179, 1999.

COUTINHO, C. N. A democracia como valor universal. **Encontros com a Civilização Brasileira**, v. 9, p. 33–49, mar. 1979.

COUTINHO, C. N. O pensamento político dos comunistas. **Voz da Unidade**, p. 14, maio 1980.

COUTINHO, C. N. Gramsci no Brasil: Recepção e usos. Em: MORAES, J. Q. DE (Ed.). **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1998. v. 3p. 123–159.

COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.

COUTINHO, C. N. **Entrevista com Carlos Nelson Coutinho**., 28 mar. 2010b. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-com-carlos-nelson-coutinho/>. Acesso em: 13 set. 2020

DIAS, G. Porque defendemos aliança com liberais. **Voz da Unidade**, p. 3, 09 a 11/09 de 1980.

DIAS, J. C. et al. **COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE**: Comissão Nacional da Verdade. Brasília, Brasil: [s.n.].

FALCÃO, F. J. A Declaração de Março de 1958 na história do PCB. Em: **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. [s.l.] EDUFBA, 2016. p. 215–230.

FERNANDES, F. O significado das Ciências Sociais no mundo moderno. **Filosofia, Ciências e Letras**, n. 13, p. 93–98, 1951.

FILHO, D. C. Vinte anos de PCB. **Voz da Unidade**, p. 15, 04 a 25/04 de 1980.

FREDERICO, C. **A recepção de Lukács no Brasil**. **Blog da Boitempo**, 24 ago. 2010. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2010/08/24/a-recepcao-de-lukacs-no-brasil/>. Acesso em: 19 out. 2022

GARRAFA, V.; AMARANTE, P. D. DE C. Giovanni Berlinguer - entre o cotidiano e as fronteiras da vida humana. **Saúde em Debate**, v. 39, p. 912–919, dez. 2015.

GÓES, C. **Gramsci e a dialética da tradução na América Latina: o caso das revistas Pasado y Presente e Presença**. [s.l.] UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2020.

GUEDES, A. Resolução Política do Comitê Estadual da Guanabara do PCB (Março de 1970). **Temas de Ciências Humanas**, v. 10, n. 1, p. 73–91, 1981.

GUEDES, A. Um esforço pluralista. **Presença- Revista de Cultura e Política**, v. 1, p. 7–11, nov. 1983.

GUERRA, A. A revolução e a luta pela democracia. **Voz da Unidade**, p. 8–9, 12 jun. 1980.

KONDER, L. Com a palavra, o Inquietante Gabeira. **Voz da Unidade**, p. 15, 09 a U/09 de 1980a.

KONDER, L. O poeta e os comunistas. **Voz da Unidade**, p. 8–9, maio 1980b.

LAHUERTA, M. As metamorfoses da consciência operária. **Voz da Unidade**, p. 15, 04 a 30/04 de 1980.

LIMA, R. Os intelectuais renovadores: o projeto político do PCB (1975-1982). **Revista Múltipla (UPIS),** v. 23, p. 75–92, 2010.

LUCCA-SILVEIRA, M. P. DE. **Intelectuais e a questão da democracia no Brasil: um estudo a partir da revista Presença**. text—[s.l.] Universidade de São Paulo, 29 jan. 2013.

LUCCA-SILVEIRA, M. P. DE. INTELECTUAIS COMUNISTAS E A QUESTÃO DA DEMOCRACIA NO BRASIL. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 101, p. 53–87, ago. 2017.

LUNA, C. Cartas. **Voz da Unidade**, p. 2, 5 jun. 1980.

MACHADO, C. E. Rigor teórico e pluralismo, base da revista “Temas”. **Voz da Unidade**, p. 14, 01 a 29/01 de 1981.

MALIN, M. **Armênio Guedes: Um comunista singular**. São Paulo, Ponteio Edições, 2018.

MALIN, M. Serenidade e coragem política. **Voz da Unidade**, p. 2, 06 a 25/06 de 1980.

MARQUEZINE, I. **A questão democrática em Carlos Nelson Coutinho (1965-1980)**. São Paulo, Universidade de São Paulo [Relatório de Iniciação Científica].

MENESES, J. R. DE. Carlos Nelson Coutinho: a hegemonia como contrato. **Serviço Social & Sociedade**, p. 675–699, dez. 2013.

MESQUITA, G. R. **Florestan Fernandes e o antirracismo nos Estados Unidos e Brasil (1941-1964)**. text—São Paulo, Universidade de São Paulo, 20 abr. 2017.

MORETZSOHN, S. VOZ teve posição contraditória? **Voz da Unidade**, p. 2, 06 a 25/06 de 1980.

MOURA, M. F. DE [UNESP. A questão democrática no contexto da crise orgânica do partido

comunista brasileiro (PCB): 1979-1987. **Aleph**, p. 191 f. :, jun. 2005.

MUSSI, D. (ED.). **CATÁLOGO DO FUNDO DOCUMENTAL CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA (CEDEC)**., 2020.

NAPOLITANO, M. Esquerdas, política e cultura no Brasil (1950-1970) um balanço historiográfico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 58, p. 35–50, jun. 2014.

NETTO, J. P. Lukács e a problemática cultural da era stalinista. **Temas de Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 17–55, 1979.

NOGUEIRA, M. A. Nelson Werneck Sodré: o general, a história, a democracia. **Estudos de Sociologia**, v. 4, n. 7, 1999.

NOGUEIRA, M. A. Gildo Marçal Bezerra Brandão (1949-2010) no coração da grande política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, p. 5–7, fev. 2010.

NOGUEIRA, M. A. **O PCB e o jornal Voz da Unidade**. **Marco Aurélio Nogueira**, 2017a. Disponível em: <https://marcoanogueira.pro/o-pcb-e-o-jornal-voz-da-unidade/>. Acesso em: 20 ago. 2024

NOGUEIRA, M. A. **A revista "Temas" e a Editora Ciências Humanas**. **Marco Aurélio Nogueira**, 17 jul. 2017b. Disponível em: <https://marcoanogueira.pro/revista-temas-e-editora-ciencias-humanas/>. Acesso em: 5 jul. 2020

PAGANINE, J. **Há 40 anos, ditadura impunha Pacote de Abril e adiava abertura política**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/31/ha-40-anos-ditadura-impunha-pacote-de-abril-e-adiava-abertura-politica>. Acesso em: 15 out. 2024.

PANDOLFI, D. **Camaradas e Companheiros: memória e história do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PAULA, P. W. T. DE. **O processo de transformismo do PCB através do Jornal Voz da Unidade (1987-1991)**., 2013.

PCB. **Declaração sobre a Política do PCB**., 1958. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>. Acesso em: 19 ago. 2024

PCB. **PCB, vinte anos de política 1958-1979: documentos - Partido Comunista Brasileiro**. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

PEIXOTO, F. Por uma cultura crítica e democrática. **Voz da Unidade**, p. 14, 30 abr. 1980a.

PEIXOTO, F. CALABAR, ontem e hoje. **Voz da Unidade**, p. 7, maio 1980b.

PRESTES, A. L. **Centenário do PCB: os autodenominados "renovadores" dos anos 1970 e 1980**. **Blog da Boitempo**, 17 nov. 2021. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2021/11/17/centenario-do-pcb-os-autodenominados-renovadores-dos-anos-1970-e-1980/>. Acesso em: 19 out. 2022

REPA, L. S. (ED.). **Colóquio: 100 anos de "História e consciência de classe"**.. Em: 100 ANOS DE "HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE". FFLCH/USP: 4 out. 2023.

RESENDE, P. DE A. Da Abertura Lenta, Gradual e Segura à Anistia Ampla, Geral e Irrestrita: A Lógica do Dissenso na Transição Para a Democracia. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 2, n. 2, p. 36–46, 2014.

Resolução Política. **Voz Operária**, p. 1–5, nov. 1978.

RICUPERO, B. "A aventura brasileira do marxista Caio Prado Jr. **REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA**, v. 8, p. 55–71, 30 jun. 1997.

RIDENTI, M. Esquerdas armadas urbanas: 1964-1974. Em: RIDENTI, M.; REIS, D. A. (Eds.). **História do Marxismo do Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008. v. 6-Partidos e movimentos após os anos 1960p. 105–153.

ROIO, M. D. A incidência do eurocomunismo na política do Partido Comunista Brasileiro e a difusão da obra de Gramsci. **História (São Paulo)**, v. 42, p. e2023029, 13 nov. 2023.

SANTANA, M. A. CLASSE TRABALHADORA, CONFRONTO POLÍTICO E DEMOCRACIA: O CICLO DE GREVES DO ABC PAULISTA E OS DESAFIOS DO SINDICALISMO ATUAL. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 19–65, ago. 2018.

SANTORO, H. Cartas. **Voz da Unidade**, p. 2, 15 maio 1980.

SANTOS, R. **O pecebismo inconcluso**. Rio de Janeiro: Universidade Rural Sociedade do Livro, 1994.

SANTOS, R. **Uma homenagem a Ivan Ribeiro**..: **Gramsci e o Brasil :.**, out. 2006. Disponível em: <https://gramsci.org/?page=visualizar&id=582>. Acesso em: 19 mar. 2024

SARLO, B. Intelectuales y revistas : razones de una práctica. **America**, v. 9, n. 1, p. 9–16, 1992.

SARTÓRIO, L. A. V.; ASSUNÇÃO, V. N. F. DE. A trajetória de J. Chasin. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 9, p. 78–78, 2008.

SECCO, L.; DEAECTO, M. M. **A Batalha dos Livros**. 1ª edição ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

SEGATTO, J. **Reforma e Revolução - Vicissitudes Políticas PCB (1954-1964)**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1995.

SEGATTO, J. A. A presença de Gramsci na política brasileira. Em: AGGIO, A. (Ed.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SEGATTO, J. A.; SANTOS, R. A valorização da política na trajetória pecebista: dos anos

1950 a 1991. Em: **História do Marxismo do Brasil**. São Paulo, Editora UNICAMP. v. 6.

SILVA, M. F. E. Entrevista com Marco Aurélio Nogueira: Intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. **Agenda Política**, v. 9, n. 1, p. 338–356, 2021a.

SILVA, M. F. Entrevista com Milton Lahuerta: Intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. **Agenda Política**, v. 9, n. 1, p. 357–393, 2021b.

SIMIONATTO, I. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

SIMIONATTO, I. Recepção e Difusão das ideias de Gramsci no Brasil: Tendências e perspectivas. Em: BIANCHI, A.; MUSSI, D.; ARECO, S. (Eds.). **Antonio Gramsci: filologia e política**. 1ª edição ed. São Paulo, Zouk, 2019. p. 137–155.

SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. Em: RÉMOND, R. (Ed.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1996. p. 231–270.

**Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Editorial Grijalbo Ltda, 1977. v. 1

**Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Editorial Grijalbo Ltda, 1978. v. 4

**Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Editorial Grijalbo Ltda, 1979. v. 5

**Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1980. v. 8

TORRES, A. C. **A memória da voz e a voz da memória: o jornal Voz da Unidade (1980-1991)**. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 7 ago. 2009.

VANNUCHI, C. **Primeira prisão de Lula completa 40 anos**. **Brasil de Fato**, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/19/primeira-prisao-de-lula-completa-40-anos>. Acesso em: 20 dez. 2024

VIANNA, L. W. A greve do ABC e a cidadania operária. **Voz da Unidade**, p. 5–6, maio 1980.

VIANNA, L. W. **Entrevista com Luiz Werneck Vianna**., 17 jul. 2008.

VOZ DA UNIDADE. Encontro nacional analisa a Voz. **Voz da Unidade**, p. 3, De /06 a 25/06 de 1980a.

VOZ DA UNIDADE. O que pretendemos. **Voz da Unidade**, p. 1, 30 mar. 1980b.

VOZ DA UNIDADE. A força dos metalúrgicos. **Voz da Unidade**, p. 4, 30 abr. 1980c.

VOZ DA UNIDADE. ASSINATURAS. **Voz da Unidade**, p. 2, 29 set. 1980d.

# ANEXOS

## ANEXO 01 - Levantamento Documental - Revista Temas de Ciências Humanas (1977-1992)

| Levantamento Documental - Revista *Temas de Ciências Humanas* (1977-1992) | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Volume** | **Ano** | **Mês** | **Editora** | **Nome (Artigo)** | **Autor (es)** | **Tipo** |
| 1 | 1977 | Abril | Editorial Grijalbo Ltda. | Apresentação | | Editorial |
| | | | | Carta sobre o Stalinismo | Lukács, G; Konder, L. | Tradução |
| | | | | Alguns temas da questão meridional | Gramsci, A.; Nogueira, M. A. | Tradução |
| | | | | Caio Prado Júnior e a questão agrária no Brasil | Araújo, Braz José de | Artigo |
| | | | | Manifesto da Associação Industrial (1881) | Pessoa, Reynaldo Xavier Carneiro; Associação Industrial | Manifesto |
| | | | | História do ISEB: Formação | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |
| | | | | Sobre o conceito de Totalitarismo | Chasin, J. | Artigo |
| | | | | Max Weber: a Burocracia e as Armadilhas da Razão | Nogueira, Marco Aurélio | Artigo |
| | | | | Totalidade e Determinação Econômica | Brandão, Gildo Marçal Bezerra | Artigo |
| 2 | 1977 | Setembro | Editorial Grijalbo Ltda. | Apresentação | | Editorial |
| | | | | Crítica da Filosofia do Direito de Hegel- Introdução | Marx, Karl; Bruno, José Carlos; Castell, Raul Mateos | Tradução |
| | | | | Kafka: Pressupostos históricos e reposição estética | Coutinho, Carlos Nelson | Artigo |
| | | | | Rebeldia, Desespero e Revolução no Jovem Lukács | Konder, Leandro | Artigo |
| | | | | Uma etapa do crescimento agrícola: da revolução industrial à crise geral | Guimarães, Alberto Passos | Artigo |
| | | | | Manifesto do Partido Socialista Brasileiro (1902) | | Manifesto |
| | | | | HIstória do ISEB: Crise | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | A "Politicização" da Totalidade: Oposição e Discurso Econômico | José Chasin | Artigo |
| 3 | 1978 | Abril | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda. | Apresentação | | Editorial |
| | | | | [Troca, Igualdade, Liberdade] | Marx, Karl; Bruni, José Carlos | Tradução |
| | | | | Classes Sociais necessárias e supérfluas | Engels, Friedrich; Nogueira, Marco Aurélio | Tradução |
| | | | | Anotações preliminares para uma história crítica da Sociologia | Nogueira, Marco Aurélio | Artigo |
| | | | | Possibilidades estéticas em História e Consciência de Classe | Netto, José Paulo | Artigo |
| | | | | O capitalismo e os Limites da Burocracia | Lima, Luiz Antonio de Oliveira; Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello | Artigo |
| | | | | Brasil: a Luta Ideológica | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |
| | | | | Tendências da Ficção Brasileira Hoje | Vianna, Marilena | Artigo |
| 4 | 1978 | Outubro | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda (CECH) | Apresentação | | Editorial |
| | | | | As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem | Lukács, George; Coutinho, Carlos Nelson | Tradução |
| | | | | A autocrítica do marxismo | Lukács, George; Konder, Leandro | Entrevista |
| | | | | Notas sobre a relação entre Ciência e Ontologia | Henriques, Luiz Sérgio N. | Artigo |
| | | | | Posição e Tarefas da Inteligência | Pereira, Astrojildo | Artigo |
| | | | | História do ISEB: Fechamento | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |
| | | | | Canabagem- A revolução no Brasil | Guimarães, Renato | Artigo |
| | | | | Parecer sobre a criação da Inspeção de Algodão em Pernambuco (Recife, 10 de junho de 1867) | Andrade, Luiz de Carvalho Paes de | Documento |
| | | | | A importância da exploração familiar camponesa na América Latina | Ribeiro, Ivan de Otero | Artigo |
| | | | | A crise agrária: Uma apresentação | Guimarães, Alberto Passos | Artigo |
| 5 | 1979 | Março | Livraria Editora | Apresentação | | Editorial |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Ciências Humanas Ltda (LECH) | Esboço de uma crítica da economia política | Engels, Friedrich; Viegas, Maria Filomena; Netto, José Paulo | Tradução |
| | | | | Projeto de declaração da redação de Iskra e de Zariá | Lenin, Vladimir Ilich; Nogueira, Marco Aurélio; Brandão, Gildo Marçal | Tradução |
| | | | | Comte e a decadência ideológica | Henriques, Luiz Sérgio | Artigo |
| | | | | Valor, espaço e a questão do método | Costa, Wanderley Messias da; Moraes, Antonio Carlos Robert | Artigo |
| | | | | Vanguardismo e cultura popular no Brasil | Gullar, Ferreira | Artigo |
| | | | | Gigi Damiani e outro | Maffei, Eduardo | Artigo |
| | | | | Considerações sobre a questão sindical e a democracia | Gato, Marcelo | Artigo |
| | | | | Uma economia de transição? | Cupertino, Fausto | Artigo |
| | | | | Nota sobre a autonomia universitária | Castilho, Fausto | Artigo |
| | | | | Desventuras da Marxologia | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |
| 6 | 1979 | Maio | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda (LECH) | Apresentação | | Editorial |
| | | | | Hegel e a Práxis | Konder, Leandro | Artigo |
| | | | | Lukács e a problemática cultural da Era Stalinista | Netto, José Paulo | Artigo |
| | | | | Sexo e Sociedade | Gruppi, Luciano; Coutinho, Amélia | Tradução |
| | | | | Portugal: Cinco anos depois de Abril | Grácios, Sergio Miguel | Ensaio |
| | | | | Explosão demográfica: a impostura e suas implicações | Amaral, F. Pompeo do | Artigo |
| | | | | Moderno e Modernista na Literatura Brasileira | Bosi, Alfredo | Artigo |
| | | | | Conquistar a democracia pela base | Chasin, José | Artigo |
| | | | | Organização do trabalho e luta de classes | Frederico, Celso | Artigo |
| | | | | Por uma frente única do Cinema Brasileiro | Andrade, João Batista de | Artigo |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | Uma semana no Brasil durante a campanha eleitoral | Berlinguer, Giovanni; Nogueira, Marco Aurélio; Kneip, Silvia Anette | Tradução |
| 7 | 1980 | | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda | Reynaldo Carneiro Pessoa (1929-1979) | | Memorando |
| | | | | Teses sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado | Lenin, Vladimir Ilich; Nogueira, Marco Aurélio | Tradução |
| | | | | Teses de Blum (Extrato) A Ditadura Democrática | Lukács, Georg; Kneip, Silvia Anette; Obojes, Luis Arturo | Tradução |
| | | | | Notas sobre a Democracia e a Transição Socialista | Netto, José Paulo | Artigo |
| | | | | A Renda da Terra na Evolução do Capitalismo | Galvan, Cesare G. | Artigo |
| | | | | A Questão Nordeste no Estado Nacional | Carvalho, Abdias Vilar de | Artigo |
| | | | | Construindo o PCB- 1922/1924 | Zaidan, Michel | Artigo |
| | | | | Do Imperialismo como Farsa | Ribeiro, Gilvan P. | Artigo |
| | | | | Sobre Moçambique | Chasin, José | Artigo |
| 8 | 1980 | | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda | Temas, 3 anos depois: Produção Teórica, Luta ideológica, Unidade Política | Nogueira, Marco Aurélio. Brandão, Gildo Marçal | Entrevista |
| | | | | Dossiê: A Trilateral ou a Contra-Ofensiva do Imperialismo | Partido Comunista Francês; Tegon, Ruth | Dossiê |
| | | | | 1. Uma Estratégia de Bloco | Blanchart, François | Dossiê |
| | | | | 2. Uma nova Divisão Internacional do Trabalho | Dubart, Jean-Charles; Flohic, Françoise Le | Dossiê |
| | | | | 3. A Democracia à Moda Trilateral | Bernas, Colette; Bernas, Harry | Dossiê |
| | | | | 4. Conclusão | | |
| | | | | A Formação do Capitalismo Monopolista de Estado no Brasil e suas Particularidades | Prestes, Anita Leocádia | Artigo |
| | | | | Contribuição à História do PCB: 1) Antecedentes | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |
| | | | | O PCB no Imediato Pós-Guerra (1945-46) | Konder, Leandro | Artigo |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | Ligas Camponesas e Sindicatos Rurais do Nordeste (1957-64) | Andrade, Manuel Correira de | Artigo |
| | | | | Causas da Derrocada de 1º de Abril de 1964 | Tavares, Assis | Artigo |
| | | | | Notas sobre a Conjuntura Brasileira | Vianna, Luiz Werneck | Artigo |
| | | | | A Revolução Tecnocientífica e a Estrutura Social da Sociedade Capitalista | Gauzner, Nikolai; Moraes, Diana | Tradução |
| 9 | 1980 | | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda | A Situação Italiana e as Tarefas do PCI | Gramsci, Antonio; Togliatti, Palmiro; Moraes, Jussara; Netto, José Paulo | Tradução |
| | | | | Gramsci: Ideologia, Intelectuais Orgânicos e Hegemonia | Santos, João Agostinho A. | Artigo |
| | | | | Marx: Ciência e Economia Política | Labastida, Jaime; Machado, Carlos Eduardo J. | Tradução |
| | | | | Lukács fala sobre sua Vida e sua Obra | Lukács, George; Anderson, Perry; Murad, Fátima | Tradução/ Entrevista |
| | | | | Psiquiatria Possível ou Impossível? | Sampaio, Benedicto Arthur | Artigo |
| | | | | O Capital Financeiro e Empresa Multinacional | Tavares, Maria da Conceição. Belluzo, Luiz G. de Melo | Artigo |
| | | | | Brasileiros na Espanha | Rodrigues, Pedro | Artigo |
| | | | | Algumas Questões Preliminares sobre a Consciência de Classe do Operariado Brasileiro | Antunes, Ricardo | Artigo |
| | | | | Contribuição à História do PCB: 2) Infância | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |
| | | | | ABC 1980: A Dura Luta pela Conquista da Cidadania Operária | Vianna, Luiz Werneck | Artigo |
| 10 | 1981 | | Livraria Editora Ciências Humanas Ltda | O Ciclo da Revolução Burguesa no Brasil | Ianni, Octavio | Artigo |
| | | | | Problemas Histórico-Políticos do PCB | Malina, Salomão | Entrevista |
| | | | | Documento: Resolução Política do CE da Guanabara do PCB (Março de 1970)- Apresentação | Guedes, Armênio | Documento |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | Os Intelectuais e a Organização da Cultura no Brasil | Coutinho, Carlos Nelson | Artigo |
| | | | | Contribuição ao Debate sobre a Democracia | Naves, Márcio | Artigo |
| | | | | Nota sobre as Políticas Econômica e Tributária Brasileiras | Oliveira, Fabrício Augusto de | Artigo |
| | | | | A "Crise" do Direito e a Classe Operária | Simões, Carlos | Artigo |
| | | | | Sobre uma Dialética do Desespero | Netto, José Paulo | Artigo |
| | | | | Contribuição à História do PCB: 3) A Crise | Sodré, Nelson Werneck | Artigo |

Fonte: Elaborado pela autora (2025) a partir da coleção da revista *Temas de Ciências Humanas* (1977-1992).

**ANEXO 02 - Entrevista com Breno Altman, realizada em 13 de Outubro de 2021.**

(Natalia Hirose) *Breno, vou me apresentar, falar um pouco da pesquisa para te contextualizar e depois perguntar sobre os jornais e revistas. Eu estou no primeiro ano do mestrado na Unicamp, e a pesquisa é sobre o pensamento do grupo de "renovadores/ horizontalistas" do PCB. A ideia é trabalhar com três periódicos que eles criaram, a Temas de Ciências Humanas, a Presença - Revista de Cultura Política e o Voz da Unidade. A ideia com esses três jornais é tentar entender a intervenção deles dentro e fora do partido, o que eles estavam tentando disputar. A pesquisa é orientada pela Daniela Mussi, que fez a ponte para essa entrevista. A pesquisa ainda está em um estágio bastante inicial e por conta da pandemia, o acesso aos arquivos está bastante complicado, principalmente com o Voz da Unidade, mas as outras duas fontes estão disponíveis online, então dá para ter o acesso. Para começarmos, você poderia contar um pouco da sua relação com os periódicos, com essa parte da história do PCB e localizar esse momento com sua trajetória?*

(Breno Altman) Olha, é o seguinte, deixa eu te falar. Eu venho de uma família de militantes comunistas há muitas gerações. Meus avós, tanto paternos quanto maternos, militaram no PCB a partir do início dos anos 1930. E alguns dos meus avós já militavam nos seus países de origem antes até dos anos 1930. Então, eu diria que é uma família que teve aí, vamos dizer, um século de militância no movimento comunista brasileiro ou polonês. Eu, propriamente, não tive nenhuma participação direta nas publicações que você estuda, eu era muito jovem, então eu não tive participação direta nem na *Voz Unidade*, nem na Revista *Presença*. A Revista *Presença* é contemporânea do outro projeto que eu dirigi, mas quando eu for falar da *Presença*, eu vou te explicar um pouco os dois pés comunicacionais que tinha, porque não era só a revista *Presença*. Então, você falou da *Presença*, você falou da *Voz Unidade*. Qual foi o terceiro veículo?

(N.H) *A Temas de Ciências Humanas.*

(B.A) Ah, a *Temas de Ciências Humanas*, está bem. Eu tampouco tive participação direta na *Temas*, embora conheça bastante bem todos os três projetos. Eu era, na época da criação da Presença, um militante do PCB, também na época da criação da *Voz Unidade* e da *Temas de Ciências Humanas*. Deixa eu primeiro situar no tempo essas publicações, porque elas têm uma cronologia diferente.

A *Temas de Ciências Humanas* foi de iniciativa de uma editora autônoma, independente, que não pertencia ao PCB, embora o seu proprietário, o Raul Castell, fosse um homem próximo do PCB. Eu não tenho registro de que ele tenha sido PCB. A filha dele, sim, foi do PCB. Ele… talvez tenha sido em algum momento, mas acho que ele era mais um simpatizante do PCB. E foi uma iniciativa dele com intelectuais próximos à livraria de Ciências Humanas, que nos anos 1970, ainda sob a ditadura, talvez fosse a principal editora de esquerda… Na segunda metade dos anos 1970. Não era um projeto partidário, era um projeto de criar um espaço para o debate político na intelectualidade de esquerda. É uma revista que nasce num período em que o PCB, em São Paulo, por conta das repressões de 1974-1976, estava destroçado. Então, esse é um projeto. Se não me engano, a Temas foi criada em 1977?

(N.H) *Isso.*

(B.A) Então, esse é um episódio…
A *Voz da Unidade* é uma criação do Comitê Estadual de São Paulo, é uma decisão do Comitê Estadual de São Paulo criar a *Voz da Unidade*. Se não me engano, a *Voz da Unidade* foi criada em 1980.

(N.H) *É 1981, se não me engano…*

(B.A) 1981, pode ser.
É criada pelo Comitê Estadual e, logo em seguida, já sofre uma intervenção do Comitê Central. A intervenção do Comitê Central ocorreria um ano depois da fundação. Eu acho que a *Voz da Unidade* foi criada em 1980, não 1981, 1980. Maio de 1980. O primeiro número da *Voz da Unidade* circulou no primeiro de Maio de 1980.
E acho que a intervenção foi em 1981. Então, é um projeto do Comitê Estadual de São Paulo, mas sofre a intervenção do Comitê Central. O Comitê Central destituiu a direção da *Voz da Unidade* para colocar homens da sua confiança no comando do jornal, do semanário.
A *Presença* já é um projeto de quando…
De 1983, 1984, quando já tinha ocorrido, em 1983, a intervenção do Comitê Central e no Comitê Estadual de São Paulo. Então, já é uma criação com o núcleo dirigente do PCB em São Paulo, expurgado, expulso do partido. Esse núcleo do Comitê Estadual cria duas publicações. Eu te aconselharia a tratar as duas publicações em conjunto, porque o que aconteceu no Comitê Estadual de São Paulo? Ele tinha, na verdade, duas alas, tinha até mais,

mas vamos dizer assim, tinha dois grupos fundamentais. Tinha um grupo que a gente podia chamar de eurocomunista, com maior proximidade com o dirigente nacional do PCB, que se chamava Armênio Guedes. Esse núcleo aglutinava alguns intelectuais importantes do PCB que haviam acompanhado o Davi Capistrano (Filho) e o núcleo dirigente do Comitê Estadual na ruptura com o PCB.

Alguns desses intelectuais se mantêm ativos até hoje, um caso é o Marco Aurélio Nogueira. Havia outros, vários outros… Milton Lahuerta, Marco Aurélio Nogueira, eram alinhados às teorias do eurocomunismo. E havia um outro pedaço majoritário, dominante no Comitê Estadual que não tinha nada a ver com o eurocomunismo, embora abraçasse uma das teses dos eurocomunistas, que era a democratização do PCB. Esse outro núcleo era comandado diretamente pelo Davi Capistrano (Filho). Para poder abrigar, tanto como espaço funcional como espaço político, essas duas vertentes que compõem o Comitê Estadual, foram criados dois veículos diferentes. Pelo mesmo dirigente que é o Davi Capistrano da Costa, é criado um jornal, um jornal semanal ou quinzenal, agora tenho dúvidas, que se chama *A Esquerda*. O jornal *A Esquerda* tinha o Davi Capistrano como diretor responsável, como diretor de redação, e, em um bom período, teve a mim como editor.

E a revista *Presença*, que era uma revista trimestral ou semestral, que também foi criada pelo Davi Capistrano, mas para abrigar mais essa intelectualidade vinculada ao eurocomunismo. Durante um tempo, esses dois projetos caminharam relativamente juntos, mas rapidamente se separaram.

A revista *Presença* ganhou vida própria, dirigida e controlada por esses intelectuais vinculados ao eurocomunismo. E, a partir de então, o Comitê Estadual… Esse núcleo que dirigia o Comitê Estadual de São Paulo já não tem mais nada a ver com a revista *Presença* e é exatamente quando esse núcleo começa a fazer a sua transição que desembocaria no PT. Davi Capistrano e outros dirigentes que compunham esse núcleo. Ai sim, eu faço parte já desse núcleo, nesse momento. Esse núcleo dirigente é o núcleo que vai desembarcar no PT em 1976. O jornal *A esquerda* duraria de 1974 a 1976, quando esse núcleo se incorpora ao PT, a revista *Presença* talvez tenha durado até o início dos anos 90, não acompanhei muito.

(N.H) *Isso, até 1992.*

(B.A) 1992. E a sua direção se transfere de São Paulo para o Rio, se não me engano.

(N.H) *Sim.*

(B.A) Mas ela nasce dessa dissidência. Então, no tempo, esses veículos se distribuem desse jeito, cada qual com uma tarefa diferente e com uma influência diferente, com um grupo dirigente diferente.

Embora, no caso da *Voz da Unidade,* da *Esquerda* e da *Presença*, nós tenhamos esse núcleo do Comitê Estadual de São Paulo, dirigido pelo David Capistrano (Filho), que já faleceu, o núcleo fundador. O Comitê Estadual funda a *Voz da Unidade* e ela sofre a intervenção do Comitê Central. O Comitê Estadual, já rompido com o PCB, com o Comitê Central, fundou o jornal *A Esquerda* e o dirigiu enquanto existia esse veículo.

E o Comitê Estadual também funda a revista *Presença*, mas dela se dissocia quando há uma clara diferença entre o ponto de vista político dos eurocomunistas e o ponto de vista do Comitê Estadual, quando se separam essas duas correntes que estavam abrigadas no Comitê Estadual. Então, um pouco para localizar no tempo esses veículos.

Eu teria uma participação muito ativa na direção do jornal *A Esquerda*. Inclusive existe um livro que eu te aconselho a adquirir, mas se você não conseguir, eu faço um empréstimo exemplar *com aquele célebre código VVV. Conhece o código VVV? Vai e volta voando. Para a gente emprestar um livro a gente tem que ter o código VVV.* Que é um livro editado pela Hucitec que chama "Há O Que Fazer" cujos organizadores somos eu mesmo, Davi Capistrano e o Ubiratan de Paula Santos, são os textos da dissidência. Boa parte desses textos publicados no jornal *A Esquerda.*

Eventualmente, alguns desses textos foram publicados pela *Presença*. Não tenho certeza, mas acho que alguns desses textos são da revista *Presença*. De memória, não sou capaz de te dizer, mas tenho a impressão que sim.

Esse livrinho aqui é uma coletânea de textos, a Introdução vale a pena. São vários textos mesmo… É separado por capítulos. É bem interessante, porque as partes do livro… "O afastamento do velho partido", que é como é construído a ruptura com o PCB. "Nas ruas pelas diretas", "Contra o pacto das elites", que era contra o colégio eleitoral de 1985, "Em busca de uma alternativa", e tem os anexos. Nos anexos tem coisas que foram publicadas na revista *Presença*.

Estou vendo aqui esse texto da *Presença*, que é uma entrevista com o Davi, o "12 Teses sobre a Conjuntura Política" que, se não me engano, foi publicado na *Presença*. É, na revista *Presença*, número 1, novembro de 83. É um texto do Davi.

Eu acho que tem mais esse aqui também, entrevista do Davi Capistrano. Talvez também seja... Talvez também seja da... Ah, não. Essa aqui é da outra revista, *Socialismo e*

*Democracia.* Então, esse livro aqui vale a pena. Você vai ter uma noção de como é que evolui o pensamento do núcleo dirigente do comitê estadual, não dos eurocomunistas. Nos eurocomunistas, você deve ter tido acesso ou terá acesso à coleção da *Presença*.
Se não me engano a Presença teve 12 números, não é?

(N.H) *Não, foram 18, 19.*

(B.A) 18, 19? Eu cheguei a ter uma coleção da *Presença*, nem sei onde foi parar… Então, esse é, digamos, o perfil dessas publicações e quem as tocava.

(N.H) *Você falou sobre a intervenção do Comitê Central Nacional no Voz da Unidade. Você pode falar mais sobre isso? Como aconteceu, com qual linha?*

(B.A) Claro. Você chegou a ver a exposição que eu fiz sobre a história do PCB na coleção da ELAHP dos anos 70[68]? Então, ali eu exponho como havia quatro grandes grupos que disputavam a direção do partido. Três no âmbito nacional, mais o Comitê Estadual de São Paulo.
No âmbito nacional, nós tínhamos o prestismo, o centrismo e os eurocomunistas. Prestes rompe com o PCB em 1979-1980. Começa, então, uma luta dura entre o centrismo e o eurocomunismo e também do centrismo contra o Comitê Estadual de São Paulo.
O Comitê Estadual de São Paulo no final dos anos 70, na época da Anistia, era a estrutura partidária mais importante do PCB. Era onde o partido estava mais organizado, inclusive nas sociedades, na classe operária. Era onde o partido tinha, mais competentemente, se reconstruído.
O Comitê Estadual decide criar um veículo de massas. Havia ocorrido iniciativas anteriores de criar um jornal de massas vinculado ao PCB, mas que não frutificaram, iniciativas relativamente independentes, quando o partido ainda estava destroçado. A *Voz Unidade* é uma iniciativa que conta com o apoio da estrutura do PCB que vai sendo reerguida nos Estados.
Não é um jornal oficial. O PCB ainda mantinha o *Voz Operária* como seu jornal oficial, o órgão central do partido era o *Voz Operária*.

[68] Altman refere-se à aula ministrada no curso "100 anos de comunismo no Brasil", organizado pela Escola Latino-americana de História e Política (ELAHP). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3tOCJVmKEhU. Acesso em: 17 fev. 2025.

O Comitê Estadual de São Paulo decide criar a *Voz Unidade* como um veículo semanário e de massas, portanto, não era um veículo formal do PCB. E indica para ser seu editor, o Gildo Marçal Brandão. Em nome do Comitê Estadual, participa do Comitê Editorial, se não me engano, o Marco Aurélio Nogueira. Para se proteger do Comitê Central, portanto, fica nítido que o que o Comitê Estadual faz é indicar quadros próximos aos eurocomunistas. Por que o Comitê Estadual faz isso? O secretário de Agitação e Propaganda do Comitê Central, que era o responsável pelos meios de comunicação do PCB, era o Armênio Guedes.

O Armênio Guedes era o grande líder dos eurocomunistas. Portanto, o Comitê Estadual decide escolher para dirigir a *Voz Unidade* quadros políticos próximos ao Armênio Guedes. Embora o David Capistrano e outros quadros do Comitê Estadual tivessem, numa primeira etapa, bastante peso na direção da *Voz Unidade*.

Durante um certo tempo, mais ou menos até o início de 82, eu acho, ou final de 81, acho que o início de 82, mas aí a data me...

Eu acho que a Voz Unidade é lançada em 1º de maio de 1980, acho que a festa da Voz Unidade foi em 1981, a primeira festa. E a intervenção do Comitê Central ocorre no final de 81, talvez início de 82. O Comitê Central não aceitava que um órgão nacional, embora não fosse formalmente do PCB, viesse a ser dirigido pelo Comitê Estadual. O Comitê Central queria dirigir esse órgão. Até porque, a partir da própria fundação do jornal, os recursos financeiros para sustentar a *Voz Unidade* vinham do próprio jornal ou de aportes que começam a ser feitos pelo Comitê Central.

Então, o Comitê Central, num certo momento, decidiu intervir na redação do Comitê Editorial. Gildo Marçal Brandão, Marco Aurélio Nogueira são destituídos. É indicado para ser o editor-chefe do jornal Noé Gertel, um velho quadro comunista, um jornalista "velha guarda", já falecido, era um homem da geração do meu avô, aliás, muito amigo do meu avô.

Era um jornalista que não participava mais da luta interna do PCB, mas era um jornalista disciplinado, vamos dizer assim, que seguia as instruções do Comitê Central. E o Comitê Central, já porque a luta interna entre o Comitê Estadual e o Comitê Central se aguçava, resolve colocar as mãos no jornal. E essa intervenção viria a acontecer.

Havia muitas discrepâncias em relação ao jornal. Eu me lembro que houve uma discussão duríssima logo na fundação do jornal, porque... Na edição do 1º de Maio, agora não me lembro exatamente qual foi a discussão, mas o corpo editorial do qual meu pai participava também havia decidido uma capa, que era o Lula. E o Hércules Correia, em nome do Comitê Central, exigiu que o Lula fosse tirado da capa. Eu não me lembro se foi tirado ou não foi tirado. Pode ser que nem tenha sido retirado. Não, não me lembro...

Mas eu me lembro que houve essa exigência de que o Lula fosse tirado da capa.
E no bate-boca entre meu pai e o Hércules Correia, o Hércules Correia teria até dito que o Lula era agente da CIA. Meu pai, então, se afasta já da *Voz da Unidade*, porque ele já era defensor, desde aquele primeiro momento, de uma política de unidade do PCB com o PT, que vinha nascendo.
Na verdade, meu pai nem era favorável à reorganização do PCB. Ele era favorável à criação de um outro tipo de partido, que era o que veio a ser o PT. Um partido plural, que abrigasse toda a esquerda. Meu pai chega a participar, inclusive, assim, como observador, do encontro de fundação do PT no Colégio Sion. Ele vai ao Colégio Sion…
Por disciplina, ele se mantém no PCB, por identidade ideológica, pessoal, histórica, com David Capistrano, ele se mantém na estrutura do partido... Então, essas discrepâncias políticas vão se avolumando no seio da *Voz da Unidade.*
A linha política do Comitê Estadual era uma linha mais francamente favorável às greves, o Comitê Central era contrário, a linha do Comitê Estadual era de se buscar uma aliança com o PT, o Comitê Central era desfavorável, a linha do Comitê Estadual era de construir, portanto, uma frente de esquerda, o Comitê Central achava que isso atrapalhava a relação com a oposição liberal burguesa, a ditadura. O Comitê Estadual era favorável a uma linha de democratização da estrutura partidária ao redor do próprio jornal, com a criação de comitês da *Voz da Unidade* por todo o país. O Comitê Central era contrário e foram acumulando divergências.
Havia também divergências estratégicas, divergências históricas e o Comitê Central usou seu poder dirigente e interveio na *Voz da Unidade*. Se não me engano, interveio ali... Acho que a intervenção é final de 81, um ano e pouco depois da fundação do jornal, talvez início de 82.

(N.H) *Interessante isso da intervenção. Isso não tinha chegado na pesquisa do Voz da Unidade, e isso muda muito a linha do jornal.*

(B.A) Acabei de confirmar que o Voz da Unidade foi fundado em março de 80.

(N.H) *E aí acaba se tornando um ponto para olhar, como o jornal era formado antes dessa intervenção e depois por que o Voz da Unidade, dentro da pesquisa, é uma das maiores incógnitas. Porque tinha essa questão de tentar falar para fora, com as massas, ao mesmo tempo que era um jornal que tinha essa ligação fluida com o Partido. E aí, tentar entender*

*essa relação... O (Carlos Nelson) Coutinho tem uma entrevista em que ele fala que os eurocomunistas atuavam na linha cultural do Partido.*

(B.A) É verdade isso também.
Eu sugeriria a você... Existem dois livros que valem a pena de cabeça que eu me lembro. Tem o livro do Bernardo Kuczynski, "Jornalistas e Revolucionários", e tem um capítulo sobre a Voz da Unidade. E tem o livro da Dulce Pandolfi, "Camaradas e Companheiros", vale a pena. Uma pessoa que valia a pena você entrevistar, especificamente sobre a *Voz da Unidade*, talvez fosse o Ubiratan de Paula Santos, que era o secretário de organização do Comitê Estadual de São Paulo. E ele tem uma memória mais viva do que eu, até porque ele participou diretamente desses episódios relacionados à *Voz da Unidade*.

(N.H) *Uma questão que fica também é essa relação com o PT, tanto dos eurocomunistas, mas também dos outros grupos, é uma questão que os eurocomunistas falam muito. Na Iniciação Científica eu fiz uma pesquisa sobre o Luiz Werneck Vianna e em vários textos da Presença, ele critica fortemente o PT. Bate muito, inclusive, falando de uma postura jacobina do partido. Mas depois, vários quadros que eram da linha eurocomunista acabam no PT. Quando eles rompem com o partido no final da década de 90, você se lembra dessas discussões?*

(B.A) Sim, sim. Vamos por etapas aqui. Vamos fazer que nem "Jack o estripador". Todos os intelectuais eurocomunistas rompem com o PCB entre 82 e 84. Depois, eles começam a brigar entre si.
Tem uma linha mais à direita, que é o Luiz Werneck Vianna, que, no fundo, é a velha linha da aliança com a oposição liberal, da aliança com a burguesia nacional. Então, isso é Luiz Werneck Vianna e, exatamente por esta concepção, era um crítico duríssimo ao PT. Dessa linha, também partilhava Marco Aurélio Nogueira, Milton Lahuerta e vários quadros que ficaram sempre oscilando… No início entre o MDB, o PMDB, e depois foram ficando próximos do PSDB, foram se vinculando ao Tucanato. O Werneck Vianna, propriamente, não se vincula aos tucanos, mas ele sempre foi antipetista. Há uma outra ala dos eurocomunistas, aliás, seus formuladores mais notórios, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Milton Temer, que não apenas passam a ser pró-PT e consideram que o PT representa o "Partido Novo", apregoado por Gramsci e a ideia desenvolvida por Togliatti pelos eurocomunistas.

Como, inclusive, quando o PT passa a ter características mais pragmáticas, eles vão para o PSOL, eles nem no PT ficam.

Então, tem uma ruptura entre os eurocomunistas, entre esses dois grupos. Se você quiser citar referências entre o grupo do Luiz Werneck Vianna, se bem que falar de grupo do Luiz Werneck Vianna, é um exagero… Mas, como referência intelectual, entre a linha defendida pelo Werneck, não era só o Werneck, mas é o mais notório, e a linha defendida por Carlos Nelson e Leandro Konder. Carlos Nelson e Leandro Konder vão ver no PT, durante anos, a possibilidade de um partido de esquerda, de massas. Que fosse capaz de executar aquilo que o Carlos Nelson começaria a chamar, na última etapa da sua vida, de reformismo revolucionário. Carlos Nelson e Leandro Konder, na verdade, fizeram uma inflexão à esquerda nos anos 90.

E isso, provavelmente, é o que desestabiliza a *Presença*. A divisão entre esses dois ramos do eurocomunismo, em que um ramo vira à direita e o outro vira à esquerda. Embora eu não tenha acompanhado os anos finais da *Presença*, não tinha maiores relações com os eurocomunistas.

Eu era um quadro jovem, mas era visto com muita bronca pelos eurocomunistas, porque eu era compreendido como um filo-estalinista, digamos assim, um ortodoxo. Eu era muito compreendido como uma figura da ortodoxia marxista, no PCB. Então, eu não tinha relações com eles, minhas relações eram muito atritadas.

Ou seja, um dos acordos... Na verdade, o Davi, para poder garantir a harmonia do nosso pessoal, propõe que a edição da *Presença* fosse de alguém terrivelmente eurocomunista, acho que foi o Marco Aurélio Nogueira que assumiu essa função. E a edição de *A esquerda*... Ele (David Capistrano Filho) era o diretor de redação das duas, mas queria que o editor da *Esquerda* fosse alguém terrivelmente leninista, e aí indicou a mim.

As coisas não eram formuladas desse jeito, mas a minha compreensão *pós-fato* é essa, de que ele fez uma arbitragem entre as duas alas da nossa patota. Então, como o meu papel me levava a conflito permanente com os eurocomunistas, eu não tinha boas relações com eles. Ou não tinha relações, pura e simplesmente.

(N.H) *E como era esse clima de crise no partido?*

(B.A) Era uma luta interna brutal, brutal. Porque isso envolve muitas questões, inclusive questões de vida ou morte. Havia acusações sérias feitas, primeiro pelo Prestes e depois por nós, de que havia membros do Comitê Central envolvidos na queda e na morte de quadros da

Direção Nacional. E depois se comprovou que era verdadeiro. Isso eu conto, acho que no curso, do Severino Theodoro de Mello que trabalhava para a polícia[69].

(N.H) *Sim…*

(B.A) E que levou à morte, entre outros, do pai do David. E era um quadro do centrismo no Comitê Central de grande poder. De grande poder, por ser o secretário de organização do Comitê Central. Então, era uma luta interna feroz. Feroz. Nós estamos falando... A luta interna no PCB faz a luta interna do PT e do PSOL parecer uma conversa no Jardim da Infância.

(N.H) *E você entende que essa crise que leva, nos anos 1990, o Partido a quase deixar de existir, não em sua história, claro, mas quanto às bases, se dá mais por conta da repressão ou por essas disputas?*

(B.A) Eu vou te dizer uma coisa. A repressão tem um peso relevante no apequenamento do PCB, porque ele perdeu muitos quadros. Mas acho que, fundamentalmente, o que levou o PCB a perecer como partido hegemônico da esquerda, da classe trabalhadora, foi sua linha política. A linha que predomina no PCB, depois dos seus congressos, especialmente depois de 77, 78, era uma linha de submissão à oposição liberal. O PCB era uma espécie de quinta roda do carro. Era um apêndice da oposição liberal à ditadura. Ele perde autonomia, independência de classe, ele deixa de ser um partido que busca construir a hegemonia da classe trabalhadora. Ele é um partido que funciona como um apêndice da oposição liberal burguesa à ditadura e, depois dessa mesma oposição liberal, quando se converte em governo, na eleição da chapa Tancredo-Sarney, na Nova República, e assim por diante.
Então, isso leva ao perecimento do PCB, leva à sua perda de força eleitoral, social, sindical, ao mesmo tempo em que o PT, por afirmar uma linha de independência de classe, de organização da classe trabalhadora como o clássico protagonista da sociedade, vai ascendendo. É claro que o PT foi beneficiado por não ter sofrido uma repressão tão feroz quanto o PCB, mas eu não atribuiria à repressão a questão central nesse processo. Até porque quando um partido clandestino é reprimido ao ponto de ser destruído, ele tem que se

[69] A história de Severino Theodoro de Mello pode ser melhor compreendida em: **NUNES, Victor.** Ex-espião que entregou comunistas na ditadura morre aos 105 anos. *Diário do Centro do Mundo*. Disponível em: https://www.diariodocentrodomundo.com.br/ex-espiao-que-entregou-comunistas-na-ditadura-morre-aos-105-anos/. Acesso em: 17 fev. 2025. O curso referido por Altman diz respeito, novamente, à aula concedida à ELAPH.

questionar como isso foi acontecer, não é? Porque é do jogo das ditaduras que a repressão seja violenta, e um partido tem que estar adequado a essa situação.

O fato de ele ser tão vulnerável também representa erros à sua linha política. Por exemplo, havia no PCB uma fortíssima ilusão na chamada abertura lenta, gradual e segura do governo Geisel. Havia uma expectativa de que essa abertura lenta, gradual e segura forneceria ao PCB espaços de legalidade, quando era exatamente o oposto.

Para que a abertura acontecesse, a ditadura primeiro decidiu arrebentar com o PCB e com o que restava do PCdoB. Eles antes dizimaram as direções dos partidos de esquerda que ainda restavam, depois do fim da luta armada, para começar a abertura. Então, liquidam o PCB em 74 e 76 e fazem o mesmo com o PCdoB em 76.

No mesmo período, derrotam a guerrilha da Araguaia e depois fazem o massacre da Lapa no final de 1976. Esses eram os pressupostos da abertura. O regime militar queria fazer a abertura sem que os comunistas pudessem se utilizar desses novos espaços políticos para crescer na sociedade.

E houve da parte do PCB uma enorme ilusão de que a abertura significaria menor repressão contra o partido. E o partido caiu em erros que na época se chamava… a expressão da época era "liberalismo". Liberalismo, dentro do PCB, significava dizer o abandono das regras estritas de segurança. O PCB era um partido muito acostumado à clandestinidade. Não era como o partido comunista chileno ou uruguaio com baixa tradição da clandestinidade, o PCB praticamente tinha vivido o tempo todo na clandestinidade.

Então havia uma cultura de regras clandestinas e o PCB nunca tinha deixado de ter sua direção nacional dentro do país. Fora um período curto no Estado Novo, entre 1939 e 1943, o PCB nunca ficou sem direção nacional. A primeira vez que isso ocorreria seria nas quedas de 1974 e 1976.

(N.H) *Aliás, isso foi uma das coisas que eu achei mais interessante naquela aula que você deu, em que você apresentou sobre a saída da direção como algo pensado para proteger a direção.*

(B.A) Em um primeiro momento, sim.

Em um primeiro momento, sim. Em um primeiro momento, o que aconteceu no partido foi uma decisão de proteger a direção. Uma decisão de proteger a direção com essa saída de um terço do Comitê Central. Depois das quedas de 1974 e 1976, aqueles que não são mortos saem porque a situação era insuportável. Deixa de haver Comitê Central dentro do Brasil,

deixa de existir direção nacional. O PCB, entre 1975 e 1980, não tem mais direção nacional dentro do território brasileiro.

(N.H) *Esse processo é descrito na narrativa dos eurocomunistas, em especial o Coutinho e o Werneck. O Werneck fala sobre a afortunada situação em que a direção do PCB estava no exílio, no sentido de que a direção estando fora deixava aberto espaço para que eles disputassem as linhas partidárias.*

(B.A) Eu não entendi a conclusão…

(N.H) *Abrir espaço para que eles disputassem as linhas partidárias com mais força.*

(B.A) Isso abriu espaço para que pudesse surgir o Comitê Estadual de São Paulo com uma linha política autônoma. O fato de que não havia direção nacional dentro do território. Sem dúvida alguma. Eu concordo com isso. É correta a afirmação do meu ponto de vista.

(N.H) *Eu queria entender se você acha que é possível perceber essas linhas de força se formando nos jornais? Se eles estavam tentando disputar a linha partidária...*

(B.A) Você tem que levar em conta que o método do PCB não era um método muito propenso à disputa de posições. Era mais um método de conciliação de posições para garantir a unidade.
Então, a *Voz da Unidade*, se a minha memória não me trai, refletirá a busca do consenso possível, enquanto ele foi possível. Eu não acredito que pelas páginas da Voz da Unidade, com exceção feita na tribuna do 7º Congresso de 82, que você vai poder ver esse choque de posições. Ao contrário do que acontecerá depois, quando há a intervenção no Comitê Estadual em julho de 83 e o Comitê Estadual passa a ser uma dissidência externa ao partido, criando o jornal *A Esquerda*, aí sim você vai ver o embate de posições aberto.
Esse livro que citei, o "Há O Que Fazer", tem vários textos em que é formulada uma crítica aberta ao Comitê Central. Antes da intervenção de 83, havia muito cuidado do Comitê Estadual de São Paulo de não expor exageradamente a luta interna. Tanto para salvaguardar sua permanência no PCB, para evitar o que acabou acontecendo, que foi intervenção, quanto para impedir que os inimigos de classe se aproveitassem das divisões internas. Será somente a partir de 83 que as divergências serão claras.

Você vai ver um texto nesse livro que citei, um texto que se chama “Chegou a Hora da Verdade”, é um texto que se contrapõe ao Comitê Central pela primeira vez de forma aberta, e já depois da intervenção. É um texto de 31 de agosto de 1983, mesmo assim, com algum cuidado… Nesse documento, por exemplo, o Comitê Estadual chama o Comitê Central de direção residual… Aí já começa a ser um choque frontal. Então, será somente a partir desse momento que a gente poderá ver essa contraposição entre o Comitê Estadual e o Comitê Central.

(N.H) *Na aula, inclusive, você fala sobre a intervenção no VII Congresso, que acontece na sede do Voz da Unidade, e eu queria entender, a partir da sua perspectiva, como era essa organização da vida partidária? Onde os jornais entraram na vida de militância do PCB? Era uma questão central? De fato, unia os militantes do partido em volta daquilo ou era uma questão secundária?*

(B.A) Era uma coisa central. Na cultura comunista, e o PCB mantinha isso apesar de toda a crise, o jornal era um instrumento fundamental de trabalho. Então, cada célula do partido tinha cotas, tinha que vender um certo número de exemplares por semana. Cada célula de fábrica, de faculdade, de escola, de território, tinha cotas. Você discutia o jornal na célula. A leitura do editorial do jornal quase sempre abria a reunião da célula.
Você já via... Era um instrumento de organização, de trabalho militante, de difusão das ideias do PCB. Era comum também ter grupos de venda de jornais nas portas de fábricas, nos acontecimentos populares, nas concentrações, nos comícios, nas manifestações. Então o partido se engajava, com todos os seus problemas e suas fragilidades, na organização e na difusão da *Voz da Unidade.*
Na tradição dos partidos comunistas, o jornal é uma estrutura central, central. Ele ocupava um lugar de grande relevo. Não é à toa que quase sempre, se olharmos a história dos partidos comunistas, quase sempre não, vamos mudar o advérbio… Costumeiramente, o secretário-geral do partido era ou tinha sido o editor do órgão central. Havia uma relação muito estreita. O jornal era parte fundamental da estrutura dirigente do partido, desde o Lênin.
O que era o Lênin? Editor do Iskra. Depois de vários outros periódicos. Ele era um criador de jornais. O partido existia a partir da sua imprensa. O PCB não era diferente. O Davi Capistrano, que era o primeiro secretário do Comitê Estadual de São Paulo, era, simultaneamente, o diretor de redação do jornal *A Esquerd*a, por exemplo.

Era um peso muito grande. Era um peso muito grande.

(N.H) *Essa é uma questão que me interessa muito, tentar entender como esse jornal integrava a vida partidária. Inclusive na formação da linha política que era expressa, que podem ser acessados pelos documentos, pelas deliberações de congresso…*

(B.A) O partido falava com a sua militância, com seus simpatizantes e com sua base social através do jornal. O termo que se utilizava, que é um termo inspirado ou trazido do Gramsci, era que o jornal era um organizador coletivo. Ele tinha um papel fundamental. Era quem trazia a linha do partido, a posição do partido sobre todas as questões importantes da conjuntura local e internacional. Eram posições expressas nas páginas do jornal. Nisso, o PCB mantinha a tradição leninista sobre o papel da imprensa, completamente diferente da tradição petista ou do PSOL.

(N.H) *E essas iniciativas por fora, por exemplo, a Temas ou mesmo a Presença... Na verdade, no primeiro editorial da Presença colocam que "não somos uma revista partidária, queremos conversar com as diferentes forças"…*

(B.A) Quando eram publicações... Vou usar o termo que o Gramsci usava. O partido se envolvia diretamente quando eram... O Gramsci, nos Cadernos do Cárcere, ele diferenciava, porque usava uma linguagem cifrada. Você deve ter tido a oportunidade de ler. Ele diferenciava jornais *de* católicos de jornais *para* católicos. Os jornais *de* católicos eram os feitos pelo partido. O partido se engajava nos jornais *de* católicos, ou seja, naquilo que era decisão do partido constituir como imprensa. Naqueles outros que eram jornais *para* católicos, ou seja, que não eram estritamente da estrutura do partido, eram iniciativas de pessoas ou de coletivos próximos ao partido. O partido tinha uma posição favorável, mas não engajava a sua estrutura.
Era simpático, e tal, mas não engajava a sua estrutura…

(N.H) *E também não intervinha na disputa de linha política*

(B.A) Quando não era uma publicação decidida e financiada pelo partido, não. Podia pressionar, mas não intervinha. Não tinha poder de intervenção. Na imprensa oficial do partido, ou oficiosa, como era o *Voz da Unidade*, tinha poder de intervenção. O jornal *A*

*Esquerda*, que já era da dissidência do Comitê Estadual, o Comitê Estadual tinha poder de mando. Ou seja, esse poder de mando era para garantir agilidade, e era executado pelo próprio David, que era o diretor de edição do jornal. E, na prática, se bem me lembro, o comitê editorial do jornal era a comissão executiva do Comitê Estadual, ou parte dela. Então, era uma publicação diretamente obediente à estrutura partidária.
Embora nós tivéssemos desenhado um tipo de jornal aberto ao debate, a gente propiciava esse debate. Acho até que teve um debate, uma vez, duríssimo entre o Carlos Nelson Coutinho e eu mesmo, sobre o Chile, sobre o golpe do Chile em 1973, quando foi o décimo aniversário do golpe do Chile. Não, décimo quinto, talvez. Não me lembro direito. Num aniversário qualquer do golpe do Chile, eu acho que teve uma discussão pesada entre mim e o Carlos Nelson…

(N.H) *Sim. Legal. Isso era um outro tópico que eu queria saber. Se você tem registro, sabe dessas trocas de mensagens, de cartas, de coisas que poderiam ajudar a compor esse corpo da pesquisa?*

(B.A) Não sei o que dizer. Não, não conheço.
Tem que levar em conta que a gente estava saindo de uma longa ditadura e tudo que a gente não queria era ter documentos que nos levassem para a cadeia caso a ditadura voltasse. Então, essa lógica epistolar não existia. Eram bilhetes que se rasgavam, conversas ao pé do ouvido, nos falávamos por telefone. A gente cumpriu as regras da clandestinidade nos já avançados anos 80. Então, eu não imagino que nós tenhamos um outro tipo de documentação baseada em cartas entre os dirigentes, eu não acredito nisso.

(N.H) *E, dadas essas medidas, como era feita a construção desses jornais? Tinham reuniões periódicas para encontros de textos? Para definir pautas?*

(B.A) Sim, sim. Era um regime natural de qualquer veículo semanal. Você sentava na segunda-feira de manhã... Vamos dizer, não era na segunda…
O jornal circulava, se não me engano, os jornais de imprensa alternativa, incluindo a *Voz Unidade*, a *Esquerda*, circulavam sempre às quintas-feiras. Porque você pegava o espaço vazio das gráficas… Eu acho que circulavam às quintas… É, circulavam nos finais de semana, porque no final de semana é quando a militância mais vendia o jornal. Então, eu não me lembro se ele era impresso na quinta para estar disponível na sexta ou se era impresso na

quarta para estar disponível na quinta. Eu tenho a impressão que ele era impresso na quarta-noite, para estar disponível na quinta. Essa é a minha impressão…

Aí o que acontecia? O jornal estava pronto na quinta, normalmente a gente estava estourado, porque eram sempre equipes pequenas que faziam essas publicações, normalmente se reunia o Comitê de Redação, eles se reuniam acho que na sexta de manhã, não no dia em que circulava a publicação, mas no dia seguinte. E aí se discutia a pauta do próximo número, se distribuíam os textos, se determinavam as tarefas dos repórteres, e disparava a confecção da redação com os editores responsáveis por cada um dos textos correspondentes da sua área.

E havia um controle nos dias seguintes, a partir da sexta-feira, começava o controle sábado, domingo, segunda, até que entrava em fechamento. Como o jornal tinha que entrar em gráfica na terça-feira, o fechamento começava na segunda, e havia uma concentração do fechamento entre terça e quarta, para entregar o material para a gráfica na quarta-feira, no final do dia. E aí na quarta-feira à noite, era feita a composição. A composição era a redatilografia do jornal, na própria gráfica, que não era do partido, mas em uma gráfica terceirizada, era feita a composição, o *pestape*...

A tecnologia gráfica já teve muitas evoluções, então vou falar dessa última. Quando se desenvolve a composição a frio, que era a composição por computador e não mais por linotipia… Quando começou assim? A imprensa surge com a chamada Prensa de Gutenberg, que, no fundo, era um grande carimbo, está bem? Como é que era feita a composição de uma página de um jornal? Não existia foto, evidentemente, e você fazia a composição com tipos de madeira, você montava o texto, letrinha por letrinha.

E aí você criava uma página, você delimita com um quadro de madeira, e a Prensa de Gutenberg não era outra coisa que era um gigantesco carimbo. Você botava o papel, a tinta na prensa e a prensa batia folha a folha. Então você tinha um jornal.

Isso era o jornal. No início, era capaz de fazer só uma página de cada vez. Depois, a Prensa de Gutenberg passou a ser feita por cilindros, onde você pode fazer várias páginas. A primeira revolução gráfica que você passou a ter foi a linotipia a chumbo. Então a linotipia a chumbo deu origem à linotipadora, que era uma máquina… Uma máquina enorme. Era uma coisa gigantesca que parece um teclado de máquina de escrever, que os tipos caem em uma canaleta. Tinha uma canaleta para cada letra e para letra com acento… Para cada símbolo gráfico que o jornal usaria ao ser editado… Um dos motivos que explica o avanço da imprensa nos países anglo-saxônicos é que era muito mais simples a grafia dos países anglo-saxônicos por que não tem acento.

Então, você tinha uma canaleta para cada símbolo gráfico, para cada letra, cada acento e descia o tipinho… E eles iam fileirando, depois você chumbava e tinha o texto e aquilo ia para uma máquina impressora, depois vem a composição à frio, que é mais ou menos igual uma linotipia, mas passa a ser no computador, passa a ser umas tiras com o texto, ou seja, integrava laudas de datilografar, depois em máquina elétrica. Um linotipista, na verdade um digitador, digitava aquele texto e soltava umas "tripinhas" coláveis da largura da coluna do jornal.

Então tinha um *cara* que chamava pestapista, que via o diagrama que seria da publicação e colava conforme o diagrama, as fotos e o texto. Aquilo depois ia para fazer um fotolito, que era uma fotografia da página. Aquela fotografia gerava uma chapa que era colocada nos cilindros das gráficas e eram impressos os jornais. De tudo isso, hoje só existe a impressão cilíndrica, não se precisa mais de fotolito por que você emite a impressão a partir do próprio computador… Era complicado fazer jornal…

E pessoas que faziam jornal… Por exemplo, eu fui educado a fazer um jornal inteiro. Eu fotografo, eu escrevo, só não desenho… Eu diagramo, sei usar uma impressora de pequeno, médio, grande ou porte gigantesco. Fui treinado a vender o jornal, então sei fazer tudo em um jornal… Claro que já não me lembro tudo e os jornais se modernizaram, mas até uns 15, 20 anos atrás eu tive que improvisar operar uma impressora em uma campanha eleitoral… Quase perdi um dedo, mas tudo bem… Era perigosa a gráfica, por que você sempre tinha os cilindros parando, se o cilindro caminhava você perdia seu dedo, então era um trabalho sofisticado. Mas voltando, então nós entregamos as laudas nas gráficas à tarde, durante a noite era feita a composição, o *pestape*, e era liberado o fotolito.

Quer dizer, sempre a aprovação gráfica era feita por nós, a aprovação de cada etapa e finalmente era impresso. A impressora era relativamente rápida por que eram rotativas, com base em cilindro, que imprimem muito rapidamente. Se eu não me engano, a *Voz da Unidade* era um jornal de 16 páginas, esse era o tamanho normal dela, às vezes podia ser mais… Um jornal de 16 páginas, a gente imprimia 40 mil exemplares, 30 mil, tinha essa tiragem… Era impresso em três horas, então quando fosse a manhã da quinta-feira, 4-5 da manhã já estavam prontos para as distribuidoras colocarem em bancas e ir para a sede do jornal para ser distribuído nos estados. Isso funcionava com o *Voz da Unidade* e com um jornal que eu conheço bem que é o *A Esquerda*, já estava pronto para a gente distribuir para as células, os grupos de apoio e os Comitês.

Natalia, teremos que interromper agora porque preciso entrar nessa entrevista…

(N.H) *Então eu queria agradecer muito, foi muito esclarecedora para mim. Vários aspectos que estavam nublados foram preenchidos, já encontrei o livro na Estante Virtual e vou procurar. Então, gostaria de finalizar e agradecer!*

**ANEXO 03 - Entrevista com Raul Mateos Castell, realizada em 19 de julho de 2023.**

(Natalia Hirose) *Bom, vou começar me apresentando, eu sou a Natalia, faço o mestrado em Ciência Política na Unicamp e eu pesquiso o PCB dos anos 70 a 90, fazendo uso de três principais fontes, que são as revista Temas e Presença, e o jornal. O meu objetivo é estudar esse grupo que ficou conhecido por "renovadores/eurocomunistas". Atualmente, essa questão da estrutura partidária interna, os grupos, etc têm me interessado muito, para entender como aconteceram essas disputas internas, em um contexto muito diferente do atual. Então, para começar, gostaria de um ouvir um pouco sobre sua trajetória acadêmica e política, acho que seria legal para a gente abrir.*

(Raul Mateos Castell) Bom, eu nasci na Espanha, quer dizer, não é bem na Espanha, Ilhas Canárias… E cheguei no Brasil em 1955. Logo que cheguei fui trabalhar numa fábrica de lustres. Eu entrei lá como ajudante de desenhista, porque sempre gostei de desenhar… E trabalhei lá uns dois anos. A minha vida lá (*nas Ilhas Canárias)* da infância e da adolescência foi uma coisa bastante traumatizada porque o meu pai foi para as Ilhas Canárias logo que saiu de um campo de concentração, do Franco. E ele estava ainda muito envolvido emocionalmente nessas coisas, e ele era uma pessoa que assumia as posições dele e se arriscava muito. Eu acho que ele não se prejudicou muito porque ele era novo lá nas Ilhas Canárias, ninguém conhecia ele, ele era engenheiro numa grande indústria química e meu avô, o pai dele, era o diretor-geral.

Então, eu acho que esse tipo de coisas que ele falava, por exemplo… ele ia me matricular nas escolas e uma das condições que ele pedia das escolas, que eram escolas públicas, é chegar e dizer: "olha, nós não somos católicos e eu gostaria que meu filho fosse dispensado das obrigações religiosas, etc". Então, os *caras* só olhavam com uma cara de espanto e diziam, "pô, esse cara é louco?" Ou então ele está com as costas quentes, né? Não era nenhuma das duas coisas...

Bom, aí na primeira escola que a gente foi, o diretor ficou espantado e falou, "não, mas como? Será o único aluno na escola que seguirá essas coisas?" Então meu pai falou: "bom, não tem problema, se não pode, pode deixar que eu não matriculo meu filho aí". Bom, no fim ele acaba conseguindo me matricular…

E aí começa o drama todo, né, porque aquele rebanho todo de crianças, etc, está tudo já doutrinado pelo regime, essa coisa toda. Quer dizer, o Império Espanhol, a luta contra os mouros, contra os anarquistas vermelhos, aquela coisa toda. Então, nas aulas em que se

abordava algum assunto desses, de querer mostrar para as crianças que a república era uma aberração, essa coisa toda, os alunos já olhavam para mim, né… Quer dizer, era um estranho no ninho…

Bom, eu passei assim, mas vou sintetizar, porque a coisa não se trata disso. Eu passei por uma meia dúzia de escolas diferentes. No fim, a gente foi embora, chegou no Brasil e logo meu pai começou a trabalhar numa indústria do Matarazzo e eu fui trabalhar nessa fábrica de lustres. Onde eu fiquei muito satisfeito, porque fui muito bem tratado, era uma firma de italianos, né. Quer dizer, eu, na verdade, eu aprendi um pouco de português e mais italiano do que português, porque era tudo cheio de italianos lá, né.

E me senti, assim, muito promovido, compreende? Quer dizer, puxa vida, né, eu só tinha 15 anos e em pouco tempo já estava fazendo os desenhos sozinho, inclusive o patrão me encarregava de tarefas de responsabilidade, etc.

Bom, mas um ano e meio depois, quase dois anos, eu deixei de trabalhar e eu fui estudar de novo. Meu pai estava muito inquieto e queria recuperar o tempo perdido. Então, eu sempre estava olhando estados, anúncios de empregos, essa coisa toda, e acabava arrumando outro emprego, um segundo emprego, e depois, no terceiro, foi numa fábrica da Vila Leopoldina, uma fábrica de adubos, porque ele também era especialista em adubos químicos, né. E ali ficou um tempo e já foi transferido para Porto Alegre, então me mudei para lá.

Bom, eu me dei muito bem lá, voltei para a escola, etc, e logo entrei em contato com um pessoal militante comunista, que tinha um diretório de um vereador do PTB, que usava a sigla do PTB. Mas no diretório eles faziam palestras, conferências, cursos de marxismo, então vinham dirigentes do partido para falar, essa coisa toda. Bom, acontece que, em pouco tempo, uma boa parte dos que frequentavam aquilo se transformaram na base do partido, numa célula do partido.

Aí começou a militância e eu comecei a querer entender como é que estava funcionando. Achava certas coisas muito estranhas, porque eu tinha uma ideia que meu pai me deu, umas instruções básicas. Eu perguntava para ele: “escuta pai, qual é a diferença entre comunistas e socialistas?” Então ele sintetizava coisas, dizia: “não, é que os socialistas acham que através de sucessivas conquistas e reformas vai se chegar ao socialismo, e os comunistas acham que isso é uma doce ilusão, que vai chegar a um ponto que vai haver um confronto e a burguesia vai reagir, então vamos para a insurreição, para a guerra civil, o que for, é isso que vai acontecer”.

Mas eu estranhei, porque aqui o partido que eu comecei a militar, eram pessoas assim, muito heterogêneas, eu comecei a achar estranho, por exemplo, que gente que militava no partido

frequentasse sessões de Umbanda, eu achava essa coisa meio absurda, e com o tempo fui entrando mais em detalhes…
Dizia: "não! Agora o partido terá que ser um partido de massas, e eu pensei, como é que um partido de massas pode chegar e manter uma teoria, uma ideologia como referência. E esse "tal" de centralismo democrático eu também não estava entendendo muito bem. Então, instintivamente, me transformei, com 20 anos, em radical.
E *aí* tinha um grupo dentro do partido que também pensava mais ou menos como eu, que o partido era um partido reformista, não era mais um partido revolucionário. E quanto mais a gente ouvia discursos de dirigentes, mais a gente ficava chocado, então veio a campanha do Jango, quer dizer, por um governo nacionalista e democrático. Então numa dessas, o Prestes, que já estava ai… O partido era ilegal, mas não era clandestino… O Prestes falava que através de sucessivos governos nacionalistas e democráticos, não haveria nenhuma muralha chinesa para o socialismo. Falei, "parece um passeio bonito esse, né?".
E a gente começou a perceber já em 60, um pouco antes de o Jânio Quadros renunciar… para nós estava claro, embora eu fosse um rapaz de 20 anos, tinham uns outros que eram um pouco mais velhos do que eu, isso apenas era uma trégua, que ia haver um confronto, porque o país estava muito agitado com aquela renúncia do Jânio Quadros, e depois da renúncia do Jânio Quadros até 64. Foram dois anos, a coisa acabava ficando mais quente, então o pessoal cada vez falava em um caminho pacífico, e a gente não via esse caminho pacífico muito claro. Bom, aí houve um racha, não sei qual é a sua versão que você tem do racha do PCB para o PC do B, você conhece o processo, como é que foi?

(N.H) Conheço...

(R.C) Há umas versões que eu acho que não são corretas…

(N.H) *É, é uma das partes mais nebulosas da pesquisa, porque tem muitas variações entre as narrativas…*

(R.C) Bom, é o seguinte, então eu vou dar uma versão que eu acho que é a certa, da qual eu participei. Eu concluí o seguinte, porque no partido as mudanças de orientação e de linha, etc., têm às vezes caminhos diferentes. Um é quando a direção, o Comitê Central decide mudar e batalhar para formar um partido de massas, etc., e outros que acham que não, que

tem que ser um partido de quadros que tenha muita influência nas massas. Isso aí estava claro.

Agora, essa proposta de o estatuto do partido e a orientação do partido dizer que o partido tinha como referência teórica o marxismo, o leninismo… Eu ficava pensando como isso ia se encaixar num partido em que o secretário-geral disse que "o nosso partido é o mais democrático do Brasil, aqui nós aceitamos católicos, protestantes, espíritas, etc". E eu estava numa reunião em que ele falou isso, eu me levantei, pedi a palavra e falei: "bom, então pode acontecer que um dia, se o partido funcionar assim democraticamente, pode ser que a direção seja a de espírito, eles vão convocar o espírito de Marx e de Lênin para elaborar a linha política". Bom, aí eu quase que fui linchado, vaiado, etc.

Bom, então a coisa foi se definindo assim, dessa forma. Mas, por enquanto, a gente estava só num grupo dentro do partido que pensava desse jeito. Aí veio o tal do racha. A coisa começou, se usou como pretexto que o partido tinha encaminhado para inscrição lá no cartório eleitoral, mudando o nome do partido, de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro. E eles alegavam que isso era uma mera formalidade, porque não ia mudar nada. Só para a alegação de que o partido era vinculado a uma organização internacional, a "Internacional Comunista", que acabou de, não existiu mais a partir de 1943, se usava como argumento que era uma organização ligada a movimentos internacionais. Nós achamos que isso aí era balela, nada disso.

Então, a turma do Amazonas, Pedro Pomar, Lincon, toda essa turma, decidiu fazer um abaixo-assinado, recolhendo assinaturas dentro do partido. Cometendo, aliás, uma infração estatutária, porque os estatutos do partido dizem que os militantes não podem entrar em contato com outras organizações do partido que não sejam a dele. E as resoluções têm que vir da base do Comitê Municipal, do Comitê Municipal para o Estadual, e até chegar lá em cima. Então, o que aconteceu? Se recolheram 100 assinaturas de dirigentes municipais, estaduais, etc., pedindo a convocação de um novo congresso, que seria, conforme os estatutos, o único meio de aprovar uma coisa dessa, porque isso era ilegal. A resposta foi a expulsão dos 100 dirigentes de vários níveis, e de militantes também. Foram expulsos e, logo em seguida, a turma mais conhecida resolveu organizar uma conferência nacional para reorganizar, segundo eles, o "verdadeiro partido da classe operária", porque os outros tinham caído no reformismo e tal. Aí a gente falou, então vamos lá com essa turma que está mais de acordo com o que a gente pensa.

Bom, aí a coisa depois... Eu fazia parte de um grupo, que era o grupo que prepararia a parte da luta armada do partido. Eu comecei a estudar coisas, porque naquele tempo a coisa era fácil, você comprava material, produtos químicos em qualquer drogaria por aí, livros do exército, que tinha esquema de tudo quanto é bomba de mão, minas etc… E eu ficava estudando com os companheiros para simplificar essas coisas e transformar em instrumentos caseiros, bombas caseiras e tal. Porque nós não tínhamos meios de moldar o metal, mas a gente foi substituindo as coisas e criando todo um conhecimento nessa área.

Bom, acontece que, já na campanha da legalidade do Brizola, a gente estava no meio ali, também estava numa posição de achar que isso ia terminar num acordo, como dizia depois, modernamente, "vai acabar numa pizza". Então foi isso que aconteceu, o João Goulart acabou topando o parlamentarismo e assumiu, e aí o pessoal, evidentemente, tentou impedir isso, mas não conseguiu, e o Goulart continua conspirando.

Entre essas coisas que a gente fazia, hoje vejo que foi uma estupidez, uma besteira, mas naquele momento eu e o grupo em geral estávamos muito alucinados, achávamos que o negócio era "começar o pau" porque não tínhamos uma noção de que o povo era um povo alienado, despreparado, etc., que para eles a "política era tudo enrolador, ladrão e é isso". A maioria não queria saber de nada, ou seja, o que eu chamaria hoje de uma massa com a opção de alienação voluntária, dizendo: "não me interessa a política, não quero saber de nada, cuidar da minha vida, etc". Ou seja, é um individualismo pronto da sociedade em que a gente vive: "eu me salvo e o resto se dane".

Mas a gente não tinha essa concepção da sociedade. Hoje fico pensando em certos detalhes da época que o João Amazonas e o Carlos Daniele vieram, eles eram da direção do PCdoB. E a gente falou, olha, a gente está fazendo isso aqui, etc., conforme a tal da "Quinta Tarefa" que está no manifesto do programa do PCdoB e eles responderam: "Não, não, tudo bem, tudo bem, vocês continuam, continuam fazendo". Nessa altura, nós já tínhamos colocado uma bomba numa filial dos diários associados. Então, um esquema muito bem feito de vigilância, de horário, de mudança, porque tinha um guarda lá, etc.

E foi um... Porque o Brizola, nessa época, estava fazendo uma campanha para criar a Farmacobras, fábrica estatal de remédios. E, claro, contra isso, havia uma oposição muito grande da burguesia nacional e dos entreguistas, que a gente falava… Representantes dos laboratórios. Então, a gente explodiu uma bomba num laboratório e... E tudo bem, aí vieram e falaram, nós fizemos isso aí, porque a gente queria era que... O Brizola fazia um discurso para defender os laboratórios, ele ia defender a criação da indústria farmacêutica estatal, mas ele recuava, vacilava.

Então, a gente fez essas coisas. Além de nós treinarmos as nossas técnicas guerrilheiras, nós vamos aprofundar as contradições, porque o João Goulart não concorda com isso. A gente queria incentivar a briga do Brizola com o João Goulart. Coisa que não foi possível. Mas me parece hoje absurdo que os dirigentes do partido, falando com praticamente principiantes, e nós muito entusiasmados, disseram que "é isso mesmo, podem continuar por esse caminho". Não é uma atitude muito correta para uma pessoa que tem uma análise da realidade brasileira, essa coisa... Então, a gente continuou, só que num desses atentados eu explodi junto.

Fiquei todo queimado, etc. Fui recolhido na rua, o camarada que estava comigo me abandonou lá, outro que estava esperando com o carro na outra rua também foi embora. E eu fui em Cana, mas isso foi em setembro de 1963.

Depois de três dias de interrogatório no DOPS, naquela época não era igual, era na "tal" da rua Tutóia.

(N.H) *Sim, a Operação Bandeirantes…*

(R.C) Exatamente. Aí eu aguentei lá, me interrogaram durante três dias, sem dormir, etc., mas eu fiquei firme ali e não comprometi ninguém do partido, nem da direção, nem coisa nenhuma. Convenci, também "os caras" estavam com pressa também, não estavam muito interessados em trabalhar, que aquilo tinha sido ideia minha e de mais uns caras, mas não tinha nada a ver com essa história. Aí começaram a pegar alguns líderes estudantis. Naquela época, um deles era o Marco Aurélio Garcia, que depois participou do governo. Ele era estudante naquela época, mas não tinha absolutamente nada a ver com a gente. Então falei: "e o Marco Aurélio? Esse aí que deu um dinheiro para nós comprar os explosivos"... Essa foi uma jogada boa…

Eles foram e pegaram o Marco Aurélio. O Marco Aurélio disse, "não sei de nada, nada". E teve outro efeito bom também, porque a imprensa se mobilizou e começou a falar nas arbitragens da polícia, prenderam estudantes, essa coisa toda. Nessa confusão toda, depois de quatro, cinco dias, o juiz declarou prisão provisória e me mandaram para a penitenciária, onde fiquei cinco meses. Eu saí poucos dias antes do golpe de 1964, em liberdade condicional.

Então eu não podia sair de Porto Alegre, porque estava em liberdade condicional. Se saísse de lá, estava violando a condicional. Mas também não podia ficar "dando sopa" para os caras andarem atrás de mim. Falei, "os caras vão me prender de novo".

Então montei um esquema para sair de Porto Alegre e vim embora para São Paulo, porque meus pais moravam aqui. Então vim para São Paulo e fiquei completamente desvinculado de qualquer organização política. Uma coisa muito chata que aconteceu é que o pessoal do PCdoB, do qual eu fazia parte, para livrar a cara comentava e dizia "esses caras são uns pequenos burguês aventureiros, não temos nada a ver com isso". Até aí tudo bem, mas tem alguns ali que já foram mais longe, dizendo que nós éramos uns provocadores de serviço à polícia. Mas tudo bem. Tentei fazer contatos aqui com o PCdoB, mas, na verdade, eles estavam tão escondidos e tão recolhidos que era muito difícil.

O que facilitou um pouco a minha vida é que fui trabalhar depois na Livraria Brasiliense de balconista. E ali na Brasiliense, sabe como é que é? Circulava muita gente, volta e meia aparecia um companheiro lá. Então apareceu um cara que era da ALN procurando o pessoal, outro estava procurando outra organização e eu ficava fazendo uns bicos, por assim dizer, servindo de ligação, mas sem ter compromisso com ninguém da militância, nem coisa nenhuma. Acontece que eu trabalhei lá na Brasiliense por quatro anos, voltei a estudar e entrei na Escola de Sociologia e Política.

Na Escola de Sociologia e Política, cheguei a localizar um pessoal de esquerda e tal, mas a maioria muito menos experiente do que eu, porque nessa altura eu já tinha 27 anos. O Marco Aurélio Nogueira, o Gildo Marçal Brandão, essa turma aí. Tinha também um cidadão, um tal de José Chasin, que era considerado um sábio, um sujeito muito entendido. Naquela época, era moda falar na "via prussiana" pro capitalismo, Lukács, esse negócio todo. Bom, mas antes deixa eu contextualizar…

Quando eu saí da Brasiliense, eu fui vender livros por minha conta, porque já estava muito familiarizado com aquele tipo de literatura. Porque na Brasiliense, eu era responsável pelo setor de Ciências Humanas e Filosofia. Então, quando saí de lá, fui vender livros… Por assim dizer, com duas malas de ferramentas, enchia de livros e ia na redação das editoras, da Editora Abril, do Jornal de São Paulo, etc., e vendia bastantes livros. Na PUC, eu ia no curso básico da PUC e entrava na sala de professores, que era uma sala única, em intervalos, no fim das aulas, o pessoal se reunia lá. Eu chegava lá, expunha aqueles livros todos em cima da mesa e vendia uns 15, 20 livros cada vez que eu ia lá. Falei," opa! O negócio está indo muito bem".

(N.H) *E esses livros já tinham um recorte marxista? De onde eles vinham?*

(R.C) Não, era assim, mais ou menos, porque também eram outros livros, livros de filosofia, de Kant e Hegel. Essas coisas que o pessoal vê no curso de Filosofia, Durkheim, essas coisas… E eu comecei depois, sem ter livraria nem nada, a comprar livros no distribuidor, livros importados do século XIX, do México, da Argentina. Depois pensei, "poxa, eu podia chegar e importar os livros diretamente". Então conheci uma distribuidora lá em Buenos Aires e comecei a importar livros da Argentina, já com outras pretensões. Eu tinha comprado um apartamento lá em Porto Alegre, porque quando fui para lá, trabalhando na fábrica que falei… Eu com 17 anos, imagina, era representante exclusivo da fábrica em todo o Rio Grande do Sul. Então eu visitei arquitetos, decoradores, comecei a vender e tal, acabei me instalando lá, alugando uma sala. E, na minha manutenção, eu gastava muito pouco, então fui juntando o dinheiro com o qual eu tinha comprado um apartamento lá. Aí... Eu vendi o apartamento e, com o dinheiro, eu abri uma livraria aqui na Rua Sete de Abril, a Livraria Ciências Humanas.
Bom... Eu estou pulando muita coisinha aqui, que é importante, né, senão a gente fica aqui até três dias falando. Porque eu também, quando começo a falar, é meio difícil parar.

(N.H) N*ão, mas para mim é ótimo…*

(R.C) Tem muito detalhe, muitas pessoas que eu conheci… Aí abri essa livraria. Depois de algum tempo de abrir a livraria, pensei: "poxa, e se eu fosse editor também?". Tinha decidido que se eu editasse, seria muito melhor, porque já teria duas fontes de divulgação.
Bom, o primeiro que eu editei foi "A Miséria da Filosofia", de Marx e assim foi… Arrumei uma distribuidora, etc. Só que eu pensei que a editoria seria uma coisa que ia render bastante, mas não foi bem assim. Mas, mesmo assim, eu editei quase 100 títulos, o que é bastante, porque eu não tinha capital.

(N.H) *Sim…*

(R.C) Mas, antes de eu assumir esse nome, de Livraria e Editora das Ciências Humanas, eu trabalhava como Grijalbo… porque tinha um Grijalbo em São Paulo que era o representante, além de editar livros também. Muitos deles, em convênio com a USP, mas eram livros do Miguel Reale e essa turma toda… que comprometiam um pouco a minha imagem, mas não é só isso… o pior é que não vendiam. Então, você ia acumulando aquele monte de livros.

Então, eu pensei que ia ser interessante trabalhar como editor, que já fazia anos que trabalhava aqui no Brasil, mas, ao contrário, ao invés de me beneficiar, me prejudicou, porque o vendedor chegava na livraria e via "Livraria das Ciências Humanas", e dizia: "isso aí encalhe!".

Então, havia dificuldade de vender, e os livros que eu editei na conta ficavam meio que contaminados, "isso é editado por essa editora que não vende". Porque os livreiros, em geral, que trabalham em livrarias, lêem muito pouco, são muito ignorantes. Eu, quando comecei a visitar as livrarias, eu chegava e lia a orelha do livro e tal, do que se tratava, aí eu chegava para o livreiro e falava, olha, esse livro é importante, um filósofo importante da Alemanha, assim, falava essa coisa. Ele me olhava *assim* e dizia: "rapaz, para com essa conversa, livro bom é livro que vende". Eu tentava argumentar, dizendo "sim, é verdade, livro bom é livro que vende, mas se você der ao cliente algumas instruções sobre o livro, etc., do que se trata, tem uma chance de vender o livro". Bom, então eu abri a livraria lá na 7 de abril, depois aluguei mais uma sala de subsolo, onde instalei a editora também. Bom, e na Escola de Sociologia e Política começou já a se formar um grupo de esquerda com aquela ideia de que o que a gente tinha que fazer era desenvolver, no meio intelectual, a luta ideológica. Agora, essa luta ideológica, no começo era uma coisa muito vaga, quer dizer, a luta ideológica era divulgar o marxismo. Disso, surgiu a ideia, logo depois, de criar uma revista. Está bom, eu edito a revista.
Então, começamos a entrar em contato com o Nelson Werneck Sodré, com essa turma toda, e o Marco Aurélio foi uma pessoa muito esforçada no começo, e o Gildo Marçal Brandão também, que tinha vindo do nordeste, do Pernambuco. Só que, com o tempo, começou já, no terceiro número, a se ter problemas, porque as visões começaram a ter uma perspectiva um pouco diferente do outro, problemas de incompatibilidade de gênios. Por exemplo, o general Nelson Werneck Sodré era uma pessoa excepcional, sujeito sério, correto etc., mas era uma pessoa também cheia de melindres. Sempre me dei bem, muito bem com ele, mas não era alguém que se pode virar e dizer "não enche o saco", coisas desse tipo não dava para falar para ele.

(N.H) *E como era a produção da revista? Tinham encontros semestrais, semanais, mensais?*

(R.C) Ah, sim, tínhamos um conselho editorial, tinha um pequeno grupo, depois tinha uma lista grande de conselho consultivo, que a gente consultava muito raramente, era mais para

impressionar as pessoas... Aí, no terceiro número, antes de editar, já surgiu um problema, porque o Nelson Werneck Sodré escreveu um artigo, para publicarmos na *Temas*, "esculhambando" com o Mota, o professor de História, o Carlos Guilherme Mota, dizendo que ele estava travestido de esquerda, mas, no fundo, não tinha nada de ser de esquerda. Era isso. E umas esculhambadas, que o pessoal achou que ficaria muito chato, então o Nelson disse, "não, vocês façam as observações, as críticas que vocês quiserem, tudo bem, etc. Eu acho que, com esse cara, não vale a pena perder muito... Ele tem muita finura acadêmica, ele é um cretino, etc". Bom, aí acontece que fomos fazer um *copy-desk*, não é? O Gildo e o Marco Aurélio ficam encarregados de fazer um *copy-desk* do texto do Sodré. Só que, quando o Sodré viu o *copy-desk* que eles tinham feito, ele ficou "puto" da vida.

Eu, nessa época, participava muito pouco desses debates de texto, porque não tinha tempo. Tinha uma livraria, tinha uma editora… Eu começava a trabalhar, levantava às sete da manhã, chegava em casa às onze horas da noite, não sobrava tempo. Então, dizia: "cuida disso, que eu cuido de imprimir isso", além de dar alguns palpites de seleção disso e daquilo.

E nós não tínhamos, de fato, nenhuma ligação com o PCB. Muita gente pensa que a *Temas* era coisa do *Partidão*, mas não tínhamos ligação com o *Partidão*, era um grupo independente, alguns tinham certas simpatias com o *Partidão*. O Marco Aurélio se vinculou ao *Partidão*, mas não sei exatamente quando, porque, para mim, isso era problema deles… O Gildo, a mesma coisa. Então eles começaram a se identificar nessa luta interna do Partido com o Comitê Estadual, que era um pessoal muito influente por esse tal de eurocomunismo e da democracia como "valor universal".

Eu achava, mas não muito desenvolvido, depois fui amadurecendo, que esse negócio de "valor universal" não existe, e que esse negócio de falar em "democracia sem adjetivo" é uma empolgação. A democracia é uma democracia capitalista cuja instituição tem como base a propriedade privada dos meios de produção ou, no máximo, é uma democracia popular. Quer dizer, os caras estão por baixo, estão sob domínio.

Bom, a coisa que eu não lembro... No final das contas, a briga estava feia e eu cheguei e falei... Olha, Nelson, o texto vai ser publicado exatamente do jeito que você escreveu sobre a minha responsabilidade e pronto, fim de papo.

(N.H) É, eu puxei aqui o texto, é o "Brasil: A luta ideológica", que sai no terceiro volume da *Temas*, com uma introdução toda cuidadosa que precede o texto.

(R.C) Isso, esse texto…

(N.H) *O senhor estava falando um pouco sobre a Editora e a Livraria de Ciências Humanas e eu gostaria de entender melhor sobre a produção da Temas. O primeiro editorial foi produzido pelo Marco Aurélio, e lá estão várias questões, inclusive uma citação ao Lukács. Então eu gostaria de entender, porque me parece que essa questão das traduções, até dos próprios artigos que entravam na revista, geraram muitas discordâncias, não é? Os autores dizem, por exemplo, que o Chasin deixa a revista após a entrada de Gramsci na Temas. Como era esse ambiente intelectual de produção?*

(R.C) Olha, ambiente intelectual, esses detalhes nas linhas eram muito diluídos no começo, depois começaram a se configurar. Uma das primeiras coisas que ficou radical era chegar e dizer: "não, essa turma estruturalista, Althusser, etc, nós não queremos nem saber". Então ficou uma predominância dessa linha do Lukács, que é muito interessante, muito criativa, mas, para a gente não muito iniciada, é muito indigesto.

(N.H) *E parte desse grupo, inclusive o Marco Aurélio e o Gildo, seguem para as outras iniciativas como o Voz da Unidade e a Presença. O que te levou a não seguir essas iniciativas? Era a relação com o Partido?*

(R.C) Não, é o seguinte, eu mergulhei mais no Partido, depois, independente disso, do Marco Aurélio, do Gildo, dessa coisa toda, porque eu fui convidado para assumir a editora do Partido, a editora Novos Rumos.

Então fui trabalhar na editora Novos Rumos. De manhã cedo eu chegava na Novos Rumos, ficava três horas lá, depois eu ia para a USP, levava os pedidos, trazia, ou seja, aumentou muito a minha carga. E eu achava estranho aquilo tudo, comecei a estranhar quando vi de perto, porque era muito "esculhambado", compreendeu? A *Voz da Unidade*, por exemplo, tinha um pessoal que era encarregado de distribuição nas bancas, essa coisa toda. Por exemplo, esse sujeito que tomava conta disso descobriu que ele recebia dinheiro da gráfica onde ele entregava jornal. Agora, essa coisa ali dentro estava na cara, mandaram o cara embora. Aí eu falava, pô, mas isso é um cara de polícia quase…

Então, ficou por isso mesmo. O cara que trabalhava na distribuição de jornal não tinha hora para entrar, entre as oito, às nove, às nove e meia. Quando houve uma mudança da sede da *Voz*, ali da 7 de abril, foi depois para a Praça Carlos Gomes e depois para a Bento Freitas. Numa dessas mudanças, sumiu o cartão de ponto. Então, coisas absurdas, não é?

Bom, aí depois veio a revista internacional que também se chamou, noutra época, *Os Problemas da Paz e do Socialismo*. Era uma revista feita em Praga, onde escreviam os dirigentes e intelectuais dos partidos comunistas do mundo e dos partidos operários, etc. Mas vinham uns pacotes assim, uns pacotes de textos para a gente selecionar e montar a nossa revista aqui, não é? Porque a revista aqui não era uma cópia que se fazia em outros lugares, era uma seleção de textos que cada partido fazia do jeito que entendia. Nomearam um responsável para cuidar da editora, que era da executiva, da direção do partido. Com a qual eu nunca tive uma conversa do que fazer, como fazer, etc.

Eu queria dar explicações do que eu estava fazendo e esperava que eles dessem a mínima bola. Então, o que acontecia? Acontecia que eu pegava aquele monte de texto e selecionava da minha cabeça. Selecionava aqueles textos e dizia: "vamos fazer esse número com isso". Sendo que uma boa parte daqueles textos seguia uma linha contrária à linha do partido, compreende? Defendia a guerrilha em El Salvador, na Nicarágua, coisas desse tipo.

Então a coisa foi indo, convoquei reuniões, uma delas foi a executiva, estava lá o Roberto Freire também, que era um *picareta*, mas depois revelou-se o que era. Então, eu estava notando que o partido estava se desintegrando, porque não era mais um partido comunista, estava muito longe disso.

E aquela gente era muito pouco séria, porque tinha uns caras lá… uns sujeitos sérios. Sérios em termos, não sei, porque essa palavra sério, a semântica dele vai mudando, assim como muitas outras palavras. Estou interessado nisso atualmente… Quer dizer, a coisa muda, mas a palavra que designa aquilo fica, mas às vezes fica como pejorativo, às vezes não, às vezes fica como uma coisa boa. Você pergunta para um cara qualquer na rua, "escuta, você sabe o que é o comunismo?" Ele acha que o comunismo é uma turma que come criança, coisas desse tipo. "E o socialismo?" É uma coisa irracional, porque as pessoas comuns querem explicações curtas e a verdade empacotada. Não estão afim de pensar, porque você começa a analisar as coisas e, como diriam os lukacsiano, as coisas têm múltiplas determinações. Agora, dentre essas múltiplas determinações, você tem que ver quais são as mais importantes, as menos importantes, é um negócio complicado, mas a pessoa não quer complicar a vida. É o que chamam de alienação voluntária.

A minha mãe falava, "ah, eu não quero saber de nada, isso aí dá muito trabalho, isso aí só dá para esquentar a cabeça e ser infeliz". É a felicidade da ignorância. Isso está impregnado nesse povo e faz parte da ideologia que ajuda o domínio que tem esse pessoal, Bolsonaro, e essa turma toda.

Não dá… Estou morando agora em Peruíbe… Eu saio para ver tal, converso com um vizinho...

Eles são de um primarismo, porque eu já tinha, praticamente, me desvinculado do tal do "povão". Já não estava na USP e o único com quem eu falava "bom dia e boa tarde" era o vigia. Mas o resto aqui, gente aposentada, etc., mas de um primarismo, de uma ignorância absurda. Mas, enfim, eu estava procurando me integrar aqui. Estou morando aqui e quero conhecer o povo daqui, como é que é. Fiz a campanha do Lula.

Bom, vamos lá. Então eu ia na feira, distribui panfletos, etc… mas tinha uns caras lá que quase queriam bater na gente. Era uma coisa absurda. Eu ficava comparando com aqueles resquícios da Espanha. Esses caras são muito parecidos. De uma irracionalidade completa, né? Pátria, né? Mas que pátria, que coisa é essa? Coisa desse tipo… Esses hinos que a gente costumava... que obrigavam a gente a cantar na escola com o braço levantado, aqui naquele cumprimento romano, né? Crise católica, luta contra os mouros, essa coisa toda. Esse folclore todo que entra logo na cabeça dessa gente.

Eu estava esses dias explicando para um sujeito sobre a palavra ignorante. Que é uma palavra que o povo, em geral, entende de uma forma ruim. Ignorante é quem não sabe das coisas, não é um bruto, agressivo, como o povo diz: "O cara ignorante é um cara bruto", não é bem isso. "Como? Estão me chamando de ignorante? Eu leio o *Estadão*, leio a *Folha de São Paulo*". Quase estava me batendo. Falei, "não, muito obrigado, bom dia".

É realmente um problema que eu tinha obrigação de ter entendido muito antes. Mas o meio que eu vivia também não ajudava, porque era a USP. Fiquei 47 anos lá, falando com professores... Até os alunos da USP que eu achava mais medíocres ou completamente fora, ignorantes, comparado com esse povo, são todos altos, intelectuais.

(N.H) *Realmente, se cria uma bolha. São acessos e realidades muito diferentes…*

(R.C) A gente fica velho, como eu já estou *decrépito*, e essa experiência não serve para nada. Então, de fato, a alienação e a ignorância trazem uma certa felicidade. Você começa a ter consciência, muita consciência das coisas, e vê que, "no final, nada vale a pena". Entendeu como é? Aquela coisa, aquele entusiasmo. O que eu faço hoje é ler muita coisa que eu não tinha lido. Eu passo o dia lendo, traduzindo as minhas memórias para o espanhol e tal, porque nessas minhas memórias… Hoje estava lendo essa parte de *Temas*. Eu separei toda a correspondência de *Temas* e tem mais outra parte que eu falo sobre a minha experiência na editora Novos Rumos, que eu quero copiar e mandar para você.

(N.H) *Isso me ajudaria muito.*

(R.C) Você vai chegar e ver a coisinha do dia a dia, como o projeto se desenvolvia… Bom, no final de *Temas*, fizemos dez números. O décimo primeiro estava pronto, o fotolito estava na gráfica. Peguei uma tesoura, piquei ele em pedacinhos para evitar a tentação de mandar mais um número para a gráfica. A editora já estava na beira do abismo.
Naquela editora, nunca tirei um tostão, não tinha ajuda de custo. O cara que dirige uma empresa tem um salário qualquer. Eu vivia na editora. Eu vivia na livraria. Da livraria, pegava e punha dinheiro na editora. Sendo que, de tanto em tanto, via que os caras que vinham lá e que colaboravam com as coisas, os caras do Partido, inclusive, estavam me encarando como se eu fosse um capitalista. Eu digo, "pô, espera aí, compreende?" Inclusive, tem uma carta do Nelson Werneck Sodré, que ele mandou para mim, até me elogiando, etc., porque ele disse, "estou observando que você que carrega essa coisa nas costas", etc., mas você tem que entender que vivemos em um regime capitalista e que o pessoal, muitos que escrevem, precisam de dinheiro também para viver essa coisa toda.
Então, por quê? Porque, de vez em quando eu dava umas mancadas. Eu pagava direitos autorais quando dava, quando não dava, não pagava. Eu não ganhava nada, os outros não podiam deixar de ganhar alguma coisa?
Bom, então é isso. Se o pessoal vê as coisas de fora, quer dizer, agora estou pior do que quando tinha um emprego em termos de cotidiano e tudo, "agora sou capitalista". Enfim, tudo isso está perdoado. Eu tenho uma... Não sei, acho que é uma qualidade que eu dificilmente fico com raiva, com ódio das pessoas. Deixa para lá, tudo bem.

(N.H) *E você diria que o fim da Temas está mais atrelado a essa questão editorial?*

(R.C) Olha, o problema é que a gente vendia no máximo 40% da edição de *Temas*, a gente fazia 3 mil exemplares e o resto ia pingando, pingando. E ainda hoje tem que ouvir o pessoal falar que o *Temas* foi um marco importante na luta ideológica. Por favor! Por que intelectual é uma gente que acaba confundindo as ideias com a realidade. Uma vez o Weffort, você sabe quem é o Weffort, não é?

(N.H) *Sim, sim…*

(R.C) A gente estava conversando em um barzinho, etc. Naquele tempo ele era do PT. Então a gente estava dizendo que é "porque a gente une conhecimentos intelectuais e a gente faz uma análise da realidade, etc., para traçar a linha de ação e tal". E depois que se decidiu tudo isso, muito bonito, o papel vai ficar na gaveta, o pessoal esquece que tem que chamar na gráfica, tem que imprimir, tem que distribuir.

É uma espécie de pensamento mágico. Quer dizer, eu quero porque quero e a realidade muda. É do jeito que está na minha cabeça, que não tem nada a ver com a realidade. E a verdade é que a população toda está intoxicada com valores capitalistas, da sociedade capitalista em que a gente vive… Não pode ser assim.

Quando o Lula fala que o povo tem o direito de ter três refeições por dia e tomar uma cervejinha no final da semana, fazer um churrasquinho também.... Digo assim, depois de tudo conquistado, dessas grandes conquistas, não dá para falar socialismo para ele. Ele não quer saber de socialismo…

No máximo, se ele for um cara entusiasmado, vai querer deixar de ser um pequeno burguês, para assim dizer, e subir na pirâmide, para chegar lá em cima. Ter muito dinheiro. Essa é a questão das pessoas. E tem gente que não se dá conta disso.

Recentemente, eu andei participando de uma coleta de lixo na praia. É uma atividade cívica que, afinal das contas, tira um pouco o lixo e ajuda esse pessoal que faz artesanato e reaproveita o plástico. Mas isso aí não vai mudar o mundo. E quando começa a haver muitas conquistas e mudar um pouquinho o mundo, o pessoal reage, dá um golpe, etc., e acaba tudo e começa a destacar zero. E a esquerda está sempre na defensiva. "Não, agora vamos fazer afronte com esse... Não, aquele lá era um reacionário e tal, mas agora ele não está gostando do mesmo, não estamos com ele". E junta, e depois, se você vai fazer as coisas, não consegue.

Quem se preocupa qual é o partido de um candidato qualquer? Isso aí é muito secundário, não interessa, quer dizer, tem deputado que muda de partido três, quatro vezes. Isso dentro de uma constituição que só está no papel também, é absurdo, mas é assim mesmo que funciona.

(N.H) *Sim, e hoje em dia é muito mais personalizado, então é mais a pessoa, o indivíduo, do que o partido.*

(R.C) Sim, mas a pessoa também é conhecida superficialmente. Porque o vizinho falou, "não, o cara é um cara legal". A corrupção é uma coisa que impregna a sociedade toda. A pessoa, às vezes, é corrupta e nem se dá conta.

Olha, aqui tem uma loja, uma loja grande que vende brinquedos, vende bolachas, o que você possa imaginar. Uma loja que vende de tudo. Uma loja grande. Não dá nota fiscal, só recebe dinheiro. Não quer saber de cheque, nem de cartão, nem nada. Quer dizer, deve ter um cara da prefeitura, da fiscalização, que passa lá todo mês para receber uma caixinha… Isso aí é público e notório. E as pessoas dizem, "mas é bom, porque a gente comenta mais barato". Como é que faz? Eu não sei.

Estou, atualmente, me preocupando com "o que fazer?". Por outro lado, estou vendo também que o pessoal gosta muito de citar Lenin em "O que fazer?". Mas eu digo "mas isso aí que o Lenin falou, em que ano foi isso e qual era o contexto econômico, político, social da Rússia naquele tempo?". Porque aquele esquema de partido bolchevique era muito bom quando tinha uma perspectiva insurrecional. Quando você tinha aquelas coisas, etc. E aí? Aí o pessoal pensa, o poder, sim, mas e depois do poder, como é que fica? Que nem o Maduro na Venezuela? Você tem o poder na mão e os caras, muitos dos caras que apoiaram, dizem, "pô, mas mudou aqui o governo e tal, a revolução e está pior que antes". É claro.

É claro, eu admiro muito Cuba. Abriram um monte de lojinhas, afinal das contas precisam sobreviver, aqueles hotéis que estão quebrando o galho são os hotéis do turismo. Porque esse turismo tem empregados que ganham 2, 3 mil dólares por mês ou mais e está formando uma nova classe, e a cabeça deles é diferente do "coitado" lá que é empregado do governo. E agora como é que faz, morre de fome?

(N.H) *É muito complicado, quando o movimento se desenvolve só em um país. Cuba e Venezuela são exemplos disso, né, mas com um embargo pesado, então a coisa muda muito, enfim, fica muito difícil manter…*

(R.C) Eu admiro que ainda têm muita gente entusiasmada em Cuba. Eles transformaram os médicos em fontes de renda do Estado. Aí é uma aberração, uma exploração.

Eles têm que chegar e pegar, o cara vai trabalhar no exterior, tem 70 mil médicos cubanos pelo mundo aí na África, na América Latina. Eles não podem levar a família junto, porque todos eles têm a possibilidade de dizer, "pô, eu vou ficar por aqui, que eu vou arrumar um emprego muito melhor e viver melhor do que em Cuba". Mas, felizmente, tem ainda muita gente que não pensa desse jeito.

Mas até quando? É isso que tem que pensar, né? Porque o poder é difícil, né? Agora, manter o poder é tão difícil quanto tomar. Está tudo podre, tudo corrompido. Agora fica no partido aquele negócio, "não, porque tem que organizar, tem que organizar", mas vai organizar o

quê? Para eles, tanto faz, organizar uma escola de samba, um instituto cultural, o que quer que seja? Nós temos que organizar, organizar e assumir o comando dessa coisa que nós criamos. Alguém vai fazer esse trabalho um dia, fazer uma pesquisa nos cartórios e ver a quantidade de associações. Só lá em Porto Alegre tinha o "Movimento 26 de Julho de Solidariedade à Cuba", registrado em um cartório, o "Abraço: Associação de Solidariedade com Moçambique". Depois tinha lá Associação de sei lá o que mais… É tudo uma ilusão, porque não existe mais aquilo, dura alguns meses e pronto. E os caras que fazem esse tipo de... Criam esse tipo de clube ou associação aqui, às vezes são os mesmos do que outro grupo que está lá fazendo a mesma coisa. Como é que faz?

(N.H) *E a Temas, e o próprio PCB no final dos anos 70 viu surgir o PT, a partir das greves operárias, O que, inclusive, mudou a orientação do partido, em 78 solta uma Resolução falando sobre a importância das greves. Como o senhor avalia essa trajetória feita pelo PT?*

(R.C) O problema é o seguinte, o PCB era contra, porque achava que tinha que manter a frente democrática. E o que deu a frente democrática? Na Itália, o eurocomunismo, partido de massas. Cadê os comunistas na Itália? Tem meia dúzia ali que fica lendo Marx, acabou. Isso aí se repete na Alemanha, a mesma coisa, socialdemocracia alemã, acabou o Kautsky.
Estou terminando de ler um livro do Kautsky, que é formidável, que é sobre o cristianismo, "O origem do cristianismo". É muito bom esse livro aí. É uma pena que ele morreu muito antes de descobrirem aqueles evangelhos no Egito, numa âncora que tinha uns 30 evangelhos diferentes, se ele tivesse esse material, poderia ter escrito coisa mais consistente, mas é muito bom. Mas então, o Kautsky chegou e acabou apoiando, botando os créditos de guerra para a Alemanha e para a primeira guerra mundial.

(N.H) *E o senhor falou sobre o eurocomunismo… Esse grupo do Marco Aurélio, o Coutinho, o Luiz Werneck Vianna, enfim, que a Temas até chega a reunir algum desses nomes que recebeu a alcunha de "eurocomunistas brasileiros". Isso era tido como uma forma pejorativa? Como se encarava essa questão?*

(R.C) Olha, não sei. Eu encaro isso como ultra pejorativo, mas sou eu.

Tem outras pessoas que dizem que “não é isso” e não querem entrar nesse tipo de discussão, mas a prova está aí o que deu o eurocomunismo. É isso que aconteceu, né? Aconteceu na Itália, está acontecendo na França também, há uma esquerda diluída.
Aquela história de estado do bem-estar social engoliu muita gente, foi muito bom para quem viveu essa época, mais confortável e tudo mais, mas acaba, a festa acabou, né? É difícil manter as pessoas dentro de uma coerência, porque a vida cotidiana do sistema que a gente vive empurra contra isso.
Liberdade, né? Agora, antes tinha o patriarca, o patriarca da família e tal. Esses dias um pedreiro estava me falando: “Antigamente, as pessoas tinham mais respeito, a gente falava com o pai e olhava para o chão. E mesmo a gente sabendo que o pai estava falando besteira, falando mentira, a gente não podia discordar dele”. Eles estão achando uma maravilha isso.

(N.H) *Sim… Sobre a participação neste momento, o Werneck Vianna descreve esse período de ascensão dos periódicos como um afortunado momento em que a direção tradicional do PCB estava no exílio, né? Como era essa relação dos exilados, da direção tradicional? O senhor acha que iniciativas paralelas, como a Presença e a Temas, que estavam ali nesse ambiente intelectual comunista, aproveita desse momento em que a direção está enfraquecida ou com uma linha menos presente da relação soviética?*

(R.C) O problema é o seguinte, que esse pessoal aqui, eu, o Marco Aurélio, o Lahuerta e essa turma toda, eles tinham muita bronca desses velhos do partido, os “capas pretas” que eles chamam, né? Os “capas pretas”. Agora, tinha uns “capas pretas” que eu convivi com eles, por exemplo, o Malina, o Salomão Malina. Era um sujeito íntegro, sujeito honesto, mas só que, no final da vida, ele estava cansado e ele queria chegar de manhã e dar o expediente dele. Ele virou funcionário público.
Ele não queria... No fundo, ele não queria chacoalhar, entendeu? Vamos chacoalhar muito, vamos acabar presos ou mortos de novo, eu não quero saber, né? Além de que ele tinha um salário. Agora, depois, no fim, ele recebia salário de general porque ele foi o único herói brasileiro condecorado na Segunda Guerra Mundial, né? E etc. Coisas, por exemplo, que não se fala... O *(Severino Theodoro)* Melko, vocês me falaram do Mello? O Mello era do Comitê Central. O Mello era um espião da CIA e do Serviço de Segurança Brasileiro.

(N.H) *Se eu não estou enganada isso aparece, inclusive, no relatório da Comissão Nacional da Verdade, né? Quando vão destrinchar a Operação Radar, aponta que haviam informantes dentro das instâncias diretivas do partido.*

(R.C) Isso aparece num livrinho do Hércules Correia, que chama-se "Memórias de um Stalinista". Essas coisas os animam, né? Bom, o Prestes, ouvindo o que aconteceu lá, encarregou o Hércules a ir na União Soviética para pedir a colaboração da KGB para ver o que tinha de verdade nisso. Porque a KGB, que eu saiba, porque eu não tenho informação contrária… o Partido Comunista Soviético nunca se envolveu nos seus assuntos políticos de espionagem, essas coisas, com os partidos nacionais. Era outro departamento.
Inclusive, depois da queda, lá da coisa toda, foi denunciado que o Partido Comunista Soviético tinha uma verba para ajudar os partidos mundo afora, inclusive o brasileiro, que não tinha nada a ver com o Estado Soviético, eram duas coisas diferentes. Então, usaram isso também para "esculhambar" com os comunistas de lá que estavam dando dinheiro. Era 300 mil dólares por ano, que é uma mixaria, porque 300 mil dólares para manter uma dúzia de dirigentes e manter o jornal da *Voz da Unidade* não é nenhuma coisa do outro mundo. Agora, para o Partido Comunista Americano, eles davam um milhão de dólares por ano… Mas tudo isso não me assusta, sabe? Tudo isso me deixa um pouco... um pouco casca dura. Fazer o quê? É assim mesmo.

(N.H) *E havia contato com os partidos comunistas internacionais de modo que gerassem uma influência, um impacto grande? Como era essa relação?*

(R.C) Não sei… Isso aí já é do nível secreto da direção. Sei que o PCdoB logo conseguiu uma *mamadeira* com a China, e vem até hoje dando alguma grana, porque eles continuam defendendo o "socialismo chinês" e essa discussão sobre "capitalismo de Estado". Bom, o fato é que o esquemão lá da China está dando certo do ponto de vista econômico, social. Então, vamos esperar para ver o que acontece, no Vietnã parece que está no mesmo caminho, é uma das economias que está florescendo lá no Sudeste Asiático. Essa multipolarização do mundo, o mundo multipolar é uma coisa interessante, porque os Estados Unidos estão entrando em uma decadência rápida.

(N.H) *Sim…*

(R.C) O país está se desindustrializando e os caras que enfiam dinheiro, o "capital financeiro". O capital financeiro não é nada, é papel e coisas que estão... O que mais influi são as fábricas, nos negócios em que eles ficam com a tecnologia.

(N.H) *Tem muita essa discussão sobre o que é a China hoje, se ela ainda carrega resquícios da revolução, se não, enfim. E os Estados Unidos estão cada vez mais em crise, inclusive uma crise econômica grande agora.*

(R.C) Não sei, crise na China, crise econômica?

(N.H) *Nos Estados Unidos.*

(R.C) Ah, sim.

Agora, não sei, pode ser que dê uma loucura em algum general por aí e comece a jogar bomba atômica. Porque você tem que ter um perspectivo a longuíssimo braço, a longuíssimo prazo, até o planeta vai tudo "pras cucuias", porque nada está parado, tudo se move. Olhem esses terremotos aqui, mudança de clima, isso aí não é nenhuma novidade na história do planeta. A impressão que... Olhe, eu me lembro que, quando eu era adolescente, eu via um mapa da Europa.

A impressão que eu tinha, e nem pensava nisso, que aquele mapa era uma coisa definitiva, aquelas mudanças que havia, da Polônia desse tamanho, aquela coisa e tal… Aquilo acabou, pronto. O socialismo era uma coisa indestrutível, era um negócio que nunca tinha sido visto, de uma revolução socialista "dar pra trás". E isso aconteceu, se desenvolveu um monte de coisa e teve uns caras aqui que ficaram órfãos, outros ficaram doentes, deprimidos, outros se suicidaram.

Eu andei fazendo curso de russo, na União Cultural do Brasil. O cara que tomava conta daquilo lá, entrou em depressão, quase morreu. Que é a mesma coisa que se o Papa chegasse para alguém muito católico, e dissesse que "Deus não existe, Jesus Cristo, isso é uma lenda, isso é não existe".

Mas pergunta alguma coisa, por que se você deixar, vou embora… Está tudo relacionado.

(N.H.) *Como estava interessante, fui deixando… Mas vamos lá, a Temas tem um editorial que descreve que o objetivo da revista é "inserir-se ativamente na realidade concreta do país,*

*formar uma linha de pensamento, tentar criar uma espécie de intelectual coletivo". Como que o senhor avalia essa experiência, ela foi, até certo ponto, bem sucedida?*

(R.C) Eu não sei se a *Temas* influiu em alguém para fazer algo diferente do que fazia antes. Eu não vi. Eu tenho as minhas dúvidas. Eu acho que é isso... A gente cria essas ilusões, porque essas ilusões ajudam a gente, empurram a gente para frente.
Eu me lembro, em 1964, na época da guerrilha, dessa coisa toda, de ter gente que vendeu a casa para dar finanças para comprar armas para o turma do Marighella, etc. Então, é mais um santo que aparece aí junto com o padre Cícero, essa turma toda, o conselheiro. Inclusive, a história do Brasil começa a aparecer. Você vê como era mentirosa a história do Brasil que as crianças aprendiam na escola, que país maravilhoso, que era um povo de índole pacífica, onde não tem terremoto, não tem ciclone. É uma beleza, não? É uma beleza. E as pessoas falam algumas coisas.

(N.H) *E você acredita que essa disputa, que é uma disputa intelectual, tenha causado impacto, seja na formação de um ambiente universitário que sentiu o impacto da Temas, ou mesmo nas disputas partidárias, que essa tradução dos textos de fora, eles alargaram o campo intelectual?*

(R.C) O que dá para perceber hoje é o trabalho espetacular e fantástico que a Boitempo está fazendo. Nunca foi feito isso no Brasil. Quer dizer, tem toda uma explicação, alguma até um pouco maldosa, mas eu não gosto de falar nisso. Mas isso não importa, o fato é que fazem um "puta" de um trabalho. Eu nunca vi, certamente também o que deve ter contribuído é que não tinha internet, não tinha essas coisas naquele tempo.
Mas, olha, tanto cara marxista e entendido em relações internacionais, entendido em Marx e nessas coisas, eu nunca vi tantos como agora. Isso aí dá um pouco de ânimo, mas quando vejo uns caras muito intelectualizados que conhecem Marx a fundo e essa coisa toda, e estão preocupados em vez de tomar cerveja num copo desse de propaganda, de requeijão, queriam cálice, dizendo "ah, mas é outro gosto isso aqui". Que buquê! Eu não falo nada, mas acho ridículo isso aí.
Mas é assim mesmo. A moda, não é? Você é pressionado pela propaganda e pelas pessoas. "Você ainda tem esse carro? Você ainda anda com essas calças?" Ou seja, a valorização dessas coisas... A revolução cultural na China foi uma coisa terrível, não é? Mas, na essência, aquilo é correto.

Agora, é difícil você separar uma coisa tradicional, útil, que pode ser alguma coisa, e ficar conservando um monte de besteiras, de costumes. Mas não dá para chegar e terminar com isso "às porradas". Ou na Rússia, reconstruindo catedrais, etc. Eu vi um documentário que tinha o Putin, o Putin estava visitando uma academia de cadetes. O Presidente estava entrando por aquela porta que devia ter uns 3 metros e meio de altura, com dois caras com aquele uniforme, mantendo o guarda e continência. É o novo Tsar, que está entrando na reunião. Aí começou a reunião, todos aqueles cadetes com aquelas fardas e ficaram todos em pé para rezar o Pai Nosso. No fim, o que eu sou? Eu sou um monstro de Frankenstein cultural.
Minha língua de família é o catalão e o castelhano que eu estudei na escola, agora estou trabalhando com ele. Esses costumes todos têm uma visão crítica dessa coisa toda. Então, eu fico um bicho esquisito.

(N.H) *O Marco Aurélio descreve esse grupo como "intelectuais partidários" ou "intelectuais orgânicos". Você concorda com essa leitura? Que estavam na beira dos partidos, mas atuavam enquanto intelectuais…*

(R.C) Como é que é? O que é? Não, isso é coisa chupada lá do Gramsci, que eu não acho que tenha muito a ver com a realidade. Mas, enfim, a visão da realidade as pessoas constroem. Às vezes fica um troço até bonito. Por exemplo, sociologia, os *constructos* lá. Quer dizer, você acaba ficando fascinado pela teoria. Então, você constrói um negócio que é uma beleza.
Só que... É só uma teoria. Na realidade é muito diferente.

(N.H) *E dentro da Temas são publicadas muitas traduções, de autores como Berlinguer, Togliatti, Gramsci. Como era esse processo? Como eram recebidos esses textos?*

(R.C) Olha, eu editei Gramsci, editei Lukács, dois, três voluminhos do Lukács, editei Lênin, editei Stalin, editei Trotsky, toda essa turma aí. E nunca tive problema com isso, nunca ninguém veio reclamar, coisa nenhuma. Porque as pessoas têm uma ideia na cabeça de que "aquela livraria é do Partidão" e acabou. Ninguém nunca se dá ao trabalho de ver se de fato é. Se difundiu a ideia de eu era o agente do partido lá na USP, mas quando eu estava lá, não tinha uma ligação com o partido, comecei a ter de novo quando fui assumir a editora.
E aí, hoje vejo que aquilo não eram desvios, etc. Aquilo era o desmoronamento do partido, a liquidação do partido.

(N.H) *E quando o senhor deixa o partido? Como? Quando o senhor deixa o partido de vez?*

(R.C) Quando que eu deixo? Eu deixei quando, no congresso, eles decidiram mudar o nome do Partido Comunista. Então, o Zé Paulo Neto, eu, o Bertelli e mais um par deles, não me lembro agora, assinamos lá o... Não é?

(N.H) *Quando vira PPS...*

(R.C) Aí a gente fez um documento que dizia que nós não tínhamos mais nada a ver com isso. Havia uns ali que diziam: "a gente vai colaborar com os dois lados, se for necessário, etc". E aí eu pressionei para dizer, "não, eu não vou colaborar com os dois lados, coisa nenhuma, eu vou colaborar com um deles, os outros, para mim, são uns trânsfugas". Ou seja, está essa coisa de querer conciliar, não dá para conciliar. Hoje, eu acho que o Partido Comunista está na linha mais certa do que nunca esteve. Agora, por que não cresce?
Eu aqui, por exemplo, estou procurando, faz tempo e não achei. Mas isso também não quer dizer muita coisa, porque se você está certo com a realidade, uma hora vai dar alguma coisa. Eles ainda estão um pouco presos à liturgia, porque isso faz parte, a parte litúrgica que eu chamo, quer dizer, aquela coisa de marxismo, leninismo, uma briga que houve lá no hífen. Quando saiu um artigo que dizia o marxismo e o leninismo, sem o hífen. E diziam: "Não, tem que ter o hífen, porque é isso aí que estão querendo, separar as coisas".
Tem gente que acha que o Marx é certo para explicar tudo. Não, o Marx fez uma mega análise da economia capitalista e fez uns comentários muito pertinentes e inteligentes sobre acontecimentos mundiais, como a Guerra Civil Americana, a Comuna de Paris e outras coisas. Aliás, sobre a Guerra Civil Americana parece que a Boitempo está com um programa de editar, organizado em volumes. São os artigos que ele escreveu nos jornais americanos durante a Guerra de Secessão.
Enfim, vamos ver.

(N.H) *E se você tivesse que se descrever hoje, você diria que é um marxista?*

(R.C) A minha referência principal é essa, mas eu tenho outras referências. Eu não casei com Marx.

(N.H) *É... As perguntas que eu tinha pensado, foram todas diluídas na conversa, que era principalmente para tentar entender essa relação interna da Temas, então me ajudou muito. Acho que a relação das editoras, da Grijalbo e da Editora Livraria de Ciências Humanas era nebulosa e a entrevista esclareceu também. E principalmente essa relação do grupo em si, que cada vez mais me parece não ser um grupo, pelo menos não um grupo homogêneo, mas muito heterogêneo…*

(R.C) Em um primeiro momento, essa heterogeneidade, era uma coisa que não era visível e nem era muito importante. Com o tempo, inclusive sobre a influência das discussões internas do PCB, etc., que repercutiam, começou a ser importante, porque alguns começaram a achar, não, esses caras estão certos, aqueles não.

Quer dizer, os velhos, esses "capas pretas"... Porque, olha, tinha esse pessoal do eurocomunismo aí, tinha os caras… os stalinistas chamados, mas bem que não existia o stalinismo, era uma coisa dos trotskistas, que ficam brigam pelo Trotsky até hoje… Eu acho que ficar insistindo nisso é a mesma coisa que ficar insistindo em ressuscitar o Jacobino, coisas desse tipo. Mas, enfim, fazer o quê? As pessoas estão acostumadas a ter um esquema na cabeça e nunca tirar. Quer dizer, o debate fica ridículo quando a pessoa está falando e diz que "o Marx já dizia", não, espera aí, dizia quando e como e em que circunstância.

Porque tem coisa que o cara falou que hoje não tem mais nada a ver. Eu tenho as minhas dúvidas ainda, estou pensando sobre essa questão, sobre a história do sujeito histórico. O negócio do sujeito histórico para mim não está muito claro. Eu acho que a luta principal hoje aqui é a luta ideológica. A luta ideológica.

(N.H) *E o seu livro de memórias foi publicado?*

(R.C) Olha, o meu livro de memórias é o seguinte, eu editei o primeiro volume e era para editar os outros. Continuei escrevendo, mudando. Faz 20 anos que eu comecei isso aí. Eu fico olhando. Hoje eu estava lendo tudo, as coisas, os temas, né, que eu fui assinalando, está no computador, né? E digo, puxa vida, mas como é que eu trabalhei aqui? Não é brincadeira, né? E fico lendo coisas e digo, "puxa, eu tinha esquecido disso aí, que interessante". Puxa, lembro do que eu fiz, né? É uma experiência muito interessante, viu? Porque você vive de novo, você já está no fim da vida e está começando tudo de novo.

Para mim, as coisas de quando eu tinha 20 anos, 22, eu fecho os olhos e vejo como se estivesse vendo na minha frente. É uma coisa que todo mundo podia fazer, porque tem

pessoas que dizem, “ah, eu não me lembro de nada, de coisas de 10 anos para trás. Eu não lembro, nem quero lembrar”.

[...][70]

(N.H) *Sim. Sim. Bom, da minha parte, é isso, Raul.*

(R.C) Eu queria agradecer a vocês. Gostei agora da mudança. Você me chamou de Raul, esse negócio de “senhor” é meio... Muito tradicional. Muito formal. Mas eu vou fazer isso, eu vou mandar esses materiais da minha experiência na editora do Partido também.

Natalia, prazer em vê-la, ouvi-la.

(N.H) *O prazer foi meu. Queria agradecer de novo a disposição e o contato!*

[70] Trecho removido por citar situações familiares e privadas.